

CEO INJUSTIÇADO

ATÉ OS MONSTROS SÃO CAPAZES DE AMAR

LIVRO 1 – SÉRIE FAMÍLIA ULRICH

SOFIA BECKER

CEO
INJUSTIÇADO

ATÉ OS MONSTROS SÃO CAPAZES DE AMAR

Copyright © 2022 SOFIA BECKER

Capa:
Revisão: Leticia Tagliatelli
Diagramação: April Kroes

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios (tangível ou intangível) sem o consentimento escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.2018.

Sumário

Sumário
Epígrafe
Playlist
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Epílogo

Epígrafe

Imagine uma nova história para sua vida e acredite nela.

Paulo Coelho

Ao meu marido, o grande amor da minha vida e meu companheiro de todas as horas.

Playlist

OUÇA NO SPOTIFY





LAURIANA

O som alto dos trovões invade meus ouvidos sem permissão.

A noite escura envolve meu corpo e torna meu caminho tortuoso.

Diante dos meus olhos a paisagem é nebulosa até um raio cair ao longe, iluminando tudo.

Por um momento, vejo árvores ao meu redor.

Tento respirar fundo, entretanto, meu peito pesado dificulta qualquer pensamento claro.

Conto até três e obrigo minhas pernas a se moverem. Meus passos são lentos, desordenados, a camiseta está encharcada e a sensação é incômoda

demais.

Sigo em frente, pois, parar não é uma opção.

Abraço meu corpo tentando me proteger da chuva fria e ando até avistar alguma coisa parecida com uma estrada.

A sensação é de que algo está errado e posso sentir isso em minha pele ensopada.

Volto os olhos para frente observando a estrada completamente vazia.

Por um segundo, olho para mim mesma e lembro que a camiseta que uso é uma das minhas favoritas, branca com o desenho de um arco-íris. Se soubesse que estaria nesta situação jamais colocaria minha camiseta preferida, pois, isso estraga qualquer roupa.

Em minha percepção já estou caminhando há muito tempo, entretanto, a impressão é de que nunca alcançarei a tal rodovia, que mesmo diante dos meus olhos, nunca chega.

Tento apertar o passo e andar mais rápido, tanto que em certo momento já estou correndo.

Meu coração parece estar perto de explodir, mas não desistirei de sair deste lugar e encontrar algum abrigo.

Meus pulmões se enchem e expulsam o ar em uma velocidade desconfortável.

Meu corpo se recusa a colaborar e sei que estou deixando passar algo.

Continuo caminhando rápido, correndo, respirando, resfolegando até que, de repente, estou instantaneamente no meio da estrada.

Não nas bordas, mas no meio, como se tivesse sido transportada sem querer.

Acho toda a situação estranha, mas estou aliviada de finalmente conseguir chegar na estrada, porém o alívio rapidamente se transforma em desespero.

A chuva está mais forte, os trovões não param e o som dos galhos de árvores chacoalhando nas extremidades da estrada criam a trilha sonora do meu terror.

A incerteza de estar em um lugar desconhecido, ermo, sozinha enche minha mente de apreensão e pavor do que pode acontecer.

Em meio à toda insegurança, como que em um estalo, arrepiante, inesperado, como todo grande susto é, ouço um som abafado, extenso, reconhecível em qualquer lugar como uma buzina de caminhão.

O barulho alto penetra meus ouvidos, claro, azucrinante, como se fosse explodir minha caixa craniana.

O veículo vem em minha direção e através da luz dos faróis posso ver as gotículas de chuva, como se o tempo tivesse parado e de fato parou. Passa

lento como um filme que se desenrola gradativamente para melhor compreensão do espectador, então assisto.

Em uma direção o caminhão grande, estrondoso, ameaçador e na outra um carro simples, pequeno, carregando uma família.

Sim, o tempo parou e posso andar ao lado do carro que vem na direção contrária ao caminhão. Dentro dele há uma mulher, um homem e uma adolescente no banco de trás, ouvindo música, sonolenta.

Vejo que a garota usa uma camiseta igual a minha e choro copiosamente, quase de maneira compulsiva.

Caio de joelhos sobre o cimento e cubro o rosto com as mãos enquanto soluço.

Quando finalmente abro os olhos só tenho tempo de sentir pavor, do mais cru e abissal possível.

Estou no banco de trás do carro e o caminhão está vindo em nossa direção.

Grito, mas minha voz desapareceu.

Talvez se continuasse tentando, permitiria que o brado se libertasse.

— NÃO! — exclamo com toda força que possuo, como se minha voz pudesse me salvar.



Acordo com meu grito, sentindo meu corpo rígido e travado sobre a cama.

Em seguida tia Ximena praticamente derruba a porta para reclamar.

— Isso são horas de estar berrando que nem um animal? Não sei o que se passa em sua cabeça, mas nunca disse que uma doida poderia viver sob meu teto! — Aponta um dedo na minha direção.

Estou tão atordoada e assustada que nem sequer consigo processar direito as palavras que ela profere.

Ignoro como na maioria das vezes enquanto ela me maldizde maneira ininteligível.

Como ela pode ter ouvido meus gritos se meu quarto é um cômodo que fica nos fundos da casa, longe da ala principal?

Talvez tenha gritado com muita força.

Em uma voz baixa peço algumas desculpas enquanto ela ainda vocifera reclamando de sua hérnia de disco.

Sim, é como se eu fosse a razão de todos os seus problemas.

Como se minha existência atraísse para o seu corpo todas as doenças possíveis.

Reviro os olhos disfarçadamente, mas em seguida me corrijo em pensamento.

Nunca gostei de agir de maneira desrespeitosa com minha tia, afinal ela me criou, do jeito dela, mas me criou.

Levanto da cama e respiro fundo deixando que o ar preencha meus pulmões e renove minhas energias, liberando qualquer coisa negativa que estiver em meu corpo.

O cobertor marrom, que é o maior e mais pesado, é dobrado devidamente, logo os lençóis quentes e amarrotados da cama são esticados, depois é a vez do travesseiro, nada fofo por sinal, ser alinhado.

E voilà!

Tudo está em seu devido lugar.

Debruço no batente da janela para olhar o quintal e ouvir o canto dos passarinhos nas árvores próximas da pequena casa. Sinto o cheiro do orvalho invadir minhas narinas, arrastando consigo uma sensação de paz e tranquilidade. De maneira confortável, observando o lado de fora, espero até que o despertador do celular toque, afinal não posso começar meu dia nem antes, nem depois do horário.

Por quê?

A hora certa é a hora certa.

Minha próxima atividade consiste em separar as coisas necessárias para o primeiro dia de aula do ano letivo na universidade. Estou no terceiro ano da minha graduação, ou seja, estou entrando na reta final do percurso tão trabalhoso e sofrido.

Tantas noites sem dormir, tanta insegurança e crises de ansiedade.

Tudo isso agravado pelo fato de ser rejeitada pela minha tia que insiste em dizer que é perda de tempo e ela se esforça para que eu acredite nisso também.

A hérnia de disco da tia Ximena atrapalha sua vida e por isso sempre tive que cuidar das tarefas domésticas, na maioria das vezes sozinha.

O que atrasa meus estudos diversas vezes.

Sem contar que causa constrangimento durante algumas sessões de estudos, onde é necessário estudar um assunto e discutir com um pequeno grupo de pessoas, além do professor. Enfim, apesar de tudo, estou me preparando para concluir essa etapa importante.

Dentro do guarda-roupa minhas peças estão alinhadas e organizadas na ordem em que serão utilizadas. Para este dia específico há uma camiseta

branca separada, junto com a calça jeans preta. Meu casaco favorito está pendurado, mas hoje, especificamente, não será utilizado.

Um sorriso surge automaticamente em meu rosto ao ver como o tempo está bom. O céu está claro e não há sinal de que irá chover.

O verão sempre foi a época mais perfeita do ano e infelizmente não dura para sempre, mas enquanto durar irei aproveitar.

Ainda assim, por precaução, pego o guarda-chuva e uma blusa, pois o tempo em Londres é imprevisível e a qualquer momento as nuvens podem surgir decidindo desabar sobre nossas cabeças.

Tiro um saco de pão de forma do armário, um iogurte da geladeira e preparo um chá preto com leite. Logo os pães estão tostados sobre um prato na mesa, ao lado do iogurte há uma colher e a fumaça suave que sai da caneca é tranquilizante.

Sentoà mesa e observo meu café da manhã bem-organizado.

Lembro de como minha mãe arrumava tudo milimetricamente quando preparava o café. As salsichas, os ovos, as frutas, o suco de laranja, tudo arrumado de maneira perfeita.

Sinto falta dos meus pais todos os dias, desde aquele fatídico dia, mas resolvo me acalmar e mudar o rumo dos meus pensamentos. Pensar sobre o

fato de que eles não estão mais aqui é muito torturante e acaba com meu bom-humor.

Em vez de pensar em coisas tristes decido me distrair, lembro que estou cada dia mais próxima de concluir minha graduação e talvez consiga receber alguma recompensa pelo meu esforço.

Enquanto como tranquilamente minha torrada olho para a janela, afinal observar paisagens sempre foi um ótimo passatempo, pelo menos para mim.

Ouço o ranger da porta da cozinha, um som muito familiar, pois, ele atravessar meus tímpanos praticamente todos os dias.

Por que tia Ximena estaria dormindo se ela pode ficar ao meu lado, me observando enquanto como e fazendo reclamações sobre sua vida difícil?

— Lauriana, está fingindo que não me vê? — pergunta com a voz rouca, tossindo em seguida.

O fumo compulsivo está acabando com sua saúde, mas infelizmente ela não ouve meus conselhos.

— Bom dia, tia. — Sorrio para ela que não sorri de volta, apenas bufa como se estivesse impaciente.

Logo entra na cozinha, segurando nas paredes e nos móveis, como se precisasse deles para se apoiar. Em seguida, com uma mão na coluna e outra pressionando com força a cadeira ela se inclina para se sentar.

— Precisa de aju... — Não concluo a frase e ela apenas fez “shi” apertando os lábios.

Termina de se sentar e então se ajeita com a delicadeza que teria uma árvore dentro de um copo d’água.

Enfim, se aquieta me olhando diretamente.

— Lauriana. Lauri, minha filha — diz forçando alguma gentileza, algo que não é do seu feitio. — Seus pais te deram esse nome porque o significado remetia a uma pessoa vitoriosa. — Não sustenta a atitude por muito tempo e o rosto demarcado pelas linhas do tempo expressa um riso de deboche. — Embora, se eles pudessem te ver agora iriam voltar atrás na decisão. — Dessa vez ela gargalha e faço uma careta inconscientemente. — É brincadeira, minha filha, sabe que tenho senso de humor, diferente dos velhos desse país moribundo. Ah, Lauri, minha querida. — Seus olhos me esquadriam.

A situação me deixa completamente desconfortável, por isso, sem pensar muito me levanto.

— Olha a hora! Não quero me atrasar. — Sorrio mais uma vez para ela, que ainda me analisa com seus olhos azuis pálidos embaixo das sobrancelhas falhas.

Há alguma coisa em seu olhar que não consigo entender, mas tenho medo de tentar.

Eu só quero fugir para bem longe.

E não, não me atrasaria, na verdade, minha rotina está organizada perfeitamente para que eu possa tomar a primeira refeição com toda a calma do mundo e em seguida sair para a universidade.

Eu já sei o horário de todos os ônibus e já contei com quaisquer imprevistos que possam surgir.

Digo isso apenas para exemplificar como minha tia faz com que me sinta. É algo tão terrível que faz com que qualquer superfície em que esteja sentada pareça coberta de espinhos e precise levantar imediatamente para sair de perto dela. É como se a energia que emana corroesse todo o otimismo que luto para manter.

Não é que eu odeie minha tia, muito longe disso. Pelo contrário, a admiro muito, principalmente sua força em sempre cuidar de tantos problemas sozinha.

Tinha apenas quinze anos quando vim morar com ela e não podia deixar de me sentir um peso, afinal não era obrigação dela, que nunca teve filhos, cuidar de uma menina. Para compensar sempre me esforcei cuidando

das tarefas domésticas e cozinhando, isso tudo sem deixar de estudar muito para que em algum momento possa sair desta casa.

Meus pais eram pessoas muito simples, mas valorizavam a educação, queriam que tivesse uma vida diferente da deles, além de uma satisfação pessoal e conforto. Por isso, meu lema de vida, desde que eles partiram e não poderiam mais cuidar de mim, é fazer coisas que trariam orgulho para eles, caso estivessem vivos.

Suspiro quando saio em direção ao pequeno quintal.

A casa não é terrível, mas precisa de manutenção e muitas partes precisam de reforma.

O tamanho do imóvel é mediano, maior do que muitas casas dos bairros vizinhos.

Comprar uma casa em Londres é extremamente caro e minha tia se considera uma sortuda com sua casa maior que a média.

Algumas imobiliárias já ofereceram bons valores para a compra da residência, entretanto, titia disse que jamais abriria mão da casa.

O lugar é herança da família do meu tio, que já não está no mundo, assim como toda sua família. Ele pertencia a uma geração que não existia mais e os dois nunca tiveram filhos, pois ele morreu muito jovem.

Às vezes, atribuo a isso todo o amargor e rancor de minha tia.

Uma vida em família terminada antes de começar.

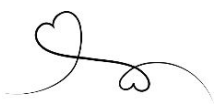
Sempre torci para que ela conhecesse alguém e seguisse com sua vida, mas ela insiste em continuar da mesma forma. Por isso, busco ser compreensiva e nunca retribuir aos seus ataques gratuitos.

Atravessando a área externa da casa, penso que seria interessante e agradável praticar um pouco de jardinagem. Possivelmente, a casa tão cinza pode melhorar de aspecto se me dedicar um pouco. Pensando nisso, coloco essa tarefa em minha lista mental de coisas para fazer quando tiver algum tempo.

Olho para trás e o susto que levo faz com que meu coração voe como um beija-flor. Titia está de pé, olhando pela janela e não sorri (como sempre). Ela está séria me encarando, sem um gesto ou palavra.

Aceno automaticamente e ela demora, o que parece séculos, para retribuir a saudação.

Dou as costas para a casa mais uma vez e não olho mais. Estou cansada de levar sustos e não é nem sete horas da manhã.



Eu até poderia dirigir o carro velho do meu tio que ainda funciona apesar do tempo. Titia faz questão de pagar por manutenções semestrais, mas não consigo me ver atrás de um volante. Minha tia insistiu para que tirasse a carteira de motorista, porque precisava de alguém que fizesse compras para ela, além de outras atividades, mas disse não. Foi uma das poucas vezes que disse essa palavra, afinal sempre tentava fazer tudo que ela solicitava.

Esse “não” me custou muitas coisas, inclusive o pouco de privacidade que tinha. Logo em seguida, ela voltou a guardar seus objetos antigos no pequeno cômodo em meu "quarto”.

O lugar se tornou um espaço para abrigar velhas máquinas de costura que titia usou há muito tempo.

Tive que engolir a situação e fingir que estava tudo bem.

Sabia que seria incapaz de dirigir e uma crise de pânico poderia causar um terrível acidente, caso eu tentasse.

Sigo meu caminho em direção ao metrô e hoje só tenho o suficiente para o transporte. Minha barriga sabe que não receberá um tipo de agrado quando parar para o lanche.

Tento de todas as maneiras, conseguir algum dinheiro, mas não é tão fácil assim.

Já fui babá de umas cinco crianças, garçonete, recepcionista, até mesmo ensacadora de grãos em uma fábrica na área rural, mas infelizmente é difícil manter um trabalho enquanto se estuda. Por isso, sempre guardei cada libra que ganhei e depositei em minha conta no *Ulrich Swiss Bank*, um dos bancos mais respeitáveis na cidade. Sei que em algum momento conseguirei poupar o suficiente para investir em algo importante para mim.

Quando chego ao bairro onde fica a universidade em que estudo, pago pela locação de uma bicicleta para me mover com mais agilidade e facilidade.

Curso minha graduação em uma universidade que de fato não é uma Cambridge, mas também não é uma das piores. É onde consegui obter uma pequena bolsa que supre meus custos mais básicos, como locomoção.

Ao chegar no auditório, onde sempre acontece o primeiro dia de aula, percebo que estou sozinha, porque cheguei cedo demais.

Cumprimento alguns professores que passam pelo local e me sento na primeira fileira, apenas para esperar.

Sinto algo estranho.

Ah, sim, é sono!

Aquele pesadelo horrível me acordou antes da hora e o momento “agradável” com minha tia me tirou toda a vontade de voltar a dormir.

Como o auditório ainda está silencioso e a cadeira é confortável, acabo cochilando.

Acordo assustada um tempo depois com alguém me cutucando, é minha colega de grupo, Ellen Davies, que sorri gentilmente e pergunta:

— Noite difícil?

— Terrivelmente difícil.

Em seguida o reitor está próximo ao microfone, pronto para dar boas-vindas e iniciar mais um semestre.

Se der tudo certo, para mim, será o último.

Sorrio orgulhosa enquanto ouço suas palavras ecoarem no ambiente.



Chego em casa com a cabeça fervilhando de ideias, como se meu cérebro fosse um mar revolto e as ondas os diversos pensamentos. Sempre me sinto assim quando tem reunião com a professora responsável pelo meu grupo. Ela se chama Emma Miller e é extremamente dedicada com seus alunos e alunas, sempre buscando maneiras de auxiliar no desenvolvimento de suas pesquisas e trabalhos.

Abro o pequeno portão de ferro adornado e muito enferrujado que dá para a casa de minha tia. Entro pela porta da cozinha que é a menos barulhenta e tento me dirigir para meu quarto antes que ela me veja.

O dia está lindo e não choveu nenhuma vez, por isso pretendo começar a arrumar o jardim que está negligenciado há muito tempo, porém algo me impede.

Uma batida na porta.

Sei quem é, até por que quem mais poderia ser?

— Sim, titia, estou me trocando — digo enquanto visto um short confortável.

Ela continua batendo insistentemente.

Respiro fundo e abro a porta para evitar mais estresse.

Quando dou de cara com tia Ximena vejo que ela está com a mão estendida e um papel em seus dedos.

— Uma mulher ligou deste número e pediu para que entrasse em contato urgente.

Alguma espécie de botão de euforia é ativado na minha mente e não faço ideia do que pode ser, embora tivesse feito muitas entrevistas de emprego nos últimos meses.

Meu coração acelera, mas de uma maneira positiva com a possibilidade de uma notícia boa.

— Obrigada, titia! — digo sem esconder o sorriso e a felicidade.

Ela me dá as costas e corro para a sala.

Logo estou com o telefone em mão, discando os números do papel.

Minha respiração está mais rápida com o suspense, ao mesmo tempo, que em minha mente uma brisa suave diz que as novas mudariam minha vida.

O telefone chama e alguém atende rapidamente.

— Boa tarde, me chamo Lauri, digo Lauriana Sommers. — Tento manter um tom de voz estável para passar confiança.

— Olá, Lauriana, sou Samantha Jones, funcionária do departamento pessoal do *Ulrich Swiss Bank*.

Respiro fundo para ficar calma enquanto a mulher do outro lado da linha desenvolve sua fala.

— Recentemente se candidatou para a vaga de estagiária e tivemos uma entrevista também. Consideramos que será uma grande aquisição para nosso time. A senhorita ainda tem disponibilidade para a vaga?

Aperto o punho e seguro o telefone com mais força.

Deus sabe o quanto de autocontrole preciso para não gritar e dizer sim, mil vezes.

— Senhorita Sommers?

A voz da funcionária parece distante, como se ela tivesse vindo me buscar de um terrível torpor.

Acordo finalmente.

— Sim, tenho disponibilidade — respondo com clareza e sorrio confiante de que tudo irá mudar a partir de agora.



ANTHONY

Nunca houve espaços para falhas em minha vida. Afinal, quando sua própria existência é considerada um erro não há nada que se possa fazer além de provar que são eles que estão errados.

Toda minha história está ligada à família Ulrich, do meu nascimento a minha ascensão, e claro, todas as minhas quedas.

Por tabela essa mesma narrativa está conectada ao Ulrich Swiss Bank, um dos maiores bancos da atualidade.

O banco dos Ulrich foi criado no ano de 1898 por meu bisavô e seu irmão, operando apenas em sua sede original. Com o passar do tempo se estendeu por toda a Inglaterra, até se tornar um dos maiores impérios nacional e internacional.

É óbvio que meu caminho até o cargo de Diretor Executivo não foi simples, apenas pelo fato de ser fruto de uma relação extraconjugal do meu progenitor.

Sim, não sou considerado um Ulrich “real”.

Desde sempre lutei pelo reconhecimento do meu lugar nessa família cheia de hipócritas preocupados somente com as aparências.

Obviamente que toda a situação foi um escândalo e ninguém queria ceder. Porém, o homem, que me recuso a chamar de pai, acabou por aceitar minha existência e nossa impensável ligação quando meu meio-irmão morreu em um trágico acidente.

Tudo ocorreu somente por interesses, afinal, o Ulrich pai precisava de alguém que seguisse seus passos e mantivesse seu castelo de pé.

Apesar de tudo isso não segui os passos do meu genitor, de forma alguma.

Na verdade, fiz muito mais e melhor do que ele.

Mesmo muito jovem sempre me empenhei e desde o dia que me sentei nesta cadeira fiz tudo que era possível e impossível para nunca pisar em falso.

Nunca olhar para o lado errado, colocar a gravata da cor erradaou o sapato que não estivesse perfeitamente engraxado, afinal falhas não são

aceitas, não por mim.

A rotina que segui durante os últimos dez anos é a mesma, viver e respirar pelo banco, pois nada mais importa.

É como se fosse o pilar sustentando a construção e caso balançasse, somente um pouco, poderia ser fatal.

Meu dia a dia incluí resolver todo e qualquer problema imaginável, até os que não são meus.

Aprenda, como CEO todos os problemas são seus.

Tomar decisões, para mim, é como tomar chá — uma atividade diária e constante. Administrar recursos e gerir quantias bilionárias é algo que faço o tempo todo sem pestanejar. Outra parte importante da minha função é atuar na conciliação do diálogo entre o setor operacional e a administração. Sempre me preocupando em criar estratégias de crescimento para um banco que parece ter alcançado todo o potencial.

Sim, provei o contrário, pois o império ainda tem muito o que crescer.

Viver sozinho sempre foi uma das minhas maiores vantagens. O que para muitos pode ser considerado fraqueza ou motivo para solidão, é minha maior carta na manga, afinal não ter com que contar faz com que se torne muito mais forte e resiliente.

Nunca fui um completo antissocial, sem nenhum amigo, apenas sempre soube direcionar meus esforços. Passar meu tempo com pessoas por simples prazer não é uma das coisas mais importantes da minha vida, não está nem mesmo no meu top dez de preocupações.

Estou mais uma vez acordando no meu recém-adquirido apartamento de 9,9 milhões de libras. Talvez muitos achem que por ser CEO de um banco tradicional e herdeiro de uma família bilionária devo investir em uma mansão, ou até mesmo em um lugar mais caro. Porém, pensamento estratégico sempre foi meu forte e gastar com futilidades ou coisas desnecessárias não é do meu feitio.

Toda minha fortuna sempre foi investida em ações que possam trazer algum grande retorno.

O lugar onde escolhi morar é extremamente luxuoso e confortável, com um toque moderno, porém de tamanho adequado para um homem solteiro que decidiu viver somente com a própria companhia.

Possuo outros imóveis, principalmente em Londres, onde é possível obter muito dinheiro com o comércio imobiliário.

Mas para minha moradia, decidi pelo luxo mais simples e prático, condizente com minha vida completamente atarefada.

Não perco muito tempo na escolha do meu terno, apenas seleciono algum que caia bem e seja confortável. Pego os sapatos de couro marrom, pois é o par mais acessível no guarda-roupas.

Será mais um dia cheio de compromissos burocráticos, reuniões, planejamentos e resolução de coisas que não são minha função.

Enfim, apenas mais um dia normal.

Meu celular já vibra com as incontáveis mensagens que havia ignorado até agora. Posiciono o aparelho no suporte do carro e começo a responder algumas questões com comando de voz enquanto dirijo até a sede do banco.

O trânsito não está muito bom, por isso demoro um pouco para chegar na localização.

Estaciono o carro na vaga devidamente reservada e caminho com a intenção de ir para o “céu”, como muitos chamam o lugar devido à altura do prédio e o andar onde meu escritório fica.

O acesso à parte administrativa do edifício fica localizado do lado oposto ao banco e é para onde me dirijo. Respiro a assepsia do prédio que contrasta em seu design moderno das construções antigas espalhadas por toda Londres.

Ao entrar no local, o segurança chamado de Brown simplesmente me cumprimenta com um aceno com a cabeça.

Minha mão instintivamente vai até o cartão pendurado em meu pescoço e o retiro. Mostro o objeto, que é meu motivo de orgulho, para o homem corpulento e confuso parado na minha frente.

Estendo minhas credenciais e ele arregala os olhos.

— O senhor não pode simplesmente deixar que uma pessoa que não apresentou suas credenciais entre no prédio, não é mesmo, senhor Brown? Mesmo que essa pessoa seja o diretor executivo — digo com um meio sorriso.

Sua expressão parece aliviada, embora um pouco envergonhada.

— Peço desculpas, senhor, e prometo que não irá se repetir.

— Tudo bem, tenha um bom dia — digo de maneira direta.

Como de costume, quando olho para frente a fim de seguir meu caminho, vários pares de olhos curiosos me fitam, como se assistissem à cena com pavor.

Respirar fundo sem dúvida deve ser a atividade que mais realizo durante meus dias, pois paciência com coisas estúpidas sempre foi algo que não contempla minha forma de transitar no universo.

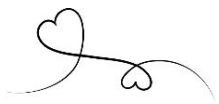
Caminho vigorosamente sem me preocupar muito com o que havia acontecido, pois, como citei antes, é costume.

Isso não quer dizer que sou apenas uma fera grosseira, sem empatia e infeliz, cada atitude minha sempre teve uma justificativa e a mais importante delas é a de que o que é *certo* é o certo.

As coisas devem ser realizadas de maneira adequada se você deseja bons resultados.

— Bom dia — digo quando entro no elevador e dou de cara com o ascensorista, um garoto que deve ter no máximo vinte anos e que possui a aparência semelhante a um pássaro depenado.

Ele responde com uma voz trêmula e um aceno de cabeça enquanto aperta o botão do meu andar, que, pelo visto, ele já sabe qual é.



O andar é exclusivo para o Presidente, Diretor e Diretor Executivo (CEO), isso é uma das maravilhas de ter um cargo importante em uma empresa, embora não deixe o trabalho menos pesado.

Assim que saio do elevador, quando menos espero, recebo um golpe.

Um golpe não, um esbarrão de algo que veio com toda força em minha direção.

É óbvio que percebo rapidamente do que se trata.

Seu nome é Cristina Oliveira, uma mulher de ascendência portuguesa — minha assistente pessoal.

Nos esbarramos, ou melhor, ela caiu como um meteoro quando despontei pelo corredor.

Oliveira é a pessoa mais desastrada que já conheci em toda minha vida, se havia alguma forma de cair ou derrubar algo, ela com certeza o faria.

Felizmente todo esse jeito atrapalhado é compensado pela sua eficiência em organizar minha agenda e segurar as pontas quando não estou disponível.

— B-bom dia, senhor! — Dá um sorriso cheio de dentes enormes e alinhados.

Seu nariz é comprido e seus olhos negros vivazes. O cabelo curto destaca seu rosto demasiado oval e ela usa um terno amarelo.

Amarelo, a cor mais horrível de todo o planeta Terra e que as pessoas insistem em utilizar em roupas.

— Oliveira — digo com um aceno de cabeça.

— A sua agenda, senhor, já está discriminada no aplicativo. — Desfaz o sorriso enquanto adota uma postura mais profissional e séria.

— Café, Oliveira, café — digo pausadamente, como se saboreasse cada sílaba.

A assistente com a energia de um filhote de cachorro, que corre de um lado para o outro, acena enquanto anda de costas levantando um dedo.

— Sim, senhor, agora mesmo!

— Por favor, cuidado. Não vá cair por esses corredores escorregadios — digo resignado coçando a testa para, enfim, me virar e ir em direção ao meu escritório.

Obviamente o presidente e o diretor não haviam chegado, muitas vezes eles sequer aparecem e decidem trabalhar à distância, algo que nunca fui adepto. Preciso estar próximo do ambiente de trabalho para saber o que acontece no dia a dia, algo que é praticamente impossível de longe.

As pessoas que nascem ricas dificilmente se dão ao trabalho de observar algo de perto, elas se acham boas demais para supervisionar funcionários da categoria de base e manter uma comunicação direta. Muitos deles se recusam a se aproximar dos que não consideram dignos.

Meu pensamento é contrário, acredito ser impossível manter um grande negócio sem analisar cada detalhe. Minha atitude me coloca dez passos à frente de todos os outros grandes executivos, porque sei qual é a

necessidade das pessoas. Consigo saber o que elas querem e assim utilizar isso para adquirir o que almejo.

É óbvio que ser CEO não é só emoção, poder e aventura, há muitas, mas muitas partes chatas e me deparo com uma dessas, nesta manhã.

Essa com toda certeza será uma atividade desgastante e que tomará tempo de algo muito mais importante. Entretanto, já dei minha palavra ao Departamento de Relações Humanas. Sei que será oferecido como conteúdo para a equipe de marketing que sempre procura formas de mostrar como nossa empresa é humanizada.

O arrependimento é quase imediato ao lembrar que concordei em abrir meu primeiro horário para receber jovens estagiários.

Reviro os olhos com a informação da minha agenda.

Precisarei passar quase uma hora do meu dia com uma trupe de incompetentes, afinal estagiários sempre fazem tudo errado, absolutamente tudo. E o pior é a desculpa que utilizam, a falta de experiência.

Desculpas acabam com toda a minha vontade de viver.

Nunca pedi desculpas e nunca aceitei desculpas.

Se alguém não quiser incidir com alguma situação incômoda deve pensar nisso antes.

Na minha cabeça apenas se passa que desculpas são para perdedores, perdedores são fracos e fracos são engolidos por qualquer um.

Jamais deixaria que me vissem como fraco.



— Senhor Ulrich, os funcionários estão esperando — diz Oliveira após bater à porta, segurando meu café.

Ao passar por ela, pego o copo e seguimos para o quinto andar, onde há uma pequena sala de convivência.

Tudo na sede no Ulrich Swiss Bank é brilhante e funciona perfeitamente.

O chão é lustroso e as pessoas são alinhadas.

Caminho com Oliveira me seguindo, algo que detesto por sinal, mas ela insiste em fazer. Segundo ela, quer ficar sempre por perto para me auxiliar em qualquer atividade.

Bato levemente à porta, entro e tenho tempo de ver cinco jovens se levantando e se organizando em uma linha reta, quase militar, para me receber.

É palpável a tensão no ar, enquanto eles não decidem se devem sorrir ou ficarem sérios.

O novo grupo é composto majoritariamente de mulheres, há apenas um rapaz ruivo e sardento, que não deve ter mais do que dezoito anos.

As mulheres são perfeitamente normais e não possuem nada que chame a atenção. É perceptível que haviam se esforçado para estarem bem-arrumadas para a ocasião, utilizando suas vestimentas mais dispendiosas.

Por exceção de uma, a que está na ponta da fila.

A roupa é completamente limpa e arrumada, entretanto, o acabamento malfeito denuncia o produto barato que ela veste.

Lembro de quando não tinha uma libra para comprar um par de sapatos decente, mesmo sendo filho de um bilionário. É algo que me orgulho, porque todas as dificuldades que passei me construíram e assim fui forjado.

— Bom dia, senhoras... E senhor — cumprimento a todos com calma, enquanto aguardo uma figura muito “querida” chegar.

Na verdade, ela não tem nada de querida, é apenas mais uma mulher mimada. Filha do presidente que ganhou o cargo de gerente da sede simplesmente por ser de sua família. Essa situação alimenta o ressentimento do presidente por mim, afinal ele gostaria que o cargo de CEO fosse da sua amadae insuportávelfilha.

— Oliveira?

— Sim, senhor, onde está a Georgia? — questiono impaciente.

— Bem aqui, senhor, gerente executivo. — A voz em um tom entre cortesia e deboche surge atrás de mim.

Logo *ela* aparece sobre seus saltos exageradamente altos, sorrindo de maneira simpática com seus lábios pintados de um vermelho vibrante.

Não devolvo o sorriso, apenas a assisto desfilar até nós com sua simpatia forçada.

— Bom dia — digo permitindo que meus lábios se curvem em um leve sorriso ácido.

— O certo é o certo — diz parafraseando uma das frases que costumo dizer. — Estava cuidando das demandas mais importantes, mas cá estou para apreciar a beleza desses jovens cheios de talento e energia, *senhor Ulrich*. — Dá ênfase ao sobrenome que carrego, apesar da maioria das pessoas acreditarem que não mereço ter.

A provocação é completamente ignorada e simplesmente me viro para os jovens que estão esperando.

— Primeiramente, gostaria de parabenizar a todos pelo empenho em participar das etapas do nosso processo seletivo. Tenham certeza de que se estão aqui é porque nossa empresa acredita em seu potencial e pessoalmente

espero que possam ter a oportunidade de iniciar uma carreira com base sólida em nosso banco.

"Gostaria de me apresentar, meu nome é Anthony Ulrich, bisneto do fundador do nosso banco.

"Como vocês podem perceber, tradição e contemporaneidade são aliadas em nossa fundação. A confiança das pessoas em nosso trabalho é a base de tudo que fazemos e vocês trazem a agilidade e dinamismo que precisamos para continuar sempre crescendo."

Após uma meia dúzia de palavras jogadas fora sobre os valores da empresa e possibilidades de crescimento peço para os jovens se apresentarem.

O rapaz tem um porte afeminado e usa roupas alinhadas, porém um tanto “originais” para um funcionário de banco.

Meu olhar um tanto preconceituoso, me faz pensar que ele deveria estar em uma faculdade de moda não no banco dos Ulrich, mas suprimo o pensamento, pelo menos por enquanto.

Quatro das mulheres tem um jeito que me lembra bastante Georgia, roupas de grife, cabelos alinhados, perfumes caros, sapatos novos e com certeza são filhas de conhecidos ricos.

Memorizo o nome de todos porque um bom líder precisa controlar seu quadro de funcionários como um pescador controla sua rede.

A última a dizer seu nome é a única jovem que destoa dos novos estagiários e não é só pelo seu terno mal cortado. Seu olhar é diferente, ela é a única que olha diretamente para nós quando se apresenta e é cortês sem aparentar arrogância.

Há algo fora da polidez das burguesas londrinas nela, algum tipo de ingenuidade, algo que minha mãe costumava ter.

Quando tenho essa percepção, sei que a menina será engolida pelo banco.

— Lauriana Sommers.

Desperto ao finalmente ligar a voz a pessoa e seu rosto que considero insosso não fica guardado por muito tempo em minha memória.

Em seguida saímos para um *tour* pelo enorme prédio, apresentaremos todos os setores aos estagiários e comentaremos um pouco sobre a função que cada um irá exercer.

Gosto de mostrar que cada papel completa o outro, como em um organismo cada um desempenha um trabalho vital.

Durante todo o percurso preciso lidar com as investidas das jovens curiosas e interessadas pelo CEO. Tento ser gentil, não abrindo mão da

seriedade.

Uma delas, a que se chama Emily se aproxima para andar ao meu lado, enquanto percorremos o espaço entre os setores, apenas para puxar assunto.

— E o senhor Ulrich, nunca sai para um drink? — graceja enquanto mexe em seu longo cabelo loiro com seu perfume adocicado se espalhando pelo lar.

De fato, ela é bonita, mas ao ver meninas como ela tudo que posso enxergar é um padrão de peças idênticas saídas de uma fábrica.

— Tempo, senhorita, é algo do qual não disponho — digo enquanto ergo uma sobrancelha tentando manter o clima leve.

— Quem sabe um dia... — diz em tom de voz baixo.

As outras estagiárias olham para trás, enciumadas pela suposta atenção que havia dado para a colega delas.

Resolvo me afastar para acabar com a suposição e caminho ao lado da única que não fez anedota ou insinuação, Sommers.

Em um olhar rápido, considerei que ela era apenas mais uma garota comum, entretanto, ao olhar de perto percebo alguma coisa vivaz em seu rosto.

Seus olhos são negros e faiscantes, e até mesmo a forma de se portar é diferente.

Ela parece preocupada em se mostrar profissionalmente, sem nenhum apelo estético, o que é estranho. Ao mesmo tempo, é confortável estar próximo de uma pessoa que simplesmente não está se esforçando para me agradar ou capturar minha atenção.

Alguém que se importa com o trabalho.

É como nadar em águas calmas por alguns segundos.

O perfume que ela usa é bastante discreto e algo em minha cabeça deseja se aproximar para sentir melhor quando olho para seu pescoço de relance.

Como em um estalo, de maneira imediata, me corrijo e decido voltar a caminhar ao lado de Oliveira.

A apresentação é longa, como sempre.

Estou entediado em fazer isso e preocupado com minhas outras tarefas.

Conhecer alguém de um cargo alto motiva os estagiários a darem seu melhor e saberem que estão sendo supervisionados por todas as instâncias.

De volta a sala de convivência me despeço deles.

— Aqui termina a nossa exposição, espero que todos tenham compreendido a importância de levar com seriedade seus papéis.

O silêncio é sepulcral, poucas pessoas têm coragem de responder e até mesmo uma delas, Georgia, fica calada.

Após a despedida, me viro para ir embora.

Oliveira se despede de maneira muito mais efusiva e simpática, ela tem uma postura extremamente maternal com os estagiários novos, algo que critico duramente.

Saímos juntos e em um momento perdido no ar, um segundo entre o sair e o fechar da porta, posso ouvir uma voz em tom extremamente baixa:

— *Esse* é o CEO monstro, por isso pedi para que todos ficassem em silêncio.

Algumas exclamações baixas seguem.

Mais uma vez a reputação construída durante anos antecede minha presença.

Enfim, esse é apenas mais um dia comum.



LAURIANA

Felicidade é a palavra que define meu estado de espírito.

Simplesmente me tornei estagiária de um dos maiores bancos do país, uma instituição que respeita e valoriza os funcionários.

Minha agenda está perfeitamente organizada e posso frequentar a universidade, quando necessário, pelas manhãs e de tarde trabalhar no banco. E quando não tiver compromissos na universidade posso trabalhar pela manhã. Ou seja, essa flexibilidade permite que cumpra minha rotina de maneira tranquila.

A melhor parte de todas é algo que esperei durante muito tempo e finalmente poderei fazer. Com o dinheiro que guardei com muito esforço,

sempre que consegui, posso pagar por um lugar para ficar próximo ao trabalho e faculdade.

Não foi nada simples, mas consegui pagar por um quarto em uma república em Camden Town, um dos bairros mais agitados de Londres.

Admito que suspirei de alegria na primeira vez que fui lá.

Tia Ximena fez questão de me acompanhar, apesar da sua hérnia de disco, para se certificar de que ninguém iria me “roubar”, segundo as palavras dela.

O lugar tem um aspecto um tanto antigo, mas sempre gostei desses lugares que carregam muitas memórias. Eles são extremamente interessantes.

O edifício possui três andares. nada mais é do que um casarão antigo, um pouco modificado para receber algumas jovens, serei a quarta.

No primeiro andar vive uma garota, no segundo andar mais duas e a proprietária vive no terceiro. Ela faz questão de supervisionar seu imóvel, o que impede qualquer tipo de “algazarra”, palavras dela.

— Nada de festas, de garotos e de barulho depois das oito. Nada de deixar louças sujas na cozinha, de limpar os pés no carpete ou de atrasar o aluguel — diz como se recitasse uma poesia.

Sorrio com a ideia de ser mais independente, ter meu espaço e fazer as coisas do meu jeito. Terei tempo para me concentrar nos estudos e descansar

depois do trabalho.

Isso é a perfeição.

O estágio começará na próxima semana, na segunda-feira, conheceremos a empresa e receberemos treinamento.

Como ainda tenho alguns dias antes disso, posso me dedicar a arrumar meu novo quarto e ler um pouco sobre o funcionamento de um banco.

Amelia Parker é o nome da senhorinha, dona da casa, tem um corpo rechonchudo e o rosto fofinho cheio de sardas. Os olhos são azulados, posso até dizer um pouco desbotados pela idade. Usa óculos com uma armação quadrada bem grande e tem cheiro de amêndoas.

Ela anda pela casa com a agilidade de alguém muito mais jovem, mesmo no alto de seus setenta e dois anos, como ela faz questão de destacar.

Quando minha tia finalmente foi embora, pedi um táxi para ela, a senhora estende uma chave, bastante velha, até um pouco torta.

Imediatamente pego o objeto da sua mão enquanto sorrio sem nem perceber.

Ela estende seus dedos e dá dois tapinhas gentis em minha bochecha.

— Espero que seja muito feliz aqui, mocinha. Camden não é só um antro de doidos, é também um lugar muito agradável e movimentado. Quando

tinha sua idade tudo que queria era um lugar assim, cheio de luzes, restaurantes, museus e até algumas festas.

— Não sou muito de festas — digo com timidez e ela ri.

— Não vá perder a vida toda trancafiada estudando, Lauriana — diz enquanto se vira em direção à cozinha. — Mas nada de festas aqui! — Pontua enquanto levanta um dedo ainda de costas e sorrio com a afirmação. — O CHÁ É ÀS CINCO, SE QUISER! — grita da cozinha.

Em seguida, um menino aparece na ponta da escada onde estou parada, me preparando psicologicamente para levar minhas coisas.

— Olá? Qual o seu nome? — Sorrio observando o menino de pele amorenada e olhos negros. Seu cabelo escuro é curto e liso.

— Henry Khan — responde prontamente e sorri um pouco acanhado.

— É um nome muito bonito. Sou a Lauri — digo estendendo a mão e ele a pega, me cumprimentando.

O menino, que deve ter por volta de doze anos, me ajuda com as bagagens que não são muitas, mas estão um pouco pesadas.

Agradeço e dou alguns tostões para ele que sai feliz e agradecido.

Entro no quarto pela segunda vez, pois, a primeira foi acompanhada por minha tia, sempre reclamando, e da senhora Parker.

— Muito bem — digo para mim mesma.

Ao parar para observar melhor, o quarto não é o lugar mais limpo do mundo, mas não é de todo ruim.

Há um cheiro de coisas que estão guardadas há muito tempo.

A senhora Parker me informou que o cômodo já estava fechado há alguns meses.

Os lençóis parecem bastante empoeirados e em um dos cantos há uma teia de aranha. Para melhorar, a pintura está bastante danificada.

Pelo menos algo ainda está em bom estado: o carpete.

Segundo Amelia Parker, o carpete foi trocado um pouco antes de o quarto ser fechado por tanto tempo.

Enfim, terei bastante trabalho, mas isso de maneira alguma diminui minha satisfação, pois o quarto já é meu novo lar.



O final de semana passou e em um dos nossos chás, Amelia Parker me contou a história de Henry que é filho de pais indianos. Ele nasceu na Inglaterra e recebeu um nome comum no país porque seus pais achavam que assim sofreria menos preconceito.

Infelizmente, assim como eu, Henry ficou órfão.

Seus pais morreram em um terrível incêndio no galpão onde trabalhavam e ele foi adotado pela senhora Parker, pois, não tinha um familiar por perto.

Com a chegada da segunda-feira, a ansiedade tomou conta de mim, pois sabia que deveria estar no banco bem cedo para um *tour* e início do treinamento.

O banco abre às nove e meia, mas precisamos estar lá por volta das oito horas.

Eu até gostaria de ter comprado roupas novas para o primeiro dia, mas infelizmente gastei o que tinha com os três meses de depósito que a senhora Parker pediu.

De qualquer forma não desanimei, pois, nos próximos meses terei condições financeiras de comprar coisas que precise para meu dia a dia.

Lavei dias antes o único terninho que tinha e o arrumei com bastante esmero deixando todas as peças perfeitamente alinhadas.

Visto a camisa branca de botões, o terninho e olho para o único *scarpin* preto que guardo e está um pouco gasto. No final de semana, o engraxei com cuidado para que ele ficasse com a melhor aparência possível. Ele é usado em quase todas as ocasiões formais em que estou presente.

O verão se desvanece, trazendo consigo as mudanças de temperatura e o outono mostra sua face.

Pego meu guarda-chuva vermelho, a bolsa de couro antiga e visto meu melhor casaco, um sobretudo de lã marrom que foi da minha mãe. Ele tem alguns botões na frente e uma gola grande, o que dá um charme maior.

Depois disso, pego somente minha coragem e saio após um agradável café da manhã com a senhora Parker, Henry e uma das minhas colegas de república. As outras ainda não voltaram das férias na casa das famílias.

A única jovem no momento, além de mim, na casa se chama Mila Petit, filha de franceses, que irá começar seu primeiro ano na faculdade de Administração. Ela tem a estatura baixa e cabelo liso cor de mel e curto na altura do queixo. Tem um jeito doce e calmo de falar.

Tive uma ótima primeira impressão ao falar com ela.

Quando saio uma brisa fresca toca meu rosto, está um pouco frio, por isso visto o casaco.

A localização da república é ótima.

Caminho com calma para o metrô que é bem próximo, só não vou de bicicleta porque o saltodo sapato me atrapalharia, aliás, quem inventou a ideia de saltos?

Eles definitivamente são as coisas mais desconfortáveis do mundo.

Ao chegar ao banco, me direciono para a entrada da administração, como fui orientada.

O segurança pede as credenciais e digo que não tenho, pois, estou chegando para meu primeiro dia como estagiária.

Mostro a identidade, mas ele está impassível.

Penso em como os funcionários são rígidos e acho isso admirável.

Ele entra em contato pelo rádio com uma pessoa que me busca na entrada.

Sou muito bem recepcionada por uma mulher de pele bastante clara e bochechas rosadas. Seu cabelo é bastante escuro e cortado em camadas. Está usando um terno preto com calça e sapato de salto baixo. Seu nome é Sheilla Smith e suas mãos pequenas e delicadas seguram uma papelada enorme.

O prédio é impressionante, muito intimidador e ainda não tenho a dimensão de como é ser contratada para trabalhar em um lugar como este.

Sheilla me leva até a sala de convivência no quinto andar e meu coração parece querer sair pela boca a qualquer momento.

Fico sozinha na sala que não é grande, mas muito bem equipada, com todo tipo de chá e uma máquina de café expresso. Até o banheiro é bonito e extremamente limpo.

Estou encantada olhando para todos os lados e se houvesse alguém na sala, com certeza diria que sou uma caipirona deslumbrada.

Depois de alguns minutos, meus colegas começam a chegar.

Conheço Jack, Zoe, Victoria e Emily, os outros estagiários contratados.

Jack tem o cabelo da cor da ferrugem, um sorriso eufórico e usa roupas muito estilosas e bonitas.

Zoe e Victoria, aparentemente, já se conhecem, pois, frequentam a mesma faculdade de Marketing.

Emily tem dezenove anos e está começando a faculdade de Contabilidade.

Essas foram algumas informações que obtive sobre eles.

Jack é o que mais fala e gosta de comentar sobre as coisas que viu dentro do prédio, a roupa dos funcionários, o chá, as bolachas em uma prateleira, absolutamente sobre tudo. Inclusive, começa a contar uma fofoca que pelo visto somente eu não conheço.

— Sim, o maioral, CEO do banco, é filho da antiga jardineira do atual patriarca dos Ulrich. Tentaram abafar o caso de qualquer forma, mas o nosso novo chefão lutou para que o ricaço assumisse a paternidade e se deu bem, é claro. Agora é dono da maior parte desse simples banco. — Pisca os olhos com ironia e entreabro os lábios, chocada com a informação. — Não olhem

diretamente para ele, dizem que é a pessoa mais mal-humorada do planeta. Ele pode te fuzilar com seu olhar fulminante. Pelo que soube, sempre faz os novos e até antigos funcionários chorarem. — Gargalha. — Mas nem tudo é ruim, pelo menos é um gato — diz com malícia.

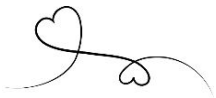
As outras garotas riem, enquanto só consigo ficar preocupada.

— Eu acabaria com o mau humor dele em uma noite, é uma pena que ele é hétero — Jack completa e olho para ele em choque.

Suas afirmações me enchem de medo.

Teremos uma reunião com ele, o dono de um dos maiores cargos dentro deste lugar, junto com a gerente.

Respiro fundo, afinal sei que o *tour* pelo prédio durará pouco e nunca mais verei o CEO do banco, afinal os chefes sempre ficam bem distantes dos funcionários de pequeno escalão, como estagiários.



Felizmente a reunião foi mais tranquila do que imaginava, apesar do fato de minhas colegas aproveitarem toda oportunidade para chamar a atenção do famoso CEO.

Era como se elas não percebessem como aquela atitude poderia parecer pouco profissional e tudo que eu pude fazer foi disfarçar o quanto fiquei impressionada com o alto escalão do Ulrich Swiss Bank.

Anthony Ulrich é uma figura impressionante e imponente, até o ar que ele respira parece caro.

O cabelo negro e a barba rala emoldura um rosto indecifrável, duro como aço. Seus olhos são de um azul límpido, claro como uma lagoa e parecem tão profundos quanto uma.

Definitivamente ele é atraente e me pegava, sem querer, muitas vezes apenas olhando para ele.

Sua assistente é uma mulher extremamente simpática, usa um terno de cor amarela, muito bonito, que combina com seu jeito alegre.

No final das contas, a pessoa que mais me intimidou foi Georgia May, pois na conversa e pequenas fofocas trocadas antes da reunião fiquei sabendo que ela é filha do presidente.

A mulher é linda e não poderia achar algum defeito nela nem se quisesse.

Sua postura é altiva e seus olhos como de uma corça, esperta e sempre atenta ao que está acontecendo.

É muito perceptível que é uma mulher orgulhosa e confiante.

Apenas ao estar na presença dela esmaga minha autoestima.

Apesar de me sentir intimidada, com receio pelo ambiente e pessoas novas, não deixo que isso me congele. Procuro agir da maneira mais natural possível, para mostrar que eles não cometeram um erro ao me contratar.

De fato, eles não erraram em me contratar, mas errei em acreditar que sairia viva dali.

Brincadeiras à parte, minha vida no banco Ulrich nos primeiros meses não foi nada fácil.

Mas não me rendi e continuei me esforçando para ser a funcionária modelo, aquela que eles nunca iriam querer perder.

Georgia May busca trabalhar bem próxima dos estagiários, sempre delegando tarefas e nos analisando.

Nunca perdendo uma oportunidade de dificultar minha vida.

— Lauri, meu amor, preciso que vá à área da administração e busque a documentação dessa lista. Ao lado do documento está o andar e número da sala, também o nome do funcionário. Aqui ao lado você pedirá uma rubrica. Será que é muito difícil? — diz com seus olhos afiados na minha mira.

— De forma alguma, senhora May.

— Será que você consegue fazer isso em... Deixa-me ver... Duas horas? E voltar para ficar no lugar do Jack no banco, auxiliando as pessoas,

queridinha? — Sorri.

Balanço a cabeça em concordância, vendo os trinta e sete nomes na lista que ela entregou, todos em diversos lugares de um prédio de cinquenta andares.

— Claro, com toda certeza — concordo sem hesitar.

— Bem, acho que duas horas não dá, o Jack precisa lanchar. Será que uma hora é o suficiente, meu anjo.

É perceptível que ela tem bem mais afinidade com o Jack do que comigo. Também, ele é puro carisma e eu tímida demais.

Mesmo assim, acho que minha chefe poderia pegar mais leve comigo, embora, aparentemente, ela não concorde com isso.

— Sim, senhora. — Sorrio e ela corresponde, depois se vira para voltar aos seus afazeres.

As cenas seguintes são de correria e caos. Tive que percorrer um prédio inteiro, falando com meia centena de burocratas e só tinha uma hora para isso.

Após toda essa loucura, desço com um malote de documentos. São muitos papéis, mais do que posso contar.

A pilha é tão alta que quase cobre meu rosto e tão pesada que quase não sinto meus braços.

Aguento firme e logo estou no escritório de Georgia May.

Suor corre no meu rosto, minhas pernas tremem e meu coração saltita.

— Menina, você está um horror! — exclama enquanto me ajuda a colocar a pilha de documentos sobre a mesa.

Suspiro.

— Nem precisava ter corrido tanto, sabia? A Emily estava livre, mas agora você pode ir ficar no lugar dela.

Apenas concordo.

— Ah! O Albert do departamento, pede para ele vir aqui pegar essa papelada.

Mais uma vez aquiesço e finalmente saio da sala.

Respiro fundo e passo brevemente no banheiro para lavar o rosto.

Encontro Zoe retocando sua maquiagem, que por sinal já está perfeita.

Conversamos brevemente e sigo para minha próxima obrigação.

O banco está cheio, muito cheio. Apesar da tecnologia, muitos idosos ainda utilizam os caixas eletrônicos para receber suas aposentadorias.

Quando estou parada em meu posto, fico muito feliz ao observar um senhor de cabeça branca entrar no recinto.

Logo ele me reconhece e vem em minha direção.

O senhor gosta de ser chamado pelo primeiro nome “Oscar” e é extremamente simpático.

Sempre o ajudo quando ele vem buscar seu pagamento.

— Como o senhor passou esse último mês de verão? — Pergunto alegre enquanto temos uma breve conversa.

— Perfeito, apesar de que em alguns dias de sol mais constante fez com que algumas plantas se tornassem um pouco ressecadas. Nos outros, o clima estava primoroso. Minha próxima aventura será construir uma estufa para cultivar flores. — Sorri. — Sabe o que me deixa feliz?

— Jardinagem e hortaliças? — respondo de bom humor e ele gargalha.

— Isso também, mas hoje especificamente outra coisa me deixou muito feliz, ter conseguido encontrar você.

Eu me sinto encantada com sua simpatia.

— Pela sua gentileza em ajudar um velho, trouxe um presente — diz enquanto me entrega uma sacola.

Logo que abro, posso observar os lindos, enormes e saborosos morangos cultivados por ele.

É algo impressionante e de uma delicadeza sem tamanho.

A atitude do senhor me deixa emocionada, afinal apesar de ser tratada com polidez, nunca havia recebido um gesto de doçura tão grande neste ambiente.

— Senhor, digo, Oscar. Agradeço muito por toda essa gentileza, pode ter certeza de que jamais recebi um presente tão amável na minha vida — digo um pouco desajeitada.

Tudo que quero é saber agradecer corretamente quando recebo algo de alguém, mas fico sem jeito, minhas bochechas esquentam e sinto como se fosse melhor sumir.

— Não agradeça, apenas me diga se estavam doces quando voltar no próximo mês.

Um estrondo chama nossa atenção.

Um barulho extremamente alto seguido de gritos e correria.

Não consigo compreender o que está acontecendo de imediato.

Quando tenho a mínima consciência, vislumbro a imagem apavorante de pessoas mascaradas, completamente vestidas de preto e fortemente armadas adentrando no recinto.

Eles apontam as armas e gritam.

Minha pele está totalmente arrepiada e meu coração disparado.

Minha primeira reação é segurar a mão do senhorzinho próximo a mim.

— Por favor, não se afaste — digo com firmeza, apesar da voz sair trêmula.

Ele aperta minha mão com seus dedos frios.

Os homens gritam para que as pessoas se ajoelhem e coloquem as mãos na cabeça.

Um deles vem em nossa direção, aponta a arma diretamente para nós e me coloco na frente de Oscar para protegê-lo.

— NO CHÃO — o mascarado grita e obedecemos à ordem.

Durante toda a confusão, várias pessoas de preto forçam a entrada no banco enquanto alguns se posicionam perto dos caixas eletrônicos, onde estamos agora ajoelhados.

— Fica tranquilo, está tudo bem, deve ser só um assalto, logo vão embora — digo tentando manter a positividade e rezando para que não fôssemos feitos de refém.

Mas como tudo que está ruim pode facilmente piorar, observo a movimentação dos criminosos que estão instalando alguns dispositivos nos caixas eletrônicos.

— Eu não acredito que aquilo é... — murmuro.

Quando menos se espera vários estampidos, um após o outro, acontecem.

Perto de nós, um dos caixas é rompido em um estouro.

É claro, que era um explosivo de potência menor, caso contrário teríamos morrido.

Não tenho tempo de pensar, quando vejo o pequeno clarão, jogo meu corpo sobre o de Oscar, que cai com um baque no chão.

Fico com medo de tê-lo machucado, mas minha única preocupação é salvar sua vida.

Sinto uma energia passando por meu corpo, enquanto pequenos estilhaços voam em nossa direção. Um estilhaço maior atinge meu braço que sangra.

Deixo meu corpo sobre o de Oscar até que os criminosos concluam sua ação e se retirem do lugar.

Eles estão com muita pressa, afinal é um dia de semana e em um estalar de dedos a polícia estará no encalço deles.

— O senhor está bem? — pergunto enquanto analiso o ambiente ao redor para ter certeza de que as coisas estão mais calmas.

Muitas pessoas estão no chão, crianças choram, idosos feridos...

O que mais me preocupa é que Oscar não atende ao meu chamado de imediato e vejo que seu rosto está pálido.

Eu o sacudo, mas não obtenho resposta.

Um esquadrão de funcionários do banco começa a aparecer, os seguranças ajudam as pessoas, enquanto outros analisam os estragos.

Oscar não está bem e sinto que iria começar a desabar a qualquer momento. Grito por socorro e um dos seguranças vem em nossa direção, logo atrás dele um rosto conhecido e muito angustiado surge.

Não entendo muito bem, mas ele vem em nossa direção.

O CEO, o homem com uma beleza tão opressora que me causa até calafrios, está vindo até nós.

Seu rosto carrega uma expressão muito preocupada e antes mesmo que o segurança chegue, corre em linha reta e pede para que o ajude a levantar o senhor Oscar.

A interação é completamente inesperada, mas não tenho muito tempo para refletir sobre isso, porque outra coisa me deixa ainda mais confusa.

Quando o senhor Ulrich se aproxima, Oscar diz em uma voz bastante fraca:

— Anthony, você veio!



ANTHONY

Algo está completamente errado e fora de controle.

Admitir isso faz com que uma sensação com a qual não estou acostumado se aposse da minha mente.

Uma leve insegurança me rodeia como tubarões em uma piscina, mas jamais deixarei que se aproximem ao ponto de causar qualquer dano.

Pensamentos rápidos chicoteiam meu cérebro enquanto elaboro um plano de contingência.

Pensar rápido, agir mais rápido ainda.

Resolver problemas, manter as coisas em ordem.

Esse tipo de coisa havia se tornado menos comum com o passar dos anos, mas está acontecendo na sede do meu banco, durante minha gestão como CEO.

Anualmente investimos quantias em tecnologia de ponta para manter a segurança de nossas agências. O monitoramento remoto abarca cada um dos espaços existentes, câmeras vigiam cada passo, sensores de movimento estão espalhados por toda parte. Ainda assim estamos sendo roubados à luz do dia, como um turista que tem um lanche afanado por algum animal enquanto visita o zoológico.

Quando a coisa toda começou, estava em reunião com o presidente e o diretor, e fomos interrompidos de uma maneira que jamais aconteceria em uma situação normal.

Oliveira estava tão desesperada que não bateu na porta.

— Senhor, código oitenta — disse com os olhos vermelhos e aflitos enquanto usa um tom de voz mais baixo.

Ao contrário da maioria das pessoas, Oliveira costuma falar mais baixo quando está assustada.

Não acreditei de imediato no que estava ouvindo, pensei que era apenas mais uma tentativa de roubo de algum lobo solitário com uma pistola na mão.

Mas fui convencido de que não era o caso, visto que em seguida o chefe da segurança se apresentava na sala.

Rapidamente recolhi o tablet que utilizava para monitorar o banco e tive a confirmação da situação descrita. Homens encapuzados, equipados com armas que provavelmente somente o exército teria acesso e extremamente violentos ocupavam o salão.

O mais estranho de tudo era a naturalidade e eficácia com que eles realizavam a ação, como se tivessem ensaiado a cena com riqueza de detalhes.

Minha equipe de segurança estava totalmente rendida e a cena parecia uma pintura de guerra do século XVIII, difícil entender qualquer coisa.

De maneira apressada passava por diversas câmeras tentando entender o dinamismo da 'batalha'. Sabia que aquilo acabaria rapidamente e que o seguro do banco cobriria a maior parte dos prejuízos, mas precisava compreender cada detalhe para que no futuro não cometêssemos os mesmos erros.

Tudo isso se desenrolava rapidamente e já havia superado o pequeno susto inicial para pensar em estratégias. Principalmente com relação à mídia que com toda certeza questionará a segurança dos nossos bancos, o que

poderá trazer prejuízos tardios, mas que com certeza serão contornados com pensamento tático.

Entretanto, algo chamou minha atenção ao observar as câmeras, o reconhecimento de um rosto muito importante em minhas memórias.

Quando me dei conta, soube que estava vendo meu avô, a pessoa que me criou. Foi um grande choque vê-lo, apesar de saber que ele costumava frequentar o banco.

Há muito tempo não nos víamos pessoalmente, mas sempre que tinha tempo fazia ligações para saber como ele estava. Sempre ofereci contratar um assistente que cuidasse das necessidades básicas dele, mas, orgulhoso como era, Oscar Thaylor jamais aceitava.

"Não preciso de babá, acha que já estou caduco?!", dizia com um tom de voz ofendido.

Olhando a cena a minha frente, pensei que deveria ter insistido mais.

Felizmente meu avô não estava sozinho, uma funcionária segurava sua mão.

Uma ruga de preocupação surgiu em minha testa e sabia o que precisava fazer, principalmente quando vi que os assaltantes espalhavam pequenos explosivos em cada caixa eletrônico.

Aquelas câmeras não captavam sons, então fui surpreendido em seguida pela fumaça e poeira; e não conseguia mais saber qual era o estado do meu avô.

O ambiente do quadragésimo oitavo andar era caótico, dois seguranças guardavam a porta da sala onde o presidente, o diretor e eu estávamos.

Georgia estava abraçada ao pai, chorando e fazendo uma cena desnecessária.

Ela fugiu assim que a agitação teve início, abandonando toda a equipe, como é típico dela.

Enquanto discutiam, olhavam as câmeras, temiam um sequestro, entre outras teorias, me dirigi até a porta, onde o chefe dos seguranças se instalou para que ninguém saísse.

É o trabalho dele proteger o prédio e as pessoas nele, principalmente os executivos de alto escalão.

Pedi de maneira direta que ele me deixasse passar, o que ele fez em seguida, mas com a condição de que um segurança me acompanhasse, o que concordei, pois, precisaria de ajuda para socorrer meu avô.

— Como o senhor se chama? — perguntei ao segurança que me acompanhava.

— Green, senhor. Mike Green — respondeu rapidamente.

— Temos que ser rápidos, senhor Green.

E assim foi...

O elevador era extremamente rápido e em pouco tempo estava no térreo, mais especificamente no salão do banco.

O assalto, pelo que parecia, havia terminado. Pessoas feridas choravam e os funcionários tentavam auxiliar os que estavam mais debilitados.

O cheiro fétido da fumaça invadiu minhas narinas e a poeira me fez tossir. Cobri o rosto e segui em frente, em direção onde havia visto meu avô pela última vez.

O segurança que me acompanhava foi em direção a uma voz que pedia ajuda e nos braços da dona da voz estava meu avô, desfalecido e seu rosto descorado.

Confesso que senti algo muito desconfortável em meu peito, impotência e frustração, porque havia demorado demais.

O momento não era para autopiedade, mas para atitudes rápidas.

— Anthony, você veio — ele disse como se resgatasse todas as forças de seu interior para simplesmente dizer aquelas palavras.

Pedi para a mulher que estava com ele me ajudar a levantá-lo, mas o segurança, muito mais forte, se ofereceu em seguida para cumprir essa

função.

Sabia que a ambulância demoraria a chegar, ainda mais com o trânsito caótico do horário, então tomei a decisão em um estalo de levá-lo para a emergência.

— Acho que ele pode ter tido uma queda de pressão — a moça dizia preocupada enquanto nos acompanhava carregando a bolsa de couro que meu avô caminhava para todos os lados.

Rapidamente estávamos em meu carro e a jovem se ofereceu para acompanhar meu avô até o pronto-socorro.

Pedi para que o segurança voltasse ao posto e notificasse aos outros de que precisaria me ausentar um pouco por motivos de força maior.

Saio dos meus pensamentos observando a jovem, no banco de trás, que segura meu avô e fala palavras calmantes para ele, embora possa perceber que ela está guardando as lágrimas e está muito assustada.

— O hospital fica cinco minutos daqui. Essa é a vantagem de estar no centro de Londres — digo para chamar a atenção dos dois e distrai-los da situação até chegar ao nosso objetivo.

— É verdade — diz trêmula, fungando. Seus lábios estão vermelhos e seu rosto perdeu qualquer cor. — O senhor só não pode dormir agora, estamos quase lá.

Conheço a jovem, o crachá escrito “estagiária” junto com uma foto terrível desponta sobre sua blusa branca de botões.

É a garota que caminhou em silêncio ao meu lado com suas roupas baratas durante um tour na empresa. A mesma que demonstrou tanto desinteresse em mim, quanto pessoa, que acabou se tornando interessante por um minuto.

Iria sorrir sarcasticamente do meu pensamento, se a situação não fosse séria.

"Sommers, é o nome dela", meu cérebro, bem treinado para gravar nomes, aponta.

Mas ver meu avô ser tratado com tamanha ternura por uma pessoa praticamente estranha liga meu senso de desconfiança.

Somos parentes distantes?

Ela descobriu de alguma maneira que o homem é meu avô e toda sua postura de indiferença, em relação a mim, é só uma estratégia bem pensada para levantar minha curiosidade?

Há interesses escusos?

Sacudo a cabeça levemente como se tentasse espantar os pensamentos.

Lidar com pessoas desesperadas por ascensão profissional e financeira durante tantos anos, faz com que às vezes soe um pouco maníaco.

Mas este tipo de desconfiança é infundada demais até para mim que sempre fui bastante cuidadoso.

Os olhos da moça são ternos e a preocupação é pulsante em seu rosto, nem o melhor ator poderia fingir isso. É perceptível que a afeição que ela demonstra é real e de certa forma isso me desestabiliza, mesmo que minimamente.

Como prometido, a chegada até o pronto-socorro é rápida.

Nos hospitais de ponta, o sobrenome certo tem o poder de abrir portas e garantir o atendimento mais eficiente e rápido e não tenho hesitação nenhuma em usar o meu. Principalmente para ajudar uma das únicas pessoas que me importa na vida.

O ambiente hospitalar faz com que pensamentos estranhos, agradáveis e desagradáveis, ricocheteiam dentro da minha caixa craniana.

É tudo tão branco, asséptico, liso, reto, impessoal e organizado que me causa certo desconforto.

Após cuidar dos trâmites necessários e acessar o seguro hospitalar, que contratei há um tempo para meu avô, só me resta esperar.

Até mesmo os ricos e inalcançáveis não tem como controlar algumas situações.

Bufo de frustração e aperto os olhos com o indicador e o polegar. O relógio pesa em meu pulso, ou talvez seja o tempo que pese, enquanto os olhos vazios e manchados, do meu avô, passeiam pela minha mente.

Decido mudar o caminho mental que estou percorrendo e distrair a cabeça.

Caminho até a cantina do grande hospital que não parece, mas um café de luxo. Granito e madeira maciça por toda parte, mesas com design sóbrio, decoração limpa, mas marcante, diferente do vazio estéril dos hospitais em geral.

Peço um café expresso médio e lembrando da minha companhia, a jovem que me acompanhou, peço um chá, porque não quero cometer erros, já que não conheço seus gostos.

Após receber o pedido caminho até o local onde havia deixado a moça que está sentada e me encara de maneira tímida, quase indulgente, algo que não se encontra em muitos olhos na cidade.

Estendo o chá para ela que pega com um leve sorriso, e reparo em seu dedo anelar da mão direita um anel.

"Um namorado ou noivo?

Apenas um apetrecho?

E o que isso me interessa?"

Sento do seu lado e deixo meu corpo relaxar na cadeira que parece um pouco pequena para meu porte físico.

Ofereço a ela um breve, mas educado sorriso, que ela corresponde de forma acanhada.

— Como ele está? — indaga hesitante, como se fosse um atrevimento perguntar.

Sua voz parece suave e receosa, diferente do tom que usou na sua apresentação na empresa. No dia em questão, ela disse prontamente seu nome, provavelmente arrancando toda confiança que tinha dentro de si para soar segura.

— Estável. A pressão estava muito alta, ele teve um primeiro atendimento e agora uma bateria de exames será realizada.

Ela parece levemente aliviada, afundando na cadeira com seu chá em mãos.

— Não sabia como você preferia seu chá, por isso pedi o tradicional chá preto com leite, é claro.

— É meu favorito. — Sorri e aceno com a cabeça. — Agradeço por isso.

— Disponha — respondo de maneira educada.

O silêncio que se segue não deve ter durado nem por um minuto, mas ainda assim me sinto completamente inquieto.

Sei que meu avô está em boas mãos e que, passado o susto, está bem. Mesmo assim sentia como se não pudesse perder a oportunidade de dizer algo, como se um grande negócio estivesse escapando das minhas mãos.

— Como tem sido o estágio? — pergunto de maneira despretensiosa, algo pelo qual me puno mentalmente, afinal não havia motivos para iniciar uma conversa agora.

Lauriana Sommers olha para mim de uma maneira que demonstra a leve surpresa de quem não esperava conversar com seu chefe de trabalho.

Mas para sua vantagem, estamos páreo a páreo, pois também não esperava conversar com uma estagiária.

— Bastante revigorante, tenho aprendido diversas funções e desenvolvido meus conhecimentos na área. A flexibilidade de horários é minha parte favorita, assim posso estudar sem problemas de atrapalhar na agenda — responde com uma dicção afiada que não estava esperando, como se tivesse ensaiado o discurso e estivesse com ele na ponta da língua.

Aperto os lábios instintivamente com a cena e fito seu rosto. Em resposta ela abaixa os olhos de maneira automática, talvez o personagem cheio de floreios não funcione quando a encaro.

— É impressionante — digo espantado.

— O quê? — indaga curiosa.

— Como alguém pode tirar tantos pontos positivos de ter o couro arrancado pela Georgia — digo com bom humor e consigo arrancar uma risada dela, espontânea e doce, o que é um tanto satisfatório para mim. É como estar no controle novamente. — Agora — pontuo —, a resposta honesta. — Encaro a moça a minha frente, resoluto e ela parece mais à vontade.

— Eu diria que... — Olha para baixo pensativa. — É uma das maiores oportunidades da minha vida. Até entrar na faculdade acreditei que seria impossível alguém ver potencial em mim, mas depois da alegria inicial percebi que as coisas continuariam difíceis. Posso dizer que... — Mais uma vez seu olhar parece distante e reflexivo. — Sou obstinada.

— Bom, senhorita Sommers, temos isso em comum — comento de maneira condescendente e um momento de silêncio segue.

O momento de contemplação é interrompido pela vibração alta e irritante do meu celular esperneando no bolso. É claro que é do banco, para ser mais claro é Oliveira desesperada porque o presidente solicita minha presença imediatamente.

Suspiro impaciente.

— Acredito que o senhor tenha obrigações a cumprir — diz como se adivinhasse tudo, ou como se estivesse ouvido os quase berros de Oliveira do outro lado da linha.

— Infelizmente — respondo enquanto olho as horas.

— Não se preocupe, vou estar aqui quando ele for liberado — diz de maneira consoladora.

Por um momento seus dedos tocam meu braço, como uma pessoa conhecida faria, afagando alguém que precisa de uma injeção de ânimo.

Um gesto tão natural e, ao mesmo tempo, faz com que uma corrente elétrica passe através da minha pele, sendo guiada através de meus ossos.

No mesmo momento, ela retira a mão, como se tivesse cometido um erro terrível e abaixa os olhos, envergonhada.

— Sou grato por isso — digo com benevolência. — Saiba que o senhor Oscar Thaylor é alguém muito importante para mim e você tem minha gratidão eterna por sua coragem. — completo com sinceridade.

— O senhor Oscar é uma pessoa maravilhosa, faria tudo de novo — diz com firmeza.

— Aqui está o cartão com meu número pessoal, caso receba qualquer notícia, não hesite nem por um segundo em me ligar imediatamente. —

Entrego o pequeno papel em suas mãos e quando faço isso percebo o enorme arranhão em seu braço. — Está ferida — digo com preocupação.

Ela afasta o braço, escondendo a manga da blusa branca que possui uma mancha de sangue.

— Não é nada, algo apenas superficial, é sério, pode ir — diz com solidez.

— Tudo bem, fique com isso, caso ele precise de alguma coisa — digo pegando um dos meus cartões e estendendo para ela que olha espantada.

— Senhor, não posso...

— Anthony — digo com segurança —, É meu nome — insisto.

— Anthony, isso seria demais. — Suspira.

— Não mesmo. Veja bem, senhorita Sommers...

— Lauriana — interrompe —, é meu nome — repete minhas palavras.

— Lauriana, espero que esse assunto seja confidencial entre nós, mas... O senhor Thaylor é meu avô.

Seus olhos mudam como se a compreensão os tivesse clareado.

— Então é de se esperar que queira fazer o melhor por ele. Poderia contratar alguém que cuidasse dele agora, mas prefiro confiar na pessoa que arriscou a vida por ele — completo com honestidade.

Estendo o cartão para ela que dessa vez, mesmo um pouco receosa, aceita.

— A senha é 2489. — Pego o cartão da sua mão e anoto a senha com a caneta que sempre carrego no bolso.

— Tudo bem, sen... Anthony.

— Obrigado, mais uma vez — digo com polidez e me levanto tendo uma visão mais ampla da mulher que ainda é um enigma para mim.

Ela abraça o próprio corpo e parece tão frágil com a mancha de sangue em sua camisa, que tenho dificuldade de me despedir.

— Por favor, fique com isso também — digo depois de tirar os objetos do casaco que uso e estender a peça para a jovem que tenta recusar, mas insisto. — É isso, até logo, Lauriana — digo com um meio sorriso que ela corresponde.

— Até logo.

Sigo meu caminho de volta ao caos que com certeza ainda está o banco, mesmo que só tenha me ausentado por um pouco mais de uma hora.



Diante das imagens das câmeras de segurança que analisamos cuidadosamente junto à polícia, percebo que todo aquele circo foi milimetricamente planejado.

No salão, uma mulher de chapéu, óculos, sobretudo e salto alto rende um dos seguranças.

Essa era uma tirada de gênio.

Quem desconfiaria de mulheres bem-vestidas?

Ao mesmo tempo, todos os integrantes da quadrilha estavam treinados para realizar suas ações em um tempo específico.

Toda a ação não levou mais de dez minutos e os criminosos trabalhavam paralelamente.

A poeira das explosões chamou muita atenção e fez com que a visão de todos fosse prejudicada. Enquanto isso acontecia, dez deles se dirigiam ao cofre principal.

Tudo muito bem pensado e planejado.

Descobri posteriormente que boa parte do contingente policial havia sido solicitado em uma ocorrência do outro lado da cidade, um assalto a uma rede de supermercados, e as coisas saíram de controle.

Me questionei se aquilo também fazia parte de um plano bem articulado.

Um assalto para encobrir outro?

Muito estranho.

Eles esperaram o momento certo, onde o contingente da polícia estivesse prejudicado para agir?

Infiltrados na polícia?

Talvez infiltrados no banco?

Observo com mais atenção e percebo algo completamente suspeito.

O grupo que se dirigiu ao cofre principal em momento nenhum utilizou de força ou algum software para passar pelo sofisticado sistema de segurança.

Um deles digitou todas as chaves de segurança e passou como um funcionário faria.

A partir daí, tenho certeza que alguém do alto escalão, alguém tão importante a ponto de ter acesso ao cofre com a maior quantia do banco, está envolvido no teatro lúgubre.



LAURIANA

Brinco com o cartão Visa Infinite entre meus dedos.

O que tinha na cabeça para ter aceitado uma responsabilidade desse tamanho?

O retângulo plastificado é o passaporte para valores maiores do que tudo que já gastei em toda minha vida e do que terei acesso até minha morte.

Quero chorar.

Como pude ser tão ingênua?

O que as pessoas irão pensar se souberem que algum dia segurei este cartão em minhas mãos?

Anthony Florian Ulrich, as letras saltitam acusativas e palpáveis do objeto.

Respiro fundo e rolo os olhos.

"Você precisa se controlar, Lauri", repito mentalmente enquanto o tecido macio do sobretudo de Ulrich toca minha pele.

Estou apavorada com a ideia de sujar a peça. Na etiqueta está o nome de alguma grife que não conheço e logo abaixo a palavra “exclusivo” me intimida ainda mais.

Quero chorar mais uma vez.

"Calma", repito em meus pensamentos.

Ainda estou completamente desnorteada com tudo que ocorreu no dia de hoje.

Foi um dia atípico demais, tão atípico que chega a ser surreal.

Sinto o perfume suave, elegante, amadeirado afetar minhas células olfativas como uma carícia delicada.

O cheiro me faz relaxar enquanto suspiro profundamente.

Oscar está bem e é isso que importa.

O avô do homem mais importante do prédio em que trabalho.

Quem diria que sobreviveria àquela troca de palavras com o homem mais bonito, galante, rico, charmoso, deslumbrante, frio, polido como um diamante, misterioso e...

A quem quero enganar?

Minhas pernas estavam tremendo de ansiedade.

Que ideia foi aquela de tocar o braço dele como se fôssemos conhecidos de longa data?

"Quanta futilidade, Lauri!", tento me corrigir.

Presenciei um assalto de grandes proporções e mesmo assim só conseguia pensar no quanto o senhor Ulrich era ainda mais elegante de perto.

Sim, é nisso que preciso me concentrar, o assalto.

Como tudo aquilo aconteceu?

Um banco como o dos Ulrich não poderia ser atacado com tanta facilidade, como se fosse uma fortaleza com portões abertos e sem guardas. Aquilo definitivamente foi impressionante e assustador.

Torço mentalmente para que ninguém tenha se machucado com mais gravidade e pensando nisso lembro do aparelho esquecido em meu bolso.

Quando ligo o celular, vejo as diversas chamadas perdidas e felizmente nenhuma era de Georgia May. Desejei que ela tivesse esquecido

da minha existência naquela confusão e que não recebesse nenhuma punição por sumir.

Minha tia Ximena, a senhora Parker e outra pessoa, alguém muito importante, mas com quem eu já não falo há muito, Alexandra Stevens ou Lexi, minha melhor amiga, haviam ligado.

Ligo primeiro para Lexi, afinal devido seus compromissos na faculdade de medicina e aos meus, acabamos ficando muito tempo sem nos falar. Apenas temos nos falado por mensagens para que uma tenha certeza de que a outra ainda está viva.

Um toque é suficiente para que Alexandra me atenda e seus berros do outro lado fazem com que afaste o aparelho do ouvido enquanto rio.

— Lauriana, quem você pensa que é para me deixar preocupada dessa maneira?! — exclama do outro lado. — Vi tudo pela TV e pensei que foi explodida. Sempre soube que iria acabar se matando em algum ato de heroísmo.

— Mas não foi dessa vez, embora saiba que é louca para se livrar de mim — digo com bom humor e ela ri com sarcasmo. — Veja pelo lado bom, conseguiu tirar um tempinho na sua agenda apertada para falar com a sua alma gêmea reversa.

— Ah, amiga, é sério, fiquei muito preocupada, muito mesmo. Talvez tenha derramado algumas lágrimas, mas se contar *pra* alguém arranco sua cabeça — diz com firmeza, me arrancando algumas boas risadas.

Apenas falar com Lexi é o suficiente para melhorar meu humor.

— Pode deixar, é o nosso segredinho sujo. Bom, agora que já sabe que estou viva, tenho que ligar para tia Ximena. Estava tão distraída que não fiz isso ainda.

— E aquele senhorzinho ficou bem depois de tudo?

— Isso foi transmitido pela TV? — questiono um tanto descrente.

— Sim, senhora. Você viralizou, amiga. "Funcionária de banco arrisca a própria vida para salvar cliente", está por toda parte. Você é famosa, parabéns. Não esqueça de mim quando estiver no topo.

— Olha, você conseguiu me chocar. Que merda, ficar "famosa" era tudo que menos queria agora — digo com desdém enquanto assimilo a informação. — Em câmeras de segurança é bem difícil reconhecer alguém. Acredito que ninguém vai me abordar por isso (espero) e logo todo mundo esquece dessas coisas — digo para ela, mas, ao mesmo tempo, apenas queria me convencer disso.

— Sim, sim, vai nessa, gatinha — diz ácida como sempre. — Vou entrar em contato com você e não escapará de tomar umas comigo no final de

semana.

— Mal posso esperar. — Sorrio e nos despedimos em seguida.

Conversar com a tia Ximena foi um problema em particular, ela me acusou de ter quase a matado de preocupação. Tentei acalmá-la e depois de ouvir diversas vezes que ela tinha me avisado que aquilo não daria certo, finalmente consegui desligar.

Depois foi a vez de falar com a senhora Parker que muito docemente demonstrou grande preocupação. É muito agradável falar com ela, sempre me tranquiliza, e me sinto como se tivesse ganhado um novo membro familiar.

— O pequeno Henry não me deixou em paz enquanto não falei que você estava bem. Ele está aqui ao lado, que nem um filhotinho chorão — graceja.

— Diga que estou mandando mil beijos e abraços para ele — digo antes de terminar a conversa.

Desligo o celular e posso relaxar um pouco, mas relaxar agora significa repassar cada palavra que troque com o senhor Ulrich e cogitar os possíveis erros cometidos.

Ele pensa que sou uma pobre coitada ou alguma interesseira?

Isso me preocupa demais.

Mas uma pessoa inteligente como Anthony Ulrich sabe que seria impossível eu saber de antemão que o senhor Oscar Thaylor é seu avô.

Em meio aos meus pensamentos agitados ouço o nome ser dito em voz alta, como se a enfermeira pudesse ouvir o que se passava em minha cabeça.

— Acompanhante do senhor Oscar Thaylor — chama em tom monocórdio, entediado.

— Olá! — digo me levantando um tanto desastrada.

Sigo a mulher que me leva até o médico que me espera em um corredor branco como o céu deve ser.

O médico é um senhor de cabelo grisalho, bigode cheio e sobrancelhas que se assemelham a taturanas. Ele me explica didática e pausadamente o que havia ocorrido.

Observando os exames foi possível saber que ele teve um princípio de infarto causado pela situação estressante, devido a predisposição existente por uma alteração coronária. Pelo visto, o senhor Oscar tem problemas sérios com o colesterol.

Felizmente ele está fora de perigo, mas ficará em observação no hospital por pelo menos vinte e quatro horas.

— Muito obrigada, doutor — agradeço cumprimentando o homem que acena e se retira.

Logo uma enfermeira me leva até onde o senhor Oscar está internado.

O quarto é muito luxuoso, do tipo que só vi em filmes. A cama do paciente é completamente automatizada, a janela é enorme e os móveis são novíssimos. Até o cheiro do lugar é como o de uma loja de móveis.

Há uma pequena mesa com tampo de vidro no canto, duas cadeiras confortáveis e um jogo de sofás caramelo em outro.

O lugar é praticamente do tamanho de um apartamento pequeno em Londres e maior que meu quarto.

Há também uma “poltrona” que se transforma em cama para que o acompanhante tenha conforto no pernoite.

"Impressionante!"

Fico muito feliz em saber que o senhor Oscar está sendo tão bem assessorado.

— Olá. — Sorrio quando vejo Oscar lendo uma revista qualquer.

— Finalmente deixaram vir me ver. — Retribui o sorriso.

— Não foi dessa vez que a mulher com a foice me levou. Sente-se e aproveite um pouco a companhia nesse hotel cinco estrelas. Sempre digo para Anthony que isso tudo é exagero, um hospital de gente normal seria mais que o suficiente. Mas sendo um velho com o pé na cova não poderia rejeitar um seguro médico, não é mesmo?

— Concordo plenamente com o senhor. — Sento na poltrona confortável, até mais confortável do que aparentava.

— Ah, claro que não precisa ficar aqui, mas se quiser é bem-vinda.

— Acho que um pouco de calma faria bem — comento, embora me sinta meio culpada. É como se estivesse faltando ao trabalho, mesmo sabendo que o dia de produção já foi pelos ares junto com os caixas eletrônicos. — Gostaria que eu entrasse em contato com o senhor Ulrich? — pergunto e sem motivo algum, sinto o calor se acumular em minhas bochechas.

— Com certeza, pergunte se vou precisar sofrer mais acidentes para vê-lo. — Sorri e faz uma careta mal-humorada em seguida.

Pego o telefone com receio e depois o cartão de contato que ele havia deixado comigo. Digito os números com cuidado, como se desarmasse um explosivo perigoso e depois de respirar fundo para adquirir coragem, aperto a tecla para iniciar a chamada.

Um toque e prendo a respiração involuntariamente...

"Por favor, não atenda."

Dois toques...

"Por favor, não."

Três toques...

"Tudo bem, posso lidar com isso."

Quatro toques.

"Não, não posso!"

Desligo o telefone aliviada enquanto meu coração bate como uma bateria.

— Ele não atende, deve estar ocupado, mas com certeza entrará em contato em breve. — Sorrio sem graça e ele dá de ombros.

— Está certo, então vamos ver o que está acontecendo no mundo — comenta e liga a TV.

Um dos plantões detalha os acontecimentos no banco.

“Na tarde desta quarta-feira, homens fortemente armados invadiram a sede do Swiss Ulrich Bank, causando terror entre funcionários e clientes.

Felizmente ninguém se feriu gravemente.

Mas uma cena que chamou atenção foi a de uma jovem que se jogou na frente de um senhor idoso para evitar que os estilhaços de uma bomba o atingissem.

Vamos ver a cena.”

Escondo o rosto com as palmas das mãos de tanta vergonha.

Alexandra estava certa.

Suspiro impaciente e o senhor Oscar, sempre bem-humorado, ri.

— Nunca imaginei que nessa idade iria ficar famoso. É uma menina corajosa.

Fico com mais vergonha ainda.

— Definitivamente essa vida pública não é para mim — digo entrando na brincadeira e depois continuamos a assistir à reportagem.

“Nas imagens das câmeras de segurança podemos ver o momento em que uma mulher de chapéu e sobretudo rende um dos seguranças.

Muitas pessoas estão associando o acontecimento a um famoso assalto ocorrido nos anos oitenta, realizado por um ladrão italiano.

Homens que supostamente iriam alugar um cofre dominaram funcionários e realizaram a ação.”

— Que loucura... — murmuro olhando atenta para as imagens até que sou interrompida por uma ligação.

Meu coração perde o controle e esqueço como respirar, mas não demoro a atender a ligação.

— Alô — digo estabilizando a voz.

— Olá, aqui é Anthony Ulrich. Vi que me ligou há pouco. Peço desculpas pela demora em retornar, mas a situação ainda está complicada

por aqui.

— De maneira alguma, senhor Ulrich, eu que peço desculpas por...

— *Anthony* — pontua.

— Anthony, liguei apenas para dizer que o senhor Oscar está fora de perigo e recebendo o melhor atendimento possível. Ele teve um princípio de infarto por causa do estresse do momento, mas o médico garantiu que está bem agora. Ele deverá permanecer hospitalizado por vinte e quatro horas para ser monitorado.

Ele suspira aliviado.

— Fico muito contente de ouvir isso, não imagina o quanto.

— Eu também, senhor, digo, Anthony. Gostaria de falar com o senhor Oscar? — pergunto ao notar que o velho homem me olha atentamente.

— Claro, seria ótimo — responde e aviso que passarei o telefone.

Logo em seguida posso ver o senhor Oscar reclamando pelo aparelho que gostaria de ver o neto e que ele sempre sumia. Diz mais algumas palavras, se despede, então pede para que eu desligue a chamada.

— Esse menino é um teimoso! — Bufa.

Dou um breve sorriso com a palavra “menino”, pois nunca a associaria a Anthony Ulrich. Definitivamente a postura dele é de

um *homem* completamente formado e cheio de seriedade.

A cena dele me olhando pelo retrovisor do carro me vem à mente. Aquele olhar era mesmo fulminante, mas não de maneira negativa, era como se pudesse ver através da cortina dos meus pensamentos.

— Sabe? Meu neto... Bom, caso não saiba, aquele homenzarrão é meu neto. — Sorri orgulhoso. — É a pessoa mais inteligente que já conheci na vida. Ele aprendeu a ler com quatro anos e com cinco se divertia criando padrão nas coisas, observava tudo ao redor e catalogava insetos. Um pequeno gênio. Com menos de dez anos já sabia resolver problemas difíceis que nunca vou conseguir, afinal, sou só um velho jardineiro aposentado. — Suspira com um pouco de tristeza.

Percebo que seus olhos são claros como os do senhor Ulrich.

— Se o pai dele... — diz com infelicidade. — Se ele fosse uma pessoa minimamente decente teria tanto orgulho quanto eu.

— Entendo, Oscar, entendo. — Suspiro resignada lembrando da minha tia.

Ela sempre me tratou, completamente diferente dos meus pais que comemoravam qualquer pequena vitória que alcançasse. Fazia questão de diminuir a importância dos meus feitos e dizer que tudo daria errado.

Tia Ximena é assim e dificilmente mudará um dia.

Ainda assim sou grata.

— Quem sabe um dia ele perceba? De qualquer forma acho que não faz falta para ele, ainda mais como um avô como o senhor. — Sorrio.

Ele corresponde o sorriso com doçura e aperta minha mão com carinho por alguns segundos.

— Que menina linda, adoraria que fosse minha neta — comenta e enrubesço pela milésima vez no dia.



Como folhas que caem das árvores indicando a proximidade do inverno, as horas passam e a luz do dia desaparece, trazendo uma noite fria.

O senhor Oscar dormiu durante a tarde e gastei algum tempo pesquisando sobre a família Ulrich.

A imprensa marrom adora divulgar fofocas e notícias questionáveis sobre os ricaços. Imagino como tudo isso impacta na vida de Anthony Ulrich, o assunto mais quente para os meios escusos de comunicação.

Ouço uma batida na porta e digo imediatamente para que a pessoa entre, acredito que seja alguma enfermeira que esporadicamente aparece para monitorar o senhor Oscar.

Mas nenhuma enfermeira tem mais de um metro e oitenta, um par de olhos penetrantes e um terno bem recortado.

Sim, é **ele**.

Levanto de imediato, oferecendo um boa noite desajeitado enquanto o senhor Oscar dorme como um bebê.

O senhor Ulrich sorri com simpatia e deseja igualmente uma boa noite, logo depois passa a examinar o avô que dorme o sono dos justos.

Em silêncio ele aponta para o lado de fora e me chama dobrando um dedo.

Há algo de encantador em seu gesto, lembra uma criança que não tem domínio de muitas palavras e prefere gesticular para reforçar a comunicação.

Obedeço solenemente e saio enquanto ele segura a porta para que eu passe.

Já do lado de fora paramos frente a frente.

— Imagino que tenha se alimentado hoje.

Permaneço em silêncio, tímida e apenas balanço a cabeça indicando que não.

— Meu Deus, precisa comer alguma coisa urgente, não é bom passar tantas horas com o estômago vazio.

Estou prestes a recusar a afirmação, mas a reclamação imediata da minha barriga vazia simplesmente me denuncia.

— Bom, acho que talvez possa comer alguma coisinha — digo me rendendo.



— Imagino que as coisas estejam bastante complicadas lá no banco — digo brincando com um guardanapo depois do nosso lanche rápido.

— Você nem imagina... Mas tudo vai estar em ordem em breve, já tomei as medidas cabíveis e acionei o seguro. Peço para que quando puder também preste depoimento para a polícia.

— Sim, senhor, com certeza farei isso.

— Vamos lá, estamos em uma ocasião informal. “Senhor” é uma palavra muito forte — graceja e acho simpática sua tentativa de soar mais delicado.

— Bom, Anthony, gostaria de fazer algo antes que me esqueça. — Pego no bolso o pedaço de plástico, que me causou crises de identidade

mais cedo, e estendo para ele, que faz uma careta. — Veja bem, não me sinto nem um pouco confortável em estar com isso — digo olhando para baixo completamente sem graça, enquanto deixo escapar até mesmo um riso nervoso.

— Entendo muito bem, Lauriana. Perdão por colocá-la nessa situação.

— Lauri, só Lauri, por favor. — Tenho coragem de dizer em um estalo.

— Lauri, tudo bem, de qualquer forma, caso precise de algo, meu nome pode ser um pouco útil. — Pisca um dos olhos e fico sem reação com sua atitude.

Em seguida, sinto algo em meus dedos e quando olho para baixo vejo que é sua mão tocando a minha para pegar o cartão que mantinha estendido sobre o tampo da mesa.

Como um computador com o sistema muito lento fico paralisada.

Sua pele toca a minha e esse simples contato me desestabiliza de maneiras indescritíveis.

Solto o cartão e ele com um sorriso perverso no rosto simplesmente o guarda, talvez tenha percebido meu desconcerto.

Caminhamos em um silêncio que não é nem de longe incômodo, tudo que se ouve no hospital silencioso é o som dos nossos passos.

Ao chegar na porta paramos, como que por instinto.

— Preciso ir, continuarei trabalhando durante à noite, mas volto em breve. Acho que deveria ir para casa descansar, posso pedir para uma pessoa ficar aqui com ele.

Sacudo a cabeça.

— Gostaria de ficar, acho que ele está à vontade comigo... Minha única preocupação é com a senhora May, mas nem sei se ela percebeu minha ausência hoje.

— Pode ficar tranquila. A sede não vai reabrir por uns dias, precisamos resolver muitas coisas antes disso. E sobre a Georgia... Se preocupe menos ainda. — Sorri discreto.

— Não vai entrar para falar com ele?

— Quando voltar — responde prontamente e concordo.

— Uma ótima noite e até logo — digo enfim e ele responde com palavras semelhantes.

Viro para abrir a porta, mas antes que toque a maçaneta sinto dedos frios envolvendo meu pulso. Giro o corpo de maneira apressada, dando de cara com duas esferas chamejantes e sinto como se um peixe elétrico nadasse em meio estômago.

— Sim — digo enquanto ele ainda me segura.

— Eu só queria dizer que... Muito, muito obrigado, Lauri.



ANTHONY

Eu me sinto um tanto patético ao notar a curiosidade que meus pensamentos constroem ao redor de Lauriana Sommers.

A verdade é que o jeito despretensioso com que ela age perturba meu modo controlador.

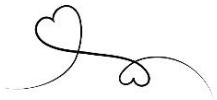
Não que deseje dominar a maneira como todas as pessoas ao meu redor devem agir, mas porque preciso antecipar todos os passos possíveis.

Com a jovem Sommers é diferente e não consigo saber o que ela irá fazer a seguir.

Ela é doce, tímida, espontânea, ingênua, corajosa e assustada.

Nada faz sentido em suas atitudes e isso é de algum modo fascinante e apavorante.

Estar com Lauriana é como jogar xadrez com alguém um tanto imprevisível, não sei se a próxima jogada será andar com o cavalo ou jogar o tabuleiro pelos ares.



Durante à noite, debruço mais uma vez sobre os vídeos das câmeras de segurança. Nenhum dos assaltantes foi identificado ainda.

Vejo e revejo a ação das pessoas que invadiram o banco, mas ainda não consigo ter um palpite certo sobre o que tudo significa.

É certo que um assalto dessa magnitude não é planejado da noite para o dia. Envolve ponderação, cálculos e principalmente contatos por toda a cidade, agentes que estivessem por dentro de todos os meios.

É possível que alguém que esteja ao meu lado todos os dias tenha facilitado a ação. Assim como mesma pessoa continuará trabalhando como se nada tivesse acontecido, enquanto a conta de alguns laranjas engordem pelo país.

Respiro fundo e me convenço de que esse trabalho investigativo definitivamente não é meu. Agora a parte mais importante será executar um plano de contingência para evitar que os investidores abandonem o barco. Meu foco será investir em mais segurança, equipes de inteligência e softwares mais modernos para prevenção desse tipo de situação.

Mesmo que tenha que fazer diversas viagens em busca de tecnologia de ponta, farei. Assim como mergulhar em reuniões infindáveis sobre como hackers experientes podem prever ações criminosas.

É isso e poderei dormir um pouco.

Poderei dormir em paz porque meu avô está seguro, assim como o banco e tudo será resolvido como sempre.

Passa das três da manhã quando finalmente, após um banho bem quente, que extrapola os limites do saudável, consigo me deitar.

Quando fecho os olhos me permito relaxar, mas um rosto, sem permissão, surge em meus pensamentos.

Olhos negros que carregam uma sabedoria simples, lábios fartos que tem um desenho perspicaz, cabelo preso em um rabo de cavalo simples e volumoso, e sequer o vestígio de maquiagem na pele de aparência macia...

"Lauri, só Lauri."

A voz tímida e a cena de rápidos segundos repassa pelo meu circuito mental.

Meu avô, Oscar Thaylor, está parado, quando de repente o corpo da jovem se arremessa sobre o dele. Ela o abraça enquanto nos dirigimos ao hospital.

É admirável.

Uma cena digna do cinema hollywoodiano.

Fascinado permito que Morfeu me carregue em seus braços.



Pela manhã, estive ocupado com chamadas de vídeo e telefonemas burocráticos enquanto a equipe jurídica do banco tomava as medidas cabíveis para a liberação do seguro que havíamos contratado. O que será de fácil resolução, afinal está mais que provado como tudo havia ocorrido.

Logo que é resolvida a maior parte das pendências, pelo menos por enquanto, decido que o melhor será esperar antes de tomar novos passos e, por merecimento, dar a mim mesmo algumas horas de folga.

Resolvo trocar meus ternos dos dias úteis por um cardigã confortável e informal.

O frio começa a se instalar enquanto o inverno se aproxima.

Lembro de que havia deixado um casaco com Lauriana e não posso evitar o bom humor ao lembrar dela com seu corpo miúdo sob aquela peça bem maior do que ela.

Pego as chaves do carro e coloco o celular no silencioso, penso que pode ser interessante ter um dia normal para variar.

Não é comum sentir constrangimento ou insegurança, mas tenho algumas pitadas dessas sensações quando preciso me relacionar de maneira não profissional com outras pessoas.

Sinto como se estivesse me rebaixando de alguma forma.

Sem querer soar arrogante, é estranho pensar que alguém que gere um banco com milhares de funcionários e movimenta bilhões de libras, como faço, passa seu tempo dando atenção a pessoas individualmente e sem a pretensão de um acordo colossal. Entretanto, ao mesmo tempo, me sinto como o super-homem quando retira sua capa e pode agir finalmente como um homem normal, com preocupações e alegrias ordinárias.

Mais uma vez me convenço de que tenho o direito de viver algumas horas como uma pessoa comum.

Antes de chegar ao hospital decido parar em uma loja de roupas femininas e comprar uma blusa nova para a senhorita Sommers, pois me

recordo de que a que ela usa está manchada de sangue.

Mais uma vez suspiro admirado com sua coragem.

Saio do carro, entro na loja e sou abordado por uma vendedora muito bem arrumada que me atende de maneira bastante atenciosa. Sou abordado também por outras jovens que me oferecem água com gás, petiscos e até champanhe.

Não tenho tempo para isso e não quero que a vendedora, que me oferece diversas opções de peças de roupas, perca seu tempo.

— A roupa é para que tipo de ocasião? Formal, informal? Para uma festa talvez?

— Apenas uma blusa social de botões — interrompo gentilmente, descrevendo a peça que Lauriana usa.

— Infelizmente não temos muitas opções desse tipo, mas essa aqui é simples e estilosa. — Sorri estendendo uma blusa azul de mangas e o tecido parece ser fino e delicado. — É para sua mãe ou talvez para sua esposa? — indaga de maneira sugestiva enquanto sorri com o queixo levantado, como se quisesse deixar a mostra o pescoço branco e esguio.

A mulher balança a cabeça fazendo com que o cabelo castanho se movimente e seu perfume excessivamente doce quase me faz espirrar.

— Sim, é para minha esposa — respondo de maneira automática.

Seguro a risada quando vejo o olhar de frustração da mulher na minha frente, pelo menos agora poderei ir embora com a rapidez que desejo.

Logo a atendente traza máquina de cartão de crédito para que realize o pagamento e saio da loja com uma sacola extremamente leve, mas que custou o preço de uma moto.

Dou de ombros e sigo meu caminho.

Assim que chego ao hospital, converso brevemente com o médico que me dá boas notícias, o resultado dos exames do meu avô é favorável.

O doutor grisalho frisa que será necessário que meu avô modifique sua alimentação e faça exercícios físicos. Inclusive, indica uma consulta ao nutricionista.

Agradeço e sigo para o quarto.

O corredor é frio e impessoal enquanto o chão é liso e lustroso. Na porta pela qual já passei algumas vezes há o número quatrocentos e doze em uma pequena placa de acrílico.

Quando toco a maçaneta de metal frio mais uma vez meu cérebro me trai e lembro do pulso de Lauriana entre meus dedos. O olhar dela era surpreso e seus lábios até mesmo se entreabriram.

É esse efeito que causo nas pessoas?

Temor ou será apenas porque não nos conhecemos bem ainda?

Por que irei conhecer melhor alguém que não representa nem um tipo de vantagem comercial?

Ela não irá ser patrocinadora do banco e nem tem alguma grande marca ou projeto cultural que me interesse patrocinar...

Então, por que ainda assim quero saber mais sobre ela?

Sacudo a cabeça para afastar os pensamentos.

Tudo que sinto é admiração, apenas isso, nada mais.

"Admiração", repito mentalmente.

Bato à porta do quarto para anunciar minha entrada e finalmente a abro.

Dou de cara com meu avô que está deitado na cama rindo com Lauriana que parece estar de ótimo humor.

Sorrio levemente para ambos.

A jovem ao me ver parece um pouco surpresa e meu avô um tanto feliz.

— Finalmente, Anthony! — Sorri e abre os braços.

Eu me aproximo e dou um forte abraço nele.

— Senti tanto a sua falta! Estava comentando com a pequena Lauri que esse era o único jeito de ver você, planejando um assalto de banco e

simulando um acidente — diz com um tom engraçado e não posso deixar de sorrir.

Meu avô é uma das pessoas mais bem-humorada que eu já conheci em toda minha vida. Ele é capaz de transformar qualquer clima de velório em festa.

— Peço desculpas, vovô — digo e a palavra soa estranha saindo dos meus lábios, como se estivesse evitando vir ao mundo.

"Anthony Ulrich está autorizado pelo meio corporativo a chamar alguém de vovô?"

Logo supero a crise de consciência, sem me importar exageradamente com essas pequenas bobagens.

— De qualquer forma, gostaria de agradecer novamente a Lauri — pontuo deixando que seu apelido soe de maneira confortável. — A atitude dela foi admirável. — Sorrio para ela que acena com a cabeça levemente. — Saiba que meu avô é o bem mais precioso que possuo e o mais teimoso de todos. Infelizmente, não posso guardá-lo em nenhum cofre de banco, o que também não garantiria nada, pelo que vimos ontem — digo com um ar bem-humorado e leve.

De que adianta o estresse agora que tudo já aconteceu?

— Aceito suas desculpas, com a condição de que me visite mais vezes. Veja bem, sou apenas um velho, meu tempo nesse mundo já está ficando curto.

— O senhor sabe o quanto é difícil para mim... Já é complicado conseguir tempo para uma ligação. Mas veja só, estou aqui. Quando for necessário sempre estarei aqui.

— Anthony, não quero que daqui alguns anos olhe para trás e se arrependa de ter deixado a vida passar por causa de um trabalho ingrato. Por favor, pelo menos diga que vai pensar um pouco sobre isso... Diga que vai pensar em gastar mais tempo com sua família. Saiba que você é minha única família também e não quero perder mais tempo.

Suspiro um pouco abalado com suas palavras, mas sem deixar de lado minha postura impassível.

— Vovô, o senhor sabe que vou arcar com tudo que for necessário e resolver qualquer problema. Vou contratar um auxiliar para cuidar do senhor e não aceito um não como resposta. Nossas ligações continuam às sextas-feiras como sempre, não se preocupe. Mas agora, mais do que nunca, preciso me dedicar. O banco sofreu um enorme desfalque ontem e pior do que o desfalque material com certeza é o desgaste de nossa imagem. Viemos de um ano muito bom e não posso perder isso.

As palavras podem soar um tanto apáticas, mas é a única forma de manter tudo nos eixos. Afinal, quando gastamos tempo demais nos preocupando com pessoas, dando vazão as emoções, é quase impossível ter controle dos acontecimentos ao redor.

Não posso deixar meu império em segundo plano por nenhum outro motivo, mas isso não quer dizer que minha única família não tenha importância. Eu só não devo manter a proximidade que é pedida, até mesmo pela segurança dele. Estar envolvido com alguém que detém poder sobre o destino de quantias consideráveis é sempre perigoso e manter um perfil discreto sempre foi uma grande preocupação minha.

— Tudo bem, Anthony, já é um homem e sabe muito bem o que faz — meu avô diz um tanto irritado.

— Agradeço a compreensão, senhor Oscar — digo em um gracejo tentando deixar as coisas mais leves.

Tinha a intenção de passar mais tempo com ele, mas percebo que não posso. É difícil demais estar na presença do meu avô, sem poder prometer, pelo menos, pensar que farei o que ele me solicita de maneira tão insistente.

— Agora preciso ir. Mandarei um motorista buscar o senhor às três da tarde, horário que irá receber alta, já falei com o médico. Logo o senhor também irá em uma consulta com o nutricionista.

— Não preciso de nada disso — interrompe, deixando seu lado rabugento aflorar.

— Sem discussão, por favor, pelo menos até o senhor se recuperar totalmente — digo com persistência e ele bufa. — Vovô, as coisas ficarão bem, dou minha palavra. — Sorrio.

Logo estou atravessando mais uma vez o batente da porta do quarto, após me despedir dos dois.

Por mais que tente, é difícil manter o foco quando se trata do meu avô, pois nossos laços são muito fortes e bem atados.

Não quero decepcioná-lo, por isso evito fazer promessas.

Dou as costas para o quarto quatrocentos e doze e sigo sem olhar para trás.

Minha cabeça está cheia de pensamentos desagradáveis e as palavras do meu avô se repetem em um *loop* infinito.

Só preciso sair e me afogar no trabalho mais uma vez.

Ficar sozinho é mais fácil, muito mais fácil. Entretanto, como uma vingança do destino ouço uma voz que já está se tornando conhecida, me chamar.

— Lauri — digo ao me virar.

— Anthony — diz, ao mesmo tempo, como em um jogo que exige rapidez.

— Quero devolver seu casaco e agradecer a sua gentileza — diz de um jeito compassivo.

Apenas agora lembro da blusa que comprei para ela. A sacola está ainda em minha mão e havia esquecido completamente. O que é de extremo mau gosto da minha parte, afinal ela não precisava ter presenciado minha pequena discussão com meu avô. Além disso, não havia realizado nenhum ato de gratidão para ela.

Estou em déficit e odeio dever.

— Não foi nada — digo educadamente. — Trouxe isso para você e acabei esquecendo. — Entrego o embrulho que ela segura com delicadeza e em seguida coloca a mão sobre os lábios.

— Sinto muito, mas não tenho como aceitar isso — diz em choque.

— Por favor. — Minha mão de maneira impensada segura a dela. Mas quase desfaço o gesto instintivamente quando vejo que chamei sua atenção e ela me olha diretamente nos olhos. — Aceite, é o mínimo.

— T-tudo bem.

— Ótimo. — Sorrio satisfeito. — Sendo assim, poderia te convidar para tomar um chá ou café em alguma outra ocasião. O que acha? —

proponho como um *gentleman*.

— Adoraria, senhor... Digo, eu adoraria, Anthony. Conheço um lugar, mas fica em outro bairro. — Sorri docemente e vejo uma faísca de animação em seus olhos.

— Mesmo que seja em outra cidade, vamos, está certo? Conversaremos sobre coisas que não sejam relacionadas a números de abertura de contas e assaltos.

Ela parece um pouco mais à vontade.

— O senhor Oscar é uma pessoa maravilhosa — diz de repente. — O coração dele é enorme e tenho certeza de que é como ele, só não deixa transparecer. — Observa meu rosto, como se esquadrinhasse meus pensamentos.

Sou pego de surpresa por suas palavras repentinas e confesso que fico sem resposta por alguns segundos.

"Anthony Ulrich sem resposta, isso é novidade."

— Você é muito jovem, Lauriana. Com o passar do tempo vai perceber que coração é só um órgão.

Dá um riso frustrado e abaixa os olhos. De alguma forma é brusco cortar sua chispa de vivacidade, mas é necessário.



Caminho pelos corredores do hospital pensativo, sei que o lugar, muitas vezes, é um portal entre a vida e a morte. Lembro de quando minha mãe esteve em um. É claro que se minha mãe tivesse acesso a tudo que agora posso oferecer ao meu avô poderia estar ainda viva. Mas infelizmente ela partiu cedo demais.

A falta de consideração do Ulrich pai foi algo que me motivou a buscar meu direito ao sobrenome amaldiçoado.

De qualquer forma agora sou um dos que carrega essa maldição.

Faço parte de um quebra-cabeças interminável.

Não tem nada a ver com dinheiro, embora ele traga muitas vantagens, e não nego. Tudo que faço tem a ver com manter uma postura impecável.

Muitos me desprezam devido minhas origens, mas jamais poderão dizer que sou ineficiente ou injusto. Além da imagem caricata de fera, ou “monstro”, sou apenas um homem cuidando de um império de maneira cautelosa e imparcial.

Sei que isso honrará todo sofrimento que minha mãe passou por causa daquela família.



As mensagens de Oliveira pipocam em meu celular. Ela quer saber de qualquer forma quando as atividades serão normalizadas, mas isso é algo que nem eu sei ainda.

Apenas a tranquilizo e digo para que oriente as equipes para aguardar.

A polícia pediu o prazo de três dias para as investigações. Eles terão acesso a todas as nossas câmeras e sistemas, também investigarão a possível ligação dos assaltantes com clientes do banco.

Tudo corre normalmente durante o restante do dia enquanto realizo minhas obrigações, até que recebo uma ligação de Daniel May, mais conhecido como senhor May. Um homem de cabelo de lã e postura de robô, incapaz de sorrir ou elogiar um trabalho bem-feito.

Ele me detesta porque represento um empecilho para seu absoluto controle sobre o banco. Tentou durante anos provar minha incompetência e aptidão para o cargo, o que torna sua raiva latente em um ódio profundo.

Diferente de mim, que sempre busco manter uma boa distância de tudo e todos, ele é explosivo e tem dificuldades em controlar o temperamento. O que com certeza é vantajoso para mim em algumas situações, mesmo assumindo que ele é um tipo de gênio dos negócios.

— Como vai, senhor May? — pergunto com a mesma educação e frieza de costume.

— Não tão bem, senhor *Ulrich* — diz com a mesma entonação que sua filha costuma utilizar, como se estivesse cuspindo a palavra.

— Do que se trata? — questiono apreensivo.

— Espero que esteja com a cabeça bem presa sobre os ombros, porque, se depender do que estou sabendo, ela será cortada.



LAURIANA

Os dias que se seguiram ao assalto do banco foram um pouco estranhos, mas as folgas fora de época se tonaram um tanto oportunas. Tive oportunidade de me dedicar ao meu projeto da faculdade, que andava um pouco lento devido ao trabalho.

E hoje estou tendo a oportunidade de rever minha velha amiga, Lexi.

Alexandra está muito empolgada com toda a história do assalto e do meu "ato heroico" que eu não consigo enxergar com essa grandeza toda.

Se não ajudarmos outras pessoas, o que resta de humanidade em nós?

Por isso tento fugir do assunto, embora ela me faça detalhar todo o acontecido várias vezes.

— Aí o seu chefe **gostoso** — enfatiza a palavra —, simplesmente deixou o cartão de crédito sem limites com você.

— Também não foi bem assim... — murmuro incomodada.

— Ele segurou suas mãos, olhou nos seus olhos e disse, "Lauriana, por favor, aceite esse presente como símbolo da minha gratidão". — Agarra minhas mãos, encenando com exagero, me fazendo rir até perder o fôlego. — Por favor, chefão gostoso, não faça isso, sou apenas uma mocinha inocente. Não saberia como pegar um bastão desse tamanho — continua a falar e apenas observo chocada, segurando o riso.

— CHEGA! A senhora Parker pode passar no corredor e ouvir essa besteira toda — ralho de bom humor.

— A senhora Parker tem uns setenta anos, acha mesmo que ela nunca segurou no bastão? — diz maliciosa e mais uma vez rimos até não poder respirar.



Quando Lexi, que veio me visitar no final de semana, foi embora senti uma certa solidão.

A presença dela me traz a sensação parecida com a que tinha na minha casa de verdade, quando meus pais ainda eram vivos.

Lembro da comida deliciosa preparada pela minha mãe e dos jogos doidos propostos por meu pai. Depois as festas do pijama que incluíam filmes românticos ou comédias acompanhadas pela pipoca do senhor Sommers.

Suspiro saudosa, mas não me deixo abater, afinal não é porque não estão mais aqui que não serão minha inspiração diária.

Decido me agarrar as memórias boas para seguir em frente como sempre fiz.

Quando a noite chega, para minha surpresa, a senhora Parker me convida para tomar vinho com ela. Sentamos no tapete da sala de estar enquanto o noticiário se desenrola como som ambiente e a senhora Parker, Henry e eu conversamos.

A senhora Parker conta com as mãos sobre o colo todas as loucuras acontecidas na casa. Diz que uma vez desconfiou que uma jovem recebia o namorado escondido durante a madrugada e que ela bateu à porta da garota durante a noite para fazer um flagrante.

O resultado?

Um homem que pulou do segundo andar e foi parar em uma emergência.

— Por isso, Lauri, às vezes, faço a ronda da madrugada, não sempre. Mas de vez em quando para pegá-las desprevenidas. — Sorri marotamente e pisca um dos olhos enquanto suprimo um risinho e Henry também. — Mas vamos lá, beba, beba — diz enquanto tomo a terceira taça.

Como não tenho o costume de tomar bebidas alcoólicas a quantidade ingerida é o suficiente para me deixar um tanto desinibida e menos consciente das minhas ações. De certa forma é bastante agradável, como se nada no mundo possa fazer com que sinta vergonha ou como se tudo fizesse sentido.

Após um bom tempo de conversas agradáveis e muitos risos me sinto bem menos sozinha. Talvez, é como se estivesse, no lugar improvável, construindo uma nova família e isso aquece meu coração de maneira surpreendente.

Quando levanto sinto todo meu mundo girar e o efeito do álcool mostra finalmente sua face não tão positiva.

Desejo uma boa noite para meus companheiros e subo a escada um tanto cambaleante.

A casa antiga murmura na escuridão com suas tiras de madeira rangentes e desejo apenas ir para minha cama.

O que não demora muito a acontecer.

Logo estou no escuro vendo o teto se mover, cheia de questões e confiança também. Sinto como se pudesse falar qualquer coisa para qualquer um agora.

Por alguma razão estranha tento imaginar como deve ter sido a vida de Anthony Ulrich com seu avô Oscar.

Eles se divertiam?

Conversavam?

Eles tiveram um início simples e feliz?

É estranho imaginar isso tudo e depois relembrar a pose fria e distante de Anthony...

Interrompo meu pensamento ao perceber que já me refiro a ele pelo primeiro nome, como se fôssemos próximos de alguma forma.

"Não se iluda, Lauri. Ele é um homem rico, elegante, absurdamente bonito, bem-sucedido...

Por que iria se interessar por mim?"

E aquela conversa toda sobre tomar um chá qualquer dia desses?

Era apenas cortesia com toda certeza, ele se sentia grato pela atitude que tive em relação ao seu avô.

Por que ele perderia tempo com uma garota tão sem graça como eu?

Suspiro triste, mas me recomponho da crise de baixa autoestima, afinal posso não estar à altura dele financeiramente falando, mas tenho minhas qualidades. Meus pais me criaram muito bem, isso é certo e tenho consciência disso.

Levanto da cama, acendo a luz e vou até o armário. Encontro a sacola de uma loja de grife que é extremamente perfumada.

De dentro, com cuidado, retiro a peça de roupa com cuidado como se segurasse um recém-nascido.

Dolce&Gabbana é o nome na embalagem e apesar de não conhecer muito sobre coisas caras sei que é algo caro. Confirmei isso quando pesquisei na internet e descobri que a peça vale mais de três mil libras. Na verdade, quase entrei em choque e quis devolver, mas passado o susto resolvi aceitar o presente (a muito contragosto, afinal a ideia de parecer interesseira me apavora).

Respiro fundo analisando os detalhes da peça de seda azul com acabamento flanelado nas extremidades, há também o detalhe de um laço no pescoço. Coisa fina, com bom acabamento, delicioso de tocar. Entretanto,

com relação ao objeto mais caro do que todas as minhas roupas juntas, o que me deixa nas nuvens é pensar na gentileza do senhor Ulrich de se preocupar comigo.

Aquele "monstro" já mostrou sua face doce algumas vezes e é agradável de ver, algo dentro de mim me impele a procurar mais por isso.

Lembro que em meu celular o número está salvo.

Olho atentamente para o aparelho enquanto procuro pela letra “u”.

Tenho coragem?

Consigo apertar a tecla e perguntar sobre sua vida?

Gargalho sozinha, estou completamente fora de mim.

"Nada disso, Lauri", minha mente sã suprime meu estado ébrio e jogo o celular para longe.

"Nada disso!"

Meu corpo não obedece e logo estou me arrastando no chão, como um soldado na guerra, e agarro o celular novamente.

Toco no botão de chamada antes que qualquer voz da razão me impeça.

O telefone toca uma vez, quase volto ao meu “eu” e desligo.

Mas não há tempo, uma voz aveludada e forte me cumprimenta do outro lado da linha.

Minha versão desinibida já não está tão desinibida assim, mas o álcool ainda tem algum efeito.

— Boa noite, senhor Ulrich... Anthony! Gostaria de agradecer o presente, mas acredito que seja um tanto desnecessário um gasto tão absurdo com apenas uma peça de roupa. — Minha dicção um tanto clara para dizer as palavras complexas me deixa orgulhosa, enquanto minha voz interior grita que enlouqueci completamente.

— Boa noite, Lauri. Com relação ao presente, é bem menos do que merece — diz com clareza e bom-humor.

De repente meu coração está sobressaltado e a massagem deixa meu ego tão feliz.

Logo eu que nunca fui egocêntrica, sinto a sensação ardente de ser querida.

— Você não gostou da cor ou talvez seu noivo não tenha gostado do fato de ter sido presenteada por outro homem? — diz e tenho certeza de que está zombando de mim.

— Não! O quê?! — digo quase gaguejando sentindo meu rosto arder. Acho que tenho um momento de sobriedade (ou não). — Eu só, veja bem,

sou uma pessoa muito simples e ponto. E-eu... Eu não sei porquê liguei. Perdão.

— Tudo bem, estou com alguns problemas, receber essa ligação foi quase como um sinal. — Suas palavras não fazem muito sentido na minha cabeça confusa, mas sei que ele de alguma forma gostou da minha ligação. — Eu iria até você se soubesse como te encontrar.

Ele está propondo vir ao meu encontro a essa hora da noite?

Minha cabeça entra em parafuso.

— Eu... É... A senhora Parker não permite certas visitas.

— Suponho que seja a senhoria?

— Isso. Ela é uma senhora maravilhosa, mas... Enfim. — Uso a palavra como uma forma de acabar com a frase.

— Tudo bem, sendo assim, irei me esgueirar pelo quintal e jogar uma pedra bem pequena na sua janela. Depois subiria e entraria no seu quarto. A senhora Parker nunca saberia.

— Parece ser bastante experiente em entradas secretas — comento com uma dose de...

Ciúme?

Em quantos quartos ele se esgueirou durante sua vida?

— Menos do que você imagina.

Sua resposta aquieta meus ânimos.

— De qualquer forma, vou ficar com o presente — digo sabendo que soo completamente sem sentido. — Só queria dizer que não precisava.

— Tudo bem, agradeço por aceitar.

— Não, eu que agradeço.

— Tudo bem.

Percebo que ele suprime um riso.

— Boa noite, Lauri.

— Boa noite, Anthony.

Sorrio com minha atitude ousada.

Meus lábios voltam para cima de maneira inconsciente e me sinto satisfeita.

Bocejo, em seguida deixo meu corpo repousar sobre o carpete e me permito dormir da maneira mais desconfortável possível.

Sonho com Anthony Ulrich, um sonho cheio de neblina e disforme.

Acordo envergonhada e com a pior dor nas costas que já tive em toda minha vida.



É segunda-feira e voltarei para o Olimpo mundano que é o Ulrich Swiss Bank.

Uma pontinha de esperança, que não permito crescer em meu peito e deixo escondida em um canto, é de ver mais uma vez o senhor Ulrich, mesmo que por alguns segundos.

É como se quisesse provar, para mim mesma, que ele é real com seus olhos de diamante e sorriso teso. É claro que ele nunca mais falará comigo da maneira que falou no hospital ou ao telefone quando estava em um momento de fragilidade.

Afinal, até homens tão decididos têm momentos difíceis...

De qualquer forma, caso nos encontre ao acaso gostaria que soubesse que sou grata pelas gentilezas, por isso decido vestir a blusa que ganhei dele.

Parada em frente ao espelho tudo parece errado e a blusa linda parece me engolir, me tornar ainda mais insignificante do que já sou naturalmente.

Minha tia Ximena zombaria de mim se me visse deste jeito com esse devaneio de grandeza.

"Quem você pensa que é para vestir uma roupa que custa vários salários semanais de uma pessoa comum?"

Sacudo os pensamentos e respiro fundo.

Amarro o laço da peça com cuidado e penteio o cabelo em uma trança bem-feita.

Usar maquiagem seria forçar demais até para mim e não estou muito interessada nisso.

A intenção é mostrar gratidão, não seduzir alguém...

Não é verdade?

Quem poderia seduzir deste modo patético?

Quando termino de me arrumar reúno novamente minha coragem e saio pelas ruas frias de Londres.

Voltar para o banco é como cair da nuvem em que havia me instalado.

É claro que, no fundo, já estava sentindo falta do trabalho, mas quando coloco meus pés no local, sinto que as coisas não são mais as mesmas.

Todos já prestaram depoimento contando sobre o assalto, mas o clima ainda é tenso. Os funcionários da supervisão estão nervosos o tempo todo, como se ninguém quisesse ser acusado de negligência.

O prejuízo do banco foi cotado em quase um bilhão e isso estava agitando os ânimos de maneira fenomenal.

Georgia May anda de um lado para o outro em seu escritório e até suas unhas, sempre perfeitamente longas e pintadas, estão roídas. A princesa do Ulrich Swiss Bank está mentalmente abalada e, ao mesmo tempo, tenho a impressão de que ela espera algo muito importante.

O clima é tão pesado, que se torna palpável, me deixando um tanto aflita, porque é tudo muito incerto.

O salão do banco ainda está fechado para a finalização dos reparos e somente o administrativo funciona.

Minhas atividades que envolvem correr de um lado para o outro com pilhas de contratos aumentou e os gigantes maços de papéis que carrego atrapalham minha visão.

Mais uma vez a senhorita May me sobrecarregou enquanto meus outros colegas tomam chá na sala de convivência.

Gosto de pensar que ela faz isso porque sou a mais qualificada e ela tem certeza de que o trabalho será bem-feito. Por isso sigo firme com a intenção de finalizar todas as demandas necessárias.

O trabalho da vez é levar as correspondências de cada setor.

Passo por diversos andares do prédio enorme e a maioria das pessoas já me conhece pelo nome.

Em cada lugar que passo é possível notar que o clima de enterro é o mesmo, como se o mundo tivesse acabado ontem e não tivesse percebido.

Após muita peregrinação, finalmente, chego ao último andar onde devo ir, o quadragésimo oitavo andar, onde os maiorais ficam instalados.

O presidente, o diretor e o diretor executivo...

Sim, o senhor Ulrich possivelmente estará no andar.

Por um lado, fico feliz com a ideia de poder vê-lo, por outro tenho medo, pois sei que ele nunca conversará naquele tom tão informal comigo, estando dentro da empresa. De qualquer forma, devo apenas seguir minha tarefa e não perder tempo com esses pensamentos bobos de adolescente encantada por um homem poderoso, inteligente, simpático, gentil...

"Foco!"

Minhas mãos estão geladas, respiro de maneira descompassada e aliso a blusa azul diante do espelho frio do elevador.

Quero que um buraco se abra sob meus pés, mas já há um buraco que é o fosso do elevador. E isso não me ajudaria a escapar da culpa por cada coisa que havia feito...

Por aquela conversa com o homem mais poderoso do meu trabalho e por aquela ligação sem escrúpulos.

"Lauriana, por que você é assim? ", penso em forma de autoacusação.

Quando saio do elevador, me dirijo para o balcão de mármore onde Oliveira está sempre escondida.

Dessa vez ela não me recebe com o mesmo sorriso simpático que já faz parte da sua personalidade. Na verdade, ela parece engolir o choro e pergunto se está tudo bem.

— Vai ficar tudo bem, Lauri — diz carinhosamente. — Tudo isso vai acabar.

— O que aconteceu?

— Esse assalto, tudo isso — diz tristonha. — Não posso falar os detalhes, mas tudo vai ficar bem. — Cobre a boca e em seus olhos há uma expressão de desalento.

Fico com medo.

Ela foi demitida?

— Sim, tudo vai se resolver — digo de maneira compreensiva.

— Pode deixar essas correspondências comigo que entrego. Muito obrigada, amorzinho — diz fungando e em seguida puxa meu pulso para falar

mais perto. — Não deixa a Georgia te explorar, aquela insuportável não descansa enquanto não acabar com a vida de todos que estão ao redor dela — sussurra de maneira irritada.

A situação deve ser séria, pois jamais vi Oliveira falando desta maneira de ninguém.

— Tudo bem, vou fazer o possível para continuar “ilesa”.

— É uma menina boa, Lauri, não deixe que ninguém mude isso. — Sorri e nos despedimos em seguida.

As palavras de Oliveira me deixam um tanto assustada e apreensiva, nada diferente do clima do restante do banco.

Mas, ao mesmo tempo, ter passado esses minutos com ela foi reconfortante.

Ela é diferente das outras pessoas, muito mais calorosa e afetuosa. É como um casaco quente em um dia de inverno.

Sorrio com a ideia e sigo para o elevador.

No fundo, estou aliviada de não ter encontrado com o senhor Ulrich, afinal não tenho o incentivo do álcool para mostrar minha versão ousada e corajosa.

Minha versão sóbria com certeza é um tanto entediante.

Aperto o botão e aguardo que o dispositivo chegue até o andar.

Logo entro na fria e claustrofóbica caixa de metal.

Estou voltando para o quinto andar para encontrar meu algoz.

— Hey! Segura o elevador! — Alguém diz do lado de fora.

Coloco a mão entre as portas e o sensor faz com que abram novamente.

— Muito obrigado — o senhor Ulrich agradece e entra no elevador com uma caixa de papelão nos braços.

Seu perfume profundo e fresco invade todo o espaço. Sua roupa não possui um vinco sequer e seu terno cai extremamente bem.

— Não é que tenho um bom olho? — Sorri de canto para mim. — O tamanho ficou perfeito.

Olho de relance pelo espelho do elevador e lembro que visto a blusa que ganhei. Coro e não sei o que dizer.

— Ah, é sim, eu... Ficou ótima. — Só quero desaparecer. — O senhor está saindo de férias? — pergunto para mudar de assunto.

— Na verdade, não — diz voltando a ficar sério. — Mas vou me ausentar por um tempo para resolver problemas.

— Ah, sim — murmuro, me questionando quanto tempo ele ficará longe.

— Pode tomar conta de tudo para mim enquanto isso? — diz de bom humor novamente.

— É claro — digo de bom humor, mas, no fundo, estou triste porque irá demorar a vê-lo de novo.

— Até logo, senhorita Sommers, Lauri — diz quando chegamos ao meu andar.

— Até logo, senhor Ulrich.

Saio do elevador e ele permanece no lugar com sua caixa e aparência incrivelmente perfeita, enquanto eu posso apenas admirar.

— Fique atenta a qualquer barulho de pedra na sua janela — diz antes que a porta se feche e pisca um dos olhos de forma matreira.

Como se estivesse calculando precisamente o tempo, a porta se fecha em seguida, me deixando totalmente atônita e atrapalhada.

Caminho para a sala de convivência como se pisasse em nuvens, pois meu cérebro ainda não processou muito bem a última interação. Entretanto, sou chamada para a realidade ao chegar na sala e ouvir a conversa de Jake com as outras meninas.

Eles sussurram e me olham assustados quando chego.

— Ufa! É você! Pensei que fosse a Georgia — Jack diz nervoso. — Você ficou sabendo? O nosso chefão corre o risco de ser preso, lavagem de

dinheiro — diz como se contasse uma fofoca boba sobre celebridades, e isso me afeta.

Finalmente tudo faz sentido em minha cabeça, todo o clima de velório de Oliveira, a caixa nas mãos do Ulrich.

Mas eu sei que não é possível, Anthony Ulrich não pode ser simplesmente um criminoso.

O chão some sob meus pés.



ANTHONY

É muito estranho estar em meu apartamento antes de meio-dia.

Estou acostumado a passar todas as horas do meu dia naquele escritório amplo e asséptico. Com a falta de equilíbrio de Oliveira escorregando pelos corredores e até com as manchas de café que algumas das minhas camisas brancas adquiriram por causa dela. Assim como com a rotina corrida e as viagens de última hora.

A última vez que tirei férias de verdade tinha uns cinco anos.

Mas era minha vida...

Negociar com chineses, americanos, noruegueses, brasileiros, espanhóis...

Eu já tive reuniões com todo tipo de gente e, como já disse, era minha vida.

Isso está realmente acontecendo?

Sempre me preveni para evitar esse tipo de acusação, mantendo a maior transparência possível em minhas transações. Ainda assim, estou sendo acusado de ser conivente com criminosos, permitindo a lavagem de dinheiro em meu banco e obtendo parte desse dinheiro pela minha colaboração.

Há também uma investigação em curso que busca provar minha relação com o assalto ocorrido. O que é um completo ultraje, afinal, antes de mim, era possível ver pelos arquivos que muitas transações duvidosas haviam sido realizadas, inclusive por pessoas que aparentavam ser de confiança.

Demiti aquelas pessoas e coloquei o USB de volta nos trilhos.

Em minha gestão crescemos mais do que nunca e tudo isso sob a luz da justiça, sem precisar recorrer aos meios escusos que tantos utilizam.

Isso é definitivamente um ultraje.

Sei que logo a informação será divulgada pela imprensa marrom.

Daniel May se adiantando, produziu uma nota, que me mostrou, para quando o caso saísse na mídia. A nota diz que o banco está disposto a

cooperar com quaisquer eventuais investigações e que o CEO Anthony Florian Ulrich, para maior imparcialidade, ficará afastado do cargo durante o período. Que esperam que fique provado o mais breve possível que tudo não passa de um problema de ambiguidade. Outra parte me descreve como um ótimo diretor executivo para o banco, sempre buscando soluções e guiando a empresa para patamares mais altos.

Olivia Roberts já falou comigo por videochamada, ela é a líder da equipe de advogados do banco. A defesa deles consistem na obtenção de todo tipo de documentação possível para que as inconsistências sejam esclarecidas. Eu já pedi para que Oliveira providenciasse relatórios e extratos das minhas movimentações pessoais e enviasse para ela. Roberts disse que iriam adiar ao máximo qualquer tipo de audiência, porque poderá trazer uma atenção indesejada para o banco e polêmica é tudo o que eles não querem.

No primeiro momento confesso que senti raiva, mas não o suficiente para me descontrolar, afinal agir com frieza é uma das minhas maiores qualidades. Pensar de maneira racional com toda certeza ajudará a resolver a situação desagradável o mais rápido possível.

Estranhamente foi o momento importante para reatar antigos laços, como com meu amigo Sebastian Thomson, diretor geral do banco. Quando

soube do acontecido através de Daniel May fez questão de dizer o quanto meu trabalho era de confiança e o quão dedicado era para o banco.

Sebastian e eu éramos muito próximos quando jovens, ele é um dos meus primos por parte de pai e temos algumas coisas em comum, como a infidelidade de nossos genitores. Pelo menos ele tem a vantagem de não ser um bastardo, ou seja, sua existência e presença nunca foi questionada por ninguém.

— Sei que não faria esse tipo de coisa, Anthony — disse enquanto conversávamos apoiados no batente da janela do meu escritório. — Nem sequer precisa desse tipo de jogada ilegal para aumentar seus ganhos. — Riu enquanto fumava um cigarro e estendia a mão pela janela com todo cuidado para não ativar o sistema anti-incêndio do prédio. — Isso é uma merda, meu irmão — completou de maneira afetuosa e suspirei. — Com certeza isso é fruto da estupidez de um dos nossos funcionários que cuidam da legalidade dos nossos depósitos. Deixaram passar algum dinheiro que não deveria estar aqui. Estamos analisando os dados recolhidos pelo tribunal e montando nosso contragolpe. — Sorriu com seus dentes amarelados, provavelmente pelo cigarro, dando tapinhas em meu ombro.

— Eu sei, não tenho medo de ser processado, mas não gosto da ideia de ser acusado injustamente — disse com calma.

— Vamos sair dessa — ele repetiu.

— Acredito que isso pode ser esclarecido, mas acho que nosso querido presidente pode utilizar essa coisa toda para tentar me afastar de vez do cargo.

— Não se preocupe com relação a isso. O May é completamente antipático, uma antipatia que beira a falta de educação. Mas em compensação é muito honesto. Ele não tentaria te tirar do cargo de maneira injusta.

— Isso é verdade. Apesar de ser como um irmão para o Ulrich pai, ele nunca foi desonesto comigo. Na verdade, nem sei como ele e meu genitor conseguem ter um bom relacionamento, afinal você sabe... Esse é o Ulrich mais desonesto da história — disse com sinceridade e Sebastian sorriu com minha acidez.

— Seu pai é... Digamos... Um mulherengo.

Rolei os olhos com a constatação óbvia.

— Mas sempre foi bastante dedicado aos negócios.

— Ser dedicado aos negócios sempre garantiu que haveria mais mulheres esquentando sua cama — conclui com sarcasmo.

Sebastian riu efusivamente e apagou o cigarro.

— Por um momento tinha esquecido desse seu senso de humor seco, ácido, sarcástico. Fico feliz que voltamos a conversar, a despeito da situação crítica.

Confesso que foi estranho ter aquela conversa tão próxima e amigável com Sebastian mais cedo. Por causa da implicância do presidente, que dizia que nossa proximidade atrapalhava nosso desempenho profissional, acabamos gradativamente parando de nos comunicar.

Mas naquele momento era como se tivéssemos voltados aos velhos tempos e sou grato por isso de alguma forma.

Sento no sofá da sala do meu confortável apartamento, pela primeira vez desde que me mudei, e constato que é macio. Retiro os sapatos com os próprios pés e me deito com os braços sob a cabeça, tendo como vista apenas o lustre moderno acima de mim.

Isso é muito esquisito.

O ócio nunca fez parte da minha rotina e agora percebo o motivo, quando estou ocioso começo a pensar sobre coisas que não são relacionadas ao trabalho, como meu avô.

Meu cérebro reconstituí toda minha infância.

Vivíamos em um pequeno sítio muito simples que foi comprado pelo Ulrich para calar minha mãe sobre minha existência.

Apesar de simples a casa era aconchegante e ficava a apenas uma hora da parte central de Londres.

Cresci correndo pelos campos e subindo em árvores.

Meu avô depois de ser obrigado a sair do trabalho na casa dos Ulrich começou a ganhar dinheiro vendendo morangos de sua pequena plantação. Minha mãe o ajudava e chegamos a ter até mesmo alguns funcionários que ajudavam com o trabalho pesado.

Tenho orgulho de dizer que nunca dependi do Ulrich em minha vida, pois meu avô e minha mãe sempre trabalharam muito para cuidar de mim.

Meu avô tinha o dedo verde e minha mãe tino para os negócios.

Não era um trabalho nada fácil, lembro de colher morangos quando tinha apenas oito anos. É óbvio que comia muito mais do que recolhia, mas ainda assim gostava de me sentir útil.

O serviço começava por volta das sete horas, só não começava antes porque a luz do dia em nossa região nunca colaborou, então a claridade só era suficiente nesse horário.

Minha mãe e meu avô adoravam trabalhar ao ar livre, ter contato com a natureza, sujar as mãos de terra. Ela dizia que nunca havia sido tão feliz em sua vida e que aquele era o melhor trabalho de todos.

Eu também gostava muito...

Enquanto penso naquelas memórias tenho a consciência de que mal lembrava do toque das folhas e da aspereza dos frutos vermelhos.

Recordo das diversas vezes que minha mãe ralhava comigo para ter mais delicadeza.

“Isso é um morango, não uma pedra, tem que ter cuidado para não machucar a fruta."

Escutava essa frase dela até que me tornei um expert na colheita e sabia bastante coisa sobre o plantio, embora estivesse esquecendo.

É triste me dar conta de que não sei mais quase nada sobre o trabalho tão honesto que manteve o sustento da minha família por tantos anos.

De forma alguma aquele trabalho era menos valoroso do que o que qualquer um realizava no USB.

Não é porque agora movimentava quantias exorbitantes que o trabalho da minha família tinha perdido o valor.

Lembro que minha mãe e meu avô passavam os dias conversando com as pessoas que contratavam para ajudar na colheita. Eles conheciam pessoas da Europa Oriental que vinham em busca de emprego.

Eu mesmo conheci muitas pessoas boas, ótimos trabalhadores, incansáveis e honestos.

Meu avô tinha toda a paciência do mundo e me ensinava tudo sobre plantas. Quando não estava dedicado aos morangos estava construindo estufas experimentais para todo tipo de flores e vegetais. O que mais me impressionava era ver aqueles frutos crescendo a partir de minúsculas sementes.

Eu mesmo iniciei uma pequena horta com a ajuda do incansável Oscar.

Nossa vida era muito simples e feliz.

Pelo terreno havia diversas árvores frutíferas, costumava me sentar sob as laranjeiras e passar diversas horas lendo.

Minha mãe contava sobre suas aventuras, que viajou muitas vezes a trabalho e passado por diversas situações difíceis que nos faziam rir depois do jantar.

Lembro que quando era bem pequeno, meu avô costumava me contar muitas histórias também. Ele foi pescador antes de se dedicar a jardinagem.

Suas histórias incluíam peixes gigantes e até mesmo sereias. Acreditava em tudo o que ele contava e achava impressionante.

Revisitar esses momentos traz um sorriso ao meu rosto, um sorriso verdadeiro.

Sinto uma leve culpa pela forma que falei com ele no hospital, não fui grosseiro, mas fui frio e distante como sempre, afinal é a única forma que sei

me portar ultimamente.

A armadura social e afetiva é muito importante para conseguir alcançar meus objetivos e não deixar que nada no mundo me pare.

Mas agora estou sozinho, sem meus sapatos sociais, despido do meu paletó e até mesmo da minha moral e pensar nisso me faz sentir o aço dela queimando minha pele.

Tentar ser flexível é algo que me custa muito e assumir fraquezas é praticamente impossível.

A imagem de uma jovem surge na mente, exatamente no instante em que pensei no termo “fraqueza”.

Lembro do primeiro dia que a vi, o perfume simples que chamou minha atenção e ela nem sequer olhou para mim. O que foi bom, pois, talvez, se ela olhasse, não conseguisse manter minha postura tão severa.

Ela é doce, mas nunca deixa de falar o que pensa. É como se ela fosse incapaz de não ser sincera e essa ingenuidade traz um sorriso involuntário aos meus lábios.

A jovem também tinha dificuldade em dizer não de primeira, afinal aceitou ficar com meu cartão de crédito, mas depois devolveu e parecia até ofendida com o fato de eu ter deixado com ela.

E aquele telefonema?

Ela estava claramente bêbada e até isso parecia um tanto engraçado.

Foi em mim que ela pensou quando estava fora de sua sobriedade.

Talvez, a intrigue da mesma forma que ela me intriga.

Se eu fosse um homem normal simplesmente ligaria para ela, então a convidaria para um jantar no melhor restaurante de todos. Isso não significa que seria o mais caro, porque custo nunca representou qualidade.

Ela chegaria linda, de um jeito simples, como sempre, talvez até tentasse se maquiar um pouco e usasse sua melhor roupa. Conversaríamos de maneira leve e contaríamos situações engraçadas de nossas vidas. Compartilharíamos coisas sobre nossos dias, sonhos e problemas.

Admiraria sua pele cor de canela e seus olhos escuros como carvão. Seu cabelo estaria solto de maneira ferina e seus lábios macios sorririam das minhas piadas bobas.

Depois de agradar seu estômago, a surpreenderia com minha moto nos esperando do lado de fora. Pediria para que um motorista levasse meu carro para casa e iríamos de maneira aventureira até a mais bela praia possível, talvez Brighton.

Ela riria e diria que sou louco, mas concordaria com a ideia. Depois de umas duas horas estaríamos lá, descalços e sentindo a areia tenra sob nossos pés através da escuridão.

Quando ela sentisse frio demais, a abraçaria e colocaria meu casaco sobre seus ombros. Ela olharia em meus olhos com ternura enquanto perderíamos a noção de tempo e espaço, e a natureza comporia a canção mais bela possível...

Sacudo a cabeça e me sento no sofá.

Esses pensamentos são para garotos.

O que aquela mulher faz com meu cérebro é completamente covarde e eu nem tenho tempo para...

Eu me recuso a terminar o pensamento, mas sei o que eu estava fazendo.

Estava *fantasiando*.

Um arrepio percorre meu corpo com a ideia patética e a vergonha me toma.

Sigo em direção a cozinha e pego a xícara que coloquei sob o dispositivo da máquina de café expresso.

Não sou um homem normal e decidi trilhar meu caminho sozinho por conveniência.

Não consigo imaginar uma casa grande com crianças parecidas comigo, correndo pela casa ou ser referência de alguma pobre criança.

Não quero ser como o homem que é meu progenitor, uma completa decepção.

Sei que é uma grande responsabilidade trazer outros seres humanos para esse mundo cheio de tristezas e pessoas cruéis.

Não quero ser o culpado por nenhuma existência sem rumo neste planeta.

Cansado do excesso de reflexões, respiro fundo e decido me distrair um pouco. Exercícios físicos fazem com que nossos pensamentos fiquem mais claros.

Coloco meu moletom e saio para uma longa corrida.

É estranho me exercitar neste horário, as ruas estão cheias e as pessoas correm de um lado para o outro voltando de seus almoços para o trabalho.

Apenas sigo com os fones de ouvido, enquanto As Quatro Estações de Vivaldi embalam meus passos.

O outono está terminando, não só a música, mas a estação realmente. O inverno dá seus sinais e o frio já começa a expor seu rosto sombrio.

As folhas se movem sobre minha cabeça no Hyde Park.

É maravilhoso sentir o cheiro da natureza mesmo que em meio a movimentada Londres. Turistas passeiam para todos os lados, os

restaurantes estão cheios, mas só consigo focar em como é incrível admirar todo aquele verde.

Ultrapasso outros corredores e sou ultrapassado por mais alguns.

Corro na minha velocidade e a adrenalina ajuda a espantar quaisquer pensamentos desagradáveis que possam me assaltar.

Tudo que o que penso é no meu próximo passo.

Após suar bastante e estar cansado, finalmente termino a corrida e me sento em um dos bancos para respirar.

Estou revigorado e muito mais confiante.

Bebo toda a água que restou e me sinto um novo homem.

Não estou com pressa, pela primeira vez em anos *não tenho pressa*.

Talvez isso tudo seja a oportunidade perfeita para desacelerar o ritmo.

Posso conversar com Daniel May e Sebastian sobre tirar umas férias, quem sabe?

Talvez, leve meu avô para viajar, podemos ir para uma fazenda do Reino Unido e relembrar minha infância colhendo frutos diversos.

Talvez o jantar que imaginei convidar Lauriana possa realmente acontecer.

Talvez possa pensar em outras coisas além do trabalho.

Enquanto penso nessas coisas sou surpreendido pelo toque do meu celular. Por algumas horas tinha esquecido da existência do aparelho.

É a líder da equipe dos advogados, Olivia Roberts, com um tom de preocupação. Ela diz, em palavras simples, que o tribunal insiste em continuar com a investigação alegando que, sob minha supervisão,quantias enormes de dinheiro sujohavia passado pelo banco.

Suspiro impaciente.

Meus devaneios de uma vida tranquila precisam ser deixados de lado por enquanto.

— Tudo bem? O que posso fazer com relação a isso? — questiono friamente.

— Nada. Apenas deixa que sigamos com a busca da documentação e testemunhas necessárias para reverter a situação. Continue cooperando deixando suas documentações ao nosso dispor.

— Precisam do meu computador de uso pessoal também? — pergunto de maneira direta.

— Por enquanto não. Vamos seguir tentando evitar alguma medida mais drástica. O senhor pode ficar despreocupado. Entraremos em contato em breve.

— Gostaria de saber mais sobre essa acusação e qualquer prova que possa existir contra mim.

— Na realidade, ainda não existem provas concretas, apenas acusações baseadas em transações do banco que foram ligadas a crimes. É assim que se direciona uma investigação de lavagem de dinheiro, tentamos descobrir de onde esse dinheiro veio e quem ajudou na lavagem. Nesse caso, o senhor é acusado de facilitar e se beneficiar disso por estar no cargo de diretor executivo. Vamos manter contato, senhor Ulrich. Agradeço por sua compreensão e colaboração.

— Disponha. Aguardo seu retorno — digo com impaciência.

Eles nem sequer têm provas, mas ainda assim estou sendo acusado de cometer um crime. Fui afastado do cargo para manter a “imparcialidade” e me sinto de mãos atadas.

Sei que a equipe jurídica do banco só irá até onde Daniel May determinar. E o ressentimento que ele nutre por minha pessoa, pode muito bem fazer com que facilmente abra mão de me defender de qualquer coisa. Por isso, começo a pensar como farei para encontrar uma maneira de provar que jamais cometi um crime sequer dentro daquele banco.

Ligo imediatamente para Oliveira que fica feliz de saber notícias e peço para que ela observe atentamente qualquer movimentação estranha

dentro do prédio. E que enviasse as documentações relacionadas às movimentações do banco que tiver acesso para mim. O que sei que não é muito, afinal ela só tem acesso ao que é relacionado aos meus tratos, mas qualquer coisa será de ajuda.

Em seguida respiro com tranquilidade e decido que só poderei pedir conselhos sobre como continuar para a única pessoa que se importa verdadeiramente comigo, meu avô, Oscar.



LAURIANA

Meu coração fica partido ao ouvir as palavras de Jack.

Claramente ele não vê nossos superiores como seres humanos, mas como se fossem apenas figuras célebres, distantes demais para dispor de algum sentimento.

Porém, sei que não é bem assim.

É claro que a pose impassível do senhor Ulrich esconde uma pessoa com emoções, gostos e personalidade.

— Quem disse isso? Tem certeza? — questiono abismada, o garoto que me olha espantado.

— É claro que tenho certeza! Ouvi a própria Georgia comentando — sussurra olhando para os lados. — E o que isso importa afinal? Não altera em nada nossa vida. A única coisa que me preocupa é o fato do banco talvez ter que parar de funcionar de novo por causa dessa acusação.

— Será que vamos ficar sem emprego? — Zoe diz desesperada, colocando os dedos adornados por unhas enormes e coloridas sobre a boca em sinal de choque.

— Não, isso deve ser só fofoca, eu vi o senhor Ulrich e...

— Ah claro, a defensora do chefinho — Emily diz de maneira ácida.

— O quê? — digo sentindo meu rosto enrubescer. — Não, eu...

— Vocês esqueceram que a senhorita Sommers saiu com o chefe no dia do assalto? — Emily diz e parece conter um fundo de raiva em sua voz.

Ela passa seus dias falando mal de Anthony Ulrich desde que ele negou sua investida no dia de nossa apresentação.

— Talvez tenham virado amigos. — Deixa as palavras saírem em um tom debochado enquanto desliza um dedo sobre meus ombros.

Sinto que toca em uma parte do tecido da camisa perto da minha nuca.

— Dolce&Gabbana... — diz puxando a etiqueta e me encolho. — Acho que alguém está sabendo muito bem como usar o salário, porque com o

meu não dá pra comprar peças de grife — completa em tom sarcástico simulando tristeza.

Meu coração está acelerado e não sei o que fazer.

O perfume doce de Emily invade minhas narinas e estou completamente desnorteada. Os outros me olham com curiosidade, como se eu fosse a celebridade da vez.

— Chega, Emily! Vai fazer a garota desmaiar.

Victoria que está sempre em silêncio e parece achar todos entediantes demais para ter uma conversa com mais de duas palavras, me defende. Ela se aproxima, segura meus ombros e seus olhos cor de esmeralda fitam os meus.

— Tá tudo bem com você?

— E-eu... Acho que eu vou vomitar — digo antes de me virar.

Não bebi nada hoje, mas me sinto enjoada como se tivesse tomado uma garrafa de vinho da senhora Parker inteira.

Meu estômago se revira como se uma enguia elétrica nadasse em minha barriga mais uma vez.

Vou direto para o banheiro da nossa sala de convivência. Lavo o rosto com água abundante enquanto Jack bate à porta e pergunta se estou passando mal.

Ainda consigo ouvir uma discussão entre eles.

Jack acusa Emily de ser insuportável e desnecessária enquanto ela rebate as palavras dizendo que estava só fazendo uma brincadeira e que sou sensível demais.

Quando consigo sair, um pouco recuperada, Emily já tinha saído. Então me sento e Jack me traz um copo d'água.

— Você me perdoa, amiga? Não deveria ter começado o assunto — diz enquanto rói as unhas.

— Não é sua culpa. A Emily é muito maldosa — comento sem remorsos, afinal não é mentira.

— Sabe que ela queria dar pro Ulrich, ela e metade do país. Ela foi simplesmente ignorada e não consegue seguir em frente — Victoria comenta e é a primeira vez que fala de fato conosco.

Talvez estivesse errada por ter pensado que ela era igual às meninas que nasceram em um bom berço.

— Você acha que foi isso?

— É claro! — Jack anui. — É verdade! Ela disse que o Ulrich estava dando em cima dela no dia da apresentação, mas, na verdade, era ela quem estava se jogando em cima dele. — Solta uma gargalhada. — Impressionante, que cadela!

— Está tudo bem, vamos deixar isso *pra* lá, não é verdade? Não faz sentido ficar remoendo esse assunto.

— Concordo — Zoe diz prontamente. — Mas, amiga, sem querer ser invasiva ou coisa do tipo... Essa blusa é mesmo Dolce&Gabbana? — questiona curiosa com sua voz doce.

A água que bebo toma o caminho errado em meu corpo, fazendo com que me engasgue. Minha garganta arranha enquanto tusso para me recuperar.

— É falsificação — cuspo as palavras em um tom baixo, totalmente envergonhada e desconfortável. Não sei mentir.

— Jura? — Jack diz abismado. — Meu Deus! O acabamento é per-fei-to. — Para de repente de falar e me olha. — Onde?

Olho para ele com a sobrancelha erguida sem entender.

— Onde você comprou! — diz em desespero.

— Ah, uma senhora que era amiga da minha mãe é que faz, sabe... Ela é ótima.

— Nossa, até a etiqueta é perfeita — Zoe se admira enquanto toca o pedaço de tecido e tento controlar o nervosismo.

— Foi ótimo conversar com vocês e agradeço a ajuda, acho que eu tive uma queda de pressão — digo sem graça e me levanto. — Agora, tenho

mil coisas para fazer. Acho que senhorita May me aguarda na sala dela. Mil beijinhos, até logo — digo enquanto ando de costas e aceno.

Logo dou as costas para eles e saio quase correndo da sala.

"Essa foi por pouco."

A ideia de que meus colegas descubram que tive algum tipo de contato mais amigável com o senhor Ulrich me deixa apavorada. Não gostaria que ele achasse que tinha criado fofocas para me vangloriar para meus outros colegas.

Jamais farei algo do tipo!

Já do lado de fora, minhas pernas tremem, mas estou mais calma.

Os pensamentos ainda se desenrolam sem minha permissão dentro da cabeça e o exército de ponderação batalha pela minha atenção.

Não consigo acreditar que o senhor Ulrich está sendo acusado de algo.

Em algum lugar, dentro de mim, tenho certeza de que o que dizem não é verdade, mas meus sentimentos não são prova de nada e não serei de ajuda para acabar com a situação tão danosa.

Quero ligar novamente para ele...

Não para o senhor Ulrich, que conheço na empresa e que estava sempre com o rosto fechado e tinha fama de fazer os funcionários chorarem.

Mas para Anthony, o homem que foi tão gentil comigo, me ofereceu seu casaco e me comprou um presente.

Esse homem atendeu a um telefonema meu com toda a desafetação e gastou seu tempo conversando comigo.

Com toda certeza ele estava muito preocupado quando nos encontramos no elevador, mas não demonstrou em nenhum momento, pelo contrário, foi simpático.

Anthony Ulrich não é aquela capa que as pessoas vêm, nem é o que as pessoas imaginam.

Sob aqueles olhos frios há muito mais, aquele porte de apatia é só a ponta do *iceberg*. Ele tem muito mais a oferecer e talvez nem mesmo tenha percebido isso.

Gasto todo o meu dia de trabalho pensando sobre tudo que havia acontecido, desde o assalto até a inesperada aproximação com o senhor Ulrich.

Pelo menos em minha cabeça acho que aquelas coisas não podem ser simples acaso.

Primeiro, fiz amizade com um senhorzinho muito simpático e logo em seguida descobri que seu neto é a pessoa mais poderosa do meu trabalho.

Isso deve ser obra do destino e o destino tem um senso de humor um tanto cruel.

Quando termino meu turno, sou convidada por meus colegas para ir a um bar, mas reclino o pedido, afinal estou cansada e fingir ser uma pessoa sociável será ainda mais cansativo para mim.

Quando saio, decido ir até à casa do senhor Oscar e saber como ele está se sentindo.

Ele me passou seu endereço e não é tão longe daqui.

O senhor Oscar me disse que passou boa parte da vida em um sítio onde tinha uma pequena, mas ótima, plantação de morangos.

Mas, agora, precisa se contentar com uma casa com um pequeno quintal.

Felizmente ele ainda planta morangos, embora em uma escala menor.

Logo o motorista particular que chamei por um aplicativo me deixa próximo à moradia do senhorzinho e me dirijo para o local sem pensar duas vezes.

Toco a campainha e ele me atende com bastante agilidade.

— Lauri! Eu sabia que viria.

— Eu disse que visitaria o senhor o quanto antes — digo com alegria.

— Entre, entre... Ainda é tempo para tomar um chá.

— Sempre é tempo para tomar um chá. — Sorrio enquanto tiro os sapatos para não sujar o carpete.

— Sabe de uma coisa estranha? Meu neto, ele prefere café — diz sacudindo a cabeça em desgosto e rio com sua expressão.

— Cada um com seu gosto. — Dou de ombros e ele concorda.

— Vamos para a cozinha que vou esquentar a água — diz se apressando.

A casa tem o estilo um pouco antigo, o que torna o lugar ainda mais acolhedor.

A cozinha não é muito grande, mas é aconchegante. Tem um jogo de armários modulados de peroba rosa pendurados na parede. Em cima do balcão há cestos repletos de legumes e frutas. Em um canto há um vaso com flores frescas que dá um charme a mais para a decoração rústica.

O senhor Oscar fecha as janelas do cômodo, pois a brisa fria de fim de outono começa a se tornar incômoda. Coloca a chaleira para esquentar água e nos sentamos ao redor da mesa, que também é de madeira, para conversar.

— Como o senhor tem se sentido desde que saiu do hospital? — pergunto interessada.

— Forte como um cavalo, nunca me senti tão bem. Nada como levar um susto da morte para se sentir vivo. — Sorri. — E não se preocupe, tenho seguido o conselho do médico. No dia seguinte já estava fazendo caminhadas, tenho dado voltas e voltas no parque. Conheci até algumas senhorinhas charmosas — comenta galante e não posso suprimir uma risada. — Minha falecida Adele que me perdoe — completa matreiro. — Mas no final das contas minhas melhores amigas são as plantas e a música.

— Fico feliz em ouvir isso e saber que no próximo mês o senhor estará indo me ver no banco como sempre. — Sinto um peso na alma ao lembrar tudo que aconteceu e o quanto o clima dentro do banco mudou.

— É claro, estarei lá como sempre. Se dependesse do meu neto teria uma pessoa fazendo tudo por mim, talvez até estivesse em um asilo. Mas não quero. Posso muito bem viver sozinho e quando não puder mais serei o primeiro a tomar alguma atitude.

— Eu concordo, acredito que o senhor sabe se virar muito bem.

O som alto da chaleira atrapalha a conversa e ele se levanta imediatamente.

O chiado é ensurdecedor.

O senhor Oscar prepara nossos chás e traz para a mesa que está arrumada. Serve uns deliciosos sanduíches de frango com maionese que não

posso resistir.

— É uma delícia, Oscar, muito obrigada — comento enquanto me delicio com a refeição.

— Eu é que agradeço por essa visita tão maravilhosa. Aprendi a fazer diversos tipos de recheio para sanduíche com minha finada senhora e com minha filha, que Deus a tenha.

— Não comentou muito sobre sua filha — digo, mas em seguida me arrependo com medo de ter sido indelicada.

Antes que comece a pedir desculpas, ele responde com afetuosidade.

— Ah, minha filha era um anjo na Terra... Um pouquinho ingênua, mas forte. Muito forte em todos os sentidos. Ela tinha força para suportar qualquer situação difícil e os braços fortes para carregar até uma saca de café, caso necessário. — Sorri. — Por mais que as aparências de vocês sejam opostas, seu jeito me lembra muito o dela. Ela não tinha medo de falar o que pensava, até mesmo com as pessoas que se consideravam superiores. Ela tinha sangue nas veias, mas seu coração era tão bom, tão bom, que às vezes confiava em quem não merecia.

Observo seu rosto que parece perdido em memórias, algumas bonitas, outras cheias de tristeza.

— Quando nem sequer pensou antes de tomar uma atitude para me salvar, só lembrei do rosto dela. Minha filha estava na minha mente, como se tivesse te enviado para me ajudar. Logo em seguida o Anthony apareceu e tive certeza disso. Pretendo em breve fazer uma visita ao túmulo dela, deixar flores e conversar um pouco. Sou um homem de fé, apesar de tudo, e isso me faz bem.

— Caso o senhor queira, posso o acompanhar — digo com brandura e ele me olha como se me esquadrinhasse enquanto em seu rosto há comoção.

— Significaria muito para mim, querida Lauri.

Ao final da frase ouvimos um barulho e uma voz que chama pelo nome de Oscar.

Nos olhamos de maneira um tanto confusa.

O senhor Oscar se levanta e some após passar pelo batente da porta que dá para o corredor.

Continuo tomando meu chá de maneira tranquila, talvez seja apenas alguma entrega.

Logo ouço passos e quando o senhorzinho volta está acompanhado por uma figura alta e bem desenhada.

Sim, é **ele**.

E mais uma vez o destino nos coloca frente a frente. Desta vez mais rápido do que imaginava.

— Anthony — cumprimento enquanto meu coração perde uma batida.

— Lauri — responde e por um momento, em seu olhar, parece que está contente em me ver.

— Agora nossa reunião está completa! — o senhor Oscar diz com animação, puxando o neto para a cozinha e fazendo com que ele se sente entre nós, ao redor da superfície de madeira lustrosa. — A que devo a honra de uma visita como essa?

— Sou seu neto — Anthony diz como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

Oscar continua olhando para ele desconfiado.

O homem dá de ombros e continua:

— Bom, aconteceu uma coisa e talvez o conselho do homem mais sábio que conheço possa me ajudar. Quase vim aqui mais cedo, mas estava um pouco relutante, confesso. Não queria ser motivo de preocupação.

— Eu sabia — Oscar diz com naturalidade. — Percebi que algo não estava certo.

Infelizmente sei do que se trata e agora tenho certeza de que os boatos podem ser uma realidade.

Limpo os lábios com um guardanapo e arrasto a cadeira me preparando para levantar-se.

— Agradeço o chá, senhor Oscar, mas preciso ir.

— Não — Ulrich diz com uma prontidão que não esperava. — Por favor, fique. Meu avô gosta muito da sua companhia.

— Acredito que agora devam tratar de assuntos de família. — Sorrio com compreensão.

— Pode ouvir qualquer coisa que eu diga, é de confiança — Anthony diz resoluto e suas palavras enchem meu peito de orgulho.

— Pois bem, apenas conte o que está acontecendo — o senhor pede impaciente enquanto serve chá para o neto.

— É um problema no banco...

— Ah, esse banco! Sempre disse que aquilo ali não era para você. Não que não seja capaz, porque é, mas lá é um ninho de cobras — ralha irritado.

— Vovô, por favor.

— Tudo bem, prossiga.

— Um tribunal está me acusando de facilitar e participar da lavagem de dinheiro oriundo de crimes gravíssimos. A realidade é que jamais faria

isso e temo que alguém esteja tentando me incriminar. Talvez para encobrir os próprios crimes, ou simplesmente para se livrar de mim. Estou um pouco confuso sobre como prosseguir, parece que a equipe de advogados do banco também não quer que eu saiba de muita coisa. Isso me preocupa de certa maneira. Enfim, sei que vou resolver essa questão, como sempre resolvo tudo que é necessário. Mas agora as coisas não estão muito claras — diz com uma dicção invejável de quem está acostumado a discursar na frente de milhares de pessoas.

— Se a sua consciência está tranquila e sabe que não cometeu erro algum, só nos resta procurar maneiras de provar isso. Algo que não será difícil, afinal sempre foi um garoto muito correto — o senhor Oscar diz enquanto dá tapinhas afetuosos no rosto do neto.

— O senhor está certo, vou dar um jeito. Foi bom ter contado isso, me sinto mais tranquilo porque a única pessoa que me importa não será informada dessa situação através de periódicos sensacionalistas... Falar demais sobre isso também não vai me ajudar — diz um pouco cabisbaixo, mas em seguida continua: — Como o senhor está de saúde? — Muda completamente o assunto.

— Ótimo é pouco — o avô responde entendendo que o melhor é mudar o rumo da conversa. — Melhor ainda agora. Como tenho visitas, faço questão de convidá-los para o jantar.

— Mas nem tomei o chá ainda — Ulrich protesta, mas acaba por aceitar o convite.

— Não importa! Assistimos ao noticiário juntos, cozinho e conversamos mais um pouco. Não negariam o pedido de um velho com o pé na cova, não é mesmo? — diz de maneira manipuladora e ambos sorrimos timidamente.

Eu me sinto como uma criança quando somos “expulsos” para a sala, pois o senhor Thaylor irá preparar nosso jantar.

Um lustre suntuoso pende sobre nós e a luz que ele emite é suave.

A sala de estar do senhor Oscar é cheia de móveis de madeira com porta-retratos de família espalhados. Em uma das fotos, uma mulher de cabelo louro e um sorriso enorme segura uma enxada em uma mão e um bebê no braço.

Sorrio ao observar a imagem.

— É sua mãe? — pergunto olhando sobre o ombro para o Ulrich que está parado escaneando o ambiente.

Olho novamente para o retrato e ouço passos. Um calor agradável irradia e sei que ele está agora atrás de mim. Ele é tão alto que seu braço passa ao meu lado e segura o objeto.

Estremeço com a proximidade enquanto aspiro seu perfume.

Rapidamente me movo e me coloco ao seu lado que olha para a fotografia com um sorriso suave.

— Uma mulher muito corajosa — diz e coloca a foto novamente sobre o móvel.

Em seguida, ele se direciona para o confortável sofá de couro e o acompanho. A TV está ligada e no noticiário o assunto é...

Claro que o Ulrich Bank.

Fala sobre a desconfiança da polícia de envolvimento interno no assalto e de lavagem de quase um milhão de libras. Ulrich parece estressado, suspira, pega o controle e desliga o aparelho.

— Minha mãe sempre dizia que a televisão empobrece o espírito — complementa bem-humorado e sorrio levemente.

É estranho ver Anthony Ulrich tão à vontade, estar longe do trabalho dá uma aparência mais jovial para ele e com roupas normais parece mais acessível, embora tão bonito quanto antes.

— Venha comigo, vou te mostrar uma coisa. — Segura minha mão entre seus dedos e simplesmente esqueço como se respira.

Ele percebe que travo, pois, mira meus olhos com suas esferas vítreas e cintilantes. Fico absorvida por seu olhar tão profundo, como se pudesse mergulhar na lagoa azulada por um momento. Sua mão ainda comprime a

minha e me deixo levar quando toca meu rosto, afastando uma mecha de cabelo que teima em cair e colocando-a atrás da minha orelha.

Fico paralisada quando percebo que ele aproxima seu rosto do meu. Decido apenas deixar acontecer enquanto o calor de nossas respirações descompassadas se misturam e estamos perigosamente próximos.



ANTHONY

É um gesto completamente imprudente e involuntário, mas estávamos na sala de estar do meu avô, tão próximos que qualquer um poderia sentir as faíscas.

Os lindos lábios de Lauri pedem para ser beijados e merecem essa atenção especial.

É tudo que desejo enquanto a encaro.

Meu corpo responde de maneira desagradável, acelerando os batimentos de um coração que nem sequer lembrava possuir.

Quando em um sobressalto ouvimos um barulho terrível, um tilintar metálico da queda de alguma coisa e automaticamente nos afastamos em um

pulo.

Vou em direção ao som, para ver o que aconteceu e me apartar da situação constrangedora.

Encontro meu avô que ri e explica que o som é de alguns gatos que insistem em correr pelos telhados e bagunçar as coisas no quintal. Fico mais tranquilo e de novo vou ao encontro de Lauri.

Ela está muito mais tímida do que o normal e tenho medo de ter estragado tudo.

Mas a convido para sair comigo da casa para mostrar a parte externa a ela.

— É isso que quero que veja — digo apontando para a pequena plantação de morangos do meu avô. — Já tivemos um sítio com uma plantação de morangos muito maior do que essa. Havia hortaliças, muitas árvores, até mesmo chegamos a contratar pessoas para ajudar na colheita. Era impressionante, mas essa daqui também é bastante aprazível.

— "Aprazível" — repete enquanto solta uma risada bem-humorada. — Quem usa esse termo? — Encara meus olhos.

Essa espontaneidade me encanta, é como se ela não precisasse forçar nada. Seu jeito doce é orgânico, mas às vezes é sarcástica e isso é adorável.

Permito que um riso baixo soe em minha garganta.

— Peço desculpas se meu vocabulário é sofisticado demais para uma garotinha como você — digo entrando na brincadeira.

— Vamos lá, não é tão mais velho assim... Talvez em espírito?

Ambos rimos e fico contente pelo fato de não a ter deixado incomodada pela cena na sala, já que ela se mostra bastante à vontade.

— Eu diria que o suficiente. — Levanto uma sobrancelha. — Vamos, tem mais coisas por aqui. Cuidado, o quintal está cheio de lama das últimas chuvas. — Seguro uma de suas mãos para ajudá-la a ultrapassar os pequenos obstáculos no lugar, como alguns troncos e pedaços de madeira espalhados por ali.

Quando chegamos aos fundos, encontramos um enorme carvalho e um dos galhos sustenta um balanço.

— Esse lugar é incrível, um ótimo espaço para uma casa em Londres. Deve custar uma fortuna.

— Uma fortuna, você está certa. Lugares pequenos aqui custam pequenas fortunas, lugares maiores custam grandes fortunas. Foi uma das primeiras coisas que fiz quando consegui fazer dinheiro. Mas o investimento é válido, afinal precisava que meu avô ficasse por perto. Por mais que ele não assuma, está ficando idoso e precisa de acompanhamento.

— Ele é um tanto orgulhoso e valoriza sua independência — diz de maneira leve e assinto com a cabeça.

— A única pessoa que podia com ele era minha mãe. Ela era firme e fazia com que ele se cuidasse melhor. Agora, não existe um ser humano neste mundo que consiga fazer com que o senhor Oscar mude de ideia com relação a qualquer coisa.

— Acho que por enquanto ele consegue realmente se cuidar sozinho. Estou abismada com esse espaço. As hortinhas são lindas, os jardins bem cuidados. Todo tipo de flor e árvore frutífera neste quintal. Acho que ele tem se mantido bem ocupado.

— Ah, claro! Ele diz que a música e as plantas são a terapia dele.

— Ele nunca pensou em se casar de novo? Aliás, sua avó é falecida?

— Infelizmente minha avó partiu cedo, assim como minha mãe. Uma perda enorme.

— Nunca voltou a se casar? — questiona surpresa.

— Nunca sequer pensou nisso, embora minha mãe tenha tentado dar uma de casamenteira vez ou outra. Na realidade, eles sabiam que eram melhores juntos e que mexer nisso poderia desestruturar tudo. Meu progenitor, o senhor Ulrich, como você deve saber, nunca participou da minha criação, pelo contrário, sempre se manteve distante — digo com

amargura. — Nunca precisamos dele e éramos uma família um tanto feliz. Posso dizer que tive uma infância agradável — completo como se finalizasse um relatório.

Ela sorri um pouco constrangida, pois, percebe minha irritação com o assunto.

Algo totalmente involuntário, mas falar do Ulrich pai acaba com meu ânimo.

Ofereço um meio sorriso para Lauri, apenas para demonstrar que não tinha nada a ver com ela, que a raiva foi construída com base em ressentimentos mais antigos do que minha vida.

— Fico feliz em saber disso. É uma graça. Você brincava aqui?

— Claro que não, já era adulto quando meu avô veio *pra* cá. Na realidade, ele fez isso para me pressionar a lhe dar bisnetos — comento de bom-humor enquanto lembro das tiradas do meu avô.

Lauri ri muito com a história e isso me deixa satisfeito.

É agradável fazer com que ela ria.

— Gostaria? — pergunto de maneira cavalheiresca enquanto aponto o balanço.

— Não acho que ele aguente meu peso — diz franzindo a testa.

— É claro que sim, vamos lá.

Ela acaba por aceitar, embora relutante e a ajudo a se acomodar no brinquedo.

— Não vá me dizer que fica enjoada fácil?

— É claro que não, gosto de voar alto — diz em tom aventureiro.

Começo a empurrar seu corpo suspenso na pequena placa de madeira, segura por uma corda grossa.

— Mais alto! — diz enquanto faço com que ela mantenha o ritmo no brinquedo improvisado.

Felizmente confio nas mãos do meu avô quando se trata de construir coisas, porque àquela altura me parece um pouco perigoso.

Paro de dar impulso e aos poucos o balanço diminui o ritmo. Quando para de vez, me aproximo e ofereço uma mão para que Lauri se levante.

— Isso é incrível! — Segura minha mão.

Seu corpo cambaleia e cai em meus braços.

Talvez o universo esteja tentando dizer alguma coisa.

— Desculpa, acho que fiquei um pouco tonta. — Sorri enquanto me encara com seus olhos negros que refletem a luz da lua que se mostra desinibida na noite, como se tivesse saído especialmente para nos iluminar.

Mais uma vez não posso responder, apenas olhar para seu rosto tão perfeito.

No silêncio, ouvimos diversos insetos com sua cantoria exacerbada. O vento faz com que o farfalhar dos galhos das árvores se torna mais alto também.

Respiro fundo e sei que não posso perder mais uma oportunidade. Permito que nossos rostos se cortejem ainda mais, dando a chance de que ela se afaste caso a proximidade desagrade de alguma forma.

Mas pelo visto, ela também quer chegar mais perto.

É como se estivéssemos magnetizados e a única direção a seguir fosse onde o outro estivesse.

Inesperadamente ela toma as rédeas da situação etoca meus lábios com os seus de maneira superficial. Essa é a permissão que esperava para ser mais incisivo, simplesmente a tomando em meus braços, como se nossos corpos pudessem se fundir.

Deixo que minha língua domine sua boca com destreza e sem excesso de rapidez. Quero explorar o novo território de maneira gentil, embora meu corpo esteja faminto pelo contato.

Ela é delicada e se junta a mim na dança completamente envolvente.

Por mais que tente evitar acabo por me tornar dominador demais, segurando sua nuca e puxando sua cintura para manter seu corpo contra o meu.

O contato quente do seu ventre com meu tórax é deliciosamente ameaçador.

Seus lábios avantajados e com sabor de chá me transmitem a sensação mais tentadora de todos os tempos. Simplesmente não sei como me afastar, então ela faz isso de maneira um pouco afoita com sua respiração um tanto entrecortada.

— E-eu... — balbucia.

Cubro seus lindos lábios, agora corados pelo nosso beijo.

— Não diga nada. — Seguro sua mão mais uma vez. — O senhor Oscar deve estar nos esperando para o jantar.

Ela me presenteia com o sorriso de quem esconde um segredo e assim seguimos de volta para a simples casa.

Tínhamos um pequeno segredo.

Vou até o toalete em seguida.

Cubro o ralo, abro a torneira e logo depois a outra, deixando que as águas, fria e quente, se misturem para criar uma combinação adequada.

Lavo o rosto de maneira efusiva e tento me concentrar, pois, meu corpo ainda responde pela última cena na parte externa da casa.

São diversas sensações que não tinha contato há muito tempo, inclusive algumas que provavelmente nunca senti.

Foi apenas um beijo.

Um beijo um tanto quanto excepcional, magnético, envolvente.

Um beijo que se repete em um looping infinito dentro da minha cabeça.

Um toque que não se afasta da minha pele.

Definitivamente não tenho tempo para esse tipo de coisa, minha vida está de cabeça para baixo e ainda não sei como as coisas ficarão.

Respirar fundo e lembrar da confusão em que estou envolvido me ajuda a voltar a colocar os pés no chão.

Finalmente saio enquanto meu avô reclama que demorei demais e que o jantar está pronto.

Ele preparou minha refeição clássica e favorita da infância, *fishand chips*.

O peixe tem um invólucro de aparência extremamente crocante, assim como as batatas perfeitamente douradas.

Eu me transporto para os almoços e jantares deliciosos que minha mãe preparava em minha infância. Tudo que ela tocava ficava maravilhoso e meu avô não fica atrás, é um perfeito cozinheiro.

A aparência da comida faz completamente jus ao sabor delicioso.

Enquanto comemos meu avô explica para Lauri sobre sua preparação. Ele conta que usou banha suína para a fritura e pão ralado para o polme, que é uma massa de consistência mole usada para envolver certos alimentos antes da fritura.

Ela ouve a explicação atenta e diz que colocará em prática a receita.

Vez ou outra, nossos olhares se cruzam e ela faz questão de olhar para baixo com timidez.

Estou levemente acuado, mas não consigo me arrepender de nada.

O jantar foi incrivelmente agradável e para minha felicidade meu avô percebe quando precisa ser discreto, falar ou não sobre determinados assuntos. Sendo assim apenas falamos de assuntos positivos.

Após terminar nossa refeição, digo para Lauri que a levarei até sua casa e que isso não está em discussão.

Ela até tenta argumentar, mas sei que devido o horário qualquer tipo de condução é mais escassa, além de que o frio começa a nos castigar no fim do outono.

Logo estamos dentro do meu carro com o aquecedor ligado e protegidos das intempéries.

— Sempre imaginei que um homem como você andaria de um lado para o outro com um motorista e cercado de seguranças... Essas coisas.

— Com certeza também imaginou que algumas mulheres me davam banho todas as manhãs e que alguém despejava pétalas de flores enquanto caminhava — digo com ironia e ela gargalha alegre. — Se pudesse, andaria por aí apenas com minha moto.

— Tem uma moto? — indaga bastante surpresa.

— Tenho cara de que não sabe pilotar? — pergunto com a expressão séria e ela me olha esquadrinhando meu rosto.

— Acho que por baixo deste suéter confortável pode existir um aventureiro.

Bufo.

— Da próxima vez, vamos andar de moto.

— Não! Eu me recuso, tenho pavor. Na realidade, tenho muito medo de andar de carro, mas tolero. Um dia conto minha história... Mas, por enquanto, não tenho coragem.

— Tudo bem, mas tenho certeza de que ainda vai confiar em mim o suficiente para isso. — Pisco um olho através do retrovisor e ela sorri.

— Espero que sim — diz com a esperança estampada em seu rosto, mas, ao mesmo tempo, seu olhar parece preocupado, como se ela estivesse se segurando para não dizer algo. — Sei que sou só uma estagiária, sei que não deveria...

Olho para ela com apreensão, afinal esse tipo de discurso nunca é seguido de nada positivo.

— Mas veja bem... Eu sei que está afastado da empresa e com dificuldades de conseguir alguma informação interna. É claro, sou só uma estudante de direito.

— Ah, você estuda direito — digo com surpresa a interrompendo brevemente, pois, se algum dia soube dessa informação já tinha esquecido.

— Exato! Poderia conseguir algumas informações sobre essa história. Veja bem, tenho uma movimentação privilegiada dentro do banco. A senhorita May faz questão que eu percorra todos os lugares daquele prédio todos os dias. Poderia descobrir algo. Minha formação é apenas teórica, mas ainda assim poderia usar o que pesquiso na universidade para ajudar em algo...

Sacudo a cabeça impaciente e lanço um olhar duro para ela que parece insegura.

— Não pense que é algum tipo de atitude ingrata ou coisa do tipo, mas escute bem, Lauri. Esse tipo de coisa não é uma roda de debates na faculdade. Ainda posso ser preso caso haja provas o suficiente. Jamais permitiria que estragasse sua carreira se envolvendo em um problema que é meu. Veja bem, aquilo que meu avô disse é a mais pura verdade, apenas não conte para ele que eu concordei. Aquele lugar é um ninho de cobras. São pessoas oportunistas e dispostas a pisar em qualquer cabeça apenas para subir na vida.

Lauri suspira de maneira resignada e ver seu rosto desanimado faz com que me sinta mal.

— Quando estiver comigo, espero que seja apenas para momentos leves como o de hoje... Essa merda de processo eu mesmo resolvo. Você é uma garota, precisa curtir a vida, ir em festas, conhecer garotos da sua idade — digo com frieza, embora minha mente me mande parar.

O olhar de Lauri se torna doloroso de observar, ela está profundamente chateada comigo.

— Pode parar o carro?

— O quê? — questiono de maneira perplexa.

— Quero descer, minha casa já está perto, prefiro ir andando — diz em um tom de voz magoado.

— Ficou aborrecida comigo?

Ela se recusa a responder.

— Por favor, Lauri...

— Está tudo bem. — Sorri de maneira forçada. — Essa nossa relação não é apropriada, sou só uma estagiária malvestida e você o diretor executivo. Isso está errado em tantos níveis que nem sei explicar.

Sem pensar muito, paro no acostamento da pequena e deserta estrada que nos guia até o bairro dela.

A noite está cada vez mais escura.

Retiro meu cinto de segurança e aproximo meu rosto do dela, que ainda se recusa a me olhar diretamente.

— Nunca mais diga isso — sussurro próximo e ela finalmente me olha.

— Eu só quero ser útil, sei que posso. — Seus olhos começam a ficar avermelhados e sei que ela está se controlando para não derramar nenhuma lágrima.

— Sinto como se te conhecesse há muito tempo, Lauriana. Confio completamente em você, por isso mesmo quero te manter segura — digo com clareza enquanto encosto nossas testas e toco a ponta dos nossos narizes.

Sua respiração é quente e nossos lábios entreabertos quase podem se tocar, quando de repente ela vira o rosto para a janela.

— Tudo bem — diz resignada e com certeza ressentida, deixando todos os desejos que explodem dentro de mim em segundo plano.

— Ótimo, então seguimos — digo me recompondo e colocando o cinto de segurança novamente.

Quando chegamos até a casa de três andares já passa das nove.

Desço do carro para acompanhar Lauri até a porta.

— Qual é a janela certa? — questiono lembrando da nossa conversa e ela sorri se recordando.

— Aquela — diz apontando para uma janela do segundo andar.

— Anotado — comento bem-humorado.

Sinto gotículas de chuva começando a molhar meu rosto. Um trovão pôde ser ouvido e percebo que a expressão da doce jovem ao meu lado muda completamente, como se estivesse mais do que assustada.

— E-eu preciso entrar, por favor — diz com algo que é além do medo em seu rosto. É pavor.

— Tudo bem, te acompanho — digo enquanto a abraço para a acompanhar até a porta.

Um outro trovão se faz presente e ela treme enquanto está em meus braços.

— Está tudo bem, certo?

Ela balança a cabeça e finalmente estamos na parte de dentro. Seu rosto demonstra um grande alívio ao estar protegida no antigo casarão.

— Quer entrar um pouco? — diz gentil, embora pareça ainda um pouco assustada.

— Agradeço, mas o dia de hoje foi um tanto cansativo. — Sorrio.

— Até logo então.

Ficamos nos encarando sem saber muito como agir e me sinto como um garoto no colegial mais uma vez.

Ela estende uma mão para me cumprimentar formalmente, mas a tomo e puxo seu corpo para frente a fim de tocar seus lábios brevemente com os meus. A fim de evitar que alguma pessoa indiscreta presencie a cena.

Sorrimos um para o outro, cúmplices, e viro as costas, mas volto para olhar novamente para ela.

— Eu te ligo? — comento com leveza.

— Eu adoraria.

Aceno com simpatia.

Caminho para o carro me sentindo um tanto leve, mas, ao mesmo tempo, extremamente preocupado com minha mudança de percurso.

Estou deixando minha estratégia de vida de lado e isso pode trazer consequências ruins. Por outro lado, não foi nada mal passar uma noite agradável com pessoas agradáveis.

"Até os monstros merecem um momento de paz e sossego, não é verdade?"

Com certeza minha cabeça fervilhante de pensamentos e ideias atrapalharão minha noite de sono.

Mas o belo rosto, lábios macios e corpo vulcânico de Lauriana povoarão os sonhos que jamais ousarei compartilhar e que temo assumir até para mim mesmo.



LAURIANA

A boca de Anthony ainda está colada na minha, não literalmente, mas é como se seu beijo tivesse marcado meus lábios com seu calor.

Não consigo parar de sentir seu corpo colado ao meu apesar da distância.

Eu beijei Anthony Ulrich, o homem mais poderoso que eu já conheci.

Ele poderia estar passando tempo com uma garota igual à Emily, mas eram meus lábios que ele beijou.

Era meu corpo que ele pressionou contra o seu.

Nem eu consigo compreender como fui tão corajosa e tomei a iniciativa da primeira vez.

Talvez a coragem estivesse dentro de mim o tempo todo esperando para despertar e finalmente aconteceu.

Confesso que estou assustada, com medo de que alguém descubra o que aconteceu.

Não posso deixar que o sonho se desfaça, mesmo que tudo seja uma enorme ilusão e que ele só esteja brincando comigo.

Eu não me importo, quero apenas sentir o frio na barriga, o suor na palma das mãos e a respiração ofegante.

Ele é tão incrível e está sempre me surpreendendo, seja pela sua infância simples ou pelo seu gosto por motocicletas. Era muito difícil imaginar um homem daquele porte usando suéter e comendo peixes com fritas em uma casa simples, porém um tanto aconchegante.

Por um segundo esqueço do mundo enquanto estou parada aos pés da escada suspirando como uma adolescente.

Quando percebo estou encarando um vaso de plantas, sem objetivo algum e acabo rindo.

De repente uma tosse sugestiva me traz de volta para a realidade.

— Ele é bastante bonito — a senhora Parker diz recostada no batente da porta que dá para a cozinha.

O susto faz com que quase pulo, tanto que coloco a mão no peito para conter o sobressalto. Sinto como se tivesse cometido um grande crime e tivesse sido descoberta pelas autoridades.

— Senhora Parker — digo ainda me recuperando do sobressalto. — Não sabia que a senhora estava aqui.

— E não estava — diz com um sorriso sugestivo e fico feliz com sua discrição.

Quando estou finalmente em meu quarto tenho que voltar para a realidade ao observar a chuva que cai do lado de fora. Felizmente as janelas na Inglaterra costumam ser reforçadas, o que isola a parte interna das casas de qualquer friagem ou barulho.

Mas apenas em *saber* que chove já me deixa sobressaltada.

Fecho as cortinas e peço ao universo que isso passe o mais rápido possível, enquanto me cubro dos pés à cabeça.

Sei que tudo irá passar, mas quando fecho os olhos com força tudo que vejo é a luz do caminhão vindo em minha direção.

Os gritos, o barulho da buzina, em seguida minha blusa de arco-íris toda emplastrada de sangue e eu nem sequer sabia como chorar, pois, estava completamente em choque. O corpo dos meus pais presos nas ferragens. Os dias no hospital.

Era tudo muito assustador.

Tudo voltava somente por sentir aquelas gotas de água caindo sobre mim. Cada gota era dolorosa demais porque trazia consigo memórias que não conseguia superar, talvez nunca fosse superar.

Respiro fundo para tentar fazer com que a lembrança do sangue se dissipe. Tento esvaziar a mente e deixar meus pensamentos me levarem para algum lugar mais agradável.

De repente estou no jardim do senhor Oscar cercada por flores e nos braços do homem que facilmente seria o mais belo do planeta. Eu nem sequer tenho adjetivos para descrever o quanto apenas os olhares, o jeito das mãos, os meio-sorrisos me seduzem.

Eu me sinto protegida quando penso nele, como se ele pudesse criar uma redoma ao meu redor.

Suspiro novamente tentando adquirir coragem.

Logo estou de pé.

O aquecedor faz seu trabalho e o cômodo está aconchegante.

"Estou bem e protegida", sorrio com meu pensamento.

Separo roupas limpas, cheirosas e confortáveis que estão no meu armário. Caminho em direção ao banheiro, deixo que a banheira fique repleta de água e começo a me despir.

Olho para meu corpo no espelho e não consigo ver muito o que elogiar.

Eu me acho magra demais, seios pequenos, o quadril poderia ser um pouco mais largo talvez, mas as pernas são grossas e bem torneadas. O sorriso também não é nada mal.

"Ter dentes alinhados é uma vantagem", penso enquanto escancaro os lábios para ver melhor.

Dou de ombros.

O que Anthony Ulrich pensaria se me visse assim, tão vulnerável?

Analiso as pequenas cicatrizes deixadas pelo acidente e pelo assalto no banco. Algumas marcas nos braços, outras na barriga, uma pequena falha entre o cabelo que dificilmente será possível notar. De qualquer forma tudo isso faz parte da minha história e será impossível apagar.

Entro na banheira com cuidado e permito que a água perfeitamente morna cumpra seu papel calmante. Deixo que meus dedos percorram a pele do colo e do pescoço, o que provoca alguns arrepios ao imaginar que poderia ser **ele** me tocando assim.

Não há nada errado, embora a criação conservadora dada por minha tia sempre tenha me impedido de me aproximar dos rapazes.

No fundo, sei que não há nada de mal em me permitir sentir com meu coração e meu corpo.

O desejo latente começa a dar seus frutos, me impelindo a pensar nele de maneira pouco ortodoxa.

"*Ele tem belas mãos, provavelmente habilidosas*", penso enquanto meus dedos passeiam pela parte interna da coxa.

Respiro fundo, corada com minha imaginação um tanto impetuosa.

Sacudo a cabeça para afastar os pensamentos mais insistentes e imagino que a senhora Parker poderá bater na porta a qualquer momento. Sendo assim não devo perder meu tempo com *distrações*.

Saio da banheira e após me enxugar visto meu pijama confortável para me preparar para uma noite de sono revigorante.

Terei que trabalhar e estudar no dia seguinte e meu corpo me cobra pelo excesso de esforço diário.

Talvez nesta noite possa ter sonhos em vez de pesadelos. Talvez, por um momento, possa deixar de me preocupar um pouco.

Deito sobre o velho colchão e sob as aconchegantes cobertas, permito que o sono me leve para seu mundo distante.

"Quando abro os olhos a sala está cheia de pessoas, minha família inteira está ali, tios, avós, até mesmo meus pais. Eles comemoram o

aniversário de uma das minhas avós e sorriem contentes com a ocasião, mas algo está errado. Não consigo respirar bem, estou ansiosa com alguma coisa que sei que irá acontecer.

Meus pensamentos são abafados pelas pessoas cantando "parabéns" de maneira efusiva. A velha senhora sopra as velas quando, de repente, alguém pega em meu braço. Ao olhar para o lado dou de cara com os olhos cintilantes e pétreos de Anthony que simplesmente sai me puxando.

Questiono o que está acontecendo, mas ele diz que não há tempo para explicar. Eu o sigo, mas não consigo acompanhar seus passos.

Quando alcançamos a parte externa, um carro de polícia espera. Ele reclama e de repente estamos correndo.

Mas não há tempo, um policial o agarra, enquanto meus pais que surgiram, sabe lá de onde, me seguram.

Soluço com uma tristeza profunda enquanto vejo Anthony ser levado."

Desperto assustada e meu rosto está molhado por lágrimas reais. Deixo meu corpo se acalmar enquanto digo para mim mesma que tudo aquilo havia sido apenas um sonho.

Um sonho louco demais.

Realizei o desejo de sonhar com Anthony Ulrich, mas infelizmente foi um pesadelo.

Sei que ele é um homem rico e influente, e com certeza toda aquela situação será resolvida. Afinal, a maioria dos problemas de pessoas financeiramente abastadas se resolvem pagando uma gorda fiança.

"Com ele não será diferente."

Através das densas cortinas é possível ver um vestígio de luz, o dia está raiado.

Pego o celular com alguma hesitação, pois tenho medo de não ter recebido nenhum tipo de mensagem.

Demoro por alguns segundos com o aparelho em minhas mãos, respiro fundo e finalmente olho.

Há uma mensagem não lida.

Meu coração bobo dispara, mas quando abro é de Alexandra reclamando do caixa de alguma lanchonete que a tratou com falta de educação.

Rio sozinha e me imagino como a personagem de algum conto de fadas infantil moderno.

Sou tão ingênua a esse ponto?

Não, eu não sou.

Tenho plena consciência de que é normal ficar encantada ao conhecer alguém aparentemente perfeito, mas Anthony Ulrich com certeza não é perfeito.

Sei que algum defeito deve estar escondido ali, provavelmente ele tenha pés feios e mau hálito matinal.

Absolutamente ele não pode ser perfeito.

Não me mandar sequer uma mensagem depois de ter me beijado o torna completamente imperfeito.

Bufo.

Ok, talvez isso não faça dele imperfeito, apenas um ser humano normal que tem muitas coisas a fazer.

Afasto esses pensamentos da cabeça e me levanto para seguir com minhas obrigações.

Será mais um dia cheio no banco, onde ficarei atolada em xérox, impressões de contratos, entrega de correspondência, preparação de chá para os acionistas e conversas vazias com meus colegas.

Estou cansada só de pensar na correria.

Como irei trabalhar no primeiro turno pelo menos voltarei mais cedo para casa e poderei continuar com minha pesquisa final da faculdade.

O café da manhã é sempre agradável, pois, ver o rosto arredondado e macio de Amelia Parker se tornou algo muito familiar.

Minhas colegas também mostraram ser pessoas um tanto agradáveis, dificilmente causando algum incômodo. Na realidade, as jovens da pequena república apenas aparecem para dormir por estarem sempre cheias de compromisso. Além da gentil Petit, há uma garota russa chamada Irina Papova e uma jovem chamada Ava Clarke.

Henry Khan é uma das melhores companhias em qualquer situação porque está sempre de bom humor, contando piadas que fogem completamente do humor britânico e adoro ouvir.

Viver neste espaço é como se fosse uma recompensa perfeita por todo meu esforço. Apenas por não ter que olhar para as paredes manchadas e diversos objetos empilhados para todos os lados que minha tia Ximena fazia questão de acumular, já me sentia mais leve. Essa era uma das coisas que mais me incomodava naquela casa.

Infelizmente minha tia não tinha o mesmo senso de organização que meus pais me ensinaram e isso fazia com que me sentisse sufocada.

Com o passar dos anos, me tornei uma pessoa extremamente metódica que não conseguia fazer nada se cada coisa não estivesse em seu perfeito lugar, pelo menos dentro do meu quarto. Quando minha tia, para me castigar por não tirar a carteira de habilitação, encheu meu quarto com velhas máquinas de costura entre outras coisas, passei dias chorando e sofrendo de ansiedade. Meus pesadelos aumentaram e só queria fugir.

Depois de algum tempo consegui me acalmar e organizei cada objeto que ela havia colocado ali dentro e voltado ao controle da situação.

Apesar de ser grata pelo teto que me abrigou por tantos anos, estou muito mais feliz longe dele.

Após o café da manhã olho pela janela e vejo que a chuva começa a cair de maneira suave, mas ainda assim constante.

Felizmente sempre calculo muito bem meu tempo e sempre tenho uma margem de erro para dias em que precise do dobro da coragem para sair de casa.

Maior do que meu medo de sair é meu desejo de ser a melhor funcionária possível.

Bebo um copo d'água e tento me acalmar.

"É só uma garoa, Lauriana, nada demais".

A senhora Parker já percebeu como me sinto nesses momentos, afinal, mesmo sem querer fico um bom tempo olhando para a janela nos muitos dias de chuva que preciso enfrentar.

Ela se aproxima e afagava meus ombros.

— Vai ficar tudo bem, menina. KHAN! — grita para o pequeno que vem correndo. — Leve a Lauri até o metrô e volte com cuidado.

O menino segura minha mão e me guia até minha condução.

Por mais que me sinta estúpida também me sinto mais segura com a companhia dessa criança tão iluminada.

Ele será um grande homem daqui um tempo com toda certeza.

Quando chegamos ao destino entrego uns tostões, como costumo fazer quando ele me ajuda em algo.

— A vovó, diz que não devemos aceitar ser pagos por favores — conclui com os olhos baixos e sorrio.

— Mas não estou pagando por nada. — Me faço de desentendida. — É só um presente para meu garotão. — completo com animação e ele sorri de volta. — Além do mais, esse vai ser o nosso segredinho — sussurro e coloco um dedo sobre os lábios.

Ele pega os tostões e parte feliz enquanto eu fico bem melhor.



Hoje em especial o burburinho no banco se torna insuportável. Em cada balcão que paro para deixar ou pegar documentações ouço uma fofoca diferente.

Estranhamente as pessoas me acham confiável, mesmo sem eu fazer nada. Elas começam a me contar cada detalhe sórdido sobre suas vidas, mesmo que não pergunte.

Elas começam a me contar histórias proibidas que escutaram por aí, mesmo que não queira ouvir.

Mas hoje, em especial, estou bastante interessada em cada informação que chega até mim.

No sétimo andar, Freddie, o secretário, comenta que talvez o CEO fosse preso por roubar o banco. A informação distorcida me deixa um pouco chocada, mas mantenho a frieza e apenas balanço a cabeça.

No décimo segundo andar, Laura Cohen diz que o homem foi visto fugindo do prédio.

Já no décimo quinto andar, Helena Lewis afirma, que por fontes confiáveis, sabe que ele estava planejando fugir do país e que talvez até use um passaporte falsificado.

Por pouco não tive um surto e desmenti tudo, mas a última coisa que preciso é levantar suspeitas.

Eu me sinto um tanto culpada por sair por aí bancando a detetive enquanto Anthony deixou bem claro que não devia me meter neste assunto.

Sei que ele tem uma equipe muito bem-preparada que irá resolver o problema rapidamente. Talvez até o final do mês tudo esteja arquivado e Anthony estará de volta ao seu cargo, mantendo as coisas no lugar como sempre fez. Entretanto, uma parte minha, uma parte bastante teimosa e obstinada, por sinal, não consegue me deixar em paz enquanto isso tudo ocorre.

Anthony Ulrich é frio como uma rocha e consegue manter a postura mesmo sendo alvo de uma injustiça. Já eu, que não tenho nada a ver com esses acontecimentos, estou ansiosa e nervosa.



A semana se arrasta enquanto me divido entre meus compromissos universitários e profissionais.

Mas o que sugou minha energia de vez foi o silêncio de Anthony Ulrich que não entrou em contato nenhuma vez sequer.

Sei que um beijo não é um contrato de casamento, assim como ele ter sido gentil não quer dizer que queira ficar comigo para sempre. Mas uma simples mensagem para dizer se está vivo não custa nada.

Cada coisa que ouvi enquanto transitei pelo prédio me deixou mais apreensiva e não posso sequer contar para ele.

Minha autoestima está no lixo e sei que ele tem coisas mais importantes do que eu, que foi uma distração para um momento difícil, para lidar.

Fui apenas mais um brinquedo para o menino rico.

Suspiro triste enquanto limpo a mesa de Georgia May que a cada dia parece brilhar mais. O nervosismo pós assalto se dissipou e deu lugar a confiança de um líder.

Ainda não sei o motivo dela estar feliz mesmo com a perda de alguns investidores, como fiquei sabendo, ou com a propaganda negativa do enorme assalto que já tomou seu lugar na história de Londres.

Como é sexta-feira, mais uma vez os outros estagiários me convidam para ir a um bar para tomar alguma coisa e pela primeira vez desde que comecei a trabalhar aqui resolvo aceitar.

No fundo, quero saber o que eles conversam quando não estão no trabalho e se tem alguma informação útil.

"Você não está investigando nada", repito para mim mesma enquanto pego minhas coisas.

Tento me convencer de que só estou fazendo isso para seguir o conselho da senhora Parker de tentar me divertir e o conselho de Alexandra de tentar me distrair para esquecer o Ulrich.

Jack, Victoria e Zoe me levam para conhecer um barzinho muito tranquilo com música ao vivo.

Confesso que é bem mais aconchegante do que esperava.

As mesas são todas de madeira e na decoração há vários símbolos da cultura pop, como os Beatles.

A música não é alta demais e o ambiente parece ser um tanto familiar.

— Eu disse que ia pegar leve com você — Jack diz enquanto conversamos sobre o quanto o lugar é agradável.

— O que você bebe? — Zoe pergunta quando o garçom se aproxima da nossa mesa que fica em um canto discreto.

— Na verdade, não bebo. — Dou a resposta de costume, embora goste de uma boa taça de vinho.

— Fala sério, Sommers! — Vitória diz com deboche.

Desde que Emily se afastou de nós, ela se aproximou bastante.

— É sua primeira vez em um bar de Londres e diz que não bebe?

— Às vezes, tomo vinho — digo tímida e Victória se dirige ao garçom pedindo algumas bebidas que não conheço.

— Hoje vai ser diferente — diz enquanto pisca um olho para mim e os outros comemoram.

Em resposta, rio e começo a achar interessante ter saído um pouco, realmente estou conseguindo esquecer de toda a problemática anterior e parar de pensar em ser investigadora.

Quando as bebidas chegam, vejo que são nada mais nada menos do que cervejas artesanais.

Victoria e os outros insistem para que eu prove e o mais estranho de tudo é que gosto.

O sabor amargo é delicioso e a espuma um tanto agradável e suave.

Lembro de todas as vezes que olhei com estranheza enquanto meu pai bebia uma cerveja atrás da outra.

Definitivamente fui hipócrita.

Depois de muita conversa nada relacionada ao trabalho e um pouco de descontração, ah, e claro, bebidas, decidimos ir embora.

Desta vez não bebi o suficiente para perder a noção das coisas, estou apenas alegre.

Sigo para o metrô e me despeço dos meus colegas no caminho.

Estou dentro do transporte em pé segurando uma barra de ferro quando decido olhar meu telefone para talvez marcar algo com Alexandra.

Mas a surpresa que me assalta faz com que meu coração acelere.

Há uma mensagem de Anthony Ulrich.

Leio e releio as palavras para ter certeza de que não é resultado da bebida.

“Perdão por demorar a entrar em contato, estava resolvendo alguns assuntos.

Me liga quando puder.

Talvez aceite alguma ajuda agora. ”



ANTHONY

Não poderia arrastar Lauri para a areia movediça em que havia me enfiado, afinal ela não tinha nada a ver com aquele assunto.

Por mais que ela tivesse boas intenções e fosse uma das poucas pessoas confiáveis ao meu redor, era perigoso demais. Lauri era apenas uma menina que estava começando sua carreira para se meter em assuntos escusos. Ainda mais quando possivelmente nem eu conseguiria me livrar das consequências, mesmo sem ter feito nada.

Aquilo tudo foi como um devaneio.

Falei sobre a situação com meu avô e deixei que ele soubesse de tudo antes que a notícia explodisse; isso já era alguma coisa.

Quando voltei para casa, me despi e deixei que meu corpo repousasse na banheira. Nem sequer liguei as luzes e na escuridão repassei tudo que havia acontecido.

"As coisas não seriam fáceis", pensei enquanto pressionava minhas pálpebras com o polegar e o indicador.

No dia seguinte acordei com o toque do celular. Olivia Roberts disse que provavelmente seria indiciado em breve porque o inquérito estava avançando. Que deveria me preparar, pois, a notícia já havia vazado e a imprensa marrom aproveitaria esse furo para conseguir engajamento.

Bufei de irritação ao desligar o telefone, pois, seria outra vez tema das fofocas mais quentes.

Isso definitivamente era algo que me desagradava e não poderia ficar instável.

Durante o dia tentei manter minha cabeça o mais longe possível daquele assunto, sabia que não iria me ajudar em nada continuar matutando enquanto havia uma equipe enorme cuidando do caso.

Saí para uma longa corrida no parque, pois, era como se qualquer preocupação pudesse evaporar junto ao suor.

Pensei que se corresse bastante poderia chegar a algum lugar bem distante e me corrigia em seguida quando caía na armadilha desses

pensamentos que considerava covardes.

Era minha escolha ser quem eu era e desistir não iria me tornar alguém mais satisfeito.

Ao voltar para o apartamento tive uma sensação de que já não conhecia há muito tempo, o tédio.

É claro que poderia fazer uma viagem para me distrair um pouco, mas isso seria de péssimo gosto levando em consideração que havia um processo importante que envolvia meu nome em curso na justiça.

Poderia simplesmente visitar algum clube, praticar esportes, mas nada disso me apeteceu.

Meu cérebro estava plugado vinte e quatro horas naquela situação.

Admito meu excesso de ansiedade naquele primeiro dia, porque tudo que queria era que aquele assunto acabasse logo.

Pessoas ricas, ou que são responsáveis por grandes negócios são processadas com frequência e a maioria desses processos muitas vezes não vai para frente.

Na verdade, isso é quase parte do nosso dia a dia.

Entretanto, um processo logo após um assalto, provavelmente auxiliado por funcionários do banco onde eu exercia a função de CEO, causava uma preocupação um pouco maior na minha lista de prioridades.

Estava em contato constante com Oliveira no banco, mas eles sabiam que isso aconteceria e a mantinham distante de quaisquer reuniões importantes. Logo, ela não tinha nenhuma informação relevante para repassar.

Sentia como se fosse a criança excluída dos brinquedos do parquinho.

A única pessoa da empresa com que mantive algum contato e que fez com que me sentisse útil de alguma forma era Sebastian. Ele deixou bem claro que eu fazia muita falta naquele lugar e estava sempre me pedindo opiniões sobre assinaturas de contratos. Isso sem contar sobre como agir na situação relacionada a melhoria de segurança dos sistemas do banco, que, pelo visto, estavam defasados demais.

Era importante, para mim pelo menos, saber um pouco do que estava acontecendo naquele lugar, embora sobre a *minha* situação nunca houvesse notícias.

É claro que gostaria de ter ligado para Lauriana durante a semana, gostaria de ter feito algum passeio com ela, ou apresentado meu apartamento. Mas não me sentia bem com a ideia de envolvê-la no que eu chamava de vida. Ainda mais sabendo que se ela deixasse escapar qualquer coisa Georgia saberia rapidamente.

Hoje é sexta-feira, Sebastian me ligou novamente e senti em seu tom de voz que as coisas estavam ficando complicadas. Perguntei se o Ulrich pai havia dito algo sobre a situação, mas pelo visto ele ignorou completamente e estava preparado para que eu sumisse de vez da sua vida. Logo ele contou sobre a incrível ideia de Daniel May de contratar um CEO interino, alguém que ficará no meu lugar até que eu fosse considerado cem por cento inocente. Ideia essa endossada pelo Ulrich pai.

Dessa vez não pude conter minha irritação e deixar de telefonar para May a fim de despejar todos os impropérios que estava guardando durante esses dias.

É claro que não perdi minha postura, nem gastei palavras demais, mas com certeza não poderia deixar isso passar em branco sem dizer o que pensava da sua atitude nem um pouco honrosa. Deixei bem claro que o plano dele de me apunhalar pelas costas não seria bem-sucedido e ele, como sempre, explodiu.

— Não pense que meus olhos estão fechados para tudo que está acontecendo, May — disse com determinação e desliguei em seguida.

É óbvio que Daniel May nunca perdoaria isso, mas não estava pedindo perdão.

Irritado pensando em meu dia turbulento, decido apenas me jogar no sofá e ligar a televisão em algum canal esportivo para passar o tempo.

Passei a semana inteira sem ligar o aparelho, mas hoje, em especial, não resisti passar pelo canal de notícias. Não consegui sair dele enquanto várias reportagens sobre guerras, miséria e sofrimento se desenrolavam, sempre detestei assistir esse tipo de conteúdo por isso.

Entretanto, depois de alguns minutos lá está o que meu subconsciente sabia que eu estava esperando. Minha foto três por quatro estava sendo divulgada, uma foto horrível por sinal, que não faz jus a minha aparência, por mais que não me considere o epítome da beleza.

Felizmente ser difícil associar meu rosto pessoalmente àquela foto, mas não demorará muito até alguém me reconhecer por aí mesmo que me esforce para ser o mais invisível possível para a mídia.

As imagens do assalto mais uma vez passam e já decorei cada sequência.

O jornalismo “investigativo” diz que o CEO de trinta e quatro anos, exemplo de trabalho eficiente em sua gestão, foi indiciado pelo Ministério Público por lavagem de dinheiro oriundo de grupos relacionados ao terrorismo e tráfico. A mais nova ação do grupo é relacionada ao assalto ao banco. Segundo o jornal, “o grupo ficou mais ousado”, por isso começa a ser

desmontado. Tudo isso foi descoberto graças ao dinheiro depositado e transferido em pequenas quantias do Swiss Ulrich Bank para contas de pessoas já mortas. Além de quantias maiores depositadas com a autorização do banco e em seguida transferidas para paraísos fiscais. Agora o trabalho da polícia será tentar encontrar provas da ligação do CEO com o grupo criminoso, pois, ele era o responsável por autorizar o depósito de grandes quantias.

A raiva toma conta do meu corpo, mas respiro fundo e sem pensar duas vezes me levanto. Ando calmamente em direção ao aparelho de TV e simplesmente o jogo no chão.

O barulho da peça se estilhaçando serve como calmante para mim.

Me apoio no batente da janela e dou um sorriso irônico.

"Grupo envolvido com tráfico e terrorismo."

Ligo o computador e pesquiso por notícias a respeito do Ulrich Swiss Bank. Mais de trezentos comentários na principal notícia, a maioria diz que donos de bancos são tão “sanguessugas quanto a realeza”. Outros dizendo que sou mais um “playboy sem-vergonha que só queria um nome famoso para ter facilidade para roubar”. Seguindo por “talvez ele nem seja um Ulrich de verdade, os exames deveriam ser refeitos” e “ladrão”.

Ser ofendido não é nenhuma novidade, afinal só consegui fazer com que o Ulrich reconhecesse a paternidade através de um longo e doloroso processo.

Nesse meio tempo ouvi todo tipo de xingamentos de diversos tipos de pessoas, inclusive fui acusado de ser um aproveitador.

Uma das cenas mais marcantes nos momentos mais difíceis da minha vida foi o dia que a senhora Ulrich resolveu me visitar. Meu avô tentou impedi-la de entrar, mas com o porte intrusivo que os ricos costumam ter insistiu. Ela disse que meu “pai” tinha sido muito bom para mim, pois, tinha onde morar e o que comer. Mas ainda assim eu era ingrato e estava tentando acabar com a vida de uma família decente. Não satisfeita disse que eu não tinha um pingo de empatia, pois, o filho dela tinha acabado de perder a vida em um trágico acidente e mesmo assim insistia naquele circo.

A verdade é que o processo foi iniciado muito antes do incidente com meu “meio-irmão”. Mas ainda assim aquela mulher vestida com pele de animais e joias que olhava com nojo para minha casa e para mim, teve a audácia de falar todas aquelas coisas.

A raiva que sentia se multiplicou muito depois daquilo, mas não fez com que eu perdesse o rigor, afinal aquilo não era culpa dela. Ela não sabia

ser diferente daquilo, não sabia não ser mesquinha e pensar em alguém além de si.

A senhora Ulrich não conseguia ter o senso de que quem devia fidelidade a ela era seu marido, que se provou além de mau-caráter um grande covarde.

Relembrar aqueles episódios por um lado me enoja, mas por outro me incentiva a manter a postura distante de sempre e não desistir nunca de provar meu ponto de vista.

Então, após me sentir um pouco melhor ligo para Olivia para dizer que seria muito mais gentil da parte dela ter me informado antes o que fiquei sabendo por meio daquele jornal sensacionalista.

Algo que sei é que por baixo do sensacionalismo barato sempre há um fundo de verdade.

A advogada se explica dizendo que não há nenhuma prova contra mim ainda, que não deveria me preocupar com isso e que caso precisasse depor seria orientado de maneira direta.

Sei que a equipe de advogados não trabalha para mim, mas para Daniel May. Porém, estava no meu contrato de trabalho que em caso de processo relacionado ao banco eu seria defendido única e exclusivamente

pelo setor jurídico do USB. Em compensação, eles seriam responsáveis pelos valores e seguiriam o processo em qualquer instância.

Ainda não estava preparado para uma quebra de contrato, pois, isso faria com que perdesse meu cargo imediatamente.

Mas, confesso, que diante de tudo estou ficando sem opções.

Sei que ser inocentado apenas por inconsistência de provas seria o suficiente para voltar para o Ulrich Swiss Bank. Mas nunca seria o suficiente para as pessoas que sempre tentam me acusar de algo apenas pelo fato de ser um bastardo.

Estou cansado de ficar apenas nas mãos deles e decido que tenho que fazer algo por mim mesmo.

Reluto muito e passo horas refletindo sobre a segurança da atitude que devo tomar, tomo várias xícaras de cafés e estou mais ligado do que nunca.

Definitivamente preciso de férias da minha vida.

Em algum momento de loucura, que são raros, simplesmente envio uma mensagem para o número de Lauri.

Talvez só quero uma desculpa para falar com ela, mas a ajuda também será bem-vinda.

É imprudente e egoísta da minha parte permitir que ela adentre naquele esgoto burocrático, mas também não posso subestimar o quanto ela pode ser

esperta.

Sei que está tarde para ligar por isso envio apenas uma mensagem de texto.

Em seguida sou surpreendido pela vibração do celular que se move sobre o balcão da cozinha modulada.

— Não liguei porque achei que estava tarde, mas não queria te preocupar — digo de forma direta.

— Você me deixa uma semana sem notícias e de repente... — diz parecendo um tanto descontente e sorrio por encarar pela primeira vez o lado bravo de Lauri. — De repente algo aconteceu, não é mesmo?

— Sim, algo aconteceu, a vida aconteceu — digo com clareza. — Mas não vamos conversar assim. Quero te ver o quanto antes, é possível? Não quero atrapalhar sua agenda ou qualquer coisa...

— Você pode me buscar? Agora?

— Agora? — questiono incrédulo com sua espontaneidade, embora essa seja uma das suas características que mais admiro.

— Lauri, está meio tarde, a dona da sua república não vai gostar nem um pouco.

— Estou no metrô, Ulrich, posso descer em qualquer estação. Tenho certeza de que deve estar com tempo livre para estar me ligando agora.

Dessa vez o que me surpreendeu é a sua impetuosidade, nem parece ser a menina tímida embora corajosa com quem me encontrei algumas vezes.

Eu me surpreendo cada vez que conheço uma nova faceta de Lauri.

— Seu desejo é uma ordem, senhorita, desça no lugar mais próximo de Chelsea e me aguarde.

Tento ficar apresentável, mas não tenho muito tempo. Tudo está fora do lugar e há uma televisão quebrada no chão da sala. Definitivamente não esperava receber qualquer pessoa, mas estou estranhamente ansioso para me encontrar com **ela**.

Pego o carro e em pouquíssimo tempo estou no ponto de encontro. Ela me espera sob uma marquise e parece estar assustada, mas quando reconhece meu carro fica aliviada.

— Boa noite. — Sorrio enquanto abro a porta para ela que entra rapidamente.

— Boa noite — diz nervosa, sem conseguir sorrir. — Poderíamos ir para algum lugar rápido?

— Tudo bem — digo acelerando o carro.

— Não! Por favor, não dirija muito rápido na chuva.

Percebo que seus olhos estão marejados.

— Fica tranquila, já ganhei medalha de direção cuidadosa — digo para tranquilizar seu espírito.

— Muito obrigada. — Tenta sorrir.



O apartamento está uma bagunça, como já sabia, mas pelo menos Lauriana não pareceu reparar.

Indico uma poltrona para que ela se sentar e ela parece estar mais tranquila.

— Poderia fechar as cortinas? — pede com um olhar desconfiado.

— Claro — digo entendendo nada, mas sem questionar. — Bebe alguma coisa? Suco, chá, água?

— Água, por favor — diz enquanto abraça o corpo de olhos fechados.

Me aproximo com delicadeza para não a assustar, me ajoelho na sua frente e tomo suas mãos com cuidado.

— Está tudo bem com você?

Seus olhos negros me encaram e ela suspira.

— Sim, é que nunca estou pronta, sabe? Para a chuva...

— Tem algum tipo de fobia? — pergunto curioso.

— Quase isso, mas eu diria que é mais estresse pós-traumático. Minha psicóloga da adolescência disse que com o tempo seria capaz de lidar melhor com isso, mas esse momento ainda não chegou.

Decido não perguntar mais, pois, pode ser um assunto doloroso para ela.

Pego sua mão direita e toco com meus lábios.

— Sei que não é muito. — Encaro seus olhos. — Mas aqui você está segura. — Sorrio para ela que devolve o gesto com doçura.

Logo entrego o copo de água que ela toma parecendo mais calma.

— O que aconteceu com a sua TV?

— Ah, um acidente nem tão acidental — respondo de bom humor e ela me lança um olhar de estranheza.

— Ok, posso te ajudar a limpar isso, que tal?

— A última coisa que você vai fazer aqui hoje é limpar minha casa, por Deus, Lauriana — digo exasperado, mas sem perder a leveza.

Ela ri da minha declaração.

— Perdão, por um momento esqueci que resolveu deixar o orgulho de lado e aceitar a ajuda de uma humilde estudante — diz com ironia.

— Não é bem assim, mas acho que seria uma ótima aquisição para minha equipe de zero pessoas.

— Soube que a equipe de direito do banco dos Ulrich é a mais competentes.

— Seria ótimo, isso se eles não quisessem me manter fora da jogada. Podem até evitar minha prisão, mas não é do interesse deles provar minha inocência.

— Entendo. O que você é com toda certeza... — diz em um tom um pouco sugestivo.

— Perfeito, você também acha que estou apoiando o tráfico e o terrorismo — digo erguendo uma sobrancelha. — Eu nem posso te julgar, afinal nossa primeira conversa foi há quanto tempo? Uma semana. Quem garante que não seja um bandido?

— Não, por favor, não é isso — diz nervosa enquanto levanta as mãos com as palmas viradas para mim.

— O que é então?

— Imagino que esse ambiente seja bastante perigoso e que você possa ter caído em alguma armadilha.

— Bom, disso tenho quase certeza — digo resoluto e me sento no sofá de frente para a poltrona em que ela está.

— Não desconfio de você, pois, se desconfiasse não estaria aqui. — Olha na minha direção. — Minha mãe sempre dizia que minha intuição é muito boa e agora ela está me dizendo para te ajudar, mesmo que não acredito muito nessas coisas místicas.

— Veja pelo lado bom, quem tem alguma crença sempre pode encontrar conforto. Sempre tive uma teoria de que nem tudo é, por assim dizer, "místico". Talvez sejam apenas energias que se conectam. — Me sinto bobo ao terminar a frase, mas pelo menos a faço sorrir.

— É possível, *senhor Ulrich* — diz em um tom provocante.

Eu não a corrijo, pelo contrário, me sinto extremamente tentado.

Como é possível que uma pessoa seja capaz de causar tantas sensações violentas apenas dizendo algumas palavras?

— Eu gosto de como diz isso — comento enquanto me levanto e me aproximo dela estendendo uma mão, que ela aceita prontamente.

Seus olhos agora parecem tímidos, mas desejosos enquanto morde discretamente o lábio inferior de maneira involuntária.

Estamos frente a frente, ela tem uma estatura mediana, mas parece ser mais baixa pelo meu "excesso" de altura.

Deixo que minhas mãos se posicionem em sua cintura enquanto ela envolve meu pescoço com seus braços.

O momento parece durar uma eternidade, mas basta um olhar mais direto para que nossos lábios se conectarem com voracidade e sei que é isso que precisamos.

Como em uma cena quase planejada, com minhas mãos puxo suas pernas para que se apoiem em meu quadril e possa suspendê-la. Logo ela está presa a mim enquanto a carrego, sem muito pensar sobre, para o lugar mais confortável do apartamento que é a cama *king size*.

Sei que ela merece estar em um lugar mais arrumado e não em um ambiente que absorveu toda minha raiva e depressão durante aquela semana. Mas simplesmente não consigo deixar passar esse momento.

Coloco Lauri delicadamente sobre o colchão enquanto a beijo com todo o desejo que guardei durante esses dias.

Meus lábios estão em seu pescoço esguio, devorando sua pele macia enquanto minhas mãos deslizam sob sua blusa, tocando sua cintura com a firmeza adequada.

Nossos corpos um contra o outro fazendo com que um incômodo em meu baixo-ventre se faça presente.

Mas não estou com pressa, apenas quero tocar seu corpo e prová-lo como um bom degustador experimenta seu vinho mais caro.

Infelizmente, como em todo sonho bom, é necessário acordar.

Desperto do meu torpor de desejo quando Lauri afasta nossos lábios com gentileza e fica me olhando.

Tenho que usar toda minha força de vontade para simplesmente não tomar seus lábios corados e úmidos de novo. Porém, ela parece ter encontrado seu limite e, é claro, respeito.

— Acho que preciso voltar, está bem tarde — murmura tímida.

Sei que o problema não é o tempo, mas algo que ela ainda não está pronta para me contar.

— Tudo bem — digo depositando um beijo suave na sua testa e ela sorri parecendo aliviada.

Levo Lauri para casa e não está mais chovendo, o que melhora muito o humor dela.

Quando nos despedimos descubro que nem o fato de estar sendo processado pelo governo seria uma armadilha tão eficiente quanto os beijos dessa mulher.



LAURIANA

Quando cheguei em casa depois da sexta-feira agitada passei horas ao telefone com Alexandra contando sobre minha tentativa fracassada de sedução.

Não conseguia acreditar que fui tão corajosa para afastá-lo quando as coisas estavam ficando mais *intensas*.

Lexi me acalmou e disse que as coisas eram assim mesmo, que eu teria meu momento quando fosse a hora certa.

Mas *aquela* era a hora certa!

Desejava Anthony Ulrich com todas as minhas forças, mas minhas travas mentais e baixa autoestima simplesmente me sabotaram.

Um interruptor de vergonha foi acionado na minha mente quando a cena da minha tia Ximena me humilhando na frente da família de um quase-namorado foi recordada.

Escondo o rosto sob o travesseiro apenas em lembrar.

O nome do garoto era Ethan James e era a pessoa mais doce que tinha conhecido.

Éramos adolescentes, descobrindo as coisas da vida, além de que ele fazia com que me sentisse menos sozinha.

Nós jogávamos, conversávamos, ouvíamos música e acabamos por nos apaixonar, mas o namorico teve uma vida muito curta.

Minha tia nos flagrou em nosso primeiro e último beijo.

Depois disso nunca mais tive coragem de me aproximar de ninguém e agora estou aqui, uma adulta totalmente inexperiente e vexada.

É claro que sempre pesquisei todo tipo de coisa na internet, pelo menos para me sentir mais segura. Mas nenhum vídeo de dicas online faria com que me sentisse confiante o suficiente para *aquilo*.

Anthony enviou uma mensagem agradecendo a visita, mas estava tão envergonhada que nem sequer respondi. No fundo, achava que ele só havia feito aquilo por estar com pena de mim, uma garotinha ridícula.

Respiro fundo e tento afastar aqueles pensamentos.



Usei todo meu final de semana para adiantar meu projeto de pesquisa da faculdade e falei com Anthony algumas vezes.

Combinamos de observar melhor toda a movimentação da empresa antes de pensar em que passos adotar para seguir em frente com o objetivo de angariar provas de sua inocência.

Foi bom que estivéssemos um pouco afastados, porque tive tempo de refletir bastante e parar de me culpar por minha inabilidade nos assuntos carnais. Afinal, não era nada de mais e se ele realmente quisesse se relacionar comigo, teria que ter paciência.

— Não é porque ele é um bilionário que preciso mudar meu ritmo — disse como se tentasse convencer a mim mesma enquanto conversava com Alexandra pelo telefone.

— Essa é a minha garota! — Ela disse com empolgação do outro lado.



Na segunda-feira, mais uma vez percorri o prédio do Swiss Ulrich Bank com meus olhos e ouvidos atentos. Porém, o salão do banco já voltou a

funcionar e minha rotina na área administrativa diminuiu, pois, precisava ajudar os clientes.

Após cumprir algumas tarefas, volto para meu andar de origem para encontrar Georgia May sendo adulada por Emily.

Por algum motivo, Emily está com raiva de mim desde aquele episódio horrível, mesmo que tenha sido ela a primeira a começar a praticar bullying comigo.

Dou de ombros para a situação, não irei perder a confiança que adquiri nos poucos meses de trabalho por causa da picuinha de uma garota mimada.

Quando ela passa por mim, a cumprimento normalmente e paro próxima a minha chefe que parece radiante.

A senhorita May está mais arrumada do que o normal, usa um terno creme e um lindo colar dourado com uma pedra verde.

É uma esmeralda verdadeira?

Seus olhos estão cintilantes, como se por trás deles uma grande alegria quisesse transbordar. Sua maquiagem é simples, mas realça seus traços finos. Seu cabelo preto reluz no corte na altura do queixo, perfeitamente alinhado.

— Não precisa ficar babando — Georgia diz com um sorriso. — Sei que hoje estou um pouco acima de espetacular.

Sua autoestima com certeza é acima da média.

Sorrio sem graça e ela me manda sentar na cadeira de couro que fica à frente da sua mesa.

— Lauri, você nem imagina.

É estranho estar sentada diante do bom humor de Georgia May e sei que isso é o prelúdio de alguma bomba terrível.

— Senhorita? — digo para incentivá-la a continuar.

— Essa é uma novidade que só estou compartilhando com pessoas de confiança, ou seja, ninguém da equipe de estagiários, fora você, vai ficar sabendo.

Fico mais assustada ainda, afinal ouvir fofocas de funcionários de baixo escalão já era de praxe, agora da gerente geral é perturbador.

Arregalo os olhos com surpresa e um sorriso amarelo está mais do que grudado em meus lábios.

— Conte com minha discrição — comento com tranquilidade.

— Bom, com a saída daquele sanguessuga...

Me questiono se é do Ulrich que ela está falando.

— O banco vai precisar de uma figura confiável, preparada e que será capaz de dedicar a vida ao trabalho para estar no lugar do CEO — diz de forma contundente e orgulhosa.

Uma crise de tosse me aflige no mesmo instante e estou terrificada.

— O que está havendo? — indaga, enquanto em uma troca de papéis irônica, pega um copo com água para mim.

Pego o copo e agradeço ainda engasgada.

Ela me olha de um jeito esquisito e espera que eu me recupere. Após tomar a água digo que estou bem e então ela prossegue.

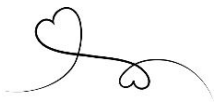
— Como eu dizia, vamos precisar de alguém *decente* como CEO. Não uma pessoa que se apossou do cargo de maneira injusta. — Bufa. — É possível que esse cargo seja meu, Lauri! — exclama com felicidade e estou paralisada.

— P-parabéns... Digo, parabéns, senhora May! — exclamo na melhor encenação possível, que não é muito boa, mas para ela parece ser suficiente.

— Senhorita — corrige. — E, pela sua dedicação, o cargo de assistente pessoal será seu. Finalmente aquele papagaio de pirata vai sair do andar da presidência — diz se referindo a Oliveira com certeza. — Você não está feliz, Lauri? — A mulher de olhos de corça me pressiona enquanto estremeço.

— Muito, a senhorita não imagina o quanto — digo com a melhor postura que consigo oferecer.

— Agora vamos voltar ao trabalho — diz enquanto pega outra pilha de papéis, pequena felizmente, e ainda não sei como reagir. — Esses papéis são para a presidência — diz com certa malícia no olhar. — Muito cuidado com eles, são muito importantes.



Minhas mãos suam com a pequena pilha de papéis em meu poder.

Aqui, nesses papéis, há alguma prova da inocência de Anthony Ulrich, ou, pelo menos, algum indício de que Georgia May e seu pai estão envolvidos em tudo aquilo?

Não há como pensar algo diferente, afinal o burburinho sempre foi de que Daniel May simplesmente odiava Anthony Ulrich por estar no lugar em que ele desejava posicionar sua filha.

Eu literalmente tremo, porque preciso fazer algo, mas sei que se alguém descobrir estarei em maus lençóis.

Já dentro do elevador prendo a respiração e tomo uma decisão rápida. Desço no andar seguinte e ando rápido, como se estivesse com muita

vontade de ir ao banheiro. Assim se alguém me visse nas câmeras não suspeitaria.

Logo estou em uma das cabines do vigésimo oitavo andar verificando os papéis que a senhorita May deixou comigo.

Para minha frustração, é apenas um novo contrato para funcionários a ser revisado pelo presidente.

Bufo de frustração e fico chateada com o quanto fui ingênua. Georgia May nunca deixaria nas mãos de qualquer pessoa, mesmo que supostamente de confiança, algum papel que a incriminaria ou seu pai.

"Que burrice, Lauri!", penso com raiva e logo sigo para finalizar minha tarefa.



Quando saio do trabalho, mando uma mensagem imediatamente para Anthony, mas não digo sobre o que se trata. O combinado é de manter contato pessoalmente, até porque criar rastros nunca é algo muito inteligente para quem está sendo investigado.

Quando recebe a mensagem ele me liga em seguida e atendo na mesma hora.

— Anthony.

— Lauri. Temos algo de interessante para conversar? — Seu tom de voz é sugestivo, com uma pitada de apreensão.

— Acredito que sim — digo ao me lembrar, com ansiedade, de toda aquela conversa com Georgia May.

— Certo, te encontro na entrada do metrô. Vou com outro carro para não levantar suspeitas. Em dez minutos estarei aí.

— Perfeito — concordo e desligamos a ligação.

A breve conversa pelo meu velho celular desperta sensações que nem os beijos quentes que havíamos trocado anteriormente foram capazes.

É como se estivéssemos nos aproximando, ganhando certa *intimidade*, por assim dizer?

Temos nossos próprios códigos e acordos, estamos *juntos* em um objetivo.

Minha barriga é tomada por um frio glacial e definitivamente estou nervosa.

Após um final de semana inteiro me acalmando, tudo foi por água abaixo depois de apenas um telefonema.

A pelugem do meu pescoço se eriça involuntariamente e deslizo meus dedos sobre a pele, como que para aquietar o efeito. Mas em vez de suavizar meus sentidos o gesto faz com que o arrepio percorra meu corpo inteiro, como em uma corrente elétrica ininterrupta.

Tento me recompor enquanto caminho para o ponto de encontro e parece que todos estão me olhando. É como se o mundo inteiro estivesse parado para assistir meu festival patético.

A pobre e órfã Lauriana, iludida por um homem rico, com um dos nomes mais imponentes do país, poderoso, frio e sem coração.

"Coração é só um órgão".

Suas palavras ressoam em minha cabeça nublada.

"Talvez sejam apenas energias que se conectam."

Mais uma vez a voz equilibradamente grave, como de um tenor, diz dentro dos meus pensamentos.

Nossas energias poderiam estar conectadas por algum motivo?

O senhor Oscar, o assalto, a forma como ele me olhou no jardim...

Interrompo o turbilhão de ideias que martelam minha cabeça e respiro com força, como alguém que está se afogando e busca se salvar.

Tento começar a ser racional e me lembro de ter lido em algum lugar que a paixão é como uma droga. Os mesmos circuitos neurológicos e hormonais afetados, por exemplo, pela cocaína, também são afetados quando uma pessoa está “apaixonada”.

A paixão também provoca diversos sintomas físicos e dependência, da mesma maneira que as pessoas viciadas em tóxicos se sentem. Pupilas dilatadas, coração acelerado, rosto corado, sorriso estúpido, respiração entrecortada, aumento de glicose...

Sei que já estou afetada pela “droga” e que é como quando bebemos, no começo não percebemos que estamos exagerando, mas aí, do nada, você está bêbado e vomitando por aí.

"Respire, Lauri. Agora que sabe que seus sentidos estão alterados pode agir para não se machucar demais, quando ele finalmente enjoar de você e for embora."

Enquanto tento apaziguar minha crise, vejo um carro branco e simples parado.

Será que ele estava ali há muito tempo, enquanto surtava internamente?

Abro a porta para agilizar a situação e não atrapalhar o trânsito.

Enfim, estou confortável dentro do veículo morno.

— Boa tarde — diz simpaticamente, algo que até me surpreende.

Anthony sempre é educado, mas não se pode dizer que simpatia é seu forte.

— Uma ótima tarde, senhor Ulrich — respondo com um sorriso sutil.

Ele me olha de canto com uma gota de malícia em suas esferas azuis.

Eu estava fazendo de novo, aquela provocaçãozinha barata, me repreendo mentalmente e me tranquilizo.

Está começando a ficar estranho ver Anthony Ulrich em trajes casuais, é como se *realmente* não fôssemos apenas colegas de trabalho.

— Algum lugar específico? Você disse outro dia que conhecia um café muito bom.

Fico surpresa por ele lembrar disso e até mesmo um pouco lisonjeada.

— Conheço sim, mas acho que é longe demais. Poderíamos parar por aqui mesmo se você quiser.

— Perfeito — concorda.

Ele estaciona próximo ao estabelecimento mais próximo que encontramos. Quando paramos ele pede para que eu deixe a bolsa com o celular dentro do carro e ele faria o mesmo.

Ele abre a porta e me ajuda a sair do veículo com todo o cavalheirismo à moda antiga que pode existir.

Esse deve ser o defeito dele com certeza!

Ele deve ser mais um daqueles homens conservadores que acham que as mulheres nasceram para servir e que não tem os mesmos direitos. Com certeza ele deve ser machista e isso será o suficiente para espantar a paixonite do meu corpo cheio de hormônios ululantes.

Quando chegamos ao café nos sentamos frente a frente em uma das mesinhas confortáveis ao fundo. Logo um atendente se aproxima para nos perguntar o que desejávamos.

Peço um croissant e chá, enquanto Ulrich mantém seu vício indomável por café e resolve combinar com um sanduíche de salame.

— Você é um pouco paranoico — digo enquanto mantenho as mãos cruzadas sobre a mesa e ele me olha curioso.

— Por que diz isso? — questiona com sua expressão impagável de uma sobrancelha levantada.

— Essa coisa toda de alugar um carro, deixar o celular longe enquanto estamos conversando.

— Sou apenas cuidadoso — diz de bom humor. — Às vezes, é melhor prevenir do que remediar. Aprenda isso, Lauriana — diz como um professor que ensina uma lição. — Um erro pode derrubar todo um castelo.

— E se eu estiver grampeada? Se eu for apenas uma espiã que armou diversas situações para me aproximar de você e arrancar informações? — questiono arbitrariamente e mais uma vez me espanto com minha ousadia.

— Está tudo bem, valeria a pena por passar algum tempo com você. Poderia sacrificar algumas estratégias por isso — diz um tanto galante, embora saiba que não é verdade.

É perceptível na postura impassível que ele é o tipo de homem que nunca abriria mão de suas estratégias.

— Vai me dizer que é um grande fã de A Arte da Guerra? — pergunto em tom de deboche citando o livro.

— É um bom livro, mas não. Não sou um grande fã — comenta com um olhar impiedoso, sem sorrir.

Às vezes é difícil lidar com pessoas que não riem das minhas tiradas, afinal humor é o que uso para lidar com minha timidez.

Mas não me deixo abater e continuo o encarando, logo ele deixa escapar um meio sorriso.

— Gosto do seu sarcasmo — comenta me fazendo corar. — Você não se intimida.

— Deveria? — questiono tentando de alguma forma provar, para mim mesma, que ele tem defeitos.

— Jamais. Pelo contrário. Pessoas que se intimidam são presas fáceis.

— Nisso, preciso concordar — Suspiro brincando com o porta-guardanapos que está a minha frente.

— Bom, disse que tinha algumas novas informações — comenta após recebermos nossos pedidos.

— É verdade, talvez você já saiba ou pelo menos desconfie — digo um tanto preocupada e ele faz um gesto com a mão para que eu continue falando. — Georgia May disse que provavelmente o cargo de CEO será dela. — Confesso que me sinto um pouco nervosa.

— Filhos da puta — rosna baixo e parece genuinamente irritado, embora controlado como sempre. — Sabia que Daniel May faria essa jogada, mas não tão rápido. Um amigo me disse que ele gostaria de contratar um CEO interino para me substituir por enquanto, mas não pensei que ele iria enfiar Georgia no andar da presidência assim tão rápido. Eles já estão contando com o meu afastamento definitivo com certeza — diz de maneira quase entediada. — O que eu esperava, não é mesmo? — comenta com um sorriso irônico e resignado.

— Peço desculpas se fiz que se deslocasse até aqui para receber uma informação que praticamente já tinha — digo tímida enquanto olho meus dedos.

Sou surpreendida por seu toque.

Ele pega uma das minhas mãos, a afaga e então se afasta.

Olho em seus olhos, satisfeita.

— Se estiver minimamente curiosa, gostaria que soubesse que minha vida agora não tem sido nem um pouco glamorosa ou divertida. Na realidade, só consigo pensar nessa crise. Minha *estratégia* atual — diz destacando de maneira proposital a palavra. — É manter um perfil baixo, o mais discreto possível. Sei que é quase impossível evitar, mas odeio fotos minhas tiradas por paparazzi nas ruas. Preferiria infinitamente estar com você no meu apartamento, mas não gosto de ser inconveniente.

Sorrio com honestidade ao ouvir suas palavras.

É tão difícil tentar achar coisas erradas em Anthony Ulrich, é como se não houvesse nada muito grave e ele fosse uma pessoa normal. Na verdade, muito acima do normal.

— Você dificulta as coisas para mim. — Suspiro e ele me observa curioso.

Ele sempre parece ficar assim quando conversamos, mesmo que nunca tenha me considerado a pessoa mais instigante do mundo. Nunca o via dessa forma, ele é sempre tão intransponível com suas respostas curtas e dureza nas decisões.

Por que em todos os momentos em que paramos para conversar é tão diferente?

Ele me considerava tão inofensiva assim?

Ou talvez nossas energias estivessem conectadas.

"Patética!"

— Como assim, Lauri?

— Você é um enigma. Não é um monstro, nem passa perto disso, é espirituoso, maduro, tem uma boa conversa, é gentil e *beija bem* — digo me rendendo, o que surpreendentemente arranca uma risada discreta, mas um tanto efusiva dele.

Consegui arrancar com minhas garras uma risada do homem de um bilhão de dólares, mas não consigo me sentir satisfeita com isso.

— Você é incrível, quando percebo já estou falando com você — diz em um tom sereno.

— Tudo bem. — Concordo sem olhar para ele.

— O quê?

— Vamos para o seu apartamento, é melhor conversar em um lugar mais seguro — digo com clareza, mas a diabinha sentada no meu ombro joga

na minha cara que conversar é o que eu menos quero agora. — Posso pedir a conta?

Ele concorda enquanto tira um cartão de dentro da carteira.

Aceno com uma das mãos para ele.

— Dessa vez eu pago. — Sorrio desafiadora e ele me olha em um misto de surpresa e satisfação.

Este será meu último teste, pelo menos agora.

— Talvez nós pudéssemos dividir, o que acha? — diz em um tom apaziguador e isso é bom o suficiente para mim.

— Ótimo, eu aceito. — Concordo sem relutância quando ele me encara.

Mais uma vez sinto os efeitos devastadores e intensos da droga percorrer meu corpo.



ANTHONY

Quando se trata de Lauriana nada é certeza para mim e talvez ela se sinta da mesma maneira que eu.

Minha personalidade está escondida atrás de milhares de títulos que entraram em minha vida de maneiras diversas, cada um recolhido em um momento diferente.

Primeiro era um filho bastardo de um homem rico, depois disso era diretor executivo de um dos maiores bancos do país. Também era um homem impassível e solitário que não queria depender de ninguém.

Soterrado em algum lugar escondido estava o Anthony que ela fazia questão de trazer à tona.

O Anthony que é só um homem comum com fraquezas e qualidades.

O apartamento está arrumado desta vez, pois, eu mesmo havia organizado boa parte das coisas junto com a diarista durante o final de semana.

Sempre fui um homem extremamente ocupado, mas minha vida foi colocada de ponta cabeça e tudo que sobrou é a pessoa que existia em minha mente.

Já não tinha como fugir disso, nem me distrair. Estava isolado dos negócios e isso era algo bom e ruim.

— A sala parece maior sem aquela TV — diz apontando para o chão onde a televisão esteve destruída. — É estranho — pontua enquanto se acomoda em meu sofá.

— O que é estranho, senhorita?

— Você parece tentar levar uma vida relativamente simples. Isso é estranho, não é? Suas posses têm zeros demais para isso. Sinto que tenta recuperar algo perdido com esse tipo de atitude, mas as coisas acabam se tornando um pouco contraditórias...

Reviro os olhos com a afirmação.

Lauri está me analisando de novo e pelo visto tenho que aprender a lidar com suas perguntas indiscretas e ácidas se quero passar mais tempo

com ela.

— E você? O que me diz sobre a *sua* vida? — rebato o questionamento. — Acho que é uma das poucas pessoas que sabe tantos detalhes da minha vida em tão pouco tempo e mesmo assim não me fala quase nada sobre você.

— A minha vida não é interessante, Anthony, sou só mais uma pessoa comum e sem cargos. — Dá de ombros.

— E é isso que torna sua vida mais interessante que a minha, afinal você continua sendo instigante sem precisar de maquiagem alguma. Eu só sou interessante para algumas pessoas por causa do cargo que ocupo.

— Não mesmo, *senhor*, você é interessante exatamente porque é *tudo* que sabemos sobre você.

— Então quer dizer que tudo que você conhece sobre mim, é meu cargo? — questiono impetuoso, para não dizer com uma pontinha de decepção.

— Acho que agora suponho umas coisinhas além deles, mas quero saber mais. Por que não me conta algo que quase ninguém sabe sobre sua vida?

— Mais uma vez você está virando o jogo, Lauri, mas tudo bem, acho que posso contar uma coisa que na realidade só eu sei — digo resoluto e

seus olhos brilharam com a iminente revelação.

— Eu adoraria saber — diz provocativa, como sempre.

Ela se aproxima do balcão da cozinha, onde estou decidindo o que beber.

Gostaria de construir um momento mais ameno e leve para Lauri, mas simplesmente uma vontade inescrupulosa toma conta de mim, o desejo oportunista desliza em minhas terminações nervosas.

— Estou me controlando até agora para não te beijar — digo encarando seu rosto misterioso.

Dou a volta no balcão, para estar na frente dela e olhar profundamente em seus olhos. O encontro dos nossos olhares parece ser capaz de provocar explosões.

Eu nem a toquei ainda, mas nossas respirações já parecem um tanto alteradas. Seus lábios se entreabrem involuntariamente e isso me parece um convite afável para um beijo tão intenso quanto eu desejo.

Lauri deixa o caminho livre para mim e em seguida nossas línguas se tocam com a sincronia perfeita enquanto seu corpo é quente e convidativo.

Em um movimento certeiro faço com que ela se sente em um dos bancos ali dispostos, fazendo com que nossos quadris fiquem na mesma altura ao ficar entre suas pernas.

Ouço o som dos botões do vestido que ela utiliza explodirem com o movimento brusco.

Suas coxas agora estão completamente à mostra e admito que são as pernas mais bonitas que já vi em toda minha vida.

Elas estavam escondidas sob aquele tecido opressor, mas agora observando melhor são perigosamente desenhadas e estão abertas de maneira convidativa para receber a pressão do meu corpo sobre o dela.

Nosso beijo passa de lento e sensual para algo muito mais desesperado e ávido.

Afasto minha boca da sua e deixo que meus lábios suavemente viajem por seu pescoço até se aproximarem do lóbulo da sua orelha.

— Você é uma delícia — sussurro enquanto permito que uma das minhas mãos deslize suavemente até a parte interna de uma de suas coxas.

Um gemido baixo escapa dos seus lábios, o que me faz suspirar de satisfação.

Minha mão está perigosamente perto do meu objetivo e isso faz com que eu tome seus lábios, talvez para abafar os ruídos de sua garganta.

Logo meus dedos ansiosos estão entre suas coxas, o que a faz estremecer enquanto aperta afoita meus ombros e costas.

Toco o tecido de sua calcinha com cuidado aproveitando cada milímetro e sentindo sua umidade quente. Ela afasta os lábios e em um arfar joga a cabeça para trás, enquanto a toco sobre a peça íntima, apenas superficialmente.

— Eu gosto disso — murmuro e ela parece estar tímida, mas sem sinal de que quer parar.

Com o aval do corpo de Lauri que parece tão desejoso quanto o meu, permito que minhas mãos simplesmente terminem de arrancar o vestido que ela está usando.

Um pouco bruto, talvez, mas cuidadoso, para ter então uma descoberta agradável.

Ela não usa sutiã, apenas uma camiseta fina sob a roupa.

Seus seios pequenos, firmes e macios cabem perfeitamente em minhas mãos que os acariciam com avidez.

Não posso resistir à tentação de levantar o fino tecido que ela usa, apenas para me deleitar com a visão de sua pele cor de cinamomo.

Seus mamilos estão completamente rígidos como se atraíssem minha língua para eles, contornando com delicadeza os pequenos círculos enquanto baixos gemidos escapam entre seus lábios.

Suas mãos agarram minha cabeça para continuar com o trabalho tão agradável.

Minhas mãos seguram sua cintura com firmeza e preciso ter atenção a força que estou usando, não quero acabar machucando sua pele tão tenra.

Levo meu rosto para próximo do dela, beijando-a em seguida.

Ela parece estar acanhada, olhando para baixo com embaraço.

Com delicadeza levanto seu queixo para que ela me olhe.

Seus olhos além do desejo agora mostram algo diferente, é como se ela tentasse se esconder.

Percebo isso quando ela tenta cruzar os braços na frente do corpo, mas puxo suas mãos para encará-la.

— Você é a mulher mais linda que já vi em toda a minha vida — sussurro em seu ouvido. — Não tem noção do quanto estou me segurando para não te foder aqui nessa cozinha — digo enquanto sinto a tensão em meu corpo se expandir progressivamente.

Sem pensar duas vezes a agarro com firmeza, guiando-a para o quarto.

Faço com que Lauri se deite na cama, tentando me manter o mais calmo possível, pois, não quero que ela fique constrangida ou sobressaltada.

Retiro o casaco e camisa, a essa altura ela usa apenas a frágil camiseta branca que demarca perfeitamente seus belos seios e uma delicada calcinha.

Colo minha boca na sua de novo em um beijo longo e profundo, em seguida deslizo meus lábios por seu pescoço, seu colo, seus seios até chegar em sua barriga. Deixo que minha língua passeie ao redor do seu umbigo perfeito.

Ela respira alto enquanto arqueia as costas.

Minhas mãos seguram com firmeza seu quadril enquanto desço ainda mais meu rosto e afasto suas pernas. Ela segura meus ombros, como se tentasse me impedir de alguma forma, mas retiro suas mãos com delicadeza e olho para suas bochechas avermelhadas.

— Deixa comigo — sussurro.

Lauri fecha os olhos quando sente que minha língua passeia sobre sua calcinha, pressionando seu clitóris de maneira localizada. Ela geme baixo e suas pernas prendem meu corpo em uma pressão deliciosa.

— Anthony... — diz em uma voz sôfrega, o que me deixa louco, querendo continuar de qualquer forma.

Faço com que a peça íntima que ela usa deslize por suas pernas de maneira afoita, até que ela esteja completamente livre dela e totalmente exposta a mim.

É de alguma forma irresistivelmente excitante vê-la com a camiseta semitransparente e sem sua roupa de baixo.

Lauri é um tanto doce e ingênua, mas, por outro lado, cruelmente sensual.

Olhar para ela deste ângulo me dá água na boca e só quero abocanhá-la com todo ardor que me aflige.

Minha boca beija suas deliciosas coxas, sentindo o toque de sua pele de cetim, mas não posso resistir muito a deixar que busque o que há entre elas.

Minha língua passa por seu clitóris delicadamente e pela primeira vez ela não consegue suprimir um gemido alto que ecoa no quarto.

Deixo que minha língua trabalhe nela lentamente e depois aumento um pouco a cadência enquanto sua respiração se acelera.

Estou chupando seu clitóris e suas pernas se abrem para me receber sem pudor algum. Seus gemidos baixos agora são frequentes a cada toque da minha língua curiosa e ávida.

O tesão levou embora sua vergonha.

Seu gosto salino é delicioso e só aumenta minha lascívia.

Minha língua brinca em seu sexo de um jeito ritmado, arrancando seus suspiros mais delirantes.

Não tenho a menor pressa enquanto a saboreio de um jeito apurado.

Com cuidado introduzo um dedo em seu sexo enquanto sua umidade extremamente estreita faz com que fique cada vez mais tenso, quase perdendo o controle.

De início ela parece um tanto nervosa, quase impedindo a penetração superficial, mas em seguida ela faz um ótimo trabalho em relaxar, deixando que abra caminho em seu interior.

Ela geme enquanto movimento apenas um dedo dentro dela de maneira lenta e profunda.

Eu mesmo não posso evitar um gemido que vibra da parte baixa da minha garganta ao notar o quanto ela é apertada.

Estou me deleitando com toda essa ação, com a língua que a sorve e a mão que a toca.

Mas, de repente, em um movimento intenso, ela me puxa pelos ombros. Depois de secar meus lábios com o lençol, a beijo com vigor, quase violentamente, segurando seu pescoço para deixar sua boca ainda mais acessível a minha volúpia. Minha língua penetra com força sua boca, como se demonstrasse o que o resto do meu corpo quer fazer.

— Eu quero você... Em mim... — sussurra ofegante.

Tenho certeza de que minhas pupilas já estão totalmente dilatadas, tamanho apetite que sinto de tomar seu corpo.

Seus lábios generosos estão entreabertos, gotículas de suor se formam em sua testa e seu cabelo já não está tão alinhado como de costume.

Ela é a visão perfeita de uma Vênus corada e desenhada com afinco por algum deus caprichoso.

Coloco meu corpo sobre o dela e beijo seus lábios devagar.

Sinto que ela começa a ficar tensa, como já aconteceu antes. Seu corpo treme, mas não me parece ser um temor resultado de alguma sensação agradável.

— Fiz alguma coisa errada? — murmuro contra seus lábios.

— É só que... Eu nunca fiz nada do tipo — confessa com timidez, olhando para baixo.

Então é essa a questão.

Ela é uma mulher corajosa, inteligente, perspicaz, mas ainda não se relacionou sexualmente com outra pessoa e tem vergonha disso.

Entretanto, sentiu a necessidade de contar para mim.

Toco seu queixo mais uma vez para levantar seu rosto e olhá-la nos olhos.

— Quando você diz nada...

— Nada. — me interrompe.

— Você quer dizer completamente virgem...

Toca meus lábios para que eu pare de falar.

— A gente pode só nunca mais falar sobre isso? — Seu rosto está completamente corado, o que parece adorável.

Obedeço seu pedido.

— Você tem certeza? — questiono carinhosamente fitando seus olhos.

Meu desejo ainda é gritante, mas não quero fazer nada que atrapalhe o momento para ela.

— Sim, tenho certeza — confirma com um olhar profundo que me embriaga.

— Mas Lauri... — Tento mais uma vez insistir.

Ela me puxa, fazendo com que nossos corpos quentes e suados se choquem com força.

A ereção dentro da minha calça se torna cada vez mais incômoda, como se isso fosse possível.

Eu não quero mais me controlar, por isso, rapidamente me livro da calça e roupa de baixo que visto.

Sem tempo para cerimônias, estendo a mão para pegar um preservativo na mesa de cabeceira.

Estou a ponto de explodir e sei que nem se pensar em todas as coisas mais horríveis do mundo irá tornar meu desejo mais suave ou controlado.

Liberto meu membro que parece inflexível, teso, extremamente rígido e deslizo a camisinha sobre ele.

Lauri me olha um pouco preocupada enquanto toca os lábios com apreensão.

Eu a fito mais uma vez, segurando sua cintura com delicadeza.

Agora tenho a certeza de que jamais farei nada que possa machucá-la, porque até no momento de maior desejo é só em satisfazê-la que me preocupo.

— Você só precisa relaxar — digo enquanto encontro dificuldades em conectar nossos corpos.

Meu membro na entrada do seu sexo simplesmente não tem espaço para passar.

Quando ela finalmente relaxa, consigo encontrar o caminho, penetrando através da sua virgindade.

Mas sua musculatura rija ao meu redor é desesperadora.

É como se eu fosse uma bomba a ser detonada a qualquer momento.

Um gemido alto escapa dos seus lábios e me controlo para não ir com toda a força.

Estar dentro de Lauri é como encontrar um paraíso desconhecido.

Um paraíso que nem todo o dinheiro do mundo pode comprar.

No início ela está um pouco apreensiva, mas aos poucos nossos corpos encontram um ritmo próprio. Ela parece estar se entregando, enquanto invisto meus quadris contra os seus.

Os movimentos são lentos, pois, não quero acabar exagerando.

Ainda nesta posição, arranco a fina blusa que ela usa, sem parar de me movimentar dentro dela.

Não leva muito tempo até sentir o corpo de Lauri se contrair enquanto sua boca abre em um formato de “O”.

Toda a fricção, gemidos, suor, são demais e a forma como ela goza faz com que em seguida seja minha vez, porque simplesmente não pude suportar.

Estamos simplesmente exaustos, ofegantes, extremamente desgastados com toda a tensão.

É inexplicável a sensação após o momento, é como se toda ansiedade, tensão e estresse do meu corpo tivesse se dissipado com o orgasmo.

Estamos completamente nus e tenho certeza de que não é só das nossas roupas, mas também de todas as certezas que costumávamos carregar conosco.

Agora, não existem mais verdades absolutas.

Ela confiou em mim o suficiente para me entregar sua primeira vez e isso me deixa completamente orgulhoso.

— Você acabou comigo, sabia? — comento enquanto a puxo e beijo seus lábios.

— Acho que você aguenta muito mais que isso — responde em um tom de malícia que é inesperado e docemente agradável para mim.

— Por você, sou capaz de me esforçar — digo de bom humor.

Ela dorme em meus braços e sinto como se pudesse protegê-la de todas as coisas do mundo.

Por mais que não me sinta apto para viver qualquer tipo de relacionamento com alguém, Lauriana faz parecer natural essa convivência.

Não há nenhum tipo de pressão ou julgamento, por mais que ela goste de me analisar de vez em quando nunca é para me fazer críticas infundadas.

Talvez esteja pensando demais e as coisas na minha cabeça estejam andando mais rápido do que devem, mas não consigo frear este carro desgovernado que é o laço que estávamos criando. Então, resolvo parar de

tentar e simplesmente viver o que está acontecendo, sem tentar prever o desenrolar dos episódios em minha vida.



Ao acordar na manhã seguinte a primeira coisa que faço é observar Lauriana dormindo totalmente confortável. Seu rosto está sereno e sua boca aveludada levemente aberta.

Ela é tão inocente e entregue...

Em seguida, preparo um café da manhã bem elaborado com linguiça de porco, cogumelos, tomates grelhados, feijão branco, bacon e ovos.

Organizo uma bela mesa e em seguida tiro uma foto muito bem enquadrada para mostrar também a paisagem externa.

Envio a foto para Lauri com a seguinte legenda me sentindo altivo com meu trabalho:

“É isso que verá quando decidir se levantar, dorminhoca”.

Sei que o despertador do celular dela tocará em breve.

Depois de alguns minutos lá está ela, vestindo uma camisa minha branca e enorme.

Confesso que fica muito melhor nela.

Seu rostinho sonolento é tentador e facilmente repetiria toda a noite passada. Mas infelizmente ela precisa trabalhar e não quero atrapalhar sua vida profissional, pois, sei o quanto é importante para ela.

— Bom dia, princesa — digo e o apelido carinhoso soa estranho para mim, mas é agradável ver o sorriso em seu rosto

— Bom dia, senhor Ulrich — responde na intenção de me importunar, com toda certeza, e rio.

Levo Lauri para a mesa da varanda e puxo uma cadeira para que ela se sente.

A vista da cidade que temos é impressionante e loucamente percebo que é a primeira vez que tomo um café *de verdade* no meu apartamento.

Tomamos meu café sofisticado e clássico percebendo depois que havia mais comida do que duas pessoas sozinhas poderiam consumir.

Inclusive, Lauri ri do meu exagero.

Depois a levo até uma loja de roupas para que escolha algo para voltar para casa, afinal destruí o vestido que ela usava no dia anterior.

Mas ela me convence de que quer algo do mesmo valor da peça que foi destroçada.

Ela faz com que a leve para casa, pois, precisa cumprir seu ritual antes de ir para o trabalho.

Essa é mais uma faceta de Lauri, uma garota metódica e com algumas regras que precisa cumprir.

Depois de cumprir tudo isso, volto para casa e tudo parece vazio sem ela ali.

Mando algumas mensagens para saber como ela está, mas ela ficará ocupada por um tempo, então vou em busca de alguma distração.

Olho os e-mails a procura de alguma novidade, mas não há nada de interessante, exceto por uma mensagem inesperada e que chama minha atenção.

O nome é de um velho conhecido, mas nem um pouco próximo hoje em dia, Mathys Hedwig, meu primo.

Os Hedwig fazem parte da família dos Ulrich, pelo menos dos originais, não dos falsos, como sempre fui considerado.

Não consigo sequer imaginar o que ele tem para falar comigo.

Ler este nome, na verdade, me traz mais um combo de péssimas lembranças, onde sua mãe em apoio a doce senhora Ulrich começou a me humilhar publicamente.

Mas não quero pensar muito sobre isso, afinal estou de bom humor e não irei estragar meu dia com aquelas lembranças cheias de rancor e mofo.

Finalmente abro o e-mail para saber de que se trata e para minha surpresa não é nada de negativo.

Leio e releio as palavras percebendo que felizmente não precisarei me irritar na alvorada tão agradável.

Prezado Anthony,

As notícias chegam rápido, mesmo aqui a mais de seiscentos e cinquenta e quatro milhas de distância. Saiba que minhas convicções são completamente diferentes das da nossa cara família e sei que a desonestidade não é algo do seu feitio.

Conte com minha solidariedade.

Envio meu telefone de contato, caso queira conversar a qualquer momento.

Um abraço

M.

Salvo o número que está logo após a mensagem do e-mail em meu celular e saio da conta sem responder aquelas palavras.

Ainda não estava pronto para contatar ninguém daquela família, pelo menos ainda não é o momento para mim.

Em meu interior, sinto um pouco de gratidão por receber o mínimo apoio e saber que nem todos são arrogantes e injustos como os Ulrich e descendentes com quem tenho contato geralmente.

Entro em contato com Sebastian no banco e conversamos por um bom tempo. Ele disse que está fazendo o possível para evitar que Daniel May coloque Georgia no meu cargo. Que é um dos poucos que está resistindo a essa tentativa e isso está segurando um pouco as mudanças.

Agradeço o apoio e ele reafirma que está ao meu lado mais uma vez.

— Ser acusado de ajudar um grupo envolvido com tráfico e terrorismo a praticar branqueamento de capitais não é uma das coisas mais agradáveis — comento com desgosto ao lembrar da reportagem. — Para o meu próprio bem, tenho tentado me manter o mais longe possível de notícias.

"A questão é a seguinte, essa acusação pode muito bem ser verdadeira, alguém ajudou os assaltantes, isso ficou claro.

"Mas o que não sai da minha cabeça é quem seria capaz de fazer isso?

"Alguém muito poderoso com certeza e interessado em entregar minha cabeça.

"Enfim, são apenas algumas suposições.

"Vamos deixar esse trabalho para a polícia e advogados por enquanto. De qualquer forma no futuro, caso o real culpado não seja encontrado,

precisaremos instaurar investigações internas corporativas para evitar novas fraudes."

— Esse é o Anthony que mantém as coisas nos eixos! Precisamos de você de volta o quanto antes e pode ter certeza de que isso será muito rápido! — exclama confiante.

A breve conversa junto com os acontecimentos anteriores, faz com que sinta algo que já não conhecia havia muito tempo, uma onda de otimismo que gostaria que não fosse apenas ilusão.



LAURIANA

Quando volto para meu quarto, depois do meu agradável encontro com o senhor Ulrich, sinto como se o velho colchão da casa da senhora Parker fosse feito de nuvens.

Uma pequena pontada em meu baixo ventre faz com que eu retorne para a realidade por um breve momento, mas até isso foi agradável.

Anthony foi tão gentil e cuidadoso, muito diferente de todas as reclamações de Alexandra relacionadas aos homens. Na realidade, a maioria das mulheres que conheço reclamam sobre o fato dos homens serem egoístas e só pensarem em si.

Mas Anthony Ulrich foi generoso comigo e era perceptível o quanto ele se preocupou em me dar prazer.

Ele não se preocupou com a própria satisfação.

Suspiro mais uma vez embriagada com a droga da paixão.

Sei que isso está indo longe demais, mas preciso aproveitar já que está tudo bem.

Não demora muito e estou nas nuvens de novo quando recebo uma mensagem dele perguntando se estou bem e se não achava que minha primeira vez foi um fracasso total.

Rio um pouco sozinha, mas envio uma mensagem de falso mau humor para ele.

Eu: Você de novo com essa conversa de primeira vez.

Anthony: *Perdão, mas podemos parar de contar depois da segunda.*

Sorrio com suas palavras, com certeza ele quer me encontrar de novo e eu definitivamente também quero.

Conversamos um pouco e logo nos despedimos.

Aquele café da manhã maravilhoso me deixou em êxtase, ele estava sempre tão preocupado comigo e procurando formas de me agradar.

Comprou até um vestido novo porque estragou o meu.

Estou pronta para ir trabalhar, mas ainda inebriada, em um estado de torpor constante.

Os toques de Anthony não saem da minha cabeça e vez por outra sou surpreendida por um arrepio ao imaginar a cena dele entre minhas pernas e sua língua me torturando com habilidade.

Isso não poderia ser saudável, não quero ser como uma adolescente que acabou de descobrir o sexo, mas é impossível ignorar essas lembranças.

De repente, ele puxou minha camiseta, deixando meus seios e barriga exposta. Ele contornou meu mamilo com a língua.

Suspiro cobiçando suas mãos em mim mais uma vez.

Ele fez com que me sentisse segura com meu corpo, me tratando como a mulher mais bonita do planeta.

Não quero criar comparações, mas é impossível não pensar que ele pode ter qualquer mulher que apeteça em sua cama.

Porém, é a mim que ele deseja.

Uma parte minha quer contar para o mundo inteiro como me sinto, mas outra parte tem ciúmes daquilo tudo e gostaria que ninguém jamais soubesse. Assim nada poderia roubar o brilho do meu mundo particular.

Depois de muito viajar em meus pensamentos, sou obrigada a sair para não me atrasar.

Eu, me atrasar?

É claro que irei me atrasar, afinal vim cedo do apartamento de Anthony para me arrumar em casa.

Aquilo não era possível e deveria estar realmente fora dos eixos, pois, nunca perdi minha programação.

Respiro fundo e não como nada da mesa do café da manhã que a senhora Parker sempre arruma para as meninas e para mim.

— Isso são horas, dona Lauri? — a senhora Parker ralha e sorrio. — Isso é um sorriso de apaixonada — diz erguendo um dedo e sinto meu rosto corar, mas sem coragem de negar sua oração. — Não vá ficar com essa cabecinha bitolada — aconselha e deposito um beijo em sua testa antes de sair correndo.

Tudo está a meu favor, até os passarinhos cantam mais alto.

O inverno está próximo, mas não há previsão de chuva.

Saio voando em direção ao metrô e as pessoas parecem um pouco mais bonitas nesta manhã.

Quando chego ao trabalho logo pego minha escala diária de tarefas com a assistente de Georgia May que avisa que a chefe está ao telefone.

E dessa vez ela parece estar irritada e discute com alguém, pois, escuto sua voz exaltada através da porta.

Nem me atrevo a bater na porta para desejar um bom dia, como costumo fazer e como ela requer, pois, gosta de falar com seus estagiários antes do início do dia. Traduzindo, gosta de me encher de tarefas extras, fora as da minha lista oficial.

Sigo para cumprir minhas ocupações e falarei com ela mais tarde.

Vou até à sala de convivência para deixar minhas coisas e encontro Jack que chegou antes de mim, algo bastante atípico.

— Bom dia, Lauri — ele me cumprimenta com a mesma cara de sono de todas as manhãs.

— Bom dia, Jack. — Sorrio.

— Como consegue sustentar esse sorriso animado antes das dez? — diz bocejando e em seguida vai em direção a máquina de café.

O rapaz sardento pega dois copos, os enche com expressos e traz um deles para mim.

— Muito obrigada. — Embora não goste muito de café sempre é bom para dar um ânimo. — Bom, acho que você está no lucro, afinal mesmo não gostando de acordar cedo você sempre usa roupas um tanto estilosas, jamais conseguiria.

— Amiga, isso é um dom natural — rebate, mas em seguida lança um olhar de curiosidade em minha direção e fico confusa.

— O-o que foi? — questiono sem entender.

— Entendi o motivo da alegria — diz com malícia olhando para meu pescoço.

— O quê?! — insisto ainda sem entender o sentido da conversa.

— Esse mosquito pegou pesado com você. — Ri tocando meu pescoço.

Vou rapidamente para o banheiro e vejo a pequena mancha do lado esquerdo no meu pescoço.

É um chupão.

Quando era pequena sempre ouvia minha mãe dizer que aquilo era muito feio, mas é óbvio que não entendia.

Bufo com a situação e fico feliz de ainda não ter visto a senhorita May hoje.

Jack vem atrás de mim no banheiro com algo em suas mãos enquanto ri.

— Não zombe de mim.

— Não estou zombando — diz matreiro e me estende um lenço.

— Não sei usar isso — digo segurando o tecido fino e ele revira os olhos de impaciência.

— Preciso fazer tudo nesse lugar? — diz amarrando o delicado lenço ao redor do meu pescoço, o que para minha surpresa deixou minha aparência bem mais elegante do que jamais esteve.

— Poderia me ensinar essas coisas — digo enquanto dou um beijo na bochecha dele.

— De nada, agora vem tomar seu café — diz me puxando impaciente e rio com sua expressão.

— Você não vai sair contando isso para todo mundo, não, né?

— Que você está namorando? É claro que não. Eu não sou fofoqueiro — diz quase ofendido, embora saiba que sua última afirmação não seja cem por cento, verdadeira.

— Quem disse que estou namorando? Pode ter sido um encontro casual — digo com indignação.

— Você não tem cara de que faz esse tipo de coisa — provoca e lembro de todas as vezes que Lexi me aborrecia com esse tipo de coisa.

— Me deixa em paz, seu irritante — digo com uma careta.

— Mas foi você quem começou a conversa — diz enquanto sorrimos.

Sigo com minhas tarefas normalmente durante o dia. Georgia May parece estar indisponível para todos, está irritada e não quer falar com ninguém.

Os que são obrigados a tentar falar com ela, voltam de lá um tanto consternados.

Jamais me arriscarei em um confronto como esse.

No horário do almoço recebo uma mensagem de Anthony.

Anthony*: Não quero atrapalhar seu dia de trabalho, mas se puder, por favor, baixe o aplicativo do link a seguir.*

Faço o que ele pediu e vejo que é um aplicativo usado para troca de mensagens.

Adiciono o número telefônico dele e logo envio uma mensagem como resposta.

Eu: Feito.

Logo em seguida a mensagem some.

Pelo que entendi o aplicativo é usado para ter conversas mais seguras, após a leitura de qualquer mensagem ela é apagada. Além de ser impossível printar ou salvar qualquer coisa dali.

~a

Mais seguro, não acha?

(1:05 PM)

~Lauri

Talvez, se você está dizendo.

(1:06 PM)

~a

Gostaria de pedir um favor.

(1:06 PM)

~Lauri

Eu sabia que todo aquele romantismo de ontem não sairia de graça...

(1:07 PM)

~a

Ha, ha, ha, muito engraçado.

(1:08 PM)

~a

Assim que puder vá até o “céu”. A Oliveira vai te esperar com uma mensagem importante.

PS: Não seja pega.

(1:09 PM)

A última mensagem faz com que meu coração dispare.

O que precisarei fazer?

Por que corro o risco de ser “pega”?

As mensagens somem na mesma velocidade que surgem, logo não há vestígio de que aquela conversa um dia aconteceu e ele pode dizer a qualquer um que sou louca.

Enfim, a minha carreira oficial de espiã começou e fico um pouco preocupada.

Na verdade, estou extremamente nervosa.

Estou oficialmente envolvida nisso tudo porque eu mesma pedi por isso.

Termino de comer meus vegetais para não levantar suspeitas e respiro fundo, como alguém que se prepara para um longo mergulho. E

Mal posso disfarçar o quanto estou assustada, então tento voltar para minhas tarefas o mais rápido possível.

Tento convencer a mim mesma de que está tudo bem e que logo tudo estará resolvido, seja lá o que for.

Analiso minha lista de tarefas e percebo às três horas da tarde tenho algumas tarefas no administrativo, o que me levará convenientemente ao andar em que Oliveira está me esperando.

Estou realmente me sentindo como uma espiã, mas isso não é divertido.

Pego os papéis na área da gerência, dessa vez levarei as correspondências do diretor e do presidente.

Minhas mãos estão suando e parece que terei uma crise de ansiedade.

Antes de subir tomo um copo d'água para só então seguir minha missão.

Ao chegar no saguão, torço para que o elevador demore a chegar ao térreo, mas para minha frustração ele já está quase no andar.

Quando ele para, entro rapidamente e me encaro no espelho.

Meu cabelo está preso em um rabo de cavalo e meu rosto parece até mesmo um pouco agradável de se olhar. O lenço verde, que Jack amarrou ao redor do meu pescoço, dá um toque especial ao meu terninho já meio surrado e o verde destaca o tom terroso da minha pele.

Hoje é um dia atípico, mesmo nervosa ainda consigo estar feliz comigo mesma e isso aquieta um pouco meu coração.

"Você consegue, Lauri.", uma voz ecoa em minha cabeça.

Quando chego ao meu destino encontro Oliveira, que parece muito mais ansiosa do que eu, e então tento tranquilizá-la.

— Conversei com o senhor Ulrich e ele me disse que você iria nos ajudar. Não tenho muito tempo para explicar, pois, as outras assistentes vão voltar logo — sussurra.

— Mas qual é a situação exatamente? — pergunto baixo e sempre olhando sobre os ombros para evitar que sejamos pegas por algum invasor.

— A questão é a seguinte, a sala do senhor Ulrich está fechada desde... Desde o ocorrido.

"Disse a ele que ninguém mais mexeu em nada ali dentro, pelo menos não enquanto estava aqui e estou sempre aqui.

"Como sou assistente pessoal dele tenho acesso às câmeras desse andar, como segurança mesmo. O escritório do diretor executivo, do

presidente e do diretor tem câmeras que ficam desligadas enquanto eles trabalham, por motivo de privacidade.

"Quando você estiver lá dentro não precisa se preocupar, a única questão é que ninguém veja quando você entra ou sai.

"A única câmera que tem a visão da entrada da sala é aquela."

Aponta discretamente para o aparelho posicionado a frente da porta.

— Agora entra a parte difícil e é por isso que você não pode demorar. Troquei meu tablet que tem acesso às câmeras de segurança pelo do presidente — diz mais baixo ainda em um tom quase inaudível. — Com ele, posso mover a câmera e assim tirar a porta do campo de visão. Mas em quarenta segundos ela volta automaticamente para a posição inicial, ou seja, você precisa entrar assim que ela estiver virada para o outro lado e fechar a porta em quarenta segundos. Para sair precisamos fazer o mesmo esquema. Você precisa me avisar quando terminar e faço com que a câmera vire, a partir do meu sinal você precisa sair em quarenta segundos.

Ouço cada palavra do que ela diz com toda a atenção do mundo.

Então terei que invadir a sala de um dos funcionários mais poderosos do banco onde sou estagiaria. Se alguém sonhar com algo do tipo serei demitida, isso se não for denunciada para a polícia.

A Lauri confiante que gostou da própria aparência quando se olhou no espelho do elevador faz as malas e vai embora para nunca mais voltar. Um leve desespero toma conta de mim e quero chorar.

Oliveira também está desesperada e sei que duas pessoas em descontrole jamais conseguirão fazer nada certo.

— Acha que a gente consegue fazer isso? Lauri, aproveitei que o senhor May estava ocupado e troquei os nossos tablets... Meu Deus! — diz com os olhos marejados e uma careta aflita. — Se ele descobrir... Se ele... Eu não quero nem pensar. Eu trabalho aqui há quase vinte anos. Meu Deus... O senhor Ulrich precisa de mim, ele é como se fosse um filho *pra* mim...

Oliveira parece estar delirando e tenho a consciência de que preciso fazer alguma coisa, tomar as rédeas da situação, se não tudo acabará muito mal para nós duas.

— Calma! — exclamo com firmeza. — Vamos fazer tudo com muito cuidado, não se preocupe. Você é um gênio da espionagem, já fez a parte mais difícil, agora eu só tenho que... O que eu tenho que fazer mesmo?

— Perdão, acabei esquecendo da parte mais importante. O programa de controle financeiro que os nossos chefes utilizam é diferente do restante do banco. Assim eles têm mais liberdade para liberar qualquer tipo de transação e para visualizar tudo sobre as finanças.

"Você precisa abrir o programa que ironicamente se chama “Controle”, quando estiver aberto vai clicar na área onde está escrito, extrato geral.

"O programa vai criar automaticamente dois arquivos, um criptografado e um para descriptografar, como se fosse um tipo de senha. Você precisa enviar os dois para a nuvem do senhor Ulrich.

Ela me entrega um papel com todos os códigos necessários para usar o computador de Anthony Ulrich, assim como a senha para abrir a porta e para iniciar o sistema do computador.

Dois sentimentos estranhos tomam conta do meu peito, um deles é orgulho por me sentir importante e o outro é pavor de ser capturada.

Agora compreendo porquê Anthony frisou para que não fosse pega. Na realidade, pensar naquelas palavras só me deixaram mais nervosa ainda.

Enquanto conversamos as duas assistentes que trabalham junto com Oliveira chegam, são duas jovens que pelo visto são subordinadas dela. Oliveira, apesar de ser assistente pessoal de Anthony também é responsável por supervisionar as outras duas, afinal, como ela mesmo disse, trabalha no banco há quase vinte anos.

Meu coração se retorce como se quisesse sair pela boca, mas não posso agir de maneira suspeita, até porque qualquer movimento em falso poderá estragar todo o plano mirabolante.

Mudo de assunto com Oliveira e tento agir naturalmente.

— Então quer dizer que preciso mandar reimprimir esses relatórios?

Ela mais nervosa do que eu, tenta disfarçar.

— Sim, minha querida, esses papéis estão completamente errados, veja só. A pessoa trocou as datas a partir do mês de setembro, o resultado com toda certeza vai dar errado — explica sobre os relatórios que nem existem.

— Tudo bem, isso sempre acontece comigo — digo fingindo impaciência.

— Calma, docinho, não precisa ter esse trabalhão de novo. Vou colocar algumas folgadas para trabalhar. Lucy e Amanda! — Nem parece Oliveira falando, lembra um pouco o jeito de Georgia May e isso faz com que eu ria por dentro.

— Sim, senhora — as duas dizem sincronizadas, como gêmeas siamesas.

É algo estranho, porque Oliveira sabe ser dura quando quer e isso me deixa abismada.

— Vão até o setor da gerência e procurem pelo senhor Johnson. Peçam para que ele reimprima o relatório completo. Não voltem aqui enquanto não tiverem o que eu pedi.

As jovens concordam.

— Ah, não demorem, os senhores podem precisar de vocês!

Em seguida as duas somem e seguem em direção ao elevador.

— Disse que iriamos resolver isso, flor — Oliveira diz ainda interpretando, o que me deixa chocada.

Quando as duas somem, ela vira desesperada para mim, mudando completamente a expressão.

— Rápido, agora!

— Ok, aliás, onde está o segurança desse andar?

— Fazendo a ronda e depois o lanche, volta em mais ou menos vinte minutos — diz olhando para o relógio e mais uma vez minha caixa torácica é bombardeada pelo meu coração agitado. — Para não perdermos tempo vamos fazer o seguinte, você irá andando normalmente e quando estiver perto da porta do escritório vou fazer com que a câmera vire. Então você digita a senha na fechadura digital e entra. Por favor, não erre essa senha, porque quando isso acontece ela começa a apitar de uma maneira insuportável e nós duas acabaríamos demitidas, é claro. — Dá um risinho amarelo.

— Puta merda! — Como se tudo já não estivesse difícil o suficiente. — Certo, vamos lá — digo e ela agarra o tablet de controle em suas mãos.

Caminho calmamente enquanto sinto que estou indo para a forca. Minhas pernas não querem me obedecer, mas forço a caminhar. Preciso confiar que Oliveira fará a parte dela, no tempo perfeito e que a senha está certa, não fazendo o dispositivo me denunciar.

Logo lá estou eu, diante da porta que decidirá se terei um futuro ou não.



ANTHONY

Ainda não acredito que fui capaz de envolver Oliveira e Lauri nesta situação, mas infelizmente não tive outra escolha.

Preciso de informações e Sebastian jamais me ajudará com isso. Na realidade, ele é muito próximo de Daniel May, por isso não pode saber demais para não correr o risco de soltar informações importantes.

Estou nervoso e preocupado, afinal passar por problemas e situações difíceis é algo normal para mim.

Mas o que está em jogo são as vidas de outras pessoas, as únicas que confiam em mim o suficiente para se arriscar dessa forma.

Pedi para que Oliveira também instalasse um aplicativo que permite conversas mais seguras e através dele tento monitorar a situação.

Mas isso é torturante, afinal ela deve estar ocupada e demora demais a responder.

~C. Oliveira

Ela entrou!

(3:14 PM)

Suas simples palavras são o suficiente para me fazer repensar toda minha vida. Provavelmente aquilo tudo dará errado e serei responsável pela demissão de duas funcionárias que nada tem a ver com o assunto.

Tento manter o distanciamento e a frieza, mas agora é realmente difícil.

Oliveira foi minha fiel escudeira durante todo meu tempo no banco, sempre me tratando com respeito e sendo proativa, apesar de todo o burburinho ao meu redor.

Lauriana eu conheci há pouco tempo, mas ainda assim ela estava sempre preocupada em me ajudar e sempre fez questão de deixar claro que não quer nada em troca.

"Não estou sozinho".

Por mais que tenha passado tantos anos com a narrativa de que era apenas um lobo solitário agora isso se desfaz e sei que há pessoas importantes, para mim, no mundo além do meu avô.

A espera é excruciante, mas depois de alguns minutos, ouço um alarme baixo apontando que há um arquivo gigantesco armazenado na nuvem do meu e-mail reserva.

"Finalmente!"

Sei que isso pode não servir para nada, mesmo assim, talvez me ajude.

Passarei a noite toda analisando os dados em busca de qualquer inconsistência e isso será uma evidência segura da minha inocência.

Envio uma mensagem para Oliveira imediatamente.

~a

Nos encontramos na entrada do metrô quando vocês saírem do trabalho.

(3:34 PM)

Estou levemente aliviado e passo as horas seguintes, enquanto aguardo as duas “espiãs”, olhando por alto o arquivo que chegou.

Não surge nada de suspeito e os clientes que movimentam quantias muito altas são conhecidos da mesa da Presidência.

Precisarei de informações adjacentes se quiser entender aquilo melhor antes que seja tarde demais, mas seria impossível analisar tanta coisa em um período tão curto.

Pego outro carro alugado e sigo para a entrada do metrô.

Quando chega a hora, Oliveira está parada enquanto roí as unhas e Lauri está com a aparência parecida com uma ninfa que se banha na beira de um lago.

Seu rosto parece mais pleno do que nunca e seus lábios mais atraentes. Poderia ficar levemente constrangido, lembrando do nosso último encontro, mas algo me deixa ansioso por pelo menos me aproximar um pouco dela.

Faço sinal para que as duas se aproximem e logo estão sentadas no banco de trás e suas expressões são indecifráveis. Com certeza Lauri já conversou com Oliveira para não falar detalhes demais de certas coisas enquanto estamos dentro de carros, ou com celulares por perto. Por isso, ela se mantém silenciosa enquanto seguimos para um dos cafés próximo dali.

Quando finalmente chegamos a um café, dessa vez diferente do que levei Lauriana no dia anterior, apenas para não deixar rastros, Oliveira finalmente desaba.

— Pensei que fôssemos morrer! — exclama nervosa. — Senhor Ulrich, tomei tantos calmantes, mas veja só parece que tive o efeito reverso, simplesmente não consigo relaxar. — Ela cobre a boca, como se tivesse percebido que seu tom de voz está acima do considerado normal.

— Calma, Oliveira, já acabou — Lauri diz em um tom apaziguador e reconfortante enquanto afaga o ombro da mulher que parece uma pilha de nervos.

— Foi por pouco, por tão pouco, que não gosto nem de lembrar. A menina Lauri a essa altura poderia estar presa.

— Não é para tanto, talvez fosse caso para uma demissão... Por justa causa, quem sabe? Mas prisão, não sei... — Lauri tenta mais uma vez tranquilizar a situação.

— Eles estão aqui? E se eles estiverem nos seguindo? E se eles estão ali fora?

— Chega! — digo e talvez tenha parecido severo demais, tanto que as duas me olham espantadas, como se tivessem visto um fantasma. — Quer dizer, muito obrigado — corrijo de maneira mais branda. — Vocês correram um terrível risco hoje e podem ter certeza de que não farei com que passem por isso de novo, mesmo que aquele arquivo não seja útil.

— Então é possível que aquele arquivo não prove nada? — Lauri diz frustrada.

— Na realidade, acho que não, mas ainda assim posso encontrar algo útil nele que combinado com outras circunstâncias me ajude, ou não. Nada é certo agora, talvez passe a noite toda procurando, é algo muito complexo. Se esse tipo de extrato provasse algo com certeza os advogados já teriam utilizado, não sei... Eu tenho uma sensação estranha de que isso tudo pode ser obra de Daniel May, ele pode estar manipulando toda essa situação apenas para se livrar de mim. Aliás, como anda a princesa do USB? — comento me referindo a Georgia May.

— Um pouco estranha, estava irritada e brigando ao telefone com alguém hoje cedo. Parece que a alegria por ser a nova CEO desapareceu.

— Nova CEO?! — Oliveira interrompe com enormes olhos de desespero.

Olho para Lauri na tentativa de comunicar para ela que seria melhor não tratar de certos assuntos na frente de Oliveira, afinal ela se desestabiliza com *muita* facilidade.

— Isso foi só um delírio de Daniel e Georgia May, não se preocupe com isso. Todos sabem que isso é um sonho antigo dela, mas não quer dizer que um dia vá chegar a ser realidade. Bom, agora o que me interessa saber é

o que aconteceu no “Olimpo” hoje. Vocês têm certeza de que nenhum deus irado desconfiou do que estavam aprontando hoje?

— Bom, hoje cedo quando fui a sala do senhor presidente... Meu Senhor, fiz algo terrível! — Oliveira começa seu relato e olha para o céu, como se implorasse misericórdia de algum ser divino. — O senhor May estava muito ocupado, estava se preparando para reuniões externas então saiu brevemente da sala. Enquanto ele se ausentou, que Deus me perdoe, troquei nossos tablets. As telas são exatamente iguais e o senhor May não tem o costume de usar o dispositivo, então eu saí e deixei o meu. Caso ele descobrisse diria que foi uma troca por acidente e rezaria para que ele não desconfiasse.

Ouço a história com atenção e estou bastante espantado com a engenhosidade de Cristina Oliveira, ela simplesmente pensou em tudo.

Talvez ela tenha sido uma espiã em outra época da vida, mas pensando bem seria muito complicado manter o sangue frio com os nervos alterados que ela possui.

— Depois disso esperei porque sabia que logo a menina Lauri iria chegar, mas ela demorou um pouco. Acessei o sistema geral em busca da planilha com as atividades dos estagiários, mas não encontrei nada, afinal eles nunca têm o costume de registrar essas coisas.

"Entretanto na planilha de organização geral consegui encontrar a informação que precisava, logo soube o horário em que Lauri iria ao andar da presidência.

"Calculei quanto tempo ela demorava, em geral, para chegar até o andar... Desculpem, eu me perdi.

"Bom, a Lauri chegou e já estava prestes a surtar, mas felizmente deu tudo certo.

"Usei meu poder de “assistente geral” para deixar os corredores completamente vazios antes. Falei para o segurança ir lanchar depois da ronda da tarde, disse que o diretor havia ordenado."

Dá uma risadinha matreira e mais uma vez fico abismado.

— Ele foi, é claro. Os senhores estavam em reuniões externas naquele horário e não voltariam mais para a empresa.

— Você poderia ter me avisado isso — Lauri diz indignada. — Fiquei apavorada com a ideia de que alguém aparecesse.

— Precisava que você fosse muito rápida e eficiente — Oliveira explica e sorrio para ela com orgulho.

Ela acena com a cabeça como um cavaleiro que recebe uma honraria.

— Continuando, expliquei todo o plano para a Lauri que ficou um pouco nervosa, mas não hesitou. O que mais me deixou preocupada foi

aquela maldita fechadura digital. O senhor lembra?

— Perfeitamente. Houve certa manhã que errei a senha por pura distração e em seguida estavam vários seguranças ao meu lado por causa do barulho alto do alarme. O presidente e o diretor também apareceram, tamanho era o alarde. Foi extremamente irritante.

— Exato! É a primeira vez que abrimos a porta depois de mais de doze horas e era necessário que a senha fosse utilizada. Depois ela abre normalmente até travar de novo.

— Resumindo, tudo isso poderia ter sido fatal para nós — Lauriana suspira.

— Com certeza. — Oliveira assente. — Mas deu tudo certo, não foi? Quando virei a câmera de segurança, Lauri entrou bem rápido, não errou a senha, até porque se tivesse errado talvez nem estivéssemos aqui. — Ri parecendo mais tranquila.

— Quando entrei na sala fiquei apavorada, imaginei que alguém iria aparecer a qualquer momento e me flagrar — Lauri explica gesticulando. — Liguei o computador e digitei todos os códigos. O pior foi o momento que precisei abrir o aplicativo chamado “Controle”, não encontrava de jeito nenhum e minhas mãos tremiam tanto que esqueci como digitar.

"Quando percebi que havia um ícone extremamente destacado na Área de Trabalho, quis morrer com minha estupidez.

"Depois que achei o arquivo, finalmente consegui começar o encaminhamento para o e-mail do senhor Ulrich.

Ouvir Lauri me chamar de “senhor” de maneira formal é estranho e me deixa um pouco desapontado, mas sei que age assim porque está na frente de outra pessoa.

— A internet estava instável e o arquivo tinha quase um *terabyte*, surtei completamente — conta de maneira empolgada. — Mas deu tudo certo, bem, no final dos vinte minutos, acredito que faltavam dois minutos ou algo assim. O arquivo foi enviado e me senti em um daqueles filmes doidos de ação. — Gargalha e Oliveira acompanha.

Confesso que também fico de bom humor ao ouvir os relatos da “aventura”.

— A pior parte foi essa! — Oliveira exclama. — O segurança enviou uma mensagem pelo rádio dizendo que estava subindo. Eu me desesperei, é claro. Mandei muitas mensagens por meio daquele aplicativo esquisito para a Lauri, mas é óbvio que ela não viu, estava completamente ocupada com nossa pequena missão.

"Até que finalmente recebi a mensagem de Lauri dizendo que a missão estava completa. Pedi para ela contar até dez e sair.

"Finalmente virei a câmera para que ela saísse e foi como se tudo tivesse sido cronometrado. Em segundos ela saiu, fechou a porta e seguiu para longe do escritório.

"O segurança apareceu depois de uns vinte segundos."

— Fico nervosa só de lembrar. — Lauri ri enquanto coloca a mão sobre o peito. — Espero que nossa cara de culpada não tenha nos denunciado.

Depois disso continuamos conversando sobre a empreitada de sucesso enquanto as duas narram os detalhes do feito.

Em certo momento, Oliveira se levanta para ir ao toalete e ficamos Lauriana e eu nos entreolhando.

Acho que estamos tímidos, embora essa não seja uma das minhas características na vida adulta. Fui um adolescente bastante acanhado que não sabia como falar com as garotas, masdeixei isso de lado enquanto amadurecia.

Ela parece meio sem graça quando estamos sozinhos e lembro da cena na cozinha, ela estava sentada na banqueta enquanto delineava a auréola dos seus mamilos com a língua. Levanto a cabeça para olhar para ela que está

sentada na minha frente, brincando com o suporte dos guardanapos como ontem e é quase um déjà vu.

Seus olhos negros e profundos me encaram por alguns segundos depois ela olha para baixo um tanto desconsertada.

Sorrio com seu jeito meigo e reparo que ela está usando um lenço verde que ressalta o tom de chocolate em sua pele que parece resplandecer.

— Você está especialmente bonita hoje, senhorita Sommers — digo enquanto furtivamente pego uma das suas mãos.

Ela sorri e me olha de um jeito discreto enquanto acaricio sua palma movendo a ponta dos dedos em formas circulares.

— O senhor também não me parece nada mal — responde simpaticamente.

— O que acha de passar a noite comigo hoje? Posso te levar para o trabalho amanhã de manhã... — proponho maliciosamente.

— Adoraria, mas preciso estudar — diz com lentidão, mordendo os lábios suavemente quando termina a frase.

A maneira como ela olha para baixo e depois levanta suas esferas negros para me encarar é deliciosamente tentadora.

— Quando vou poder ter novamente o prazer e privilégio da sua companhia? — questiono sem tentar esconder a ansiedade.

Nunca fui de fazer muitos rodeios para deixar claro o que quero.

— Assim que tiver um tempo, que tal o fim de semana? — Reviro os olhos frustrado.

— Falta muito para o final de semana — insisto, mas ela é irredutível.

— Infelizmente é quando vou estar livre — diz se lamentando.

— Tenho uma ideia melhor. Você estuda hoje, amanhã eu te busco no banco e você me ajuda a analisar aquele documento cheio de páginas. — Sei que soará como golpe baixo ter usado nossa pequena "investigação" pessoal para tê-la novamente em meus braços, mas é algo que quero muito e não fará mal a ninguém.

— Amanhã trabalho de manhã no banco e tenho uma reunião de grupo na universidade no turno da tarde — esclarece e me lança um olhar leve, mostrando que entendeu minha jogada.

— Não tenho nenhuma objeção com universidades — rebato, mas estou prestes a deixar minha empreitada de lado para não me tornar inconveniente.

— É impossível fazer você desistir de algo, não é? — pergunta bem-humorada.

Estamos tão entretidos com nosso pequeno universo que nem notamos que Oliveira está se aproximando. Na verdade, nem teríamos percebido se

não fosse o jeito escandaloso e desajeitado dela.

— O banheiro desse lugar é ótimo, tão limpinho, espaçoso, eu a-do-rei! — exclama enquanto quase derruba Lauri simplesmente para se sentar na cadeira do lado dela.

Lauri puxa a mão que está próxima da minha e esconde embaixo da sob a mesa. Rio por dentro da cena, embora tenha achado desnecessário.

— Fico feliz com isso — respondo automaticamente, mesmo que a frase não faça o menor sentido.

Depois de uma rodada de chá da tarde recheada de quitutes agradáveis, terminamos nosso breve encontro e estou satisfeito que tudo tenha corrido bem depois de toda a apreensão pela qual passamos.

Levo Oliveira até sua casa e em seguida levo Lauri para sua república, o que foi intencionalmente.

— Conheço esse caminho, parece que você veio pelo mais longo, poderia ter passado pela república primeiro e deixado Oliveira em casa no caminho para o seu apartamento.

— É mesmo? Sabe que nem reparei? — digo enquanto a olho de esguelha por um momento. — Ah, e não se preocupe, não vou mais fazer com que você se arrisque com nenhuma outra bobagem desse tipo.

— Não foi uma bobagem se posso ajudar de alguma forma.

— Espero que realmente ajude, caso contrário vai ser uma merda. Não tenho muito o que fazer...

— Por enquanto — interrompe corrigindo minha frase.

— Sim, por enquanto. Obrigado por me ajudar a manter o otimismo.

— Como poderia manter algo que você jamais teve? — Sorri.

— Não perde uma oportunidade de me provocar — rebato de bom humor. — Ok, obrigado por me ajudar a *construir* meu otimismo — corrijo e ela me olha satisfeita.

Sua expressão altiva desperta os desejos mais primitivos no âmago do meu ser.

— Vamos lá, admita que gosta de ser desafiado — diz continuando com o jogo que tanto me instiga.

Deixo que um pequeno sorriso brote no canto dos meus lábios enquanto lembro da sua expressão de prazer enquanto atingia um orgasmo e meu corpo se deixando levar pelos espasmos logo em seguida.

— Gosto bastante, ainda mais se me prometer que esses desafios vão nos levar direto para algum lugar onde possa te tocar e te beijar de novo.

Seu rosto se torna enrubescido e preciso admitir que isso me deixa bastante satisfeito.

— Quem pode garantir? — rebate e não parece tão satisfeita com minha colocação, tanto que permanece em silêncio depois disso. — Você acha que estou em suas mãos só porque é rico e poderoso — diz em um tom levemente irritado, mas fingindo que ainda estamos brincando.

— Pelo contrário, acho que meu poder aquisitivo jamais poderia garantir uma relação como a nossa. Mas fico feliz de ser o diretor executivo, ou pelo menos de ter sido, isso me deu a oportunidade de te conhecer.

O rosto dela pareceu ficar mais sereno e acredito que consegui contornar a situação.

— O que é uma relação como a nossa?

— Nos respeitamos, ajudamos um ao outro, acho que estamos nos tornando bons amigos. Acho que estamos desenvolvendo bem — concluo ao refletir sobre o pouco tempo que nos conhecemos.

Eu me aproximo do velho casarão e lamento por dentro desejando ter pegado um caminho mais longo ainda, mas não há mais o que fazer.

— Concordo com você... estamos indo bem.

— Decidiu se vai me ver amanhã? — Tento mais uma vez e ela olha para o alto com uma expressão pensativa.

— Eu não sei, vou pensar. — Sorri sarcástica e sei que definitivamente ainda não tinha me “perdoado”. — Qualquer coisa te ligo.

— Se despede beijando minha bochecha.

Lauri sai do carro de maneira altiva me deixando sozinho com meus pensamentos e um sorriso bobo no rosto.



LAURIANA

Essa foi a primeira vez que Anthony Ulrich conseguiu me irritar de verdade, o que me fez questionar se ele está começando a achar que sou fácil demais e que irei atrás dele onde quer que seja.

Quando me ofereci para ajudá-lo não tinha qualquer interesse de ir parar na cama dele.

Não foi ruim, pelo contrário, gostei bastante.

E mesmo que ele não quisesse ficar comigo ainda assim o ajudaria.

Mas o que poderia esperar?

Por mais que ele tenha sido criado de maneira simples isso não era garantia que estaria livre da arrogância. Talvez, esse fato o torne mais

arrogante ainda, afinal ele pode dizer para todos que “venceu na vida”.

A sensação de frustração dá um nó nas minhas vísceras e sinto vontade de vomitar enquanto abraço meu travesseiro com força.

"Vamos lá, Lauri, não precisa se irritar só porque ele é rico", uma voz interna ri de mim e relaxo os ombros que estão tesos.

Começo a me questionar se deveria ter aceitado o convite dele para me buscar no dia seguinte e me arrependo rápido demais por ter dito não. É como se estivesse sendo orgulhosa, mas também sei que preciso me proteger.

Resolvo ligar para Alexandra e pedir conselhos, ela será honesta e direta comigo.

— Um gostoso ricaço, bom de cama e educado me chamando para sair? É sério que essa é a sua questão, Lauri? Ou tem alguma pegadinha? — diz indignada do outro lado da linha.

— E se ele achar que sou fácil demais?

— Ainda está vivendo no século dezoito? Vai esperar que ele pague um dote por você também? — Gargalha e bufo impaciente, embora não consiga resistir a acompanho. — Amiga, se você *quer* porque deveria ser difícil? Difícil é se formar na faculdade, é ter que aturar nossos chefes, suportar pessoas chatas... Se você quer foder com ele apenas faça.

— Porque *pra* você tudo parece tão simples, Lexi? Queria ser só dez por cento segura e confiante como você.

— Nunca tive opção, Lauri, ou eu decido o que quero, ou as pessoas decidem por mim. Vamos lá, apenas não deixe o homem te magoar, mas aproveite a vida.

— Tenho a impressão de que as pessoas têm prazer em dizer isso constantemente para mim — reclamo e ele ri de mim.

— Deve ser porque elas notam que você precisa e merece relaxar. Quando tiver a oportunidade simplesmente vá e foda com aquele homem até não aguentar mais. Faça o homem implorar pelos próximos encontros. Ah, e não esqueça do golpe da barriga!

— Você é tão suja, Lexi. — Rio muito alto, mas me controlo para não chamar atenção da senhora Parker.

Alexandra tem o poder de me fazer rir até arrancar lágrimas dos meus olhos e fazer minha barriga doer.

— Suja é você, minha amiga ex-virgem — zomba.

— Calada! Será que o mundo todo tirou o dia *pra* me irritar?! — reclamo, mas agora, diferente de alguns momentos atrás, estou bem leve e de bom humor.

— Eu não tirei o dia, nasci *pra* isso. Agora vá estudar, porque nenhum homem gostoso vai te garantir um diploma.

Nossa conversa me ajuda mais uma vez a ter outra perspectiva sobre as coisas. Sinto que eu devo me entregar ao que estou sentindo e não deixar que todas as amarras da minha mente me puxem para trás.

Sou adulta agora e por mais que ainda seja jovem tenho a perfeita noção do que devo ou não fazer. Embora, não possa esperar que nunca irei errar, porque com certeza ainda errarei muito e isso não será o fim do mundo.

Anthony é o erro que estou ansiosa para cometer, torcendo para que seja um acerto.

A banheira cheia de água morna, quase quente, é um dos lugares que mais amo estar.

Pego um livro sobre Direito da Mulher e continuo a leitura enquanto tomo uma taça de vinho roubada da garrafa da senhora Parker.

É relaxante simplesmente esquecer da minha vida e relações pessoais por um momento.

Depois do banho finalmente vou para a cama e fico feliz por finalmente estar em um lugar aconchegante e macio.

Mas ainda não é hora de dormir, por isso, continuo lendo e estudando para o dia seguinte.

Leio e faço anotações até perceber que meus olhos já não me obedecem e um bocejo longo escapa dos meus lábios.

Pego o celular para verificar o despertador, mas me deparo com uma mensagem não lida de Anthony no aplicativo secreto.

~a

Ainda brava comigo?

(10:16 PM)

~Lauri

Eu não sou o tipo de pessoa que fica brava.

(11:05 PM)

Respondo sem conseguir evitar o sorriso em meu rosto.

Definitivamente não estou brava, meu humor já se transformou de maneira completa e agora o que aconteceu já é parte do passado.

Nunca fui o tipo de guardar rancor, mas ainda assim gosto de brincar um pouco.

~a

Ainda assim você ficou.

(11:06 PM)

Ele responde tão rápido que me surpreende.

Ele estava esperando minha resposta todo esse tempo?

~Lauri

Não precisa se sentir culpado.

É sério, acho que ando estressada.

(11:07 PM)

~a

De qualquer forma espero ter oportunidade de me redimir pelo que "não fiz". ;]

(11:08 PM)

~Lauri

Emoji é coisa de velho. :p

(11:08 PM)

~a

Ok, agora vamos jogar na cara nossa diferença etária.

Triste fim.

(11:10 PM)

A interação tão leve sem nenhuma nuance sombria ou qualquer influência dos nossos problemas na vida faz com que me sinta bem. É como se tudo pudesse ser simples e no mundo não existissem dificuldades.

Se eu pudesse, viveria dentro desta bolha para sempre, com ele.

~Lauri

Estamos quites.

Horas iguais, faça um pedido.

(11:11 PM)

~a

Você acredita mesmo nessas bobagens?

(11:11 PM)

~a

Pedi para ver você o quanto antes.

(11:12 PM)

A frase tão simplória me arranca toda alegria que pode estar escondida nos cantos mais recônditos da minha alma e faz com que ela transborde pelo meu corpo. Um arrepio percorre o caminho da minha espinha e imagino o estrago que isso pode ter no meu psicológico.

~Lauri

Vamos ver se funciona.

Durma bem.

(11:13 PM)

~a

Bons sonhos.

(11:13 PM)



Meu sono foi tão pesado que nem me recordei de ter tido qualquer sonho bom ou ruim durante a noite. Isso foi até agradável, porque na maioria das vezes meus sonhos são ruins e quase sempre resultam em um despertar nada feliz durante as madrugadas perdendo assim várias horas de sono.

No dia seguinte minha programação foi um pouco diferente, porque minha escala de trabalho era flexibilizada para comportar meus estudos.

Passei menos horas no banco e depois do almoço fui direto para a universidade.

Enquanto estive no USB notei que Georgia May sustentava o mesmo mau humor do dia anterior e era como se ela estivesse com uma dupla camada de irritação.

Ao perceber isso, tentei me manter a mais discreta possível para não chamar a sua atenção.

Oliveira estava recuperada da nossa missão e nos falamos brevemente durante o dia.

Tudo parecia estar em seus devidos lugares, pelo menos por enquanto.

Na faculdade encontrei meus colegas e a professora orientadora em nossa sala de discussões, e tivemos um longo e profundo debate sobre

Direito feminino, tema de minha pesquisa.

Agora estamos no final da discussão e recordo brevemente que isso era mais uma das coisas pelas quais minha tia me julgava. Ela zombava de mim e dizia que as mulheres desse século queriam ter mais direitos do que os homens.

Reviro os olhos e suspiro com a mera lembrança do dia em que ela tomou um dos meus livros e quase o jogou na lareira.

Senti medo, raiva e frustração, ainda mais sabendo que se meus pais estivessem vivos eles me defenderiam.

Sacudo a cabeça para afastar os pensamentos, feliz de saber que, provavelmente, nunca mais passarei por aquilo.

Quando saímos da nossa sala, Ellen se aproxima junto com Eric, David e Lucy. Apenas Lucy faz parte do nosso grupo, enquanto os outros dois pesquisam com outros grupos. Mas somos amigos desde o início da faculdade e fizemos alguns trabalhos juntos nos períodos anteriores até nos separarmos no último.

— Está nos devendo um lanche! — Ellen exclama enquanto passa o braço pelos meus ombros.

— Isso é verdade — Lucy concorda passando um braço pela minha cintura.

Seguimos caminhando as três pelo campus.

É bom vê-las novamente, afinal elas são parte das poucas pessoas que não se importam com o fato de eu não ter um pingo de senso de estilo. Ainda mais em Londres onde as pessoas te julgam até pela forma de respirar.

— Estava morrendo de saudade de conversar sobre algo que não seja Direito com vocês. — Sorrio.

— Desde que começou a trabalhar no banco Ulrich ela se tornou uma metidinha — Eric diz e belisca a ponta do meu nariz de um jeito implicante.

— Ah! Você não cresce, garoto! — reclamo bem-humorada, me desvencilhando das meninas e o seguindo para revidar com um tapa na testa.

— E você continua agressiva — diz esfregando o lugar do tapa para dramatizar.

— Vocês são ridículos — David diz de um jeito afetado arrancando risada de todos enquanto seguimos para a cantina.

A cantina continua do mesmo jeito, um tanto sem graça posso dizer. Depois de “frequentar” os cafés do centro de Londres quase qualquer lugar parece ser insosso.

Dessa vez estou orgulhosa porque não preciso contar as moedas para tomar um simples chá, como fazia sempre. Ter um emprego me possibilita ter um pouco da autonomia que sempre sonhei.

Meus colegas conversam sobre as festas, os flertes, os calouros mais bonitos e me sinto completamente deslocada. Estou tão entretida com minha vida nova no banco e minha quedinha pelo Ulrich que acabo esquecendo de como eram as coisas antes.

Posso dizer que é divertido passar um tempo com eles e sinto uma nostalgia precoce porque sei que não teremos mais tanto tempo juntos.

Crescemos durante os últimos anos e estamos saltando para uma vida adulta de verdade.

Em breve virão os casamentos, as viagens de lua-de-mel, os bebês.

Meu coração fica apertado ao notar que esta fase da minha vida está acabando.

Quando entrei na universidade foi o momento mais feliz da minha vida e conseguir finalizar esta etapa traz uma sensação agridoce.

— Posso estar ficando louca, mas acho que você tem um *stalker* — Ellen diz repentinamente me cutucando e acordo dos meus devaneios.

Quando olho para frente vejo um homem corpulento que usa um sobretudo preto bem cortado, camisa branca e calça marrom de ótimo caimento. Seu sapato parece ser de couro legítimo e brilha como o Sol.

Meu coração como um passarinho assustado começa a bater suas asas, tão pequeno e medroso dentro do meu peito.

Mil emoções se engalfinham na minha mente e minhas mãos suam como se estivesse vendo um fantasma.

Anthony Ulrich está sentado em um banco lendo banalmente um jornal e tomando café, com certeza é café.

Ele está no campus da universidade como se fosse um policial à paisana, ignorando minha presença, mas quando percebe que olho para ele chocada, acena e sorri.

O maldito sorri com os dentes brancos e perfeitos enquanto seus olhos azuis faíscam.

Ele veio à universidade para me ver, planejou me surpreender e isso me toma em um misto de euforia e ansiedade.

Não tinha dito onde estudo, nem que horas iria embora, mas ainda assim ele está aqui.

— Você conhece aquele espécime delicioso? — Lucy pergunta impressionada.

Apenas chacoalho a cabeça em concordância, pois, ainda estou extasiada pela visão, assim como Santa Teresa ficou ao avistar o anjo.

Quero correr para seus braços e beijá-lo na frente dos meus colegas, na frente do mundo inteiro.

Quero compartilhar com todo o mundo a fúria dos meus sentimentos.

Por que não farei?

Lembro das palavras de Alexandra ecoando em minha cabeça, "*por que deveria ser difícil?"*

Sem pensar muito sigo em sua direção enquanto ele se levanta prontamente para me receber em seus braços.

Anthony toma meus lábios sem hesitar e me entrego ao momento da mesma forma, sem me importar com quem está ao redor.

É como se só nós dois existisse no mundo.

Desperto da minha fantasia quando ouço meus colegas gritando e batendo palmas da cantina.

Interrompo o beijo, completamente corada e envergonhada enquanto Anthony me olha de maneira maliciosa e acaricia meu rosto.

— Manda ver, Lauri! — Alguém grita ao fundo.

— Me desculpe por isso — digo enquanto cubro o rosto com as mãos.

— Não se preocupe. — Sorri satisfeito.

A caminhada de volta para a cantina é constrangedora enquanto meus amigos me encaram sorrindo.

A sensação passa quando Anthony cumprimenta meus amigos de forma cortês transformando minha vergonha no mais puro orgulho.

É perceptível o quanto minhas amigas ficam impressionadas, afinal elas nunca imaginaram que me veriam com alguém, quanto mais com um homem como **ele**.

— Foi um prazer conversar com vocês — Anthony diz depois de uma breve troca de palavras. — Mas agora temos um compromisso, não é mesmo, Lauri?

— É verdade — digo tímida.

— A gente se vê na sexta — Ellen diz de maneira encorajadora.

Após nos despedir dos meus amigos, seguimos para fora do campus e Anthony pega minha mão entrelaçando nossos dedos.

Meu corpo responde com pequenos choques e picos de nervosismo a cada toque seu, é como estar em um passeio de montanha-russa que nunca acaba.

— O que deu em você? — pergunto sorrindo com meu corpo completamente consciente dos nossos dedos entrelaçados.

— Não gosto de deixar para o destino realizar meus desejos, então me esforço para conseguir fazer eu mesmo — diz presunçoso.

Quando chegamos ao estacionamento ele me leva até o local onde está parada uma motocicleta. Na realidade, é uma verdadeira *máquina* preta lustrada. Nela está escrito Harley-Davidson e lembro do quanto meu pai

gostava dessas coisas, ao contrário da minha mãe e eu que torcíamos o nariz para veículos. Não entendo muito sobre assunto, mas a moto parece ser clássica, moderna e poderosa, tudo ao mesmo tempo.

— Impressionante — digo enquanto observo o monstro estacionado. — Mas não pretende que eu ande nessa coisa, não é? Não sei se prestou atenção nas nossas conversas, mas eu...

Ele cobre meus lábios com um dedo indicador.

— E se disser que vai valer a pena? No outono é quase impossível conseguir um dia sem previsão de chuva. De qualquer forma, caso não concorde, nós vamos de carro até lá.

— Onde é “lá”?

— Vai descobrir quando chegarmos — diz finalizando com uma piscadela divertida.

Respiro fundo e me pergunto se eu estou preparada para esse tipo de experiência. A resposta é não, mas o que meu corpo exterioriza é outra coisa.

— Tudo bem, mas promete que vai andar devagar?

— Com toda certeza — diz afagando meus ombros e beijando minha testa.

Ele me ajuda a colocar o capacete e depois de alguns minutos, estamos vivendo juntos um dos momentos que considero mais apavorantes na minha vida, pelo menos no começo.

Depois de algum tempo a sensação de liberdade ao andar pela estrada aberta, praticamente vazia, apesar de fazer com meu coração acelere, começa a se tornar levemente agradável. Prendo meu corpo ao dele para me sentir mais segura e mesmo quando nos aproximamos do destino fico encantada ao encarar o mar aberto.

Meus olhos brilham de excitação e estou encantada com esta surpresa.

Estamos na praia de Worthing e o dia apesar de frio não está completamente cinza.

Fico extremamente orgulhosa da minha coragem em ter aguentado uma viagem de praticamente uma hora e meia de moto.

— Não acredito que estamos na praia. — Sorrio enquanto enlaço o pescoço de Anthony que parece estar satisfeito em ver que estou feliz com a surpresa. — Meu Deus, isso é loucura! — digo enquanto olho ao redor. — Deveria estar fazendo algo de útil, mas estou passeado! — Estou impressionada comigo mesma, ainda em choque.

Anthony ri da minha reação enquanto termina de arrumar a moto no estacionamento. O vento sopra com força, queimando um pouco a pele do

meu rosto, mas eu não me importo, é tão divertida a situação.

Em seguida estamos passeando pela costa.

Anthony pensou em tudo e trouxe uma toalha fofinha para que possamos nos sentar na areia para olhar o mar. A maré está baixa e o clima não está tão frio, o que torna a sensação mais afável.

— O que acha desse fim de dia? — diz enquanto me observa.

O sol começa a tentar se esconder, ao menos chegamos a tempo de aproveitar os últimos raios solares.

— Encantador — digo preguiçosamente enquanto me deito na toalha para olhar para o céu. — Pensei que o nosso próximo encontro envolveria assuntos importantes e pensar em soluções para os problemas sérios.

— Juro que não resisti, Lauri, te devia algum presente, um momento agradável — comenta e seu rosto cobre a fonte de luz que vem de cima.

Ele me olha do alto e está sério e bonito sem se esforçar, como sempre.

— Praticamente todos os nossos momentos juntos foram agradáveis até agora, não me deve nada. — Sorrio.

— Por favor, me deixe dever muitas coisas porque é perfeito poder pagar desta forma. — Debruça metade do seu corpo sobre o meu enquanto seus lábios vêm na direção da minha boca sedenta por um beijo.

Nossos lábios se tocam de maneira delicada e atenciosa enquanto o pôr-do-sol à beira do mar, com perfeição, nos banha em seu esplendor.



ANTHONY

Nunca imaginei que uma ideia de última hora como essa poderia dar tão certo.

É incrível que quando se trata de Lauriana as coisas conspiram para que tudo funcione da melhor forma possível.

Admito que estou encantado com a naturalidade com que a vida parece se desenrolar.

Seu rosto tem uma expressão feliz, genuinamente feliz, enquanto conversamos tranquilos na beira da praia.

Nem o vento cortante é capaz de diminuir o nosso bom humor.

É difícil, até mesmo para mim, explicar como estou me sentindo.

Durante minha vida conheci muitas mulheres, gostei de algumas, fiz amizade com outras. Sempre achei as mulheres em geral encantadoras por serem fortes, resilientes e responsáveis em sua maioria. Mas desde que me aproximei de Lauri sinto como se ela fosse um exemplar diferente de ser humano.

Ela é capaz de despertar minhas melhores qualidades, porque quando estou com ela não consigo medir esforços para melhorar seu dia, nem que seja o mínimo possível.

— O que achou da viagem de moto? — pergunto enquanto seguro a mão pequena de Lauri.

Estamos indo para um dos melhores restaurantes da região. Fiz uma reserva de última hora e reservei um quarto em um hotel spa da região.

— Confesso que achei libertadora em alguns momentos e assustadora em outros. No final, achei bom ter encarado esse medo. Bizarramente me pareceu menos assustador do que andar de carro em dias de chuva — diz com uma expressão de estranheza em seu rosto.

Adoro olhar para sua pele corada, suas expressões adoráveis e ouvir sua voz.

— Acho que devemos conversar sobre isso... Digo, quando se sentir confortável — comento tentando soar natural, não quero que ela se sinta

pressionada.

— Prometo contar tudo em algum momento — diz e ao final força um sorriso para completar. — Posso saber para onde estamos indo? — Muda de assunto repentinamente e em seu rosto há curiosidade.

— Espero que esteja com fome — comento de bom humor.

— Um pouquinho, preciso admitir.

— Então se prepare porque já estamos quase lá.

Caminhamos com tranquilidade a passos lentos.

Somos recebidos por uma recepcionista muito educada que nos indica uma mesa externa, onde podemos ter a vista da praia enquanto jantamos.

— O que aconteceu? De repente ficou quieta... — comento enquanto observo Lauriana se fechar mais uma vez.

Ela cruza os braços na frente do corpo e fico um pouco preocupado.

— Não... É só que eu... — balbucia um pouco nervosa. — Não sei se esse é meu mundo, sabe? Sou o tipo de pessoa que serve nesses lugares, não a cliente — completa com um olhar reflexivo.

— Eu já me questionei isso muitas vezes, principalmente quando comecei a frequentar os lugares mais caros que o dinheiro pode pagar. — Recordo do tempo em que comecei a ganhar dinheiro de verdade. Demorei a

me acostumar com a sensação de ser próspero e não precisar economizar nos pequenos prazeres. — Tentei me convencer de que merecia, mas, no fundo, sempre me questionei sobre a desigualdade no mundo.

— Eu sei — diz me fitando com um olhar indecifrável. — Nas minhas pesquisas na internet soube sobre as instituições que você criou. — Dá sorriso tímido.

— Ah, não, você jogou meu nome no Google — digo em falso tom de lamentação cobrindo o rosto.

Nós dois rimos e me sinto bem de estar reencontrando meu bom humor que esqueci em algum lugar inacessível.

— O que esperava? É um dos donos do banco onde eu trabalho. — Dá de ombros.

— Dono não, sou apenas CEO, um funcionário. Só vou me tornar herdeiro quando o Ulrich pai partir dessa para uma melhor — mais uma vez digo em tom de gracejo.

— De repente, senhor Ulrich, se tornou bem engraçadinho. — Revira os olhos.

— Não revire os olhos para mim, pelo menos não aqui — digo e em seguida baixo o tom de voz para que somente ela possa ouvir. — Guarde essa expressão para quando formos para o quarto.

Ela fica corada, mas não deixa de sorrir.

Mais uma vez meu objetivo está se cumprindo, porque tudo que queria era que Lauri tivesse um dos melhores dias de sua vida.

O restaurante é muito agradável e tem uma aura informal sem perder a sofisticação. É o tipo de lugar que gostaria de frequentar quando não quisesse nem sequer lembrar que o trabalho existe.

Para a entrada pedimos uma salada que consiste em um mix de verduras, batata assada, feijão verde, azeitonas, alcaparras e atum com gergelim.

O sabor é delicioso e o gergelim traz uma sensação crocante ao prato.

Para o jantar opto por um salmão em crosta de parmesão, já Lauri pede um robalo grelhado e escolhe tomar um delicioso vinho Cabernet. Embora não seja minha primeira opção, permito que ela escolha.

A atmosfera do lugar é muito intimista, totalmente aconchegante para passar um período apenas degustando comida de boa qualidade, enquanto se olha para o mar e um para o outro.

Quando terminamos vamos mais uma vez caminhando para nosso próximo destino.

Lauri adora caminhar e estou começando a ganhar gosto pela atividade porque é a oportunidade perfeita de segurar sua mão mais uma vez.

Estar em Worthing também nos proporcionar essa experiência agradável, porque a maioria dos estabelecimentos fica perto uns dos outros, então é muito fácil se locomover a pé.

— O que achou da experiência?

— Deliciosa — diz com satisfação. — Acho que nunca comi um robalo tão bom. É claro que minha mãe cozinhava muito bem, mas o chef desse restaurante acertou em cheio.

— Fico feliz que tenha aproveitado o jantar — comento orgulhoso.

— Eu adorei, com certeza. — Sorri animada.

Em pouco tempo estamos na entrada do hotel spa onde reservei uma estadia para nós.

— Ainda não estou completamente segura disso... Amanhã devo estar no banco o dia todo — diz um pouco nervosa e a abraço pelos ombros.

— Fica tranquila, querida, já cuidei de tudo, não precisa se preocupar — digo de forma calma e ela parece se aquietar um pouco.

O hotel é tão grande que lembra um resort. Possui diversas piscinas enormes, um restaurante de luxo, academia, sauna, entre outras comodidades.

O quarto que reservei acomoda facilmente uma família de seis pessoas. Possui dois banheiros, uma cama king size (a escolha da quantidade

de camas fica por conta do cliente), vista para o mar e uma varanda espaçosa.

— Aqui estamos — digo quando abro a porta e abro caminho para que Lauri, um tanto hesitante, passe.

— Meu Deus! — exclama boquiaberta e sorrio com sua expressão. — Eu nem quero... Eu nem quero imaginar o preço disso!

— Meu anjo — digo segurando suas mãos e beijando-as em seguida. — Pare de pensar em números, eles são o que menos importa agora. — Sorrio com tranquilidade e ela respira fundo. — Espero que goste dessa nossa pequena estadia. Considere como uma amostra grátis da nossa vida. — Ela me olha com doçura e percebo o que falei.

Estou falando sobre um futuro que nem sequer sei se teremos, mas que desejo.

Embora fuja do sentimento sempre que posso.

Entretanto, o olhar de paz em seu rosto faz valer a pena me arriscar em algo que ainda não tinha sentido desde que a tive em meus braços pela primeira vez.

— Ah, o presente está aqui. — Sorrio ao observar as sacolas em cima da cama. — Providenciei algumas coisas básicas para sua estadia. Sabia que viríamos direto da universidade e você não teria tempo para pegar nada.

— Mais uma vez me enche de mimos desnecessários — diz ruborizada, tocando as sacolas com o cuidado de quem teme encontrar uma cobra dentro delas.

— Nenhum mimo para você é desnecessário... — digo com firmeza. — De qualquer forma, talvez isso não seja necessário, pelo menos por agora. — Olho em seus olhos negros que contém certa dúvida.

Estendo uma mão para Lauri que está sentada na cama e a ajudo se levantar. Quando estamos frente a frente deixo que meu nariz afunde em seu pescoço para sentir seu cheiro adocicado. O cheiro que traz memórias e sensações indescritíveis em meu corpo e mente.

Permito que ela também aspire minha pele, sentindo nossos corpos tão próximos.

O calor, o desejo e, ao mesmo tempo, a tranquilidade de estarmos juntos.

Quero tocá-la, senti-la, aproveitar cada coisa que podemos fazer juntos, sozinhos neste quarto.

— O que acha de experimentar a banheira? — Ofereço um olhar sugestivo e ela concorda com um olhar.

Guio Lauri para o cômodo que é amplo e moderno. Todo o visual parece ter sido tirado de alguma revista sobre design de interiores. Há

mármore branco em cada milímetro do lugar e esse detalhe faz parecer ser que é maior ainda.

Lauri olha para o lugar, inspecionando o local com cautela e depois para mim, curiosa.

Abro a torneira da banheira branca e ao lado dela encontro os sais de banho que solicitei na reserva. São os meus favoritos e quero que Lauriana tenha essa experiência. Embora, não fosse o melhor para descrever sensações olfativas gosto muito do aroma de gerânio e folhas verdes.

Aprendi com minha mãe a apreciar e respeitar os cheiros que lembram a natureza.

Despejo o líquido e enquanto a banheira enche, o cheiro domina todo o banheiro, tornando o ambiente mais receptivo.

— Gosta? — pergunto enquanto ela me olha.

Tiro a camisa e a forma hipnótica que seus olhos percorrem meu corpo me deixa satisfeito. Reprimo um sorriso pela cena. Penso que pelo menos nesse quesito posso agradá-la, quanto aos outros farei questão de me esforçar.

— Claro... — murmura enquanto abraça seu corpo.

— Não tenha medo. — Estendo uma mão. — Eu te ajudo — digo enquanto ela se aproxima.

Levanto o casaco fino que ela usa sobre a roupa. Logo depois me deparo com uma camisa sob a peça.

— Por que usa tantas roupas? — reclamo fazendo com que ela dê um sorrisinho.

Depois de tirar sua camiseta, dou de cara com suas costas bem delineadas, os ossos da espádua despontando sob a pele tão tentadoramente macia.

— O lado bom é que pelo menos não perde tempo usando sutiãs. — Sei que ela está corada, mas agora só tenho a visão de sua nuca eriçada, deixada à mostra pelo rabo de cavalo que ela usa.

Deixo uma trilha de beijos entre seu ombro e pescoço fazendo com que ela se recoste em mim enquanto ainda a toco com meus lábios.

— Saber que debaixo de toda essa roupa, seus seios estão completamente livres para serem tocados, me deixa com um tesão que não pode imaginar — sussurro.

Minhas mãos passam por sua cintura e alcançam seus seios nus. Belisco seus mamilos com delicadeza, sentindo-os petrificando sob meus dedos.

Um pequeno gemido escapa dos lábios fartos de Lauri.

Em seguida me abaixo um pouco para tirar a calça jeans que ela usa, junto com a roupa de baixo.

Logo ela está nua sob meus olhos.

Termino de me despir e entro primeiro, propositalmente, é claro, pois tudo que quero é ter a visão dela sobre mim. Como uma Vênus cor de canela dominando meus olhos.

A água quente abraça meu corpo com deleite.

— Venha — digo para encorajá-la enquanto ela se esforça para cobrir seu corpo com os braços. — Não faça isso — peço chamando sua atenção, fazendo com que ela me olhe nos olhos. — Não se cubra como se seu corpo não fosse maravilhoso, como se suas pernas não tivessem o desenho mais bonito que já vi na vida e eu nem vou começar a falar do seu rosto... — digo encantado enquanto seu olhar se suaviza.

Logo estamos na banheira um de frente para o outro.

Lauri solta seu cabelo e permite que seu corpo sinta a água quente envolvê-lo.

Olhar para ela tão relaxada e à vontade faz com que meu coração acelere algumas batidas.

Quando ela abre os olhos, acaba tendo consciência de que a observo. Mais uma vez seu olhar se torna tímido, mas não dura por muito tempo, pois

ela me analisa atentamente.

É perceptível que meu corpo está respondendo ao fato de vê-la nua na minha frente.

Ela parece bem-humorada ao notar e menos envergonhada, pois deixa uma mão deslizar pela minha coxa. Pego sua mão para incentivá-la e seus lábios se entreabrem em uma leve surpresa quando ela sente a extensão do meu membro em seus dedos.

Ele endurece mais rápido do que possa imaginar. Logo estou tão teso como uma rocha, mas, ao mesmo tempo, pulsante ao sentir seu toque mesmo que superficial.

Ela lambe os lábios depois mordendo o inferior levemente enquanto sua pele delicada se torna avermelhada.

Suspiro ao sentir sua mão me tocar.

Ao lado da banheira pego um óleo de banho e estendo para ela.

— Espero que não esteja sendo muito rápido... — Preciso reprimir um gemido que vem do fundo da minha garganta quando ela segurar meu membro com mais firmeza em sua mão e a movimenta.

Talvez esta seja minha resposta.

Espalha um pouco do produto em seus dedos e em seguida eles deslizam em minha extensão avidamente.

Seu olhar é abrasador, como se ela tivesse uma pequena consciência do seu poder sobre mim e isso a torna ainda mais atraente.

Instintivamente seguro sua mão para ditar uma velocidade e ela aprende tão rápido, mais tão rápido que deixo que ela continue por conta própria enquanto sinto meu corpo se retorcer sob seu poder de deusa.

Meu quadril se move contra sua mão intuitivamente e isso faz com que ela aumente a velocidade. Meu corpo responde ao estímulo e fico mais tenso do que uma corda que é puxada em direções diferentes.

Alguns gemidos baixos escapam dos meus lábios e Lauri geme em resposta.

Esses pequenos sons vindos dela esquentam ainda mais a temperatura do meu corpo que está quase em seu limite.

— Espera, ainda não — digo enquanto afasto sua mão e me levanto.

Pego uma toalha e enrolo nos quadris, ignorando o volume ridiculamente grande que fica evidente sob o tecido e depois outra para enrolar Lauri e em seguida carregá-la até a cama.

— Você é impressionante — sussurro após fazer com que ela se deite.

— Você realmente acha isso? — diz arqueando uma sobrancelha.

— Com toda certeza. — Não dou tempo para resposta fazendo com que minha língua invada sua boca de forma nada gentil.

Nossos sexos em fricção deixam meu corpo desesperado por mais.

Sempre quero mais quando estou com ela, mas só me permitirei gozar quando estiver dentro dela. Quero que ela seja minha de novo e sentir que ninguém jamais a tocou, ninguém além de mim.

Com uma mão firme em sua cintura levo meus dedos para tocar seus lábios delicadamente, enquanto trabalho em mordiscar e lamber um de seus mamilos. Espontaneamente Lauri desliza sua boca por meu dedo médio, em uma dança sensual e dolorosa. Em seguida sua língua sai para brincar, riscando minha pele e devorando meu dedo, o que provoca uma explosão de sensações no meu baixo ventre. É como se estivesse entrando em combustão.

Ela chupa meu dedo com lascívia e isso está me enlouquecendo de uma maneira difícil de suportar.

Quando o dedo está completamente úmido e eu sem nenhum tipo de autocontrole apenas deixo que minha mão procure o caminho mais abaixo e a penetre fundo e forte. Ela está tão molhada e isso torna tudo mais perverso ainda para meu corpo que implora por liberação.

— Porra... Por que você tinha que ser tão apertada? — rosno entredentes enquanto ela geme. — Você quer que eu te foda? — Deixo escapar as palavras em uma torrente de desejo e ela liberta um gemido dos seus lábios doces.

— Sim — diz em um murmúrio.

— Então diga, por favor, diga!

— Me fode, Anthony... Eu... quero ser sua, por favor. Me fode — repete tentando deixar a timidez de lado.

Este simples “pedido” faz com que toda a intensidade das sensações que acreditava estarem no limite se multipliquem ainda mais.

Pego com pressa o pacote do preservativo que deixei estrategicamente na mesa de cabeceira, o rasgo e visto meu membro.

Quando me dou conta já estou entre suas pernas e meu membro invade seu corpo com avidez. Um pouco menos cuidadoso do que a primeira vez, mas ainda assim atento as suas reações. Ela parece sentir prazer enquanto me movo, investindo primeiro mais lento depois mais forte até adquirir uma velocidade mais intensa.

Pego uma das mãos de Lauri e a guio até seu baixo ventre.

— Pode se tocar enquanto entro em você — digo baixo a incentivando e ela faz como eu disse.

Não demora muito e sinto seu corpo estremecer enquanto seus lábios se abrem para liberar um gemido alto. Seu corpo convulsiona por alguns segundos e aperta meu membro de maneira deliciosamente cruel. Sinto que

meu clímax se aproxima, por isso colo nossas bocas para suprimir o gemido que escapa de minha garganta.

Caio sobre ela exausto, minhas vistas embaçadas e o corpo rígido.

Deito em seu ventre reto e macio enquanto sinto nossas respirações ofegantes.

Lauri acaricia meu cabelo com delicadeza e eu observo suas coxas e pernas trêmulas.

É encantador ser o responsável por dar prazer a este corpo tão perfeito, ainda mais quando sua dona é a mulher mais perfeita do universo.

Isso é incomparável.

Tenho mais uma confirmação de que jamais me senti assim antes na vida.

É tudo único demais.

Descobri neste instante que ela é completamente minha, de corpo e alma. E que seria capaz de fazer qualquer coisa por ela.

Estou irrevogavelmente rendido por seus encantos.



LAURIANA

Estou vivendo um sonho, definitivamente um sonho com cores e sons, pois, se estivesse acordada não teria a capacidade de inventar algo tão arrebatador e envolvente.

É como se esse sentimento estivesse percorrendo toda minha corrente sanguínea, alimentando meus órgãos, mantendo meu corpo vivo.

Os beijos de Anthony funcionam como a energia que preciso, seus toques como os incentivos, suas palavras como guias...

Ao amanhecer o observo dormir tão tranquilo entre os lençóis brancos e macios. Sua barriga definida sobe e desce de acordo com sua respiração

calma. Percebo que não quero sair deste espaço, mesmo que para isso tenha que engolir parte do meu orgulho.

Pertencemos a mundos diferentes, mas sei que podemos criar um lugar que seja só nosso.

Anthony é um homem rico, já eu sou apenas uma estagiária, mas temos valores em comum.

Levanto na ponta dos pés para escovar os dentes, afinal não quero ser flagrada pelo meu “príncipe encantado” com mau hálito matinal.

Entro embaixo da ducha para variar e espero que ele não acorde agora, mas quando estiver perfeitamente apresentável.

A água quente toca meu corpo de maneira agradável e ao deslizar o sabonete, recém-aberto do hotel caro, pelo corpo sinto alguns pontos doloridos. Em seguida vejo pequenas manchas rochas na minha cintura.

Estranhamente olhar para elas me deixa um tantinho excitada e um tremor percorre meu corpo.

Minha autoestima nunca esteve melhor e me sinto a mulher mais desejada do mundo.

Enquanto me dedico ao meu asseio um “clique” da porta e quando percebo o box está aberto. Um homem de quase um metro e oitenta está ao

meu lado completamente nu e com uma expressão de sono no rosto, o que tira sua imagem impassível e o tornava adorável.

— Anthony! Você me assustou! — digo sobressaltada enquanto ele agarra minha cintura para ficarmos os dois sob o jato forte e bem distribuído do chuveiro.

Sua boca procura a minha para um beijo com gosto de hortelã. Ele entrou no banheiro e escovou os dentes, enquanto estava perdida em pensamentos. Se fosse um sequestrador teria me dado mal.

— Bom dia, minha rainha — diz enquanto afunda o rosto entre em meu ombro e pescoço causando um arrepio gostoso.

O título da nobreza me deixa lisonjeada e reprimo um risinho ao me imaginar como a rainha, uma mulher tão idosa e poderosa.

— Bom dia, meu vassalo — digo em contraposição colocando os braços ao redor do seu pescoço. — Será que já é hora de pagar seus tributos? — pronuncio enquanto observo seus olhos sonolentos se tornarem faiscantes como de costume.

— Sempre que desejar, por favor — diz fitando meus olhos com uma expressão tão serena, submissa, que faz com que me sinta a mulher mais influente do mundo.

O vapor da água quente se espalha pelo banheiro junto ao cheiro delirante dos sabonetes. Nossos corpos estão mais uma vez colados e posso sentir o ventre de Anthony contra o meu. Os músculos da sua barriga são bem trabalhados, sendo possível contar suas divisões. Seus ombros são tão bem definidos que fazem com que seu trapézio pareça uma montanha.

Minhas mãos tocam seu corpo, quase involuntariamente, e faço com que ele se vire para que possa ter a visão das suas costas tão bem desenhadas deslizando o sabonete por sua superfície tranquilamente.

— Você é tão perfeito... — murmuro enquanto olho para ele hipnotizada.

Delicadamente ele se vira novamente para mim.

— Não tanto quanto você — diz com um olhar profundo enquanto suas mãos se encaixam impecavelmente em minha cintura.

Não posso evitar que um baixo gemido dolorido saia por meus lábios e ele fica um pouco assustado.

— Eu te machuquei? — questiona com um olhar de preocupação.

— É claro que não, não é nada de mais — digo enquanto ele me examina, encontrando as pequenas marcas arroxeadas.

— Isso não é certo... — murmura insatisfeito.

Desliga o chuveiro e se agacha para olhar melhor as manchas.

— Por favor, Anthony, pare com isso — digo de bom humor.

Ele está agachado sobre suas coxas fortes no box e a proximidade do seu rosto com a região abaixo do meu ventre está me deixando tensa. Beija minha cintura e meu quadril com cautela, enquanto com uma mão se apoia no vidro do box e com a outra segura uma das minhas pernas.

— Espero que me desculpe por isso — diz mal-intencionado.

Quando noto já é tarde demais, lá está ele entre minhas coxas, me olhando de baixo para cima e sou realmente a rainha, o que me excita mais ainda.

— Anthony — murmuro indefesa.

Ele se aproveita a posição para explorar minhas pernas e roçar o nariz por minha virilha depois através dos meus poucos pelos pubianos.

Em minha defesa foi tudo involuntário.

Minhas pernas se afastam sozinhas e ele pega um dos meus tornozelos para que apoie um pé em sua coxa, deixando assim o caminho livre.

— Seu gosto é maravilhoso, sabia?

Estou completamente desarmada enquanto sinto algo úmido escorrer entre minhas coxas, uma umidade que não é proveniente do fato de estarmos tomando banho.

Quando menos espero, Anthony simplesmente toma meu clitóris entre seus lábios para deixar sua língua correr por ele em um contato mais suave e arfo com a surpresa.

Isso é excitante demais.

Meu coração dispara e eu tento me agarrar em vão no box escorregadio, então o único lugar em que posso me equilibrar é em seus ombros. Com uma força descomunal ele se mantém firme enquanto invisto meu quadril contra sua boca que me chupa sem cansar.

Minhas mãos agarram seu cabelo ditando um ritmo crescente.

Meu clitóris extremamente sensível ganha a atenção que desejo enquanto a língua quente e molhada, extremamente habilidosa, do meu parceiro trabalha.

Já não consigo controlar meus gemidos e sei que não irei suportar por muito tempo.

A visão de Anthony abaixo de mim enquanto faz de tudo para me dar prazer é enlouquecedora.

Sou a rainha.

— Anthony — digo seu nome de maneira sôfrega enquanto alguns gemidos saem por meus lábios. — Eu vou... — Desisto de controlar o instinto tão selvagem e me deixo ir.

Meu corpo se contrai convulsionando forte, incontrolável, agonizante, depois amolece enquanto uma sensação quente inexplicável desce por minhas pernas levando com ela minhas forças.

Estou devastada com o orgasmo violento, mais intenso que senti até agora.

Anthony é forte e me segura em seus braços enquanto parece desfalecer no torpor delicioso.

Minha boca está seca e estou nas nuvens.

— Tenho ciúmes do quanto você treinou para ser tão bom nisso, mas não consigo reclamar — digo sem pensar muito, arrancando dele um sorriso.

— Quem disse que acabou? — diz enquanto sua língua entra rígida em minha boca, numa invasão dominadora fazendo com que sinta meu sabor salgado. — O que acha do seu gosto? — questiona em um olhar picante.

— Não deve ser melhor que o seu — digo enquanto uma das minhas mãos desliza para tocar seu membro ereto.

Meu gesto faz com que ele transforme seu rosto em uma expressão de prazer ao sentir o toque dos meus dedos.

Quero de alguma forma “retribuir” o favor.

— Ainda não — diz malicioso enquanto estende uma mão para fora do box.

Mal percebo e ele já colocou o preservativo.

Com seus braços fortes, segura meu corpo contra o vidro do box embaçado. Seu corpo entre minhas pernas e meu tronco suspenso.

Não é possível que esteja excitada de novo, as reações que ele provoca em meu corpo são impossíveis. Eu nem sequer sabia antes que era capaz de me sentir assim.

Ele me penetra forte e profundamente, o que me arranca um gemido alto.

É tão fácil e natural, não há dor, apenas prazer na conexão dos nossos corpos.

Me questiono se é possível suar enquanto se toma banho, mas lá estamos nós com os cabelos bagunçados, corpos pegajosos e quadris se movendo.

Puxo seu cabelo enquanto nossas línguas se atacam em uma luta onde o vencedor não importa.

O calor consumindo nossos corpos, com nossas peles como brasa.

— Você é minha — diz entre beijos com o desejo transbordando em sua voz.

— Sua — murmuro fraca com suas estocadas que se intensificam.

Minhas palavras parecem ter algum domínio em seu corpo.

Achava que fosse impossível, mas a sensação de pulsão no meu baixo ventre começa a surgir de novo. Não pensava que poderia ser tão rápido, mas estou sentindo meu corpo estremecer novamente enquanto ele se move frenético contra mim.

Mais uma vez explodo em um orgasmo, talvez maior do que o outro, não sei dizer...

Logo eu que sempre achei que essas histórias sobre múltiplos orgasmos fossem falsas, estou vivendo o momento mais carnal da minha vida em um apogeu agitado e irreprimível.

Anthony em seguida, como em uma torrente, se liberta dentro de mim, despejando-se quente em meu interior.

Dessa vez não sou a única devastada e com o corpo amolecido pelas sensações destruidoras que experimentamos.

Ele se afasta enquanto me beija de forma leve, arfante e cansado. Nos abraçamos sentindo-nos pesados enquanto nossos olhos úmidos se encaram ternamente.

Sei que estou apaixonada, amo a forma como Anthony preparou essa surpresa para mim, o quanto ele não mede esforços para me agradar, o quanto ele é tão dedicado em me fazer gozar.

Estou apaixonada por essa sensação e não queria perdê-la nunca.

— Acho que agora podemos tomar banho — concluiu de bom humor.

Terminamos o momento com as águas quentes do hotel acalmando e revigorando nossas peles enquanto sentimos nossos corpos saciados, pelo menos por enquanto.



O café da manhã é um show à parte e a variedade é impressionante. É como se qualquer tipo de comida imaginável estivesse no enorme salão brilhante.

— Confesso que ainda estou me sentindo meio culpada por matar o dia trabalho, mas não consigo me arrepender. — Sorrio para Anthony que parece esplendoroso nesta manhã.

Sua pele está mais viçosa do que nunca e ele resplandece como um deus grego.

— Não se arrependa. — Sorri afagando minha bochecha. — Como consegue ficar mais linda a cada dia? — diz encantado me olhando diretamente.

Olho para baixo timidamente, com minha mania de olhar para os guardanapos quando não sei o que dizer.

Com um dedo ele faz com que levante o queixo e sorrio.

— Passar o tempo com você deve estar me fazendo bem.

— Se esse é o caso devemos passar muito mais tempo juntos — responde com uma piscadela. — Assim posso evitar que alguém te roube de mim — completa de maneira bem-humorada.

— Não se preocupe quanto a isso. — Sorrio sentindo o sangue subir para minhas bochechas.

Ele realmente sente ciúmes de mim?

Isso é um acréscimo importante para aumentar minha vaidade.

"Controle seu ego, Lauri."

O dia passa agradavelmente enquanto passeamos pelas praias nos arredores do incrível hotel.

Eu me questiono se consigo me acostumar com uma vida dessa.

"Quem não se acostumaria? ", a diabinha sentada no meu ombro diz e eu sorrio por dentro, não tendo como discordar.

Apesar da temperatura um pouco baixa somos presenteados com um dia de céu azul. A água do mar está cristalina e a areia branquíssima, sob os

guarda-sóis observávamos o vai e vem do oceano. É claro que estou usando as roupas que Anthony pediu para mim. Definitivamente ele é muito habilidoso com medidas, porque as peças se encaixaram de maneira perfeita.

Tomamos alguns drinks que nunca ouvi falar e aproveitamos a tarde tão bonita que parece ter sido roteirizada para um romance.

Anthony me conta sobre sua coleção de insetos na infância e é tão estranho perceber que este homem que, às vezes, parece tão distante e frio já foi apenas uma criança inocente.

— Catalogava os insetos e anotava o nome deles em placas de papelão, é claro que não matava os insetos e não os prendia vivos. Tinha pena de fazer algo do tipo. Mas sempre que encontrava algum morto guardava para "estudos" — diz fazendo as aspas com os dedos das mãos.

— Você seria um grande biólogo — comento enquanto dou um gole em meu drink cor-de-rosa cujo nome já esqueci, mas que tem um ótimo sabor.

— Isso era só um hobby, mas quem sabe um dia não continue minha coleção? Poderíamos viajar para a Amazônia para coletar insetos mortos. — Sorrio e correspondo a expressão quando noto que ele faz planos que me incluem.

— Seria ótimo.



Assim como qualquer pesadelo os sonhos também acabam e acabam rápido demais.

Foi assim que me senti quando nos preparamos para ir embora e voltar para a nossa vida normal. É como se estivéssemos dentro de um universo paralelo onde os problemas nem sequer são mencionados. Como se o nosso tempo fosse diferente do resto do mundo.

Espero enquanto Anthony vai até à recepção quitar nossa conta e nem quero imaginar o quanto foi gasto.

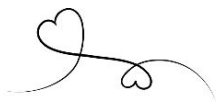
Quando ele volta, percebo que o brilho do seu rosto se apagou e não entendo o que aconteceu. Mas imagino que ele só esteja chateado por voltar para casa e ter que encarar os problemas que está enfrentando. Tento animá-lo, mas isso não faz muito efeito, então decido apenas dar espaço a ele.

A viagem de volta é tranquila, mais tranquila do que a primeira. O dia está bem iluminado então é muito mais fácil superar meu receio da estrada.

Em menos de uma hora e meia estamos novamente no centro de Londres.

Quando chegamos, sinto falta do som do mar e queria ter ficado mais tempo naquele lugar.

Mas sei que temos obrigações a cumprir e não posso me lamentar por isso. Aquele sonho foi incrível o suficiente e guardarei aquela memória com todo carinho.



Ao chegarmos no apartamento de Anthony ele parece bastante tenso, algo definitivamente aconteceu e não sei o que é.

Ele me deixa à vontade em sua sala de estar e vai verificar alguma coisa relacionada ao trabalho.

Pego o celular para verificar as chamadas e envio algumas mensagens para Alexandra. Já estou com saudade dela e tenho muitas novidades para contar, embora ela esteja muito ocupada ultimamente.

Depois de alguns minutos de completo silêncio vejo Anthony vindo para a sala com o computador na mão. Ele parece diferente do normal, além de sua frieza habitual, seus olhos contêm uma raiva que não é comum.

Senta no sofá ao meu lado e deixa o notebook na mesa de centro. Apoia os cotovelos nos joelhos e cobre o rosto com as mãos para se acalmar.

Nunca o desta forma, por um momento ele saiu de sua postura impassível.

— Posso perguntar o que aconteceu? — indago delicadamente, tentando não ser invasiva, mas estou começando a ficar preocupada com sua postura.

— Me desculpe pela atitude, Lauri — diz mais uma vez com sua postura distante, mas sei que as coisas não estão bem.

— Não quero que se preocupe, mas minhas contas estão bloqueadas. Fui obrigado a usar o cartão de crédito quando estávamos no hotel. Confirmei isso agora ao ver que recebi um e-mail dizendo que fui formalmente acusado de lavagem de dinheiro e que meus bens foram bloqueados. A advogada também enviou um e-mail. Que engraçado — conclui com um riso irônico indicando que não é nem um pouco engraçado.

— Isso não é problema, Anthony. — Tento tranquilizá-lo. — Só precisamos provar que não fez nada disso e com toda a documentação e registros do banco isso não deve ser difícil.

— Essa é a pior parte, Lauri — diz desanimado. — Os arquivos que você e Oliveira se esforçaram tanto para conseguir simplesmente sumiram. Fui hackeado.

Coloco uma mão sobre os lábios com a surpresa, meu coração acelera e eu não posso acreditar.

Esta é a confirmação de que alguém realmente está tentando fazer com que Anthony se afaste do banco, está claro demais.

— Não consigo acreditar, Anthony, isso é... — Paro de falar, pois não tenho palavras para descrever a situação e nem sei o que pensar sobre isso. — Vamos pensar em algo.

— Lauri, não se preocupe com isso, vou dar um jeito. Nunca mais quero que você se arrisque por nada desse tipo, você me ouviu? Você é uma garota promissora e tem muitas coisas a conquistar, foque nisso. Esse problema *resolvo sozinho*. Na verdade, só vou esperar. Estou cansado de lutar contra isso. Sei que ninguém me quer naquela empresa, por que eu deveria ficar me debatendo? Agora tenho coisas mais importantes para me preocupar — diz acariciando meu rosto.

Mesmo lisonjeada não consigo aceitar que ele desista de tudo que conquistou por causa de pessoas inescrupulosas.

— Anthony, você é o homem mais incrível que já conheci em toda minha vida, fora meu pai — digo com um sorriso que ele corresponde. — Não pode se render dessa forma!

— De que adianta, Lauri? Eles vão sempre estar procurando maneiras de se livrar de mim, o que posso fazer?

— Mesmo que um dia decida se afastar do banco deve ser por sua vontade, não por uma injustiça como essa... Vamos lá, Anthony, não pode se render — digo enquanto seguro sua mão e ele me observa solenemente.

— Lauri, não sabe do que essas pessoas são capazes...

— Mas se nos calarmos esse tipo de coisa vai continuar acontecendo. Esse tipo de coisa precisa ser punida.

— Lauri, veja bem...

— Por favor, Anthony!

— Você é insistente — diz com um olhar brando.

— Você sabe disso melhor do que ninguém.

— Prometo pensar — diz e essa pequena frase é capaz de levantar meu espírito. — Mas agora quero aproveitar o resto do meu dia com você — completa parecendo um pouco mais animado.

— O meu dia é totalmente seu — digo em um tom mal-intencionado.

— Então vamos lá, dê as ordens, minha rainha — diz enquanto avança sobre meus lábios que o recebem de maneira sedenta.

Cada vez que nós nos tocamos se torna mais difícil parar, mas a verdade é que “parar” é algo que nenhum dos dois gostaria.



ANTHONY

Os momentos com Lauri me ajudaram a esquecer um pouco sobre a crise pela qual estou passando. Por um dia inteiro deixei de me preocupar com o banco dos Ulrich e me dediquei a coisas que me transmitem paz.

Infelizmente nada dura para sempre, pelo menos na minha vida.

É como se precisasse estar em alerta o tempo todo para não ser pego de surpresa por acontecimentos desagradáveis.

Tentei focar em manter Lauriana tranquila, pois não gostaria que ela percebesse meu estado de humor horrível.

Por dentro sentia vontade de socar uma parede até que a superfície se desintegrasse. Já do lado de fora, aprendi como demonstrar uma pose fria.

Ninguém nunca perceberia como me sentia só em olhar meu rosto, afinal minha expressão de indiferença já faz parte de mim.

Exceto quando se tratava **dela.**

Já não fazia questão de esconder quando me sentia bem, porque sabia que isso trazia conforto para Lauri. Na realidade, estava tentando ser mais caloroso com ela, tentando deixar que ela me visse da forma que realmente sou.

Levo minha donzela até a sua moradia e a deixo sem muita de me separar dela. Por um momento, fico ansioso para tirá-la daquele casarão caindo aos pedaços.

Admito que gostaria que ela vivesse comigo e acordasse comigo todos os dias ao meu lado, mas esse é um plano para momentos futuros. Porque agora, no presente, tenho muitas questões a resolver.

Pelo menos, agora tenho a absoluta certeza de que sou o bode expiatório de alguém dentro daquele banco. Alguém que não gosta de mim e preciso tirar isso a limpo, por mais que ainda não tenha provas concretas.

Faço um telefonema para Daniel May, preciso ter uma séria conversa com ele sobre tudo o que está acontecendo, afinal ainda não conversamos de maneira franca.

Combinamos que nos encontraremos em um restaurante no centro da cidade.

Para melhorar minha situação fui informado de que todos os meus bens serão bloqueados até esclarecimento da investigação.

Todos os meus carros e imóveis adquiridos após o início dos meus ganhos com o trabalho no USB estarão embargados, exceto o imóvel onde resido.

Felizmente a casa em que meu avô mora está no nome dele e isso impede qualquer tipo de ação legal relacionada a ela.

A frustração está começando a corroer meus ossos e estou agindo de uma maneira que não é comum para mim.

É óbvio que já comi o pão que o diabo amassou durante minha vida, mas isso não melhora a situação atual.

Respiro fundo e lavo o rosto para começar a pensar em atitudes mais diretas. Preciso descobrir quem entrou na minha nuvem de arquivos, certamente descobrir isso me levará ao responsável real.

Agora é difícil me recordar de alguém que pode ser de ajuda e que tenha entrado em contado comigo recentemente.

Penso bem se será de bom tom pedir um favor, até porque não tenho muita coisa a perder.

Logo após o jantar com Daniel May entrarei em contato com Mathys Hedwig, ele conseguirá me ajudar, tenho certeza.

As horas faltantes para o encontro com Daniel May se passam de maneira dolorosamente lenta. Estou um tanto ansioso para falar o que penso da sua atitude.

Logo a noite chega e eu sigo para o restaurante.

Sou atendido de maneira um tanto cortês pela recepcionista que me encaminha para a mesa que foi reservada.

Daniel May já chegou, reconheço o topo branco de sua cabeça grisalha. Sei que ele gosta de se adiantar nesse tipo de encontro, pois, é como se esse gesto fosse ajudá-lo a ter mais razão sobre o assunto.

— Boa noite — cumprimento de maneira regular.

— Boa noite, Florian.

May é o único a me chamar por esse nome e acho um tanto estranho, mas também não me importo.

— Já pediu algo para beber?

— Um vinho branco, gostaria de me acompanhar? — diz sem demonstrar nenhuma emoção em especial.

— É claro.

Ficamos em silêncio por alguns segundos, digerindo o constrangimento de estarmos um na presença do outro.

Não tinha ideia do tamanho da raiva que este momento criaria em mim e agora estando a frente ao May percebo o quanto ele é intragável.

Mas preciso manter minha postura profissional.

Nos encontramos naquele duelo sem palavras, olhares irritadiços que querem dizer muita coisa.

Daniel May é mais um dos que me detestam por causa do meu progenitor.

Fazemos nossos pedidos simplesmente porque é o mais polido a se fazer.

Mas dispensaria o jantar com todo prazer apenas para não ter que olhar mais para aquele homem tão arrogante.

— Bom, acho que me chamou aqui por um motivo — diz e eu decido ser o mais incisivo possível.

— Sendo bem franco, quis ter uma conversa de homem para homem. Afinal todas as informações que recebi vieram através de terceiros e não acho que seja a coisa mais ética.

— Fico feliz que esteja tentando agir com *ética*. — diz com um sarcasmo sujo, algo que sempre fez.

May é uma das pessoas mais irritantes para se ter um diálogo. Ele não é capaz de simplesmente conversar, é ácido o tempo inteiro, nunca enxergando os outros de igual para igual. Entretanto, não estou aqui para perder a razão, muito menos para deixar que a atitude nojenta deste homem me desestabilize.

— Sim, agir com ética, algo que você não tem feito por mim. Acha que não notei como tem praticamente impedido que a equipe de advogados trabalhe a meu favor? Você fez com que eles sentassem e cruzassem os braços, aguardando que eu seja condenado a qualquer momento.

— Acha que as coisas são simples assim, Florian? Estamos lidando com a vida de diversas pessoas. Se o banco cair, vamos perder todo nosso prestígio e haverá demissão em massa. Não posso colocar a perder o império que seus bisavôs colocaram em minhas mãos! — diz já se alterando, o tom de voz uma oitava mais alta.

— Sim, mas você não se importou enquanto eu trabalhava durante os últimos dez anos para deixar esse império maior ainda. Por que agora quando preciso do mínimo de estrutura, você simplesmente desaparece e resolve colocar sua filha, que nunca fez nada pelo banco no meu lugar? — digo em um tom de voz frio.

Minha atitude indiferente parece o irritar mais ainda, tanto que seu rosto já está vermelho.

— Não vou me explicar para você. O erro foi seu! Você jogou nosso nome na lama se envolvendo com ladrões e terroristas. O que espera de mim agora? — vocifera irado.

Por dentro meu corpo queima de irritação, mas jamais darei o gosto de perder o controle para este homem.

— Sabe que não estou envolvido nisso.

— Quem me garante isso? Até agora tudo que temos são provas de que você *está* envolvido com isso.

— Se existissem provas confiáveis eu seria condenado.

— Não, não seria. Graças a mim e a nossa equipe, a qual você questiona, as coisas ainda estão bem.

— Só marquei esse encontro porque acreditei que conseguiria ter uma conversa civilizada com você, May, mas pelo visto você continua igual — concluo em um tom de frustração.

— Na realidade, quem continua exatamente igual é você. Não teria essa soberba toda sabendo das suas origens nada bonitas. Pessoas que são geradas de maneira escusa nunca poderão agir com honestidade.

Mais uma vez ele está jogando na minha cara o fato de eu ser um bastardo. Um fato que não é minha escolha.

Minha respiração se torna mais curta e o ódio preenche meu peito de maneira nada saudável. Destruiria o rosto deste homem com alguns socos, mas, por fora, meu semblante ainda é o mesmo.

— Veja só... Você faz questão de destruir a vida de todos ao seu redor. Fez questão de acabar com a reputação do seu pai e agora faz questão de acabar com a credibilidade do negócio dele. Você sabe que se tiver o mínimo de decência nunca mais vai se aproximar daquele banco.

— Agora estamos começando a ser honestos. Seu objetivo sempre foi me ver longe, não é? E agora finalmente vê essa possibilidade.

— Pouco me importa o que você faz ou deixa de fazer. Pouco me importa se você volta ou não para o banco, mas duvido muito que volte.

Estou completamente pasmo, afinal por mais que May sempre tenha tido uma atitude intolerante, ele parece pior do que antes, quase enlouquecido.

Já desisti dessa conversa, nunca poderemos nos entender e ele nunca será capaz de me tratar de maneira minimamente humana.

— Nunca entendi porquê tem tanto ódio dentro dessa sua cabeça, deve ter sido envenenado pelo meu progenitor. Pouco me importa também, May.

Quero que você e seu preconceito se fodam — concluo em tom desdém, enquanto cruzo os dedos na frente da barriga e adoto uma postura mais relaxada.

Ele simplesmente se levanta indignado, como se fosse explodir de ódio e o ignoro, olho para o lado como se não houvesse ninguém a minha frente.

May se retira e eu fico sozinho.

O garçom chega em seguida com nossos pedidos e pergunta o que deve fazer com o pedido do homem que acabou de ir embora.

Peço para que ele embrulhe a refeição de Daniel May para viagem e janto sozinho.

Estou satisfeito por pelo menos ter dito um pouco do que ele merecia ouvir.



Quando chego ao meu apartamento, continuo com meus planos.

Procuro nos meus contatos o número do telefone do Mathys para então entrar em contato.

Ligo e ele não demora muito em me atender de maneira efusiva.

Mathys não é frio e distante como eu, acho que pelo contrário, ele é bastante caloroso, principalmente com as pessoas por quem nutri simpatia.

Isso não o torna a pessoa mais fácil do mundo de lidar, mas ele tem seus valores e é um grande gestor.

Mathys Hedwig possui o que falta em mim, jogo de cintura.

Ele é flexível, sabe como convencer as pessoas e isso é uma vantagem e tanto nos negócios. Dessa forma seu trabalho com uma enorme rede de hotéis prospera.

— Como vai, primo? — diz de forma carismática e isso soa esquisito para mim, mas não estou rejeitando simpatia. — Há tanto tempo não nos falamos, senti falta das nossas conversas.

— Mathys, obrigado por mandar aquele e-mail. Peço desculpas por ter demorado tanto a entrar em contato, mas as coisas andam estranhas.

— Imagino o quanto isso tem sido difícil para você. Estou por perto essa semana, o que acha de nos vermos no centro de Londres amanhã?

— Acho que será perfeito.

Marcamos um encontro cedo em um café e conversaremos melhor sobre a situação. Concordamos que é melhor falar pessoalmente sobre esse tipo de coisa, cuidar de grandes negócios faz com que qualquer pessoa se torne desconfiada.



Acordo cedo, me arrumo e sigo para onde finalmente encontrarei Mathys Hedwig, depois de anos sem não nos ver.

A última vez que nos falamos foi em uma situação bem estranha onde sua mãe me tratou muito mal, mas eu já nem me importava.

Acho que Mathys ficou constrangido com tudo que acontecia comigo e achou que talvez eu não quisesse falar com ele por causa dos outros.

Mas sempre soube que não era culpa dele, pelo contrário, sempre nos respeitamos.

Ao chegar no café aconchegante no centro da cidade é difícil reconhecer meu primo. Agora ele é um homem completamente maduro, apesar da aparência jovem, está mais alto e com uma barba alinhada, diferente da minha que já aceitei seu jeito “despojado”.

Penso em apertar a mão de Mathys, mas ele me recepciona com um abraço apertado, um costume pouco comum em nossa cultura, mas que me deixa satisfeito.

É bom saber que pelo menos uma pessoa dentro daquela família é receptiva comigo.

— Nem acredito que é o mesmo menino franzino! — diz gargalhando alegre.

O homem fala alto e é efusivo.

— Agora virou um gostosão, aposto que deve estar pegando todo mundo, mas os Ulrich sempre comem quietos — completa de bom humor.

Não posso deixar de sorrir, apesar de me sentir levemente constrangido.

— Obrigado por vir me ver, Mathys, significa muito — agradeço enquanto nos acomodávamos frente a frente nos bancos acolchoados do lugar.

— Por mais que não tenhamos proximidade, considere que isso é algo que a família faz. — Sorri. — Gostaria de poder ajudar de alguma forma e para isso preciso saber em que pé estamos. — Me olha com seus olhos cinzas, como de um lobo, completamente focados.

— A realidade é que o Ministério Público está investigando meu envolvimento com lavagem de dinheiro provido de atividades ilícitas, relacionadas com tráfico e até mesmo terrorismo. Eles fazem essa alegação porque eu seria a única pessoa que poderia liberar tais transações no banco devido meu cargo. Também estão tentando me associar ao assalto que aconteceu recentemente no banco. Antes de ser indiciado Daniel May fez

com que me afastasse das minhas atividades e sinto que desde então ele procura formas de me manter longe. Como se isso tudo fosse uma ótima oportunidade para ser livrar de mim — digo irritado lembrando da conversa do dia anterior. — Perdi o acesso a todos os extratos relacionados a minhas atividades do banco. Mas ainda assim, com ajuda de alguns amigos, consegui recuperar essa documentação que mostraria que jamais fiz a liberação de movimentação de quantias vindas de origem escusas... Mas adivinhe só? O documento sumiu da minha nuvem misteriosamente.

— Bom, não sou hacker, mas tenho meus truques. Se seu computador foi hackeado há formas de notar. O aparelho começará a demonstrar comportamentos estranhos como desligar sozinho, reiniciar, etc. Você trouxe o aparelho?

Quando conversamos por telefone ele solicitou que trouxesse o notebook para uma análise e foi o que fiz.

Pego o equipamento e entrego para ele desbloqueado.

— Bom, vamos verificar — diz enquanto conecta um HD externo em meu computador.

Sento ao seu lado para acompanhar o processo. Ele abre um programa e depois de fazer um escaneamento no sistema dá o diagnóstico.

— O seu computador não foi hackeado. Agora resta saber se seu e-mail foi invadido.

Abro o e-mail para que ele possa verificar.

— Sua conta foi acessada por alguém que tem a sua senha.

Quando dá a sentença fico abismado, pois, não esperava que alguém tivesse acesso aos meus arquivos.

Mas como é possível?

— Anthony, é muito fácil conseguir a senha de alguém, ainda mais quando se está mal-intencionado — diz em forma de consolo.

Mas ainda não havia me perdoado por ter sido tão imprudente, pois, não é do meu feitio.

— Pelo visto essa pessoa tem logado na sua conta há vários meses e acompanhando tudo que você guarda na nuvem. Infelizmente não consigo ter uma visão exata de onde esse acesso foi feito, pois, a pessoa usou um programa para gerar um IP falso — completa solenemente.

— Não é possível, isso só pode ser trabalho de Daniel May! Quem mais faria questão de me prejudicar dessa forma?! — rosno irritado.

Mathys dá dois tapinhas afetuosos em meu ombro e apoio um cotovelo sobre a mesa, deixando a cabeça cair sobre a palma da mão.

— Peço desculpas pela enorme falta de educação, mas é que estou ficando cansado. Por mais obstinado que eu seja essa história fica mais suja a cada minuto.

— Entendo, primo.

— Acho que a única coisa que posso fazer agora é mais uma vez ter um embate com Daniel May e obrigá-lo a confessar que está tentando me prejudicar. Fazer com que ele me deixe ter acesso aos arquivos, ou que confesse que foi ele quem armou tudo...

— Aquele May? — questiona incrédulo. — Aquele homem nunca vai admitir nada. Se ele disser que o céu é vermelho, mesmo sendo azul, insistirá até convencer que as outras pessoas é que estão erradas.

— Você está certo. Agradeço por ter me ajudado e espero que da próxima vez que nos encontrar seja em uma situação mais agradável.

— Tenho certeza de que sim. — Sorri consolador.

Nos despedimos e prometemos manter contato sempre que possível.

Agradeço sua prontidão de estar presente neste momento tão difícil e me coloco a disposição para ajudá-lo caso ele precise de qualquer coisa.

Mathys vai embora como veio, de repente.

Nosso encontro foi curto, mas muito mais agradável do que esperava.

Aquele era um homem que respeitava e agora mais ainda. Percebi que ele é uma pessoa justa e que não se deixa levar pelas opiniões familiares, isso é de enorme valor.

Este ano está sendo de enormes surpresas e parcerias que surgiam de lugares inesperados, enquanto algumas máscaras fazem questão de cair.

Quando chego em casa faço uma ligação para meu avô Oscar para saber se ele está bem. Ele nota meu desânimo, mas não insiste para que eu fale sobre o que me aflige.

Depois ligo para Lauri, pois sei que ouvir sua voz será a injeção de ânimo necessária para que siga em frente.

Ela me atende, mas está muito ocupada. Ela está no banco sob as garras de Georgia e isso me faz sorrir.

Saber que ela está trabalhando, com tantos afazeres me deixa orgulhoso e...

Estranhamente excitado.

Imagino que ela esteja usando aquele monte de roupas, mas que por baixo não há sutiã e que poderia tocá-la a qualquer momento.

Esse pensamento me faz suspirar.

— Eu sei que você não está bem, Anthony — diz preocupada.

— Não consigo mentir para você, então não me obrigue a falar sobre isso, já disse que vai dar tudo certo. — Tento imprimir o maior otimismo possível em minha voz, mas não sou muito convincente.

— Tudo bem. — Suspira cansada.

— Eu só preciso saber de algo importante.

— É claro — responde solícita.

— Debaixo de toda essa roupa que está usando tem algum sutiã?

Um silêncio prossegue a pergunta e sei que ela está completamente corada.

— Anthony! — ralha. — Estou no trabalho — sussurra e rio.

— E o que é que tem?

— Não posso brincar disso agora.

— Ok, mas você não me escapa hoje à noite — digo com malícia.

— Veremos — responde provocadora e nos despedimos.

Um sorriso surge em meu rosto ao lembrar da expressão de Lauri quando estamos juntos.

Sei que conseguirei sair desta situação, não só por mim, mas também por ela.



LAURIANA

Tive uma reunião com meu grupo de pesquisa na universidade e após nosso debate mais uma vez paramos para um breve lanche.

Estou tentando me reaproximar dos meus colegas porque sei que aqueles momentos não se repetiram muitas vezes mais.

É claro que eles não deixaram passar a cena de Anthony me beijando na última vez que estive no campus.

Na realidade, é até divertido conversar sobre como Anthony é detalhista e me fez uma surpresa tão incrível.

Na volta vou diretamente para o apartamento de Anthony, ele disse que tinha uma pequena surpresa para mim. Avisei que ele não precisava ir me

buscar, porque não sabia que horas sairia, mas ele fez questão de mandar um motorista me buscar e não recusei porque achei extremamente gentil de sua parte.

Entrar no prédio foi mais fácil do que imaginei.

Depois de falar com o recepcionista vou direto para o pequeno elevador. Me olho no espelho e vejo que meu rosto está um pouco abatido por causa das poucas horas de sono.

Mas não me importo, estou feliz de estar indo vê-lo.

Toco a campainha e a porta abre, mas só vou ver Anthony depois, pois, ele está ocupado na cozinha.

É um tanto cômico assistir o homem forte e corpulento usando um avental escrito "*Kiss the cook*". Não consigo segurar a risada quando leio a frase e ele me olha bem-humorado.

— Gostou? — pergunta enquanto verifica um molho vermelho.

— Adorei — digo e me aproximo para beijar o cozinheiro brevemente.

— Está bom para você? — questiona enquanto me estende uma colher de pau com um pouco de molho vermelho.

A acidez está no ponto perfeito, ele realmente tem talento para isso.

— Uma delícia! Você e seu avô são realmente bons cozinheiros. Até gostaria de dizer que vou fazer um jantar para você, mas se tem algo que não tenho habilidade é para cozinha. Uma vez quase coloquei fogo na cozinha e a tia Ximena quase me matou. — Dou uma risada alta e ele me acompanha.

— Você não fala muito dessa sua tia.

— Ah, ela não gosta muito de mim. Depois que meus pais morreram ela foi praticamente obrigada a me abrigar e isso gerou certos atritos — comento brevemente.

— Ainda quero saber mais sobre a sua vida, não pensa que vai escapar — diz apontando a colher para mim.

— Pode deixar, ainda vou te contar sobre as minhas desventuras incríveis — respondo rolando os olhos com ironia.

— Eu quero saber tudo — diz com carinho, se esticando sobre o balcão para beijar meu rosto.

Pergunto se posso tomar um banho antes do jantar e Anthony avisa que deixou uma coisa para mim em cima da cama.

Claro, é obvio que ele pensaria em cada detalhe.

Quando entro no quarto dou de cara com uma sacola e sobre a cama um vestido verde.

O tecido não é muito grosso, mas o suficiente para ser encorpado. A peça é simplesmente uma graça, mas dentro da sacola é que está a real surpresa, um conjunto de calcinha e sutiã preto lindíssimo, onde a renda é delicada, mas, ao mesmo tempo, resistente.

Pelo visto Anthony quer saber como seria se eu usasse um sutiã, algo que nunca foi meu costume.

Abafo uma risadinha divertida com a mão.

Depois de um banho relaxante, no banheiro dele que é tipo “uau”, me dedico a estar bem apresentável.

O vestido que ele escolheu valoriza minha cintura e não resisto a me admirar no espelho de lingerie antes de vesti-lo.

O bom gosto dele é impressionante e estou me sentindo confiante e confortável.



O jantarfoi muito agradável.

Anthony preparou um macarrão ao molho caseiro de tomate e queijo gorgonzola, que comemos junto com um vinho tinto que nunca vi na minha

vida, mas parece ser bem caro. Talvez seja mais caro que uma casa simples, na verdade. isso é quase certeza.

— Esse é um Château Cheval Blanc, comprei uma vez em um leilão — diz como se fosse banal e finjo costume.

— Deve gostar bastante de vinhos... — comento olhando para os talheres de prata na mesa perfeitamente arrumada por ele.

— Gosto mais de você. — Sorri e coro, acho que esse é o maior passatempo dele.

Ele se levanta e em seguida ouço uma música soar na sala de estar.

Logo se aproxima e estende uma mão em minha direção.

— Me concede esta dança?

O momento que tanto temia chegou e escondo o rosto com as duas mãos.

— Tenho dois pés esquerdos, Anthony — reclamo, mas mesmo resistindo estendo a mão.

Ele me puxa e faz com que rodopie pelo tapete da sala.

Seu rosto parece ainda mais perfeito sob a iluminação suave e seus olhos azuis misteriosos sob o véu da noite.

Não posso dizer que dançamos, mas ele bem que tentou fazer com que entendesse a dinâmica do "dois pra cá, dois pra lá".

— Eu sou péssima...

— Você é linda...

Ele sempre faz de tudo para deixar minha autoestima nas alturas e até que consegue, afinal estar com o homem mais bonito da Inglaterra é o bastante para melhorar um pouco minhas inseguranças.

Em determinado momento a música para e ficamos parados, olhando um para o outro no centro do tapete macio.

Ele segura minha cintura e envolvo seu pescoço.

Como dois polos opostos nos atraíamos e, sem pensar muito, nossos lábios já estão colados em um beijo lento, calmo, profundo e sensual.

Seu calor é encantador, seu cheiro é inebriante e nunca tinha me aproximado de uma pessoa tão cheirosa assim.

Quando sua língua invade a minha boca, sinto um arrepio que percorre o caminho da minha nuca por toda minha coluna e faz com que um efeito mais interessante ainda seja sentido entre minhas pernas. Pressiono meu corpo contra o dele instintivamente enquanto ele leva sua mão a parte detrás do meu pescoço para aprofundar ainda mais nosso beijo.

Deixando que meus desejos aflorem, eu o empurro com calma até o sofá, fazendo com que ele se sente e me sento em seguida sobre suas pernas.

O contato dos nossos corpos é irresistível e não posso evitar friccionar meu quadril contra o dele.

A pressão deliciosa de sua recém-formada ereção contra meu sexo, mesmo através das roupas tão inconvenientes agora.

As mãos de Anthony firmes, brutas puxam meu quadril para baixo, tornando o contato ainda mais incisivo, rápido e quente.

Logo ele afasta seus lábios dos meus e segue para meu pescoço o que me causa reações incontroláveis, fazendo com que pequenos gemidos escapem dos meus lábios.

Minhas mãos, atrapalhadas, passeiam até os botões da camisa branca que ele usa. Ele está ansioso e arranca a camisa com os botões sendo destruídos no caminho.

Anthony não sabe lidar muito bem com botões e isso me faz sorrir ao lembrar da nossa primeira vez.

Me levanto e desço o zíper da calça jeans que ele usa, puxando-a para baixo.

— Está ficando mais esperta a cada dia. — Sorri malicioso enquanto me observa retirar a peça. — Já disse que você fica linda de verde?

— Acho que não, mas fico feliz em saber que acha isso — Sorrio. — Você tem alguma camisinha por aqui?

— Direto ao ponto, gosto disso. Do seu lado direito, dentro da gaveta — responde prontamente e me sinto poderosa tomando a iniciativa.

Volto para ele depois de pegar o pacote e me ajoelho a sua frente.

Ele me olha de maneira contemplativa com seus olhos azuis vítreos, focados em mim.

Minhas mãos deslizam sobre a cueca boxer preta que ele veste e resolvo retirá-la logo. Ele me ajuda levantando brevemente o corpo.

Ao puxar o tecido para baixo seu membro é libertado e o tomo em minhas mãos, tocando-o como fiz da última vez, deslizando a mão para baixo e para cima lentamente.

A expressão no seu rosto mostra que minha atitude está sendo aprovada. Ele joga a cabeça para trás enquanto sua respiração começa a se tornar descompassada. Em seguida faço como aprendi na escola, (rio por dentro ao pensar nisso), e o vi fazer com agilidade algumas vezes. Segurando a ponta da camisinha para evitar o ar, deslizo o látex sobre sua ereção túrgida.

Alguma coisa tomou conta de mim e me senti como a mulher mais confiante do planeta. Sou a deusa do meu próprio panteão e tenho coragem

para fazer qualquer coisa que deseje.

Seguro a base do membro de Anthony finalmente colocando-o na boca, um pouco desajeitada, mas eficaz. Minha língua rodeando sua ponta, enquanto com as mãos seguro a base.

Um gemido escapa dos seus lábios, arfando e joga mais uma vez a cabeça para trás.

Descubro que estou começando a gostar disso, é como ter o *joystick* na mão e ser dona do jogo.

Ele é tão duro, mas, ao mesmo tempo, flexível e o gosto do látex é apenas um detalhe engraçado.

Começo chupando lentamente, mas forte. Ainda um pouco hesitante, medindo suas reações.

Quando olho para cima me deparo com seu rosto, corado e olhos chamejantes.

Esse é o maior incentivo para prosseguir enquanto apoio o peso do meu corpo em suas pernas para tentar engolir boa parte dele. Tento relaxar a garganta para alcançar a maior profundidade possível. Em seguida, percebo que posso criar um ritmo, escondendo os dentes com meus lábios, subindo e descendo. Algumas vezes me demorando em sua ponta, o que causa reações um tanto fortes em seu corpo.

— Como você consegue ser tão...

Segura meu cabelo com força, mas sem ser bruto demais, auxiliando no processo de subir e descer com os lábios em seu enorme membro com minha língua se movendo como se fosse um parafuso.

Um gemido mais forte escapa dos seus lábios e o líquido quente escapa de seu corpo, inundando a camisinha.

Anthony me puxa imediatamente para cima dele e me sento, me segurando em seus braços. Ele me beija com ardor e depois aspira o cheiro do meu pescoço.

— Você é incrível... Acho que fui rápido demais — diz um pouco “envergonhado”, se é que posso chamar assim. — Você chupou direitinho — diz malicioso observando meus lábios.

— Queria ter conseguido ir mais... Você sabe... Profundo — digo sentindo meu rosto esquentar imediatamente.

— Você foi perfeita. Esse seu rostinho angelical esconde talentos incríveis. Foi uma delícia gozar nessa sua boca linda — diz com um olhar voluptuoso, observando meu rosto.

Minha excitação já se encontra em patamares incontroláveis e nem tirei minha roupa ainda.

— Não sei se mereço tanto, mas e se você tirasse esse vestidinho para eu ver o que tem embaixo dele? — pede e não nego.

A luz da sala é bem fraca e é possível observar a lua cheia da enorme janela de vidro da sala.

É o ambiente mais perfeito possível.

Lentamente abro o zíper do vestido e deixo que deslize por meus ombros, pelos quadris, até vê-lo cair em meus pés.

Arrasto a peça para o lado com o pé.

— Porra! Como você consegue? — diz me observando nu do sofá e eu uso apenas a lingerie miúda. — Uma voltinha?

Obedeço vendo as sombras se formarem no chão com meu movimento.

— Linda. — Ele se levanta e vem em minha direção.

Ele se coloca atrás do meu corpo e suas mãos começam a me tocar. Segura meus seios com firmeza enquanto chupa o lóbulo da minha orelha, logo uma delas desliza e entra em minha calcinha sem cerimônias. Começo a gemer desarmada enquanto agarro as coxas dele e minhas unhas o arranham.

O dedo médio de Anthony faz círculos sobre o meu clitóris e arfa desalentada. Ele se demora me tocando com delicadeza, me deixando cada vez mais quente e desesperada.

De surpresa o mesmo dedo se movimenta descendo e dessa vez me penetrando.

Minha respiração falha de excitação e sinto que ele não está tão diferente.

Mais uma vez sua ereção começa a despontar em tempo recorde, agora em minhas nádegas.

Empurro meu corpo para trás instintivamente e ele suspira alto.

— Maravilhosa — sussurra em meu ouvido e me vira.

Em seguida me ergue do chão, levo minhas pernas ao redor da sua cintura enquanto ele me beija. Ao mesmo tempo, me leva para a extremidade do cômodo, pressionando minhas costas contra a enorme janela de vidro.

— Você já parou para imaginar que algum pervertido pode estar nos observando? — comento divertida entre beijos e ele me coloca no chão.

— Então ele vai ver o melhor show da vida dele — responde provocador enquanto me vira pela cintura para ficar de costas para ele, com o rosto virado para a rua, observando as outras construções.

Há dezenas de metros abaixo de nós e acima o céu e a lua.

Ele desliza a língua pela minha nuca enquanto desabotoa o sutiã e o deixa cair no chão. Em seguida apenas sinto o percurso de sua boca por minhas costas, me fazendo gelar.

Suas mãos rasgam minha calcinha ao mesmo tempo que um gemido escapa dos meus lábios.

Seu corpo está atrás de mim, sua barriga perfeita me pressiona e sua mão está em meu sexo.

Estou tão molhada que seu dedo entra e sai com toda facilidade.

Logo em seguida é substituído por seu membro que me preenche completamente.

Ofego e sinto meu coração disparar, logo ele começa a investir contra mim lentamente, mas forte com minha barriga e meus seios imprensados contra o vidro.

Os movimentos que começaram intensos se tornam mais fortes e mais rápidos enquanto nossos gemidos se misturam.

Com o dedo, Anthony massageia meu clitóris enquanto me penetra, o que torna todas as sensações mais intensas ainda.

Ele está incansável enquanto seu corpo se mexe de maneira frenética contra o meu, indo e voltando aos solavancos, me fazendo oscilar.

Sei que não irei suportar por muito tempo enquanto ele se move com vigor, cada vez mais forte e mais fundo.

Sinto as vibrações que vem do meu baixo ventre, um aperto incontrolável ao redor do seu membro intumescido.

Com um gemido alto permito que a onda de prazer me carregue, ao mesmo tempo, que ele se libera dentro de mim.

A sensação é de que todas as terminações nervosas responsáveis por me causar prazer foram ligadas ao mesmo tempo, e não sei como lidar com isso.

Estou destruída quando a corrente elétrica termina de passar por meu corpo.

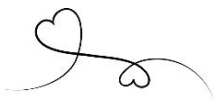
Gritamos, ao mesmo tempo, e ficamos imóveis ainda sem ter forças para nos mexer.

Ele afunda o rosto em minhas costas, me aspirando profundamente. Seus braços agarram minha cintura, me sustentando.

Isso é muito mais do que posso imaginar ou desejar.

Sobre nós, a Lua brilha esplendorosa, abaixo de nós, há o resto do mundo.

Mas isso não importa nem um pouco, porque é nosso pequeno pedaço do universo e é melhor do que qualquer outra coisa.



Passamos o sábado inteiro juntos nos divertindo, quer dizer, fizemos sexo diversas vezes e em diversos lugares do apartamento dele, o que foi espetacular.

Cozinhamos juntos, na verdade, só observava e provava as coisas que Anthony fazia.

Ele é muito bom mesmo nisso.

Conversamos muito sobre qualquer assunto que vem a nossa mente.

Ele me ensinou até como é feita uma plantação de morangos e planejamos um dia fazer isso juntos, entre outras coisas.

Agora é um desses momentos, onde ele cozinha e apenas observo.

— Quando formos um casal oficialmente, prometo fazer bolos para você, talvez até outras coisas.

— Prometo ficar do seu lado com um extintor de incêndio — completa sorrindo, zombando da minha cara obviamente.

— Está passando tempo demais comigo, já está fazendo até as mesmas piadas sem graça — digo mostrando a língua e ele me abraça rindo da minha expressão indignada.

— Deveria ficar feliz com o fato de não ser apenas o seu chefe arrogante e chato.

— Você continua um tantinho arrogante — digo de implicância e ele apenas ri.

— Acho que tenho direito a uma pitada de arrogância depois de ter feito você gozar tantas vezes em tão pouco tempo, minha rainha — diz com uma expressão confiante, mas não me deixo abater.

— Essas vezes são proporcionais as vezes que eu te fiz gozar, meu querido — respondo à altura.

— Isso é verdade e não me importaria em aumentar isso mais um pouco — diz piscando um olho e mostrando seus dentes perfeitos em um sorriso fulgurante.

— Talvez, mas primeiro deve me alimentar — respondo com um olhar exigente e rimos juntos.

O momento mais triste é quando decido que preciso ir embora, pois, devo continuar escrevendo meu projeto.

Sei que logo estaremos juntos de novo e por isso não me preocupo demais. Nos divertimos muito durante nosso tempo e quero ficar despreocupada. Embora, perceba que Anthony não está igual e fica desanimado quando falamos qualquer coisa sobre o banco dos Ulrich.

Se que as coisas não estão resolvidas ainda, por mais que ele tente me convencer de que tem tudo sob controle.

Ele nem aceita mais que eu fale sobre esse assunto, alegando que quer ter apenas bons momentos comigo.

Quando chego em casa começo a pensar sobre o assunto. Me questiono o que posso fazer para ajudá-lo, já que a última coisa que Oliveira e eu tentamos, foi em vão por culpa de alguém que quer prejudicá-lo de qualquer forma.

Depois de muito pensar chego à conclusão de que há algo que posso fazer mesmo sendo um tanto arriscado e sei que Oliveira me ajudará.

Não posso contar para Anthony porque ele fará de tudo para me impedir, por isso, decido executar meu plano em segredo.

Se tudo dê certo, logo ele estará livre da ameaça que tanto o deixa preocupado e poderemos viver como duas pessoas normais.

Sorrio com o pensamento e começo a planejar os detalhes que executarei o mais rápido possível.



ANTHONY

Estou começando a pensar que talvez seja a oportunidade para me afastar do mundo dos negócios, talvez seja um sinal do universo.

Daniel May jamais será justo comigo, afinal o que ele desejou durante os últimos dez anos está acontecendo. E de quebra meu pai ficará contente com o fato de que nunca mais colocarei meus pés no Ulrich Swiss Bank.

Olivia Roberts já falou comigo que com base nas denúncias estou sendo acusado de crime. O juiz já recebeu a denúncia e agora sou considerado réu.

Os advogados têm dez dias para oferecer uma defesa e caso o juiz aceite posso ser considerado inocente, mas infelizmente as coisas parecem nunca funcionar comigo.

A base de dados do banco dava a entender que liberei o depósito de quantias relacionadas a grupo criminoso que ajudei no assalto o banco.

Passo o dia catatônico e não sinto nenhuma emoção específica, é como se o mundo tivesse parado de girar e estivesse sozinho no planeta.

Ter passado as últimas semanas no ócio teve seus bons e maus momentos, mas, no fundo, sei que estou vazio, sem propósito.

Resolvo fazer uma visita para meu avô, afinal ele sempre faz com que me sinta melhor e me dá bons conselhos.

Quando chego na sua casa, sinto de longe o cheiro de ervas e flores, muito característico.

Logo encontro o senhor Oscar na cozinha, fazendo o almoço.

Quando ele me vê fica surpreso e feliz.

— A que bons ventos se deve essa surpresa? — Sorri e vem em minha direção para me dar um abraço.

— Senti saudade — respondo com clareza.

A felicidade genuína no rosto do meu avô faz com que eu me sinta contente por estar me abrindo mais para o mundo.

— Então você veio na hora certa, hoje nós vamos ter sopa de legumes, a favorita da sua mãe.

Sinto um misto de emoções em meu peito e é estranho finalmente *sentir* alguma coisa.

Passei anos sem derramar uma lágrima, como se fosse uma máquina designada somente para o trabalho.

Agora estou sentindo falta da minha mãe e estou triste por perder tudo que construí, não estou me referindo ao dinheiro. Ao mesmo tempo, estou feliz por ter me reaproximado do meu avô, por ter conhecido Lauri e por ter refeito minhas relações com outras pessoas.

É tudo muito estranho, mas sei que é um bom percurso e o saldo é positivo.

— Acho que não devo voltar para o banco — digo enquanto olho para a mesa de madeira e apoio os cotovelos sobre ela.

Meu avô para o que está fazendo e deixa as panelas no fogão. Logo ele está sentado de frente para mim, dá dois tapinhas no meu ombro e olha para o lado pensativo.

— Quando você era bebê e fomos morar no sítio, sua mãe tinha mudado muito. Ela não acreditava no amor, dizia que só iria terminar de te amamentar e se mataria.

Olho em choque para ele.

— É verdade. Ela estava deprimida, triste por causa do canalha do Ulrich, mas sua mãe não era assim, ela só estava com o coração partido... Aí vem a parte boa. — Levanta um dedo. — Enquanto você ia crescendo, ela mudou de novo. Se tornou uma mulher muito mais forte e apaixonada por você.

"Ela dizia que se envergonhava por ter sofrido tanto por um homem sujo, mas que, no fundo, era grata a ele porque graças a isso, conheceu a pessoa mais importante da vida dela: você.

"E é isso que quero que você saiba. Às vezes, as situações mais difíceis nos ensinam as lições que vão nos guiar para o resto da vida.

"Não deixe a tristeza e o ódio definir suas atitudes."

Pisca um olho para mim.

Eu me sinto grato por ter o senhor Oscar como avô, ele sempre sabe o que dizer nos momentos certos. Sei que não posso deixar as coisas ruins que estão acontecendo definam quem eu sou.



Passamos um tempo juntos, almoçamos, conversamos mais um pouco e me senti um pouco revigorado.

Senti que não importava o que acontecesse as coisas dariam certo no final.

Depois da visita tão agradável, retorno para meu apartamento, pois, pretendo descansar um pouco e falar com Lauri.

Mas, antes que mande uma mensagem para ela, vejo que me ligou diversas vezes.

Retorno a ligação e ela me atende afoita, depois de dois toques.

— Anthony! Não posso falar muito porque estou no meio do expediente, mas preciso te mostrar uma coisa importante — diz parecendo estar preocupada.

— Tudo bem, querida, eu te busco, ok?

— Perfeito, te espero no lugar de sempre?

— Sim, por mim, está ótimo.

Nos despedimos e fico um tanto curioso.

O que pode ter acontecido?

Claro, Georgia May assumiu o cargo de CEO.

Daniel May ficou muito irritado com nosso último encontro, decidiu acabar de vez com o joguinho e simplesmente mostrar suas garras.

Se for esse o caso já estou preparado e nem um pouco afetado.

Eles que fiquem com o banco todo para eles, pois, não me faz mais falta alguma.

Suspiro cansado e vou tomar mais um café.

Depois de um tempo chega a hora que devo ir buscar Lauri.

O dia estava cinza e as nuvens cada vez mais escuras, pelo visto irá anoitecer mais cedo que o normal. É como o presságio de alguma coisa ruim, mas chacoalho esses pensamentos da cabeça, afinal ficar ruminando pessimismo não é de ajuda.

Sigo para o lugar perto da estação de metrô e vejo Lauriana me esperando, linda como sempre. Embora, seu semblante pareça cansado.

Trabalhar e estudar não deve ser nada fácil.

Quando me aproximo com o carro, que dessa vez não é alugado, porque estou cansado de me “esconder”, ela sorri e entra pelo lado do carona.

— Como vai? — pergunto tentando ser simpático, mas não consigo mentir nem para mim mesmo, já que as coisas estão complicadas dentro da minha cabeça.

Enquanto estive com meu avô tudo pareceu melhor, mas a sensação boa foi se dissipando durante o dia.

— Bem, na medida do possível. — Dá um beijo no meu rosto e arrancamos em seguida.

— Disse que tem algo para me contar...

— Prefiro mostrar diretamente para você — diz me interrompendo.

— Sim, senhora. Quanto mistério...

— É que se trata de algo meio preocupante — diz me deixando mais nervoso ainda.

Mas não posso dirigir mais rápido, porque Lauri não se sente confortável com altas velocidades.

Felizmente não demora muito até chegarmos ao meu apartamento.

Lauriana se porta de maneira apreensiva durante nossa breve viagem e parece estranha, mal conversamos e estou desanimado demais para puxar assunto.

— Deve estar com muita fome, vou preparar nosso chá da tarde.

Do lado de fora os trovões começam a cantar, a chuva deve ser bem intensa.

— Não, Anthony, por favor, você tem que ver isso — diz ansiosa. — Pode trazer seu computador?

Faço o que ela pede e logo estou na sala ligando o notebook que está sobre a mesa de centro.

— Lauri, você está me preocupando...

— Calma, acho que desvendamos a charada.

Ela conecta um pequeno HD externo no aparelho e em seguida começa a abrir arquivos específicos. As imagens de uma câmera de segurança começam a rodar.

— Lauri, isso é alguma piada? — questiono um tanto confuso.

— Espera...

Em seguida eu vejo, é ele, Sebastian Thomson.

Na imagem, vejo o momento em que ele entra no meu escritório no banco.

Olho para Lauriana ainda sem entender, afinal era comum Sebastian entrar na minha sala.

— Não vi nada de estranho, Sebastian sempre entra no meu escritório.

— Olhe o horário. — Aponta para a data e horário na tela.

Era mais de seis horas da tarde quando ele entrou.

— Mas deve haver alguma explicação para isso — digo perplexo.

Neste instante, uma das minhas conversas com Sebastian antes de ser afastado do banco vem a minha cabeça.

As palavras dele se repetem em meu cérebro.

"Isso é uma merda, meu irmão.

Deixaram passar algum dinheiro que não deveria estar aqui.

Estamos analisando os dados recolhidos pelo tribunal e montando nosso contragolpe."

Ele disse aquelas frases como se estivesse tentando me ajudar, mas, na realidade, ele apenas deixou que me acusassem.

Estou devastado e não sei o que fazer.

Sustentar uma pose fria está acabando comigo, minha saúde mental já acabou há muito tempo.

— Anthony, nós achamos várias imagens desse tipo, todas depois que o turno já tinha acabado — diz séria.

— Quando você diz “nós”, se refere a quem? — pergunto desnorteado.

— Oliveira e eu, junto ao chefe da segurança selecionamos essas imagens. Agora você só precisa mostrar que não era você fazendo nada disso, é possível provar, porque você sequer estava no banco!

— Você acha mesmo que isso é confiável, Lauri? Por que você fez isso? Agora outra pessoa sabe que estamos investigando por conta própria! Por que esse cara iria querer nos ajudar? E se ele disser tudo para o Daniel May?! — exclamo irritado.

Lauri me olha assustada e não quero magoá-la, mas simplesmente não consigo controlar.

Estou me controlando há tempo demais e acabo sendo grosso com ela.

— Ele não vai contar nada, ele queria me ajudar.

— Por que, Lauri?

— Acho que ele gosta de mim, a Oliveira disse. Mas isso não importa mais, sabendo disso podemos provar que você é inocente. — Sorri, mesmo um pouco receosa.

As coisas estão descoordenadas dentro dos meus pensamentos. Não consigo aceitar que Sebastian Thomson, a única pessoa próxima ao núcleo dos Ulrich, que me tratava bem e que considerava como amigo, tramou para que eu fosse o acusado de um crime que ele cometeu.

Toda essa raiva se juntou ao fato de saber que Lauri pediu um favor para um homem que “gosta” dela, no trabalho.

Isso me irritou profundamente, sei como os homens se portam e sei que esse “gostar” na realidade é o fato de que eles a querem como um objeto.

Ela não notava, mas eu percebia como os homens a olhavam. Como a observavam quando ela passava por eles.

Só imaginar que alguém a possa encarar dessa forma me enlouquece.

— Não deveria ter feito isso, Lauri — digo me afastando de novo. Para não explodir sempre me recolho em uma postura fechada, distante. — Não quero que se coloque em risco, nem que precise pedir favores para nenhum imbecil por minha causa. Acho que não estou fazendo bem para você, talvez a gente devesse esperar esse processo todo acabar para nos encontrarmos de novo e decidir o que fazer...

— Espera... Você está dizendo que a gente deve se afastar? — questiona incrédula, enquanto ao fundo um trovão ressoa.

Devo fechar as janelas o quanto antes.

— Só por um tempo, aí você me promete que vai parar com essa história de dar uma de espiã por aí, por favor?

— Anthony, fiz isso por você — diz indignada e seus olhos começam a brilhar.

Fico assustado, pois, não quero que ela chore.

— Lauri, nada vai mudar entre nós. Eu só acho que você precisa focar na universidade, no trabalho, é sério, não quero ser mais um problema na sua vida.

— Se é isso que você acha — diz engolindo o choro e eu já vi essa expressão antes. — Não tenho mais o que fazer aqui.

Eu me aproximo dela e tento abraçá-la, mas ela vira o rosto.

— Lauri, por favor.

— Me desculpe por me meter em coisas que não são meu assunto — diz fria, algo que não tem nada a ver com sua personalidade. — Esse HD externo é da Oliveira, você pode devolver a ela depois — concluiu, pegou sua bolsa e sai.

Por algum motivo fico paralisado, sem saber como agir enquanto a vejo ir em direção a porta. Não consigo impedi-la, sinto como se não tivesse direito de falar nada. Estou sempre falando coisas que a deixam magoada e nenhum presente no mundo poderá mudar o fato de que sou insuportável e inapto socialmente.

Começo a fechar as janelas do apartamento enquanto lembro do sorriso de Lauri, das suas espáduas bem desenhadas quando transamos, vendo os outros prédios e as estrelas. Lembro de nós dois dançando no meio da sala e como ela não sabia dançar...

Essas memórias são dolorosas e me questiono qual é meu problema. Estou magoando a melhor pessoa que já conheci e não posso fazer isso.

Por mais que soe egoísta, não quero perdê-la.

Enquanto me questionava e pensava em tudo vejo que a chuva começa a cair e isso me deixa mais desesperado ainda. Sei o quanto ela tem medo e o quanto fica desesperada quando o tempo começa a mudar.

Sigo rapidamente para o elevador particular e para minha felicidade, chego ao térreo sem muita demora.

Lauri não está mais aqui e a chuva cai forte, onde ela estará?

Caminho tortuosamente enquanto a água desaba, sem dar trégua.

Ela com certeza estará a caminho do metrô e esse é o percurso que faço, quase que correndo.

O dia está acabando e a luz já está fraca, principalmente por causa das nuvens negras e pesadas no céu. Na multidão de transeuntes procuro por ela sem sucesso.

Quando finalmente avisto seu sobretudo marrom de lã, em seguida algo quase faz com que minha alma se separe do corpo.

Lauri tenta atravessar a rua, desnorteada, e um carro segue em sua direção.

A cena traz para minha mente um desespero com o qual não estou acostumado. Só senti isso quando vi que meu avô estava no banco no dia do assalto.

Nesse instante, tenho certeza de que se algo acontecer com ela, poderei morrer.

Ela corre nervosa, encharcada pela chuva e se esconde sob a marquise de uma loja que está fechada. Seus braços ao redor do corpo, como se tentasse se proteger.

Corro ao seu encontro imediatamente, o mais rápido que consigo e ela desaba quando me vê.

— Por que não me deixa em paz? — diz finalmente libertando as lágrimas.

Ver Lauri desse jeito me desconserta, então a abraço enquanto ela luta irritada, mas, no final, retribui o abraço.

— Vou te levar de volta — digo com firmeza.

— Você não manda em mim — diz de maneira rebelde e eu sorriria se estivéssemos em uma situação diferente.

— É claro que não, mas você manda nos meus pensamentos e nem precisa fazer nada — admito enquanto ela ainda me olha chateada com os olhos vermelhos. — Me perdoa, por favor? — peço olhando para ela. — Eu sou um lixo de ser humano, não mereço você, nem seu coração puro — digo decepcionado comigo mesmo.

Se tivesse sido mais controlado, não estaríamos aqui agora, mas não estou acostumado com isso. Não estou acostumado a me importar realmente com alguém.

— Deixa eu te tirar dessa chuva, por favor?

— E-eu não tenho mais medo, Anthony. Não tenho muita coisa a perder nessa vida — diz enquanto soluça e isso me destrói por dentro.

— Eu também não, Lauri. É por isso que não quero perder uma das poucas coisas que amo. — Fito seus olhos. — Eu amo você, Lauri — completo ainda sem acreditar que fui capaz de expressar meus sentimentos assim tão claramente.

Essa experiência me mudou para melhor, meu avô estava certo.

— Acho que também te amo — diz com um meio sorriso, se rendendo.

Ouvir suas palavras me deixa aliviado e feliz.

— E eu menti — diz me olhando de maneira receosa. — Eu ainda tenho medo da chuva.

Sorrio para ela de maneira tranquilizadora.

— Não precisa se preocupar, vamos sair daqui.

Eu a levo para um café próximo, conversamos sobre amenidades para nos distrair e esperamos que a chuva diminua um pouco.

Quando isso acontece, peço um carro para nos levar de volta para meu apartamento.

Assim que chegamos, ela parece bem mais tranquila.

Vou até à janela para fechar as cortinas, pois, sei que ela não gosta de olhar para a chuva, mas ela me impede.

— Tudo bem, pode deixar assim. — Sorri e seus olhos ainda estão avermelhados.

Acho que nunca me senti tão culpado na vida.

— Me perdoa por ter feito você chorar, sou mesmo um monstro...

— Está tudo bem, já passou, sei que as coisas não têm sido fáceis *pra* você.

— Lauri, não posso reclamar da vida, sinceramente, tenho noção dos meus privilégios.

— Isso é bonito de ver. — Sorri. — Você mudou um pouco nesse curto período.

— Espero que tenha sido para melhor...

— Com toda certeza foi — diz com firmeza. — Você pode me fazer um favor?

— Tudo que minha rainha desejar — digo enquanto distribuo beijos em seu rosto.

— Me leva para sua cama? — pede com seus olhos negros como carvão cintilando.

— Seu desejo é uma ordem, minha rainha — respondo prontamente enquanto seguro seu corpo delicado em meus braços.



LAURIANA

Ter “brigado” com Anthony teve seu lado bom, pois, depois de toda briga vem a reconciliação.

É claro que ele foi um tanto estúpido comigo e é claro que fui imprudente, algo que sempre tentei evitar, mas, no final das contas, as coisas deram certo.

Tiramos nossos casacos que estão praticamente encharcados e peço para que ele me leve para sua cama. Ele obedece rapidamente e me segura em seus braços fortes.

Anthony me coloca sobre o colchão e o puxo para mim, beijando-o vorazmente. Estou com saudade do seu corpo, da sua pele, do que toque, do seu cheiro.

Estar com ele é como começar uma vida nova cada vez que nossos lábios se chocam e nossas línguas dançam.

— Você não precisa fazer isso — diz entre os beijos e toco seus lábios com o dedo indicador.

— Shhi... Quietinho — digo enquanto arranco a blusa branca e molhada que ele ainda usa.

Ele me ajuda levantando os braços.

— Gosto do seu lado B — diz com um sorriso um tanto picante.

— Imagine quando descobrir os outros lados — respondo no mesmo tom e ele parece gostar da provocação.

Rolo meu corpo sobre o dele, de modo que invertemos as posições e fico por cima. Sento sobre seu quadril, rebolando para causar fricção, o que arranca dele um gemido de satisfação.

— Meu Deus, não sei se estou pronto — responde de bom-humor.

Fico de pé sobre a cama e começo a desabotoar a blusa preta que estou usando. Bem devagar liberto cada um dos botões enquanto ele me olha como se quisesse me engolir viva.

Gosto disso, embora nunca em minha vida me imaginei em uma situação em que fosse o centro das atenções.

Com Anthony tudo é diferente e me sinto confiante.

Quando termino jogo a peça no chão e ele ainda me olha curioso.

— Lauri, sempre surpreendendo — diz ao notar que dessa vez uso um sutiã.

— Não gosto de mostrar todas as cartas de uma vez — digo com uma piscadela e ele continua me olhando.

Abro o zíper da saia social e faço com que ela role por minhas pernas até que me livro completamente dela, ficando seminua sobre a cama.

— Esse show não para de melhorar — diz lambendo os lábios e sorrio.

Desço da cama por um momento e desligo a lâmpada principal do aposento, deixando apenas a luz amarela suave ligada, o que transforma o clima de uma maneira incrível.

Logo volto para a cama e mais uma vez estou sobre ele que me beija com ânsia.

Nossos corpos se tocam de maneira afoita, como se fôssemos dois fios energizados e desencapados soltando faíscas.

Ele arranca meu sutiã com habilidade e não demora para arrancar minha calcinha, está com pressa.

— Vem aqui — diz de maneira maliciosa dobrando o dedo indicador enquanto me chama.

Suas mãos empurram meu quadril para cima e em seguida ele aponta para a boca.

Demoro um pouco a entender o que ele está pedindo, mas quando compreendo coro um pouco.

— Não precisa ficar tímida. — Sorri chupando o lábio inferior e não resisto a obedecer seu apelo.

Estou tão excitada que sinto uma gota percorrer minha coxa.

Fico de joelhos sobre o rosto de Anthony e depois abaixo um pouco para encaixar meu sexo em seus lábios.

O simples toque da sua língua nesta posição tão improvável, faz com que gemidos incontroláveis escapem da minha garganta.

Estou fodendo sua boca, estou no controle enquanto rebolo ao meu ritmo e ele me chupa sem pudor algum.

Não estou com vergonha do meu corpo, estou entregue àquela sensação inexplicável.

Com as mãos ele aperta meu traseiro com vontade e seguro seu cabelo com força para mantê-lo na posição certa. Sinto a vibração dos gemidos que ele deixa escapar enquanto me chupa.

Pelo menos na cama posso manter o domínio e ele parece adorar.

Meu corpo está quente e as terminações nervosas localizadas entre minhas coxas estão tão sensíveis que não consigo resistir. Sinto como se fosse perder o controle a qualquer momento, como se uma nuvem cobrisse qualquer pensamento racional.

Antes que seja tarde demais paro o movimento e volto para a posição em que nossos quadris estão na mesma altura.

Anthony me olha com reprovação.

— Eu quero você — peço com lascívia, mordendo o lábio inferior.

Ele entende rapidamente, por isso, arranca a calça e a cueca que usa.

Sua ereção enfim livre, me faz queimar mais ainda.

Com habilidade ele coloca o preservativo e me puxou pelas nádegas para me encaixar sobre seu quadril.

Sento de uma vez só fazendo com que seu membro seja devorado pelo meu corpo sedento.

Gememos juntos com a conexão impudica.

— Está ficando cada dia mais safada — diz com um olhar cheio de tesão enquanto cavalgo sobre seu membro ereto. — E é só minha.

— E você é meu — respondo com desejo enquanto mantenho o movimento de subir e descer de maneira orgânica.

Ele agarra meus seios enquanto desço o torso para beijá-lo.

Sua respiração começa a se perder e percebo que estamos chegando ao nosso ápice, juntos.

Não demora muito para que, com um gemido alto, incontrolável, sinta o calor formado por nossos corpos se multiplicarem e nos libertamos em um apogeu memorável, digno das maiores epopeias.

É estranho e incrível como gozamos exatamente no mesmo momento.

Sempre achei que isso era coisa de filme, mas está acontecendo comigo.

Deixo que meu corpo caía cansado sobre o de Anthony. Deito sobre seu peito, enquanto ele acaricia, ainda ofegante, meu cabelo.

— É a primeira vez que isso acontece... Na minha vida... — diz ainda cansado.

— Isso o quê? — pergunto curiosa.

— Nós gozamos juntos. — Sorri e sinto meu rosto esquentar com satisfação.

— Foi incrível — digo enquanto me aconchego melhor, próxima a ele.

— Eu te amo, Lauri — diz me olhando profundamente.

— Você só diz isso, porque acabou de gozar — brinco.

— Digo isso, porque nunca conheci uma pessoa tão encantadora quanto você e espero que a gente passe muito tempo juntos... Sem pressão, mas me casaria com você amanhã se pudesse — diz e eu sinto meu coração disparar.

— Eu também, mas primeiro preciso terminar a universidade, juntar um dinheiro, essas coisas — digo me fazendo de difícil.

— Okay. — Concorda sorrindo. — Mas não fique me enrolando.

— Jamais — digo depositando um beijo suave em seus lábios e em seguida o encarando. — Eu também te amo.

Ficamos um tempo deitados, relaxando.

Estar nos braços de Anthony é muito acolhedor e não quero sair desse abraço.

— Acho que estou começando a superar — digo reflexiva.

— Como assim? — questiona sem entender nada.

— O medo da chuva. É claro que ainda tenho medo, mas hoje me senti melhor. Como se estivesse começando a deixar isso para trás.

— Fico feliz com isso. — Sorri e beija o topo da minha cabeça.

— Não sei se já te falei sobre isso... — Sei que ainda não falei, mas quero contar para ele.

— Na realidade não.

— Quando tinha quinze anos, sofri um acidente com meus pais... Eu sobrevivi, já eles... — digo um tanto hesitante, pois é difícil contar essa história. — Estávamos voltando de férias. Passamos o final de semana em uma cabana na floresta e foi bastante divertido.

"Era o final do verão e depois de vários dias ensolarados e bonitos, exatamente quando voltávamos, caiu uma tempestade.

"O motorista do caminhão que bateu na gente perdeu o controle."

Tento resumir ao máximo, porque se me demorar demais nos detalhes acabarei chorando.

Ele me abraça com mais força e beija meu cabelo.

Eu me agarro a ele, como esse gesto pudesse me afastar de toda tristeza.

— Eu vi no jornal a foto do carro destruído. Eu me machuquei, mas comparado aos meus pais, eu saí ilesa.

"Quando saí do hospital, eles me entregaram um saco com minhas roupas.

"Minha camiseta branca de arco-íris, minha favorita, estava cheia de sangue.

"Senti como se nada mais no mundo fizesse sentido. Fiquei sozinha no mundo."

Quando termino a frase não posso segurar o choro que acompanha.

— Estou aqui com você — Anthony sussurra enquanto me enlaça de forma protetora. — Você nunca mais vai ficar sozinha, eu prometo — diz enquanto segura meu maxilar para que eu olhe para ele.

Anthony não pede detalhes, nem insiste para que fale mais sobre o assunto.

Isso é uma das coisas que mais admiro nele, ele sabe como me sinto e não é invasivo.

— Também perdi minha mãe em uma idade parecida, ela teve câncer — diz, de repente, me surpreendendo. — Foi um dos momentos mais difíceis da minha vida. Meu avô e eu praticamente moramos em um hospital, mas isso nem se comparou com o sofrimento dela.

"A nossa falta de recursos fez com que ela não recebesse o melhor tratamento possível e foi isso que me inspirou a obrigar que o Ulrich assumisse a paternidade e me reconhecesse."

Quando ele me conta essa parte da sua história, entendo absolutamente tudo.

Essa é a parte que ninguém conta da história.

Anthony perdeu a mãe para uma doença terrível e o Ulrich pai não deu auxílio algum para o tratamento dela.

Isso me deixa chocada e muito revoltada, porque a morte dela poderia ter sido evitada.

Não consigo imaginar como Anthony se sente com relação a isso.

— Eu me orgulho muito de você, foi muito corajoso da sua parte — digo me sentindo mais alentada.

— Mas aquele lugar acabou me engolindo, Lauri. Fiz isso para que meu avô não tivesse que passar pelo mesmo que minha mãe, mas depois acabei me afastando dele — diz em um tom lamentoso.

— Agora as coisas estão diferentes, vocês estão se aproximando de novo. — Tento sorrir com honestidade. — Você e eu vamos ficar bem — completo e ele parece concordar.

— Eu vou cuidar de você. — Seus braços protetores me rodeiam com firmeza.

Sabemos que ficaremos bem se estivermos juntos.

No final das contas não somos tão diferentes assim.



Os dias que seguem são de ação.

Conversamos bastante sobre o que vimos nos vídeos de segurança e Anthony chamou sua advogada para contar sobre tudo.

No dia seguinte, Anthony chegou ao banco com a cabeça erguida e todos olharam para ele de um jeito assombrado, como se estivessem vendo um fantasma.

Era como se ele tivesse se levantado da sepultura.

Ele subiu até o “céu”, pegou Daniel May de surpresa e este se sentiu praticamente obrigado a fornecer todos os dados que Anthony precisava para provar a própria inocência.

Depois de análises mais detalhadas foi descoberto que o diretor Thomson havia utilizado as credenciais de Anthony para autorizar depósitos milionários oriundos de crimes diversos.

É óbvio que aquele era um esquema muito grande e que envolvia muitas pessoas. Thomson era uma das peças importantes e a chave para o banco. Ele sabia que em algum momento a fiscalização do governo poderia

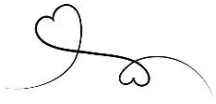
descobrir o que estava acontecendo e por isso se precaveu utilizando o nome de Anthony Ulrich.

Para a infelicidade dele, Anthony tinha álibi. Em todas as datas em que os depósitos foram autorizados, ele nem estava no banco e essas permissões só poderiam ser concedidas através de computadores habilitados.

A situação causou um baque nas estruturas do alto escalão do Swiss Ulrich Bank.

Todos os investidores já estavam comprando a ideia de Daniel May de que o filho bastardo do Ulrich era desonesto e que havia auxiliado naquele plano de lavagem de dinheiro e roubo. Principalmente, porque Anthony Ulrich supostamente odiava aquela família e queria prejudicá-los.

Entretanto, Daniel May não contava com a ideia de que, na verdade, Sebastian Thomson havia feito aquilo e agido para que a culpa recaísse sobre Anthony.



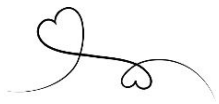
Algumas semanas se passaram e as fofocas continuavam, mas dessa vez eram sobre Thomson.

Anthony ainda não havia voltado para seu cargo, pois, disse que só retomaria ao trabalho quando fosse finalmente absolvido.

A equipe de advogados já havia enviado a resposta ao juiz, incluindo todas as provas que conseguimos.

Nunca estive tão feliz.

Depois de tudo o que aconteceu, sentia que poderia finalmente respirar tranquila.



Hoje é a primeira sexta-feira de inverno e o frio começa a se tornar castigante.

Recebo uma ligação de Anthony no meio tarde e ele diz que tem uma novidade para me contar, algo que irá me deixar muito feliz.

Não sei muito bem o que pode ser, afinal estou muito feliz e não tem muito mais coisas que pediria ao universo. Ainda assim, quando saio do banco, vou diretamente para o apartamento dele com o motorista que ele mandou me buscar.

É muito aconchegante entrar no apartamento que está aquecido e sair das ruas frias.

O Natal se aproxima cada vez mais.

— Olá, minha rainha — Anthony diz se aproximando animado e me suspende pela cintura para beijar meus lábios.

— Olá, vassalo — digo com bom humor. — O que o deixou tão feliz assim, querido? — indago curiosa.

— A vida é boa, meu amor. — Sorri.

Percebo que não estamos sozinhos, o senhor Oscar está perto da janela da sala, apreciando a vista, já que é impossível ficar na varanda com o frio que está fazendo.

— Oscar! — digo alegre indo em direção a ele que me recebe com um abraço.

— Minha filha! — exclama alegre. — Senti a sua falta.

— Me desculpe pelo sumiço, infelizmente esse final de faculdade está sugando todo o meu tempo.

— Chega de conversa fiada — Anthony diz e parece *muito* mais animado que o normal. Bem diferente de como ele costuma se portar. — Vamos, reúnam-se.

Oscar e eu obedecemos, nos sentando na mesa de jantar.

— Vejam com seus próprios olhos — diz passando o papel primeiro para mim.

Eu nem acredito quando leio a palavra “absolvido”.

Agora é oficial, Anthony não é mais réu de nenhuma acusação falsa.

Passo o papel rapidamente para Oscar que também sorri.

— Eu não estudei muito, mas sei o que quer dizer absolvido — o senhorzinho de cabelo branco diz feliz e emocionado.

Levantamos e abraçamos Anthony que parece resplandecer, pois, provar sua inocência é muito importante para ele.

Daniel May e os Ulrich simplesmente terão que engolir que Anthony nunca cometeu nenhum crime e eles o deixarão em paz finalmente.



As datas próximas ao Natal sempre me deixam um tanto emotiva. Na casa dos meus pais esse sempre foi o feriado com comemorações mais elaboradas. E sinto hoje que eles estão perto de mim, me ajudando de alguma forma, de onde quer que estejam.

Ver Anthony e o senhor Oscar tão felizes aquece meu coração.

— Tenho uma surpresa — Anthony sussurra em meu ouvido com um ar alegre e fico curiosa, afinal ele tem dessas e adora inventar surpresas. — Estava com pressa, então decidi fazer algo simples, mas não poderia deixar o dia de hoje passar em branco. — Sorri enquanto pega uma venda no balcão.

— Ops, o que está rolando aqui? — questiono desconfiada e o senhor Oscar ri, é claro que ele já sabe do que se trata.

— Confie em mim, Lauri! — Anthony diz enquanto me ajuda a colocar à venda e em seguida me guia para sabe lá onde. — Não olhe — diz e faço o que é pedido.

Durante o percurso pequeno, tropeço umas três vezes.

Enfim paramos e estendo minhas mãos. Percebo que há um vidro na minha frente, provavelmente a janela enorme.

— O que está acontecendo?

— Por que é tão ansiosa? — reclama e rio. — Tudo bem, vamos lá. Quando eu tirar a venda, você vai olhar para a direita, tudo bem?

— Sim, senhor — respondo com prontidão.

Quando ele finalmente tira a venda, viro a cabeça imediatamente para a direita dando de cara com enormes letras neon projetadas em um arranha-céu próximo, “Lauri, você quer casar comigo?”

Meu coração falha e sinto como se não houvesse chão sob os meus pés.

Quero chorar, mas de alegria dessa vez.

Quando olho para o lado, Anthony está ajoelhado com uma caixa de joias aberta e dentro dela brilha o que parece ser...

Um diamante enorme?

— Lauri, você quer casar comigo? — diz repetindo as palavras da projeção.

Não posso segurar mais as lágrimas.

— Sim, mil vezes sim — digo entre lágrimas e cubro o rosto de nervosismo.

Anthony se levanta e coloca o anel em meu dedo. A pedra parece pesar toneladas e meu coração tentar escapar pela garganta enquanto saboreio a mistura das melhores sensações possíveis.

Noto que esse é o prelúdio de uma vida nova e brilhante.

Quando Anthony começou a demonstrar que sentia algo por mim, achei que estava sonhando.

Mas naquele momento em que estávamos mais próximos do que nunca, soube que jamais precisaria acordar e, se tudo desse certo, poderíamos

viver naquele sonho pela eternidade.



ANTHONY

As luzes douradas piscam por toda parte e é quase como se os convidados estivessem flutuando pela Via láctea em seus trajes de festas.

Lauri fez questão de que tudo tivesse a aura mais leve o possível, então alugamos um espaço que fica em meio à natureza, cercado de carvalhos, abetos e freixos.

O casamento no civil já foi realizado, mas é como se apenas agora tudo fosse real.

Posso observar as pessoas que são importantes para nós, reunidas e torcendo pela nossa felicidade.

Nesses dois anos foi como se tivéssemos vivido muitas vidas diferentes. Nos conhecemos melhor, nos divertimos, fizemos amizades, brigamos umas poucas vezes, mas a parte mais importante é que sempre nos reconciliamos no final.

Lauriana se formou e sua pesquisa de conclusão recebeu menção honrosa em congressos universitários.

No ano seguinte, ela se dedicou arduamente para colocar em prática o que aprendeu. Ela abriu um escritório de advocacia voltado principalmente ao atendimento a mulheres, o que não quer dizer que ela não atende outros tipos de casos.

Com o próprio dinheiro, **ela** está construindo seu pequeno império.

Lauri está feliz e realizada, mas nunca satisfeita. Sempre procurando melhorar em todos os aspectos de sua vida.

Parado, esperando o momento que Lauri chegará, ansioso e feliz, posso notar o quanto mudei.

Já não sou o homem que assusta os funcionários com uma carranca, nem a pessoa que pode ser descrita como “fria”.

Na realidade, não mudei tanto assim, apenas reencontrei uma parte do Anthony que havia ficado para trás.

Sabia que a máscara que vesti, por tantos anos, era só uma forma de autoproteção e só conseguia viver quando estava com ela. É claro, que meus traços de personalidade persistem, mas agora, aprendi como lidar melhor com sentimentos e pessoas.

Sinto orgulho de mim mesmo ao pensar sobre isso.

Também aprendi a dar ao trabalho seu devido lugar, afinal agora tenho Lauriana e quero passar muito tempo com ela.

Lauri também se superou em muitas coisas durante esse período. Ela voltou a fazer terapia com uma psicóloga e está conseguindo lidar melhor com seus traumas e aprendendo a viver com a ausência dos seus pais.

Para ela seria muito difícil estar aqui, no próprio casamento, sem a presença deles, mas graças ao trabalho que estivemos fazendo nos últimos dois anos ela se sente apta para isso.

Na semana anterior, Lauri e eu recebemos uma carta escrita em letras douradas com uma caligrafia rebuscada e clássica. Lauriana gritou de felicidade quando viu que eram passagens para o Rio de Janeiro com tudo incluído.

O presente vinha de Mathys Hedwig, meu primo que ganhou muita afeição da minha parte quando se demonstrou preocupado comigo durante uma das maiores crises da minha vida.

A parte triste foi quando lemos que ele não estaria presente na cerimônia, pois, precisava lidar com alguns problemas graves em sua empresa.

Lauri me abraçou, um pouco mais desanimada ao ver isso.

— Que pena, eu queria conhecê-lo — disse triste.

— Não vão faltar oportunidades. — Beijei de leve sua testa.

Planejamos tudo nos mínimos detalhes.

Lauri e eu nos tornamos ótimos companheiros e gostamos de decidir as coisas juntos, embora sempre acabe deixando que ela decidia tudo no final.

Como os dois não temos família, por assim dizer, precisamos organizar quase tudo sozinhos, o que não foi tão ruim. Queríamos algo que combinasse conosco, elementos elegantes, mas discretos. E, é claro, um cardápio que fosse bem elaborado.

Enquanto reflito sobre tudo o que passamos, o nervosismo começa a se apossar de mim.

"As noivas sempre atrasam", foi o que meu avô disse antes da cerimônia.

Mas chegou a passar na minha cabeça que talvez ela tivesse desistido de tudo e fugido, é claro que ri comigo mesmo desse pensamento bobo.

Após uma espera excruciante, que deve ter sido menor do que pareceu, sou avisado de que a cerimônia irá começar.

Posso observar a chegada dos nossos padrinhos que parecem esplendorosos, mas estou tão nervoso que é até difícil me concentrar.

Alexandra, a melhor amiga de Lauri, e Henry Khan, um jovenzinho que tem quase quinze anos, e que Lauri considera como um irmão, deslizapelo tapete dourado. Tapete esse que está posicionado entre os bancos brancos de ferro fundido, onde os convidados estão acomodados.

A banda toca com maestria, embalando a abertura emocionante.

A senhora Amelia Parker, dona da república onde Lauri morou e que se tornou quase como uma segunda mãe para ela, está emocionada e fotografa tudo da primeira fileira.

Estou parado em meu terno que custou algumas dezenas de milhares de libras, mas o que é impressionante é a visão que eu tenho **dela.**

Quando a vejo, meu coração se sobressalta como na primeira vez que nos beijamos e não consigo notar mais ninguém no mundo. É como se eu tivesse morrido e ido parar diretamente no céu.

Lauriana está estonteante em seu vestido de noiva branco e apenas o fato dela estar vestida com ele, torna a peça dez mil vezes mais valiosa.

Ela escolheu um vestido simples, mas elegante. O tecido é leve, pois, ela queria se sentir confortável.

Preciso respirar fundo para me controlar quando ela sorri com seus dentes perfeitos. Sua alegria é genuína e ela parece muito mais tranquila do que eu.

Acho que trocamos de papel, hoje é minha vez de corar e ficar nervoso enquanto ela se porta como uma dama da realeza...

Minha rainha.

Meu avô a traz para mim enquanto a música dá o ritmo. Ele estava tão radiante quanto nós dois.

Lauri flutua em minha direção e quando o senhor Oscar Thaylor me entrega sua mão, sinto como se tudo tivesse acabado.

É verão, o canto dos pássaros nos abraça nesta manhã cálida e perdemos a noção do tempo e espaço quando nossos olhos se encontram.

O olhar que diz tudo enquanto estamos sem silêncio.

Mais uma vez eu tenho certeza de que somos melhores juntos.

— Cuide bem dessa moça — meu avô diz e assinto com a cabeça.

Beijo a testa de Lauri e sussurro rapidamente em seu ouvido o quanto ela está linda. Ela sorri e nos viramos para a frente.

Como não temos religião, optamos por uma cerimônia humanista e contratamos um celebrante que trabalha com diversos tipos de ritos.

— Hoje, estamos aqui para celebrar não um simples casamento, mas a união de duas almas que por coincidência ou por força do destino se encontraram... — o homem de cabelo castanho e barba cheia diz enquanto nos olha com ternura.

Enquanto ele fala, meu pensamento não consegue deixar de viajar para nossos primeiros momentos juntos. Quando a levei para a praia de motocicleta, ou quando a vi nua pela primeira vez.

Será errado pensar nisso?

Imagino que não pode ser, porque tudo que vivemos está cercado de respeito e de um amor que construímos, a partir de algo que nem sabíamos que existia.

Os pássaros cantam canções exclusivas para nós enquanto o sol nos coroa com seu brilho.

Lauriana está reluzindo sob a luz branca do dia, seus olhos são tépidos e aquecem até as partes mais frias do meu coração.

Esse com certeza será meu dia de vencer qualquer medo que ainda exista em meu peito.

Durante esses instantes memoráveis, tudo converge para um único ponto e nem todo ensaio prévio do mundo poderá impedir que meu corpo reaja com nervosismo. Mas acima de tudo estou feliz, genuína e completamente feliz.

O silêncio se faz presente, enquanto apenas a música da natureza nos acompanha.

Chega o momento em que o celebrante nos dá voz para finalmente declarar nossos votos.

Lauri é a primeira e não pode ser diferente, afinal ela é muito mais corajosa do que eu, é minha força-motriz.

— Anthony, você sempre me surpreendeu de várias maneiras possíveis. Mas nada poderia ter me surpreendido mais do que ver seu coração de ângulos que nunca imaginaria.

"Você segurou minha mão quando o mundo parecia desabar abaixo de mim e me ensinou a ter paciência, a ser mais persistente.

"Estar ao seu lado é como ter asas e ter um ninho onde me abrigar. É como nunca mais ter que me preocupar em ter para aonde ir, porque meu lugar no seu peito já está guardado.

"Agradeço todos os dias pela vida, mesmo que de maneira improvável, nos ter colocado frente a frente. E espero que esse seja apenas o

primeiro capítulo da nossa história.

"Espero poder te amar pela eternidade".

Lauri está com a voz oscilante, mas não errou nenhuma palavra, enquanto uma lágrima teimosa escapa do meu olho.

Nossos dedos estão entrelaçados enquanto o celebrante segura o microfone.

Preciso respirar fundo e reunir toda a bravura que possuo quando chega minha vez de dizer algo. É estranho me expor de alguma forma, mas quero que Lauriana tenha pelo menos noção do quanto ela é amada, aqui, na frente das pessoas mais importantes para nós.

— Lauri, foi impressionante quando percebi que poderia dividir quem eu era com outra pessoa. Alguém que iria me apoiar, aceitar e amar, acima de tudo.

"Você me mostrou que não precisava mudar, mas sim trazer à tona o que já havia de bom dentro de mim e é isso que me ajuda a fazer a cada dia.

"Espero poder fazer por você pelo menos um por cento de tudo que você já fez por mim.

"O destino levou embora coisas que achava que eram boas para mim, mas não eram. Assim como trouxe a pessoa mais importante e junto com ela o que eu mais precisava na vida, o amor".

Estou emocionado e, ao mesmo tempo, contente por vê-la sorrir com minhas palavras.

— Uma vida nunca será o suficiente para amar o quanto você merece, por isso não quero perder nenhum segundo ao seu lado — concluo sem soltar suas mãos e ela sorri.

Em seguida, o celebrante nos direciona para o juramento e a troca de alianças.

É claro que memorizamos o juramento, pois, somos perfeccionistas e queríamos que tudo funcionasse corretamente neste dia especial.

"Receba essa aliança que simboliza meu amor. Prometo lhe ser fiel, amar e respeitar, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, e que nem a morte nos separe."

É a nossa promessa levemente personalizada.

Dizemos nossas palavras enquanto sustentamos o olhar que nos conecta desde sempre. A partir dos nossos olhos, podemos compartilhar o quanto tudo isso significa para nós enquanto trocamos as alianças douradas.

Um dos momentos mais marcantes e que jamais iria sair da minha memória foi quando o celebrante faz a declaração.

— Em nome das forças da natureza que nos cercam e em nome dos poderes a mim conferidos, eu os declaro casados. Podem se beijar! — diz

com entusiasmo.

O beijo contém todo o amor que sentimos um pelo outro e por um segundo esquecemos que estamos cercados por dezenas de pessoas nos observando.

Ouvimos algumas leves risadas e som de torcida quando nosso beijo dura um pouco mais que o normal.

Lauri se afasta sorrindo e a abraço levantando seu corpo do chão por alguns segundos.

Estamos arrebatados, encantados com este momento.

Agora oficialmente começamos nosso “felizes para sempre”, embora já fôssemos muito felizes juntos.

Planejamos uma festividade que irá durar o dia inteiro.

Teremos um brunch, depois o almoço e lanches durante a tarde até o início da noite.

Queríamos que o dia ficasse marcado como um dos dias mais felizes da nossa vida e com certeza alcançamos esse objetivo.

Cumprimos todos os costumes de casamento e inclusive o microfone ficou aberto por alguns momentos para que os convidados falassem algo.

Meu avô fez questão de subir no pequeno palanque.

— Estou aqui hoje para desejar felicidades ao meu único neto, meu preferido também — diz enquanto arranca risada de todos. — Espero que esse seja só o início de toda a felicidade do mundo. Toda a felicidade que você e Lauri merecem.

Claro, nenhuma festa de casamento está completa sem a noiva jogar o buquê. Eu apenas observo de longe enquanto mulheres de todos os tipos, jovens, idosas, altas, baixas, magras e gordas, se engalfinham pelo arranjo floral.

Não pude deixar de rir enquanto algumas perderam sapatos e acessórios para conseguir alcançar o objeto.

Quando, por um golpe do destino, o buquê faz um arco no ar quando é lançado. Ele toma um rumo inesperado e cai bem na cabeça de Alexandra, amiga e madrinha de Lauri, que está sentada longe de toda a confusão.

Ela não tem opção senão segurar o objeto, um tanto indignada enquanto Lauriana ri e as outras mulheres se revoltam com a injustiça.

Talvez seja algum sinal, quem sabe?

A festa foi um tanto divertida e foi bom reunir todas as pessoas queridas.

Mas nunca fui muito sociável, então minha bateria social já estava no fim.

Confesso que estava mesmo ansioso para a lua-de-mel.

Passar alguns dias com Lauri só para mim em um cenário paradisíaco seria o epítome da felicidade.

Depois de cumprir nossos objetivos festivos que incluíam uma valsa romântica, que Lauriana treinou por muitos meses e alcançou uma melhoria significativa em seus dotes, e o corte do bolo, uma parte muito fundamental.

O primeiro pedaço foi para meu avô, seguido pela senhora Parker e em seguida para Oliveira, que se tornou parte importante da nossa história.

Com nossa agenda já completa poderíamos fugir daquele lugar cheio de pessoas e ir viver nossa viagem de recém-casados.

Depois de algumas horas Lauri e eu finalmente conseguimos conversar.

Estamos na cabana da locação onde trocaremos de roupa para ir direto para nossa viagem.

— Olá, senhora Ulrich, finalmente consigo falar com você — digo abraçando Lauriana e beijando seus lábios. — Pensei que o fotógrafo nunca mais nos deixaria em paz, mas pelo menos agora tenho certeza de que teremos fotos suficientes para toda eternidade. — Sorrio.

— Senhor Ulrich, estou impressionada, esse casamento pareceu ter saído de um conto de fadas. Mas estou completamente exausta e meus pés estão inchados. Vou precisar de uma massagem quando chegarmos ao hotel.

Você acredita que meu vestido quase não fechou? A ansiedade me fez comer tudo que tinha pela frente durante as últimas semanas.

— Eu percebi — digo e ela me olha brava.

— Não precisava concordar — ralha e eu a beijo novamente.

— Por favor, por favor, você pode trocar de roupa para irmos embora daqui imediatamente? Quero ir logo para nossa noite de núpcias — digo malicioso.

— Ah, Anthony, você não tem jeito — diz enquanto vai para o banheiro e eu me jogo no pequeno sofá.

Em seguida meu avô entra na pequena cabana, um tanto curioso.

— Finalmente encontrei você — diz e se senta do meu lado. — Estavam fugindo sem se despedir. — Dá tapinhas no meu ombro. — Mas não se preocupem o celebrante já disse que os noivos estão a caminho da lua-de-mel.

— Estou tão feliz vovô. — Sorrio o abraçando e ele sorri junto comigo.

— E você não imagina o quanto estou feliz, sua mãe deve estar saltitando junto com sua avó lá no céu.

— Disso tenho certeza. — Concordo com felicidade ao lembrar das duas das mulheres mais maravilhosas do mundo.

Quando menos percebemos, Lauri está de pé na nossa frente com uma expressão confusa no rosto.

Logo fico preocupado, sem entender o que está acontecendo.

— Está tudo bem com você, querida? — Levanto para me aproximar dela.

Ela levanta um objeto que segura em sua mão, ainda em choque.

— E-eu não sei — gagueja e eu finalmente percebo que se trata de um teste de gravidez.

Tudo faz sentido, a fome excessiva, o ganho de peso, os pés inchados.

Meu coração não fica acelerado, mas aquecido, como se crescesse para encher meu corpo inteiro. Como se eu pudesse transbordar amor e tivesse me transformado neste segundo.

É impressionante a maneira como o pequeno objeto na mão de Lauri me traz tantas sensações e expectativas.

Pego o teste para ver o resultado, mas não entendo muito bem.

— Isso quer dizer? — pergunto hesitante.

— Estou grávida, Anthony. A Alexandra havia dito, mas não quis acreditar. Então ela deixou o teste na minha bolsa junto com um bilhete. —

Sorri enquanto as lágrimas transbordam de seus olhos negros. — Me desculpem, não estava esperando — diz e me abraça.

Meu avô se aproxima.

— Nunca achei que viveria para ter um bisneto. — Sorri enquanto olha para nós, emocionado.

Relembro de todas as vezes em que negava, que poderia ter filhos um dia, pois, não queria correr o risco de errar como o meu progenitor.

Mas agora me sinto confiante que tudo dará certo, jamais serei como aquele homem. Sou uma completamente diferente e tudo que ele tirou de mim nunca mais me fará falta.

— Estou tão nervosa, vou dar conta disso? — diz insegura e tomo suas mãos nas minhas.

— Minha rainha, esse é o maior presente que poderia ter me dado. É a coisa mais linda que já aconteceu na minha vida inteira. Não precisa se preocupar com nada, vou cuidar e amar você e o nosso bebezinho. — Me esforço para conter a emoção ainda abraçada a ela. — Ele nunca vai precisar ficar sozinho, prometo, vamos ser os melhores pais do mundo. Eu ainda nem o vi, mas já o amo. — Sorrio para ela que me olha um tanto arrebatada. — Muito obrigada por entender quem eu sou, por ser parte da

minha vida e por essa família que estamos construindo — digo a abraçando de um lado e estendendo o outro braço para que meu avô se aproximasse.

— Acho que já somos uma bela família — ela conclui em um misto de lágrimas e sorrisos.

— Para sempre juntos — pronuncio.

— Para sempre — ela repete.

Neste instante sinto como se minha alma fosse infinita, minha vida estivesse completa e nada faltasse, provavelmente porque nada falta mesmo.

Sei que esse é apenas o início da nossa jornada, mas nós já passamos por tantas coisas que tenho certeza de que conseguiremos enfrentar qualquer coisa que venha pela frente.

Deixo de lado toda a dor e sofrimento que me acompanharam durante a vida, sei que esses sentimentos não mais farão parte de mim, por mais que tenha me ensinado diversas lições.

Agora tudo mudou, posso abraçar a família que estamos iniciando e deixar que o amor me preencha por completo.



Redes Sociais

Siga a autora nas redes sociais

Instagram

Facebook

Gostou da história de

CEO INJUSTIÇADO?

Avalie na Amazon o meu primeiro livro, por favor.

O livro 2 da Série

FAMÍLIA ULRICH

será lançado no início

do mês que vem.



O livro 2 contará a história de Alexandra e Mathys.

Sigam-me nas redes sociais para saber a data do lançamento em maio de 2022.

Um grande beijo e até logo!